

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**EMILIO PETRI DE SOUZA**

**IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ANCHIETA-ES: CARACTERIZAÇÃO E  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**VITÓRIA  
2014**

**EMILIO PETRI DE SOUZA**

**IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ANCHIETA-ES: CARACTERIZAÇÃO E  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Hermínia Castiglioni.

**VITÓRIA  
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Bruno Pacheco Coelho Leite – Bibliotecário-Documentalista CRB-6 ES/765)

---

S729i Souza, Emilio Petri de, 1989-  
Imigração italiana em Anchieta-ES : caracterização e contribuições  
para o desenvolvimento local / Emilio Petri de Souza. – 2014.  
362 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Hermínia Castiglioni.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Migração – Influências italianas – Anchieta (ES). 2. Italianos –  
Migração. 3. Características nacionais italianas. 4. Anchieta (ES). I.  
Castiglioni, Aurélia Hermínia. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

---

**EMILIO PETRI DE SOUZA**

**IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ANCHIETA-ES: CARACTERIZAÇÃO E  
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 02 de Dezembro de 2014.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Aurélia Hermínia Castiglioni**  
PPGEO/UFES – Orientadora

---

**Profa. Dra. Maria Inês Faé**  
UFES – Membro Titular

---

**Profa. Dra. Maria Izabel Perini Muniz**  
UFES/aposentada - Membro Titular Externo



A Minha Mãe,  
e a minha Família.

## **AGRADECIMENTOS**

Após uma longa jornada de desafios e conquistas chegamos, enfim, ao cume desta jornada. Cabe-nos agora, agradecer a vivência deste período que fica marcado por uma imensurável alegria e aprendizado. Agradecer é reconhecer que ao longo da jornada fomos acompanhados, que tivemos companhias que nos auxiliaram e contribuíram para que aqui chegássemos. Muitos foram os que encontramos ao longo do percurso, alguns permaneceram conosco até o fim, já outros não, porém, deixaram sua contribuição, o que nos foi de grande valia para que pudéssemos seguir e conquistar os objetivos almejados.

Agradeço a Deus fonte de toda sabedoria e a Nossa Senhora, pelas ricas bênçãos derramadas em minha vida. Agradeço a proteção de todos os dias, de forma especial, a proteção concedida neste período de estudo, em que trafeguei por diversas vezes pela Rodovia BR-101 e não me envolvi em nenhum acidente. Agradeço a Fé para enfrentar os desafios e comemorar as vitórias. Agradeço-te ó Deus, a conquista deste objetivo tão almejado por mim, minha vida e a vida daqueles que comigo convivem, e celebram junto a mim esta conquista.

Meu especial agradecimento a minha MÃE, que com seu amor incondicional sempre esteve ao meu lado, me motivando e alegrando nas dificuldades, como também, alegrando-se e celebrando comigo cada vitória conquistada. Obrigado MÃE por todo carinho e dedicação.

Ainda de forma especial agradeço a Prof<sup>a</sup>. Aurélia por acreditar nas possibilidades deste trabalho, pelo incentivo nos momentos de dificuldade e pelos precisos esclarecimentos e contribuições, e dedicação com que conduziu as orientações.

Ao meu pai, ao meu irmão Ronald, e ao meu primo Augusto por todo carinho, amizade e incentivo.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Geografia desta universidade pelas preciosas contribuições e reflexões que nos possibilitaram elaborar esta pesquisa. De forma particular a Prof.<sup>a</sup> Maria Inês Faé pelas ponderações sobre o caminho teórico da pesquisa no exame de qualificação.

A Rosilene Bermond Fileti e Wallace Lorencini pelas contribuições e incentivos ao longo deste trabalho.

A minha avó Aldemália Oss Petri e ao amigo Sr. Jovelino José Palaoro, pelos bons momentos de conversa, nos quais revelaram a memória histórica da imigração italiana de Anchieta presente em suas vidas.

A Izadora pela atenção e profissionalismo no atendimento na secretaria, aos colegas da turma 2012, que me acompanharam nesta jornada, a FAPES e a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho. A todos: MUITO OBRIGADO.

## RESUMO

O presente estudo discute a caracterização e as contribuições da imigração italiana no Município de Anchieta – ES, a partir do fenômeno denominado de Grande Imigração ocorrido da segunda metade do século XIX, que movimentou grande contingente de pessoas da Europa em direção a América. Diante das diversas transformações socioeconômicas vividas pelo Brasil e pela Itália gera-se entre os mesmos um fluxo migratório, que movimentou milhares de indivíduos da Itália para o Brasil em busca de melhores condições de vida. No Brasil o Estado do Espírito Santo constituiu-se em um dos locais de destino destes imigrantes, assim como, Anchieta se constituiu como porta de entrada e residência de centenas dos mesmos para este Estado. Assim o objetivo da pesquisa consiste em identificar as características dos fluxos migratórios e as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos, que marcam ainda hoje o povo anchietense. Para alcançar o objetivo proposto delineamos um plano de trabalho que buscou inicialmente rastrear fundamentos teóricos em diversas áreas do conhecimento, buscando a formação de um arcabouço teórico que sistematizasse nosso pensamento quanto ao estudo da Geografia da População, e quanto ao conceito de Migração. Na sequência, empreendeu-se o estudo da imigração italiana no Brasil, e de forma mais minuciosa no Espírito Santo, enfatizando de forma particular o fluxo migratório destinado a Anchieta, objeto de estudo deste trabalho, buscando assim, identificar as contribuições da migração para o desenvolvimento local, a partir dos aspectos: Econômico, cultural, arquitetônico e educacional. Dentre os resultados, destacam-se o Banco de Dados referente aos imigrantes italianos aportados em Benevente, então Anchieta, e o levantamento das contribuições deixadas pelos imigrantes italianos que marcam ainda hoje a identidade e a paisagem anchietense.

**Palavras-chave:** Migração. Influências italianas. Italianos. Características nacionais italianas. Anchieta (ES).

## **ABSTRACT**

This study discusses the characterization and the contributions of Italian immigration in the municipality of Anchieta - ES, from the phenomenon called the Great Migration occurred in the second half of the nineteenth century, which handled large contingent of people from Europe toward America. Given the various socioeconomic changes experienced by Brazil and Italy is generated between the same migration flow, which handled thousands of individuals from Italy to Brazil in search of better living conditions. In Brazil's Espírito Santo state constituted one of the destinations of these immigrants, as well as, the Anchieta was constituted as an entry and residence of hundreds of them to this state. Thus the aim of the research is to identify the characteristics of immigration and the contributions left by Italian immigrants that mark today's anchietense people. To achieve the proposed objective outlined a work plan that initially sought to trace theoretical foundations in various areas of knowledge, seeking the formation of a theoretical framework to systematize our thinking about the study of Population Geography, and how the concept of migration. Further, the study was undertaken of Italian immigration in Brazil, and in greater detail in the Holy Spirit, emphasizing the particular form of migration for the Anchieta, the object of study of this work, seeking thereby to identify the contribution of migration to local development from the aspects: economic, cultural, architectural and educational. Among the results, we highlight the database regarding the Italian immigrants contributed in Benavente, then Anchieta and the lifting of contributions left by Italian immigrants that mark today anchietense identity and landscape.

**Keywords:** Migration. Italian influences. Italian. Italian national characteristics. Anchieta (ES).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Detalhe do Mapa da Aldeia de Reritiba.....	70
Figura 2 - Embarcações (Brigues) ancoradas no Porto de Benevente no século XIX .....	71
Figura 3 - Casarão de Quarentena, Anchieta, ES .....	90
Figura 4 - Vinha da Família Vetorazzi, Alto Joeba, Anchieta, ES.....	129
Figura 5 - Pórtico de entrada da Comunidade de Alto Pongal, e marco do Circuito dos Imigrantes, Anchieta – ES .....	133
Figura 6 - Panfleto de divulgação do Circuito dos imigrantes, 2008.....	134
Figura 7 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009 .....	135
Figura 8 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009 .....	136
Figura 9 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009 .....	137
Figura 10 - Panfleto de divulgação dos Passos dos Imigrantes, 2008.....	138
Figura 11- Desfile da Caretela da Imigração, na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, Anchieta – ES .....	139
Figura 12 - Reportagem destacando o Circuito dos Imigrantes, como um dos roteiros turísticos de Anchieta – ES, jornal A Tribuna – Vitória – ES, 16/ 11/ 2007 .....	140
Figura 13 - Reportagem referente ao Circuito dos Imigrantes, Jornal A Tribuna, Vitória – ES, 17/ 02/ 2008 .....	141
Figura 14 - Continuação da reportagem referente ao Circuito dos Imigrantes, jornal A Tribuna, Vitória – ES, 17/ 02/ 2008 .....	142
Figura 15 - Agricultor no processo de colheita do café .....	144
Figura 16 - Produção de Banana na Comunidade de Alto Pongal, Interior de Anchieta – ES.....	145
Figura 17 - Logomarca da empresa Metalúrgica Mozer .....	146
Figura 18 - Destilador do Alambique da Cachaça Joeba Serrana.....	147

Figura 19 - Cachaça Joeba Serrana .....	148
Figura 20 - Destilador do alambique da Cachaça Pratinha .....	149
Figura 21 - Barris de cachaça do alambique Cachaça Pratinha.....	149
Figura 22 - Produtos Produzidos e comercializados na loja do alambique da Cachaça Pratinha.....	150
Figura 23 - Logomarca da Imigrantes Comércio e Serviços LTDA .....	151
Figura 24 - Logomarca da Empresa Horizonte Construtora.....	152
Figura 25 Sede da Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata.....	153
Figura 26 - Produção de biscoitos na Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata.....	154
Figura 27 - Preparo da massa utilizada na produção de biscoitos, na Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata .....	155
Figura 28 - Logomarca da Casa de Massas Popinha .....	157
Figura 29 - 1º Coral de música folclórica Italiana de Alto Pongal, em apresentação no ano de 1979 no Clube Ítalo Brasileiro, Vitória – ES.....	165
Figura 30 - 1º coral de música folclórica em apresentação na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, Anchieta, ES depois de anos sem se apresentar .....	166
Figura 31 - Coral Bambini di Pongal em apresentação na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal .....	167
Figura 32 - Capa do CD gravado em 2010, pelo Coral Bambini di Pongal .....	167
Figura 33 - Primeira composição do Grupo Folklorístico Nonna Adélia .....	168
Figura 34 - Croqui das indumentárias masculina e feminina utilizada pelo Grupo de Dança Folklorístico Nonna Adélia .....	168
Figura 35 - Grupo de Dança Folklorístico Nonna Adélia .....	169
Figura 36 - Grupo de Ballo Nonna Adélia, Escola Municipal de Ensino Básico “Tia Marlene Petri” .....	170

Figura 37 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus na década de 60, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	172
Figura 38 - Imagem do sagrado Coração de Jesus, atual padroeiro da Comunidade de Alto Pongal. A devoção ao coração de Jesus é comum nas comunidades formadas por descendentes de imigrantes Italianos .....	173
Figura 39 - Imagem de Santo Antônio, Primeiro padroeiro da Comunidade de Alto Pongal .....	174
Figura 40 - Festa Comunitária, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	176
Figura 41 - Casa da família Ceccon, Alto Pongal, Anchieta, ES .....	179
Figura 42 - Casa da família Libardi, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	181
Figura 43 - Grupião, tipo de serra para a madeira .....	183
Figura 44 - Cerrote .....	183
Figura 45 - Plaina de madeira .....	184
Figura 46 - Casa de pau a pique da família Lorencini, Alto Pongal, Anchieta, ES ..	185
Figura 47 - Casa da Família Ferreira, Olivânia, Anchieta, ES.....	187
Figura 48 - Casa da família Bono, Alto Joeba, Anchieta, ES .....	187
Figura 49 - Rebolo, disco em pedra arenito, para afiar ferramentas e utensílios de corte, proprietário Luiz Carlos Palaoro, Alto Pongal, Anchieta, ES .....	190
Figura 50 - Pequeno moinho doméstico para fubá, com turbina de água, propriedade do Sr. Uilson Barcelos, Alto Pongal, anchieta, ES .....	191
Figura 51 - Igreja de Santa Bárbara, construída em 04/ 12/ 1927, Córrego da Prata, Anchieta, ES.....	192
Figura 52 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Alto Joeba, Anchieta, ES .....	192
Figura 53 - Detalhe do piso da torre da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Alto Joeba, Anchieta, ES.....	193
Figura 54 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	193



Figura 55 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída por Lázaro Palaoro em 10/ 02/ 1951, Alto Joeba, Anchieta, ES .....	194
Figura 56 - Ermida de Nossa Senhora de Fátima, Alto Joeba, Anchieta, ES.....	195
Figura 57 - Gruta de Nossa Senhora Aparecida, Alto Pongal, Anchieta, ES .....	195
Figura 58 - Oratório de Nossa Senhora Mãe Rainha, Residência da Sr. <sup>a</sup> . Aldemália Oss Petri, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	196
Figura 59 - Oratório do Divino Pai Eterno, Residência de Elton Petri, Alto Pongal, Anchieta, ES.....	196
Figura 60 - Casa da Família Zuliani, detalhe lateral da parede à esquerda, e alicerce da casa em pedra a direita .....	197
Figura 61 - Pe. Humberto Pietrogrande .....	214
Figura 62 - Terreno ocupado pela EFA de Olivânia .....	216
Figura 63 - Escola Família Agrícola de Olivânia – Anchieta – ES, primeira EFA da América Latina .....	216
Figura 64 – Atual Estrutura Organizacional do MEPES, a partir de 2009 .....	218

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de migrantes segundo a relação de parentesco – 1875 a 1897 .....	108
Gráfico 2 - Porcentagem de imigrantes italianos por ano de chegada à Colônia de Rio Novo.....	109
Gráfico 3 - Imigrantes Italianos que se dirigiram à Colônia de Rio Novo segundo a Região de destino .....	111
Gráfico 4 - Imigrantes italianos segundo as dez maiores províncias de origem do fluxo migratório que se dirigiu à Colônia de Rio Novo.....	112
Gráfico 5 - Imigrantes italianos dirigidos à Colônia de Rio Novo segundo as províncias de maior contribuição da Região do Vêneto .....	112
Gráfico 6 - Imigrantes italianos segundo as províncias de origem da Região da Lombardia de maior contribuição do fluxo migratório que se dirigiu à Colônia de Rio Novo .....	113
Gráfico 7 - Imigrantes italianos dirigidos à Colônia de Rio Novo segundo as Comunas de origem com as maiores contribuições para o fluxo .....	114
Gráfico 8 - Número total de migrantes segundo a Idade declarada pelo migrante ao efetuar o registro no período de 1875 a 1897 .....	115
Gráfico 9 - Porcentagem de passageiros segundo os dez navios que mais transportaram imigrantes à Colônia de Rio Novo – 1875 a 1897.....	116
Gráfico 10 - Sobrenomes segundo a frequência de sua ocorrência.....	117
Gráfico 11 - Nomes segundo frequência de ocorrência .....	118
Gráfico 12 - Nomes masculinos segundo frequência de ocorrência .....	118
Gráfico 13 - Nomes femininos segundo frequência de ocorrência.....	119

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 – Localização do Município de Anchieta – ES.....	66
Mapa 2 – Limites administrativos de Anchieta – ES.....	67
Mapa 3 – Cartina Delle “Scuole Della Famiglia Rurale” in Italia.....	210
Mapa 4 – Áreas de Atuação do MEPES no Estado do Espírito Santo .....	221

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Quadro demonstrativo da procedência dos alunos das EFA's .....	220
Quadro 2 – Instituições Parceiras do MEPES .....	222

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamentos da População Realizados no Espírito Santo, antes do censo de 1872.....	74
Tabela 2 - População de Anchieta (Benevente) em 1872, segundo a cor. ....	75
Tabela 3 - População dos Municípios situados na área ocupada por Benevente em 1890 por sexo – Espírito Santo - 1900 .....	77
Tabela 4 – Colonos estabelecidos na Colônia de Rio Novo, de 1854 a 1862.....	81
Tabela 5 – População da Colônia de Rio Novo, 1857-1854.....	84
Tabela 6 - Número de componentes por família - 1875 a 1897 .....	106
Tabela 7 - Número de migrantes segundo a relação de parentesco – 1875 a 1897 .....	107
Tabela 8 – Evolução da População do Espírito Santo (1812-1920) .....	122
Tabela 9 – Escolas Família Agrícola, ano de fundação e respectivos Atos Legais.	214
Tabela 10 – Recursos Humanos do MEPES, por Setor de atuação .....	219
Tabela 11 – Demonstrativo de Serviços Prestados pelo MEPES, na Área da Saúde .....	227
Tabela 12 – Atendimentos Realizados pelo MEPES em 2013, na Área da Ação Social .....	228
Tabela 13 – Imigrantes italianos na colônia de Rio Novo – Província do Espírito Santo .....	245

## LISTA DE SIGLAS

AES -	<i>Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano</i> dello Espírito Santo
AMAP -	Associação de Moradores de Alto Pongal
APROBANA -	Associação de Produtores de Banana e Outros Produtos
CCS -	Centro de Formação
EFA -	Escolas Família Agrícola
EFTUR -	Escola Família Turismo
GRANEXPOES -	Feira Capixaba de Agronegócio
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC -	Ação Católica Francesa
MEPES -	Movimento Promocional de Educação de Espírito Santo)
ONU -	Organização das Nações Unidas
PNAE -	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RCI -	Região Colonial Italiana
SECTUR -	Secretaria de Turismo
SEDU -	Secretaria Estadual de Educação
SEMADER -	Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural
SEME -	Secretaria Municipal de Educação de Anchieta
SEME -	Secretária Municipal de Educação
SUS -	Sistema Único de Saúde
UNFPA -	Fundo de População das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	21
<b>1 GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO E MIGRAÇÃO: CENÁRIO CONCEITUAL E TEÓRICO</b> .....	27
<b>2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA</b> .....	42
2.1 O CONTEXTO BRASILEIRO .....	43
2.2 O CONTEXTO ITALIANO .....	47
2.3 A GRANDE IMIGRAÇÃO .....	52
2.4 A IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO .....	55
<b>3 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ANCHIETA</b> .....	64
3.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS .....	64
3.2 ORIGEM E POVOAMENTO DE ANCHIETA.....	68
3.2.1 Os Primórdios do Povoamento de Anchieta.....	68
3.2.2 Registros Histórico-demográficos Brasileiros .....	73
3.2.3 Os Primeiros Censos: estatísticas históricas do Espírito Santo e de Anchieta .....	74
3.3 A COLÔNIA DE RIO NOVO .....	78
4.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	98
4.1.1 As Fontes .....	98
4.1.2 Problemas de Definição.....	100
4.2 CARACTERÍSTICAS DOS MIGRANTES.....	101
4.2.1 Caracterização do Fluxo Migratório Aportado em Anchieta .....	103
<b>5 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO</b> .....	120
5.1 OS EFEITOS DEMOGRÁFICOS DA IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO.....	120
5.1.1 A Contribuição da Imigração Italiana para a Sociedade Anchietaense.....	124
5.2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A ECONOMIA ANCHIETENSE: IMPACTOS E REFLEXOS NA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO .....	126
5.2.1 Empreendimentos Econômicos Geridos por Descendentes de Imigrantes Italianos no Município de Anchieta .....	132
5.2.1.1 Circuito Turístico: O Circuito dos Imigrantes .....	132
5.2.1.2 Plantação de Café e Banana.....	143
5.2.1.3 Metalúrgica Mozer .....	146

5.2.1.4 Cachaça Joeba Serrana .....	147
5.2.1.5 Cachaça Pratinha .....	148
5.2.1.6 Imigrantes Comércio e Serviço LTDA (ME- Micro Empresa).....	150
5.2.1.7 Horizonte Construtora LTDA (ME – Micro Empresa).....	151
5.2.1.8 Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata .....	152
5.2.1.9 Casa de Massas “Popinha” .....	156
5.2.1.10 Supermercado Redemarketing .....	157
 <b>6 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: CULTURA E ARQUITETURA .....</b>	<b>158</b>
6.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A CULTURA ANCHIETENSE: IMPACTOS E REFLEXOS NA CULINÁRIA, MÚSICA, ARTESANATO E RELIGIÃO.....	158
<b>6.1.1 Culinária .....</b>	<b>160</b>
<b>6.1.2 Música .....</b>	<b>164</b>
<b>6.1.3 Artesanato.....</b>	<b>170</b>
<b>6.1.4 Religião .....</b>	<b>171</b>
6.2 ARQUITETURA.....	178
 <b>7 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: EDUCAÇÃO .....</b>	<b>199</b>
7.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A EDUCAÇÃO ANCHIETENSE .....	199
7.2 MEPES (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO): O CONTEXTO HISTÓRICO .....	201
<b>7.2.1 A Evolução e a Estrutura Atual .....</b>	<b>212</b>
<b>7.2.2 Impactos Sociais Proporcionados pelo MEPES, nos seus Setores de Atuação .....</b>	<b>219</b>
 <b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>231</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	<b>244</b>
ANEXO I.....	245
 <b>Banco de Dados – 1875 A 1897 .....</b>	<b>245</b>
ANEXO II.....	338
 <b>Receitas de comidas típicas italiana .....</b>	<b>338</b>



ANEXO III.....	349
<b>Músicas italianas presentes no CD do Coral “Bambini di Pongal”, e músicas folclóricas que permanecem na memória do povo.....</b>	<b>349</b>
ANEXO IV .....	357
<b>Danças Italianas Folclóricas Realizadas pelo Gruppo di Ballo Nonna Adélia.....</b>	<b>357</b>
ANEXO V .....	359
<b>Calendário de festas religiosas.....</b>	<b>359</b>

## INTRODUÇÃO

A migração sempre esteve presente na vida das populações. Contemporaneamente seu estudo tem sido campo de pesquisa para diversas ciências, revelando assim, o caráter multidisciplinar do fenômeno migratório, que requer para sua compreensão a construção de uma teoria robusta que incorpore uma multiplicidade de abordagens em diversos níveis de análise (CASTIGLIONI, 2009).

Movimentando indivíduos de um lugar para outro ao longo do tempo, a migração incute no inconsciente humano a perspectiva do progresso, ou seja, a realização das mais diversas aspirações. Este anseio acompanha o homem desde sua origem na Pré-história, quando este migrava de uma área a outra a procura do melhor lugar para sua locação. Na Antiguidade a busca pela terra prometida levou o povo Hebreu a realizar o êxodo do Egito, dando um caráter bíblico ao fenômeno migratório, as Grandes Navegações impulsionadas pelo capital visando à descoberta de novas rotas para comercialização e de áreas para extração de riquezas revelam o anseio pelo êxito, que acompanha a ação de migrar.

A decisão de migrar é movida assim, por forte motivação, já que implica na troca do ambiente familiar e social por uma situação muitas vezes desconhecida. A insatisfação do indivíduo com sua situação na região de origem, bem como, seu desejo de encontrar uma nova terra, na qual suas aspirações serão concretizadas, traduzem as razões, as quais o impulsionam a abandonar uma área por outra (CASTIGLIONI, 2009).

A migração apresenta-se como um processo complexo tanto em suas características, como também, em sua mensuração, causas e efeitos (CASTIGLIONI, 2009). Seu caráter bilateral causa diversas transformações na vida política, social e econômica das comunidades de partida e de chegada dos imigrantes, sendo assim, seu estudo é relevante não só para a compreensão dos seus determinantes, mas também, para o conhecimento dos seus efeitos, que ocorrem nas várias esferas. Dessa forma, o estudo da migração representa um grande desafio e somente pesquisas específicas permitem a apreensão desse componente em uma dimensão mais ampla (CASTIGLIONI, 2009).

Em linha histórica, os movimentos migratórios ocorridos na Europa na segunda metade do século XIX em direção à América, movimentando grande contingente de indivíduos e cuja gênese está na expansão do capitalismo europeu, despertaram e ainda despertam o interesse dos pesquisadores das mais diversas áreas de estudo, na busca por compreender a dinâmica que circunda o fenômeno, resultantes da combinação de uma multiplicidade de fatores envolvidos no duplo movimento de emigração e imigração (EMMI, 2008).

A Grande Imigração que denomina este largo período de grande movimentação de indivíduos entre Europa e América, durante o século XIX e parte do século XX, levou segundo De Boni (1998) mais de 40 milhões de pessoas a atravessarem o Atlântico, dirigindo-se principalmente aos Estados Unidos, Brasil e Argentina.

Muitas foram as nacionalidades de imigrantes que vieram para o Brasil desde as primeiras décadas do século XIX. Porém, em nosso país o imigrante tomou por excelência a forma simbólica do italiano. Esta analogia feita pela sociedade brasileira revela a importância deste contingente imigratório, que apresenta variadas e justificadas razões de ser (GOMES, 2007).

A primeira, de natureza quantitativa, revela a importância numérica deste fluxo migratório. Entre os anos de 1870 e 1920, apogeu da Grande Imigração, os italianos corresponderam a 42% do total de imigrantes entrados no Brasil, esse dado corresponde a 3,3 milhões de pessoas, das quais cerca de 1,4 milhão eram italianos. Em segundo lugar, o imigrante italiano correspondia, em função das orientações que dirigiram as políticas de atração de imigrantes, o tipo ideal de indivíduo buscado tanto pelas autoridades políticas quanto pelos intelectuais e empresários ligados diretamente a este processo, pois, congregavam de forma equilibrada duas características de extrema importância para a formação da sociedade brasileira da época (GOMES, 2007).

Segundo Gomes (2007), estas características consistem na raiz latina do povo italiano, que o coloca ao lado dos portugueses, pela proximidade quanto à língua, religião e costumes, o que facilitaria a assimilação por parte da sociedade brasileira, mais do que as demais nacionalidades imigradas, não oferecendo também ameaças à integridade do território e à segurança da nacionalidade. A outra característica está

na cor da pele, condição fundamental para a atração dos imigrantes no período, já que o governo criara uma política de branqueamento, o italiano por sua vez, enquadrava-se muito bem neste quesito, que buscava o clareamento da população tornando-a mais similar aos padrões europeus (GOMES, 2007).

O italiano, mesmo não condicionando em si todos os atributos necessários, teve sua imagem construída como imigrante adequado e confiável para a execução dos objetivos, os quais o Brasil esperava alcançar por meio da migração. Sendo assim, a imigração italiana marca de forma profunda a cultura brasileira, concentrando-se em certos estados e regiões do país para onde os fluxos se dirigiram com maior contingente de pessoas, mas espalhando-se também por todo o território nacional (GOMES, 2007).

O Estado do Espírito Santo, assim como o Brasil, teve sua cultura profundamente marcada pela imigração italiana. Sendo atualmente o estado brasileiro com maior percentual de descendentes de italianos (CASTIGLIONI, 2011), basta percorrer os municípios capixabas para perceber as diversas contribuições deixadas pelos imigrantes italianos, que ainda hoje marcam não só a vida de seus descendentes, como também o solo espírito-santense.

Os primeiros imigrantes vindos da Itália chegaram ao Espírito Santo na segunda metade do século XIX, neste período chegaram aos portos do estado de 30 a 50 mil italianos (CASTIGLIONI, 2011). A vinda do navio francês Sofia em 1874 deu início à imigração italiana nestas terras, partindo de Gênova transportou os imigrantes italianos que se dirigiram para colônia fundada por Pietro Tabacchi, denominada de Colônia de Nova Trento (CASTIGLIONI, 1998).

Após esta primeira experiência, chegam ao estado no ano de 1875 os navios Rivadavia e o Fenelon, a partir deste período os fluxos em direção ao estado tornam-se mais intensos. A grande maioria dos navios que realizava o traslado dos imigrantes partia de Gênova em direção ao Porto de Vitória ou ao Porto do Rio de Janeiro, a partir deste ponto os imigrantes eram conduzidos por navios brasileiros aos diversos portos capixabas, localizados em: Vitória, Anchieta, então Benevente, Barra do Itapemirim, São Mateus, Piúma, Guarapari, Santa Cruz, podendo também

seguir de trem para as colônias localizadas no sul do Espírito Santo (CASTIGLIONI, 1998).

Os Italianos vieram com a intenção de trabalhar em terras próprias, buscando assim, autonomia. Compostos por famílias formadas por jovens casais com muitos filhos pequenos, que se somavam a parentes e agregados, estes se apresentavam na maioria dos casos com pouca instrução, mesmo detendo um padrão cultural superior ao da população local (CASTIGLIONI, 2011).

Destinado, sobretudo a povoar o estado, sanando assim o problema do vazio demográfico no qual o Espírito Santo estava mergulhado, o imigrante italiano se dirigiu aos núcleos coloniais. Estes núcleos criados pelo programa de imigração imperial tinham a função de receber essa nova população. Dessa forma, as primeiras colônias criadas foram: Santa Izabel estabelecida em 1847, Rio Novo, em 1854, e Santa Leopoldina em 1856 (CASTIGLIONI, 2011).

Por um determinado período, a imigração para o Espírito Santo foi promissora, porém, o grande número de indivíduos esbarrou com a falta de infraestrutura e atenção do governo local, levando em 1895 o Governo italiano a proibir a emigração para o estado. Este fato associado às dificuldades financeiras que o Estado enfrentava diminuiu drasticamente o número de entradas de imigrantes.

O Município de Anchieta então Benevente, foi nesta época uma das principais portas de entrada dos imigrantes italianos destinados a colonizar a Região Sul do Estado. O fluxo migratório aportado em Anchieta destinava-se principalmente à Colônia de Rio Novo, cujas terras abrangiam boa parte do território municipal. Dessa forma, inúmeras comunidades localizadas no interior de Anchieta surgiram a partir da imigração italiana.

Diante desse contexto, o foco dessa investigação centra-se na imigração italiana dirigida ao Município de Anchieta no Estado do Espírito Santo, na segunda metade do século XIX, visando nesta perspectiva o estudo e a caracterização das contribuições da migração para o desenvolvimento local. Sendo uma temática pouco conhecida e pouco citada nos estudos sobre a imigração italiana no Espírito Santo o tema anseia por um resgate cultural, para melhor compreender expressivos aspectos poucos conhecidos que circundam o fenômeno em questão.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa consiste em identificar as características dos fluxos migratórios e as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos, que marcam ainda hoje o povo anchietense. De modo específico, objetiva-se:

- Identificar e caracterizar os imigrantes italianos que vieram para Anchieta;
- Observar e analisar como estes italianos se inseriram no processo de construção da sociedade anchietense;
- Reconhecer o papel do imigrante italiano e de seus descendentes, no processo de formação e desenvolvimento do Município de Anchieta.

Para tanto o presente trabalho foi organizado em sete seções. A seção 1 – “Geografia da População e Migração: Cenário conceitual e teórico” direciona-se a estudar as definições conceituais e teóricas dos temas apresentados, buscando compreender a importância do estudo da população para a Geografia, destacando a migração e suas múltiplas teorias. Esta seção focaliza de forma mais ampla as teorias da migração de maior relevância para a construção do trabalho.

Na seção 2 – “A Imigração Italiana” busca-se apresentar um panorama geral da imigração italiana, enfatizando o período denominado de Grande Imigração. Por meio de uma revisão bibliográfica buscou-se reconstituir os contextos socioeconômicos das áreas de atração, ou seja, o Brasil, e de repulsão, a Itália. Por último, a seção aborda o fenômeno da Grande Imigração, observando as suas múltiplas fases, iniciada com a tomada de decisão por migrar até a chegada ao destino final.

Na seção 3 – “A Imigração Italiana em Anchieta” elabora-se uma caracterização da área de estudo buscando apresentar um breve panorama geográfico, destacando aspectos históricos e socioeconômicos. A seção busca também apresentar por meio de dados dos censos históricos a evolução da dinâmica de povoamento do município, destacando a importância do imigrante italiano neste processo, ao ocupar as terras da Colônia de Rio Novo, no território da então Benevente, hoje Anchieta.

Na seção 4 – “O Banco de dados” apresenta por meio de uma laboriosa pesquisa, tanto em fontes bibliográficas, quanto nos registros navais e de matrícula dos colonos e nos dados disponibilizados no sistema do Arquivo Público Estadual – ES,

um Banco de Dados referente aos imigrantes italianos que se direcionaram para a Colônia de Rio Novo. Por meio destes dados traçou-se uma caracterização do perfil deste imigrante que ocupou esta região impregnando este espaço com sua identidade cultural e suas representações simbólicas.

A partir da seção 5 intitulada como: “Contribuições da imigração italiana ao Município de Anchieta: Agricultura, indústria e comércio”, as seções reúnem informações e reflexões sobre as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos que ainda hoje marcam o povo anchietense. Partindo de uma abordagem geral referente aos impactos da imigração no Espírito Santo e em Anchieta, a seção 5 enfatiza as contribuições da imigração italiana no Município de Anchieta, destacando seus efeitos na economia, observando impactos e reflexos presentes na agricultura, indústria e comércio.

A seção 6 “Contribuições da imigração italiana ao Município de Anchieta: Cultura e arquitetura” apresenta os impactos e os reflexos culturais e arquitetônicos deixados pelos imigrantes italianos, que ainda hoje marcam a vida de seus descendentes, bem como, a paisagem das comunidades formadas pelos mesmos.

A seção 7 – “Contribuições da imigração italiana ao Município de Anchieta: Educação”, o último deste estudo, reúne contribuições dos imigrantes italianos para com o desenvolvimento do sistema educacional de Anchieta, destacando-se aqui, a criação da Escola Família Agrícola e do MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo).

Os Anexos compõe uma parte importante deste trabalho, nele está contido o Banco de Dados, maior contribuição desta pesquisa para o estudo da imigração italiana em Anchieta.

Ao final, elencaram-se os principais apontamentos sobre a temática de estudo, esperando que estes possam contribuir para o entendimento da imigração italiana num contexto nacional, estadual e principalmente local, levando não só os descendentes de italianos a conhecerem suas raízes, sua identidade, mas a todos, que se interessam pelo tema, seja de forma profunda ou por mera curiosidade, o conhecimento, como também o reconhecimento das contribuições deste povo que como tantos outros, contribuíram para a formação de nossa sociedade.

## **1 GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO E MIGRAÇÃO: CENÁRIO CONCEITUAL E TEÓRICO**

A população com suas diversas características imprime suas marcas sobre o espaço, dotando-o de simbolismos e significados. Segundo a definição do Dicionário Demográfico Multilíngue do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A população de uma determinada área consiste de todos os habitantes dessa mesma área, embora o termo seja também usado para designar apenas uma parte dos habitantes, como a população de crianças em idade escolar, a população em idade matrimonial etc. Estas populações são, mais propriamente, denominadas subpopulações. A palavra população significa, em alguns casos, o total de indivíduos de uma área. (IBGE, 1969, p. 15).

Desta forma, a população está permeada de nuances, as quais não são abarcadas por uma única e específica área de estudo. A população apresenta-se então, como um objeto multidisciplinar, envolvendo em seus estudos diversas áreas e ramos da ciência, como: sociologia, demografia, história, estatística, geografia, entre outras, é este estudo multidisciplinar da população, que tece um conjunto de análises que revelam os diversos fenômenos que estão sob sua competência.

Nesta primeira década do século XXI, a população mundial tem perpassado por diversas mudanças, tanto em sua estrutura, quanto em seu contingente, chegando ao ano de 2011 aos sete bilhões de pessoas vivendo sobre a superfície da terra como atesta o Relatório sobre a Situação da População Mundial, publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) por intermédio da UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas)..

Traçando uma linha no tempo, Matuda (2009, p. 3), relata que segundo antropologistas, a espécie humana data de pelo menos 3 milhões de anos, na maior parte da história estes ancestrais viveram de forma precária, mantendo o contingente populacional em baixos números de indivíduos. Com o surgimento da agricultura, aumentam as possibilidades de sobrevivência, e assim, no primeiro ano da era cristã a população mundial chega a 300 milhões, tendo um contínuo crescimento a taxas moderadas.

Com o início da Revolução Industrial no século XVII, os padrões de subsistência se elevam, fazendo com que o número de indivíduos apresente taxas de crescimento maiores chegando em 1750 a 760 milhões, atingindo em 1800 1 bilhão. Mantendo a



partir de então um crescimento acelerado, a população mundial após a Segunda Guerra Mundial, sofre uma explosão em seu quantitativo, Matuda (2009, p. 3) afirma que: “durante o século XX, cada bilhão adicional foi atingido em um curto período de tempo”, culminando assim, em 2011 aos 7 bilhões de habitantes.

O Relatório sobre a Situação da População Mundial, publicado pela ONU em 2011, revela em suas entrelinhas uma preocupação com relação à qualidade de vida destes sete bilhões de pessoas, e à necessidade de se criar oportunidades, como relata o Diretor Executivo do UNFPA Babatunde Osotimehin, no prefácio do Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011, “somos sete bilhões de pessoas, com sete bilhões de oportunidades.” (ONU, 2011, p. 3).

A preocupação com as transformações que a população vem sofrendo, juntamente com os fenômenos que a acompanham, vem chamando a atenção de inúmeros pesquisadores nas diversas áreas da ciência, como já dito anteriormente, este estudo deve se presumir na multidisciplinariedade, já que diversos fenômenos circundam a temática. Diante da necessidade da promoção do estudo da população, entre as diversas disciplinas que firmam suas análises acerca da mesma, a Geografia também busca desenvolver com base em seus métodos, as suas análises sobre o tema em questão.

Os diversos questionamentos que circundam a população, questionamentos estes advindos desde períodos remotos da história acerca do arranjo da população, sua localização nas diversas áreas, seu quantitativo e suas marcas deixadas sobre o espaço, entre outras, fazem com que haja a necessidade de se buscar respostas aos questionamentos levantados, não só meramente para satisfazer curiosidades, mas, para buscar resolver problemas populacionais, ou seja, sociais, críticos de nosso tempo.

A Geografia como ramo das Ciências Humanas, mostra sua preocupação com relação ao tema, já que esta tem como objeto de estudo o Espaço Geográfico, que justamente é caracterizado pela presença do homem. O estudo da população, desta forma, se torna de grande valia e contribuição para as análises geográficas. A Geografia da População será o ramo dentro da ciência geográfica a se ater a estes estudos. De acordo com Zelinsky (1974), “sua investigação pode fornecer fatos e

ideias de grande importância tanto para o demógrafo – o estudioso da natureza e do comportamento das populações – como para o geógrafo – o estudioso da natureza dos lugares.” (ZELINSKY, 1974, p. 09).

Zelinsky (1974), afirma ainda em sua obra, que “a Geografia da População deveria ser um ramo autônomo importante dentro do grande campo da Geografia”, argumentando assim, “a favor de seu valor pragmático, na medida em que é capaz de esclarecer quase todo o domínio dos estudos geográficos e demográficos”. A Geografia da População vem a ser segundo o autor, uma estratégia eficiente para se apreender as amplas e complexas realidades que envolvem o demógrafo e o geógrafo.

A Geografia da População, sendo assim, é definida com precisão por Zelinsky (1974), como:

[...] a ciência que trata dos modos pelos quais o caráter geográfico dos lugares é formado por um conjunto de fenômenos de população que varia no interior deles através do tempo e do espaço, na medida em que seguem suas próprias leis de comportamento, agindo uns sobre os outros e relacionando-se com numerosos fenômenos não-demográficos. (ZELINSKY, 1974, p. 17).

O entendimento de “Lugar”, para o autor em questão, dentro deste conceito, é designando como um território de qualquer extensão, ou seja, Zelinsky (1974) defende que, “o geógrafo da população estuda os aspectos espaciais da população no contexto da natureza global dos lugares”. Esta disciplina tem um propósito amplo, não se fixando apenas em estabelecer onde as pessoas vivem, seu número e tipo, mas sim, compreender as diversas nuances e fenômenos que se apresentam em meio aos diversos povos.

Beaujeu-Garnier (1980) dialoga com Zelinsky (1974), ao afirmar que, “é função do geógrafo descrever os fatos no contexto de seu ambiente atual, estudando também suas causas, suas características originais e suas possíveis consequências”. A autora, afirma também que, o geógrafo ao recorrer às diversas disciplinas, reagrupa o material a luz de seu “objetivo declarado”, tarefa tida como “delicada e complexa”. Mantendo o diálogo entre estes dois autores, Zelinsky (1974, p. 17-18) expõe que:

Para ser analítica, a Geografia deve olhar para o caráter inter-relacionado das coisas que variam através do espaço. Ela deve encarar o fluxo geralmente complicado de causa e efeito entre esses aspectos inter-

relacionados que dotam cada local de particularidades únicas. (ZELINSKY, 1974, p. 17-18).

Beaujeu-Garnier (1980) e Zelinsky (1974) relatam que o estudo geográfico da população desenvolvido pelo geógrafo especialista neste ramo, deve se ater a três aspectos ou níveis de análise, sendo, o 1º a simples descrição da localização da população e suas características; o 2º a explicação dessas localizações espaciais e características e o 3º destina-se à análise geográfica dos fenômenos de população. Ao definirmos população em termos mais amplos, “a amplitude dos tópicos tratados pelo demógrafo e pelo geógrafo da população inclui tudo o que concerne ao ser humano e as Ciências Sociais.” (ZELINSKY, 1974, p. 22).

Para Beaujeu-Garnier (1980):

A presença do homem em qualquer lugar é, portanto, essencialmente transitória e inconsciente. É o resultado de uma dupla evolução: um desenvolvimento *in situ* e inúmeros deslocamentos. O crescimento populacional é, antes de tudo, função dos fatores demográficos que fazem parte do campo da geografia da população: Casamentos, natalidade, doenças, mortalidade, composição da idade e do sexo não são apenas acidentais; quando alguém os avalia, não os pode explicar sem considerar novamente os fatores físicos, biológicos, econômicos, técnicos e psicológicos. (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 04).

Desta forma, a lista dos fenômenos com os quais os geógrafos da população lidam é dividida por Zelinsky (1974), em três categorias distintas: 1) os essencialmente biológicos; 2) os que têm causa econômica, social ou cultural; e 3) os que constituem elementos de mudança dinâmica. Ainda de acordo com o autor em questão,

os aspectos biológicos são determinados por dados de nascimento, hereditariedade ou pelo comportamento fisiológico dos indivíduos e estão em grande parte fora do controle do grupo ou do indivíduo, já, os dados populacionais socialmente determinados são mais numerosos e incluem: residência, ocupação (inclusive profissão, tipo de trabalho e categoria de emprego), lugar de trabalho, estado civil, características da família (incluindo tamanho, composição e relação doméstica), características de habitação, classe e casta socioeconômica, renda, alfabetização, situação educacional e títulos, descendência, lugar de nascimento, procedência, religião, língua, grupo étnico, nacionalidade, cidadania, situação militar e institucional no grupo de população. (ZELINSKY, 1974, p. 30).

Os elementos de mudança dinâmica compreendem os acontecimentos vitais que mudam a localização ou o número de pessoas: nascimentos, mortes e movimentos para o interior ou para fora de uma área dada. Habitualmente considerados mais como índices estatísticos do que como uma sucessão de acontecimentos isolados,

esses fenômenos são conhecidos como fecundidade, mortalidade, imigração e emigração. A variação da população e seus componentes é um aspecto importante da Geografia da População.

A Geografia da População foca, dessa forma, seus estudos na figura humana, ou seja, o ser humano em sua particularidade ou coletividade é o objeto de estudo deste ramo da Geografia, pequeno e frágil diante dos diversos objetos de estudo existentes. Zelinsky (1974) relata que:

Obviamente, as populações humanas mereceriam pouca atenção se fossem julgadas apenas pela massa física ou pelo critério da visibilidade, mas os efeitos visíveis e invisíveis de nossa espécie sobre a superfície terrestre são incalculavelmente maiores do que sugere a simples massa da humanidade. Uma apreciação viva das infinitas ramificações do desenvolvimento das capacidades culturais do homem está na raiz da Geografia da População. (ZELINSKY, 1974, p. 26).

A terceira categoria da lista dos fenômenos proposta por Zelinsky (1974) se refere aos elementos de mudança dinâmica, ou seja, aos elementos da dinâmica populacional, responsáveis por reger a composição etária, bem como, revelar inúmeros dados tanto estatísticos como sociais a respeito de uma determinada população, composta em linhas gerais, segundo Damiani (2009) pelas “componentes”: “a natalidade (e a fecundidade), a mortalidade e a migração”, a autora revela ainda que:

O tratamento desses elementos comporta variações sutis, como dados sobre mortalidade diferencial – segundo a idade e a camada social ou profissional; mortalidade infantil; migrações internacionais e internas, permanentes e temporárias, etc. Tal detalhamento pode revelar mais profundamente os fenômenos considerados, esclarecer diferenciações sociais de sua incidência ou destacar suas variações em diferentes momentos. (DAMIANI 2009, p. 28).

Damiani (2009, p. 28) afirma ainda, “que de qualquer forma, o crescimento populacional em termos absolutos e em face de seu ritmo, estaria sendo determinado, em última instância, por esses elementos do comportamento demográfico”.

O presente trabalho ater-se-á ao componente da dinâmica demográfica denominado de migração. O estudo desta componente é a razão da elaboração desta pesquisa, mas, como o tema se apresenta de forma extensa e complexa, perpassando por diversas correntes teóricas, este trabalho se fixará nas teorias da migração que são

de importância para a explicação e a compreensão do fenômeno estudado por este: a Imigração Italiana no Município de Anchieta – ES.

Para Damiani (2009),

Os estudos geográficos sobre migrações envolvem uma perspectiva histórica ampla e acompanham o fenômeno desde a Antiguidade até nossos dias. Os fenômenos do povoamento não poderiam ser compreendidos sem as migrações. (DAMIANI, 2009, p. 61).

Sendo assim, a autora considera desde as migrações internacionais, como a emigração internacional no final do século XIX e início do XX, até as migrações de curta e média distâncias que são mais frequentes. De acordo com Damiani (2009, p. 39), a “discussão da migração tem um caráter estratégico no desvendamento da relação entre a dinâmica populacional e o processo de acumulação de capital, para além da concepção de crescimento natural – a do excesso de nascimentos e sobre mortes”.

Diante do exposto, pode-se questionar então, o que é migração? E por que as pessoas migram? A partir destes questionamentos, esta pesquisa irá prefigurar uma discussão acerca do tema, baseando-se nas correntes teóricas pertinentes a este trabalho, já que o debate sobre migração se apresenta de forma extensa, com diversas correntes teóricas. Sendo assim, este não busca esgotar o debate referente ao tema, mas sim, contribuir para sua compreensão.

De acordo com Castiglioni (2009, p. 39) “a migração sempre fez parte das vidas das populações”, sendo considerada pela mesma autora, como um processo complexo em características, bem como, na sua mensuração, causas e efeitos, a mesma afirma que, “o estudo da migração é relevante não só para a compreensão dos seus determinantes políticos, sociais e econômicos, como também para o conhecimento dos efeitos que ocorrem em várias esferas.” (CASTIGLIONI, 2009, p. 39). A migração, sendo assim, tem o poder de afetar a vida do migrante, de sua família, e de sua rede de relacionamentos, como também, a vida comunitária, “e, em termos da estrutura da sociedade, por seu caráter bilateral”. (CASTIGLIONI, 2009, p. 39). A migração pode ainda inferir transformações na “distribuição, na dinâmica e na composição da população, inferindo na vida econômica, política e social das comunidades de partida e de chegada dos migrantes.” (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

Realizar o estudo da migração, por sua vez, se torna um grande desafio, já que o mesmo é um tema interdisciplinar chamando a atenção dos diversos ramos da ciência para seus estudos, desta forma, Castiglioni (2009, p. 39) afirma que “o processo de teorização da migração é caracterizado por uma grande heterogeneidade de enfoques, e nenhuma teoria completa foi ainda validada”. Simmons (1987) e Zelinsky (1980) relatam que a dificuldade de integrar os conhecimentos acumulados é qualificada como: impasse, paradoxo e crise. Simmons (1987) relata ainda que a teoria da migração não constitui um conjunto coerente de reflexões, as diferentes teorias para previsões e interpretações da migração são, muitas vezes, discordantes, concorrentes ou divergentes.

Diante da dificuldade de construção de uma teoria geral para medir, explicar e prever a mobilidade espacial, Castiglioni (2009) relaciona em seu artigo, um conjunto de seis fatores que dificultam a apreensão e a explicação da migração, são eles:

a) a própria definição do tema é, em geral, restringida por problemas conceituais e técnicos, com efeito, a definição da migração varia segundo os objetivos do estudo e até mesmo segundo a percepção do fenômeno. O estudo empírico da migração requer a precisão de certos critérios, que, se, por um lado, facilitam a operacionalização da definição, por outro, impõem certas restrições; b) Um dos maiores limites para o estudo e a compreensão desse componente é, certamente, a dificuldade de obtenção de dados adequados para testar as teorias formuladas e produzir indicadores; c) A migração é um fenômeno reflexo, isto é, uma manifestação de processos e de transformações sociais e econômicas mais profundas, que lhe são subjacentes. O fenômeno representa uma resposta da população aos processos de mudanças socioeconômicas que opera em um contexto específico durante um determinado tempo; d) A migração é condicionada não só por fatores estruturais, situados em um nível macro, mas também por fatores pessoais que agem em um nível micro. Os modelos agregados permitem a previsão da intensidade dos fluxos, enquanto que os modelos individuais são úteis para a explicação das causas da migração. Parece ser difícil integrar os resultados dos dois níveis de análise; e) A migração é um fenômeno simétrico. Enquanto que os componentes do crescimento natural produzem modificações na região de residência dos indivíduos que nascem ou morrem, os impactos da migração afetam sempre as regiões relacionadas ao processo, a de origem e a de destino; f) Outra dificuldade para construir uma teoria geral emana da natureza multidisciplinar do fenômeno migratório. A pesquisa do tema engloba uma heterogeneidade de abordagens em diversos níveis de análise. (CASTIGLIONI, 2009, p. 40-41).

Diante do exposto, observa-se que, para a compreensão do fenômeno, deve haver a construção de uma teoria robusta que incorpore a multiplicidade de abordagens existentes na análise da mesma, sendo assim:

A construção de uma teoria geral para explicar a natureza e as forças que provocam a migração apresenta-se como um objetivo considerado

impossível. No entanto, não obstante a complexidade do fenômeno, os comportamentos migratórios nas diferentes comunidades apresentam certas similaridades, regularidades e repetições que justificam alguma generalização e, em particular, a formulação de princípios de base do quadro teórico de análise da migração. (ZELINSKY, 1971).

O Manual VI – Estudos de população, intitulado de Métodos de Medição da Migração Interna, publicado pelas ONU em 1972, reforça a importância de se estudar os fenômenos da mobilidade geográfica, afirmando que: A mobilidade geográfica espacial de uma população é um tema de interesse direto para os estudos da distribuição da população, bem como, por sua interação com outras forças demográficas e por outros aspectos de mudança e diferenciação social e econômica. O Manual VI afirma ainda que o movimento da população no espaço é um fenômeno multifacetado em que a magnitude dos deslocamentos varia de uns poucos metros a muitos quilômetros, onde a estadia no lugar de destino pode durar poucas horas, e até mesmo anos. Relacionando estes movimentos como sendo, em sua grande maioria, próprios das atividades da vida cotidiana, o Manual VI de Estudos de População da ONU, relata a importância destes movimentos da vida cotidiana, a exemplo: ir ao trabalho e voltar à residência, sair para compras, viajar, para as análises desenvolvidas em muitas pesquisas, mas, o mesmo alerta, para que estes tipos de movimentos sejam distinguidos da mobilidade que implica uma estadia contínua e permanente em um lugar de destino. Segundo o Manual VI de Estudos da População (ONU 1972, p. 2): “A característica essencial da migração, é o fato que implica em uma troca de lugar de residência, ou de lugar de residência habitual, para viver em um lugar novo, distinto”. Sendo assim, este define migração “como o traslado de uma área definida de migração a outra (ou um traslado de uma distância mínima específica) que se fez durante um intervalo de migração determinado, e que há implicado na troca de residência” (ONU 1972, p. 2).

Carvalho e Rigotti (1998, p. 7), abordam o conceito de migração, afirmando que este pode “variar bastante, segundo a pesquisa e as características dos dados existentes e disponíveis”. Apoiando-se na definição presente em *The determinants and consequences of population trends* (United Nations, 1973), de que, excluem-se dela os movimentos cujos indivíduos não se estabelecem permanentemente no local de destino, os autores consideram que a “migração refere-se, portanto, às mudanças permanentes de residência entre unidades espaciais predefinidas.” (CARVALHO; RIGOTTI, 1998, p. 7).

Lee (1965, p. 99) apresenta em seu trabalho uma definição semelhante às já apresentadas anteriormente. Este autor define “a migração como uma mudança permanente ou semipermanente de residência”, afirmando ainda que, “não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre a migração externa e a migração interna.” (LEE, 1965, p. 99).

Observa-se então, que embora haja uma dificuldade de se estabelecer um conceito e uma teoria geral para migração, mediante a complexidade da temática, reconhece-se em meio às diversas teorias pontos em comum que auxiliam na conceituação do objeto em questão, ou seja, a migração. Neste caso, observa-se que dos autores aqui referendados, todos eles, trataram a migração como uma mudança permanente de residência, esta determinante aqui identificada é de suma importância, já que a presente pesquisa se propõe realizar o estudo da migração italiana no município de Anchieta – (Espírito Santo). Longe de esgotar o conceito de migração, mas apoiando-se em Carvalho e Rigotti (1998) que afirmam, como já citado anteriormente, que o conceito de migração é variável conforme a pesquisa e as características dos dados existentes e disponíveis, esta conceituação traz uma forte ligação com o objeto empírico deste trabalho, pois, no final do século XIX e início do século XX, há a movimentação de contingentes numerosos de pessoas, que literalmente realizaram na maioria dos casos definitivamente uma mudança permanente de residência.

Para Castiglioni (2009, p. 39), a decisão de migrar,

que implica trocar o ambiente familiar e social por uma situação muitas vezes desconhecida, é movida por forte motivação, que traduz a insatisfação do indivíduo com sua situação na região de origem como também seu desejo de encontrar uma nova terra, na qual todas as suas aspirações serão concretizadas. (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

Dessa forma, pode-se afirmar que, a migração traduz a manifestação de processos e de transformações sociais e econômicas mais profundas, que lhe são subjacentes, isto a caracteriza como um fenômeno reflexo (DALAPICOLA, 2008). Como bem lembra Moura (1980, p. 11), a migração, “configura-se assim como um tema sem essência própria, o que determina que seu objeto de interesse e tratamento não pode ficar predominantemente restrito a uma especialidade científica”.



A busca pela conceituação da migração nos remete à origem dos estudos acerca do tema, suas causas e efeitos. Castiglioni (2009) argumenta que:

a explicação e a predição da migração foram objetos de um número expressivo de trabalhos cuja diversidade reflete a enorme abrangência do tema. As abordagens variam, no tempo, de trabalhos precursores a teorias mais atuais e, na forma, de modelos matemáticos e estatísticos a abordagens explicativas que focalizam a migração como resultado de escolha individual, a formalizações mais complexas, que condicionam a migração a fatores econômicos e sociais, à mudanças estruturais e à sistemas onde tudo está em interação. (CASTIGLIONI, 2009, p. 41).

O estudo da migração tem sua origem no trabalho percussor do geógrafo Ravenstein, que inspirado por uma observação feita pelo Dr. William Farr, de que as migrações pareciam ocorrer sem uma lei precisa ou específica, apresentou à *Royal Statistical Society* em 1885 o artigo “*The Laws of Migration*”, onde o mesmo discorre sobre a migração em geral e propõe as sete leis que a governam, surgindo assim, no Reino Unido no final do século XIX, um dos primeiros tratados sobre a migração.

O trabalho desenvolvido por Ravenstein sofreu inúmeras críticas, ele próprio reconhece as imperfeições, ao afirmar que, “o autor tem plena consciência das imperfeições deste ensaio embora confie que o mesmo possa constituir uma contribuição não totalmente despida de valor numa área de pesquisa que assume peculiar interesse para o estatístico” (RAVENSTEIN, 1885, p. 88), não conceituando de forma direta em momento algum a migração em seu trabalho, Ravenstein, procurou em sua pesquisa “considerar a migração em geral e determinar, se possível, as leis ou regras que a governam”. (RAVENSTEIN, 1885, p. 88).

Dando maior credibilidade aos fatores econômicos, do que a outros, Ravenstein elabora um conjunto de sete pontos, os quais este afirma serem “As Leis da Migração”, estas leis elaboradas pelo mesmo, têm como base tratar “do modo pelo qual a falta de braços existentes em certas partes do País é suprida por outras partes onde a população é abundante”. Sendo assim, as Leis da Migração segundo Ravenstein (1885), são:

1) Já ficou provado que grande parte de nossos migrantes se desloca a curta distância [...] 2) As pessoas que residem em áreas de cercanias de uma cidade que esteja rapidamente crescendo, deslocam-se para esta, sendo os vazios deixados pela população rural preenchidos por migrantes oriundos de distritos mais remotos, até que a força de atração de uma de nossas cidades em rápido crescimento passe a ser sentida, gradativamente, nos mais remotos pontos do reino; 3) O processo de dispersão é o inverso do de absorção e apresenta características semelhantes; 4) Cada corrente

migratória principal produz uma corrente inversa compensatória; 5) As pessoas que migram a longas distâncias se dirigem, preferencialmente, para grandes centros comerciais ou industriais; 6) Os naturais das cidades migram menos do que os naturais das áreas rurais do país; 7) As mulheres migram mais do que os homens. (Ravenstein, 1885, p 64-65).

Lee (1965) referindo-se ao trabalho de Ravenstein traz ao debate a crítica proposta por Stephen Boume, que segundo relatos do mesmo: Ravenstein apesar de ter recorrido sobre As Leis da Migração, não as havia formulado de forma “suficientemente categórica”, “de modo a permitir criticá-las”. Lee (1965) argumenta que, mesmo diante de certas imperfeições, o trabalho de Ravenstein resiste à prova do tempo e continua a ser fonte de inspiração para inúmeros outros trabalhos acerca do tema.

Partindo do estudo precursor de Ravenstein, o economista Lee (1965), juntamente com outros pesquisadores, inspirados pela economia neoclássica, estruturaram teorias sobre a migração baseada na escolha racional do indivíduo, como fonte motora da migração, nas quais, a decisão de migrar se relacionava com a maximização do lucro.

Lee (1965,) resume em quatro tópicos os fatores que entram na decisão de migrar e no processo migratório, estes são:

- a) Fatores associados ao local de origem;
- b) Fatores associados ao local de destino;
- c) Obstáculos intervenientes;
- d) Fatores pessoais;

Sjaastad (1962) aponta para uma teoria do capital humano utilizando uma análise de custo e benefício, em que, “propõe inserir a migração no marco teórico da alocação de recursos, tratando-a como meio eficiente para promover tal alocação e como atividade que apresenta requerimentos de recursos.” (SJAASTAD,1962, p. 121). Comentando sobre o autor, Castiglioni (2009, p. 46), afirma que, a ideia de base de Sjaastad (1962), “é que o movimento migratório é uma resposta às diferenças inter-regionais de remuneração”, tratando a migração “na óptica de um problema de alocação de recursos”. Sjaastad (1962), afirma ainda, que a migração não deve ser

considerada isoladamente, ou seja, esta deve ser complementada com investimentos denominados pelo autor como capital humano, que seriam investimentos em educação ou formação que maximizariam os lucros propiciados pela movimentação.

Castiglioni (2009) revela que, os diversos estudos acerca da migração no mundo, apontam para os fatores econômicos como principais causas impulsionando a migração e que, no nível macro, as disparidades socioeconômicas entre as regiões, constituem o principal o fator de promoção da migração. A autora ressalta que as causas da migração são diversificadas, não podendo atribuir a este fenômeno uma causa específica, mas sim, a uma combinação de diversos fatores, várias são as causas não-econômicas, dentre as quais, o desejo de se instruir; a atração exercida pelas cidades; os motivos políticos, religiosos, etc.

Diante dos diversos fatores que determinam o fenômeno migratório, a migração apresenta-se como “um processo seletivo, as pessoas que respondem aos fatores à base do processo apresentam certos traços comuns que as diferenciam das que não reagem.” (BOGUE, 1963 *apud* CASTIGLIONI, 2009). Sendo assim, os fluxos migratórios tendem a apresentar predominância de indivíduos com determinados atributos relativos à idade, ao sexo, ao grau de instrução, à profissão, ao nível de aspiração, à região de procedência. (CASTIGLIONI, 1998).

De acordo com as causas do movimento, são empreendidos os tipos de seleção, nos quais, o migrante vai responder a fatores positivos e negativos, ou seja,

os migrantes que respondem principalmente a fatores positivos predominantes na região de destino tendem a constituir uma seleção positiva [...] A predominância de fatores negativos existentes na região de origem tende a produzir uma seleção negativa; no caso das regiões onde os fatores expulsores são desestimulantes para os grupos inteiros da população, a migração pode perder seu caráter seletivo. (LEE, 1966; LIPTON, 1980 *apud* CASTIGLIONI, 2009)

Das diversas características dos migrantes, a idade é a única considerada universal, sendo assim, o modelo de distribuição dos migrantes segundo a idade traduz o balanço entre custos e benefícios da migração. Os custos são menos importantes para os jovens por não terem ainda fortes ligações a empregos ou bens, nem muitas obrigações familiares e comunitárias. Por outro lado, os jovens dispõem de longo tempo para auferir os benefícios do investimento realizado. Nesta óptica, a

propensão a migrar tende a diminuir à medida que a idade aumenta, pois o saldo entre custos e benefícios vai se tornando desfavorável (CASTIGLIONI, 2009).

A seletividade migratória por sexo, relatada ainda por Castiglioni (2009), aufere que esta possui relação com a oferta de trabalho e a distância, desta forma, seguindo os estudos de Ravenstein, As Leis da Migração, as mulheres migrariam mais que os homens a curtas distâncias, enquanto que, os fluxos de homens seriam majoritários na migração a longa distância. Com relação à característica “estado civil”, os solteiros têm uma mobilidade mais intensa que os casados, porque têm menos responsabilidades familiares e podem mais facilmente afrontar situações instáveis, já, quanto ao grau de instrução, as pessoas mais instruídas são mais propensas a migrar para procurar ocupações compatíveis com suas qualificações Castiglioni (2009). Porém, é importante ressaltar que a migração é encorajada nas diversas situações de grandes dificuldades, movimentando pessoas de diversas idades, gênero, estados civis e diversos níveis de instrução, como foi o caso da grande migração, ocorrida no final do século XIX e início do século XX.

Um ponto de importância a se destacar, com relação à migração, é que os imigrantes não devem ser considerados individualmente, a partir de estudos sociológicos, percebe-se que os imigrantes são “integrantes de estruturas sociais mais amplas, cujos atores realizam conjuntamente as várias etapas do empreendimento migratório” (CASTIGLIONI, 2009, p.48). Dessa forma, Castiglioni (2009) cita Stark (1991), que argumenta que, “o processo migratório não se restringe a uma decisão individual, mas de uma estratégia que envolve outros atores sociais, como a família ou grupos mais extensos que compreendem amigos e conhecidos.” (STARK,1991, *apud* CASTIGLIONI, 2009, p. 48).

Dessa forma, esta corrente de pensamento revela que frequentemente o indivíduo não realiza o processo migratório sozinho, mas sim, por meio de uma rede ou cadeia que envolve diversos indivíduos de relação próxima. Sendo assim, Truzzi (2008) relata que o termo cadeias, surgiu em 1960 por meio de pesquisas realizadas na Austrália, sendo originalmente definido por MacDonald e MacDonald (1964) *apud* Truzzi (2008) como:

O movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e

resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores. (MACDONALD; MACDONALD, 1964, *apud* TRUZZI, 2008, p. 04).

Para Massey (1988); Kelly (1995) *apud* Truzzi (2008) as redes migratórias podem ser definidas como:

Complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade, ou seja, manifestam-se como agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos. (MASSEY, 1988; KELLY, 1995 *apud* TRUZZI, 2008, p. 05).

Segundo esta abordagem da migração, os indivíduos participam em conjunto das diversas fases da migração, buscando de acordo com Castiglioni (2009), levantar o maior número de informações possíveis, quanto aos custos e benefícios do movimento,

na realização da migração e, também, no processo de integração que ocorre na região de destino, buscando as melhores alternativas para melhorar a renda, minimizar os riscos e superar os problemas que podem ocorrer durante a migração e no processo de inserção na região de destino. (CASTIGLIONI, 2009, p. 48).

Segundo a autora:

Os migrantes se organizam em redes sociais para suplantar mais facilmente as dificuldades associadas ao deslocamento e preencher suas necessidades afetivas e psicológicas. A solidariedade, a coesão, a amizade subjacentes às redes de parentesco, de amizade e de pertença à mesma comunidade de origem permitem aos migrantes fortalecer-se e ajudar-se mutuamente para enfrentarem as tensões que se apresentam ao longo de todas as etapas do processo migratório. (CASTIGLIONI, 1999, p. 48).

O fenômeno migratório produz consequências, tanto nas áreas de atração como de repulsão, afetando a indivíduos bem como os contextos envolvidos. Desta forma, “a migração produz não só efeitos de ação imediata, mas também transformações que operam a curto, a médio e em longo prazo” sendo “seus efeitos múltiplos e complexos: embora a transferência de população produza efeitos quantitativos imediatos, inúmeros impactos qualitativos propagam-se no tempo e se fazem presentes depois de passadas várias gerações” (CASTIGLIONI, 2009, p. 52).

Quanto aos efeitos para os migrantes, estes podem se apresentar de formas variadas, ou seja, variam desde a decepção de não conseguir realizar seus

objetivos, à concretização dos objetivos buscados com o ato migratório. Sendo assim Castiglioni (2009), afirma que:

As consequências da migração sobre as regiões relacionadas ao movimento são múltiplas, inter-relacionadas e passam também a atuar como determinantes da continuidade do processo. A natureza dos efeitos varia de um contexto para outro, segundo a forma específica do processo de desenvolvimento local, que condiciona a intensidade e a composição dos fluxos migratórios. A migração produz efeitos sobre o plano demográfico, cultural, político, e socioeconômico das regiões relacionadas ao movimento. (CASTIGLIONI, 2009, p. 52).

Partindo desta concepção, que os efeitos produzidos pela migração comportam as diversas estruturas sociais, “a migração não se circunscreve apenas ao espaço físico, embora este esteja mais visível [...] este espaço é constituído pelas relações sociais que os homens mantêm entre si e com a natureza.” (EMMI 2008, p. 52). Isso gera a interdisciplinaridade ao qual o tema está imbricado. Além destes espaços, a autora destaca ainda o espaço real, e um espaço imaginário, a ruptura das relações neste, é sentida em diferentes graus.

Diante da existência dos diversos espaços imbricados na migração, Sayad (1998, p. 15) afirma que esta é um “fato social completo”, sendo a única característica em que há concordância na comunidade científica. Para Sayad (1998, p. 16), falar da imigração é falar da sociedade como um todo, em suas dimensões diacrônica e sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes na sociedade e no seu funcionamento, sem mutilar o objeto integrante de suas partes, a emigração. O marco central do trabalho deste autor ao analisar a migração, é considerar a complementaridade dos processos de imigração e de emigração, consideradas pelo mesmo como duas faces de uma mesma realidade (CASTIGLIONI, 2009, p. 47).

Sendo assim, Sayad (1998) relata que:

Na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo [...] o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração [...], a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o emigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal [...] (SAYAD, 1998, p. 14).

A migração, fenômeno interdisciplinar e de difícil mensuração, como visto, não pode ser explicada apenas por uma corrente conceitual. Desde os estudos precursores de Ravenstein em 1885, o arcabouço teórico referente ao tema tem sido elaborado

pelas diversas disciplinas, que com suas particularidades, têm auxiliado o desenvolvimento das análises acerca do tema. A diversidade de estudos e correntes de pensamento, nos quais a migração está inserida, apresenta-a em sua totalidade, conduzindo assim os pesquisadores aos mais diversos estudos possíveis, que agregando valores ao tema com suas particularidades, auxiliam na busca por sua mensuração.

## **2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA**

A população brasileira até meados do século XIX formou-se essencialmente pelas contribuições indígenas, africana e portuguesa (HUGON, 1973). Com a supressão do tráfico negreiro, a imigração livre – já que a escravidão pode ser considerada uma imigração forçada – é a solução que se apresenta para suprir a necessidade de mão de obra da economia emergente da época. É a partir da imigração, ou seja, de um contingente de população estrangeira que o Brasil vai ter o “impulso necessário ao progresso econômico” (HUGON, 1973, p.47). Este é dirigido e dominado pelo café.

A migração, de uma forma universal, produz nas regiões interligadas pelo movimento “transformações importantes na estrutura demográfica, social e econômica” (CASTIGLIONI 1998, p. 101), modificando o modo de vida dos migrantes. As mudanças produzidas pela migração são “tanto mais importantes quanto forem as distâncias física, socioeconômica e cultural existentes entre as regiões de origem e destino dos fluxos”. (CASTIGLIONI, 1998, p. 101).

O movimento migratório ocorrido no final do século XIX e início do século XX transferiu população entre contextos diferentes quanto ao estágio de desenvolvimento e à evolução demográfica. Observando o caso dos italianos, foco central deste trabalho, observa-se que a componente populacional europeia perpassava pela transição demográfica, que somada à industrialização que galgava espaço no território italiano, gerou uma grande massa ociosa em busca de trabalho. Por outro lado, o continente Americano, neste mesmo período, buscava atrair recursos humanos visando sanar seu problema de baixo saldo demográfico e propiciar a produção de riquezas.

É sobre este pano de fundo, que se processa um dos maiores fenômenos de transferência populacional da história, a Grande Imigração. Esta levou homens e mulheres, famílias e até mesmo comunidades inteiras a deixarem sua terra natal, para com seus diversos objetivos, habitar uma nova terra. Em meio aos diversos objetivos, pode-se dizer que um era comum a todos, o propósito de reestabelecer a dignidade perdida na pátria mãe. “Far La Mérica” era o grito que ecoava não somente nas propagandas de recrutamento, “Far La Mérica” ecoava também no sonho do emigrante.

## 2.1 O CONTEXTO BRASILEIRO

O Brasil, no decorrer do século XIX perpassou por uma fase de aceleradas e grandes mudanças, determinando variações importantes em suas estruturas políticas, econômicas e sociais. Diante destas diversas mudanças, Grosselli (2008) destaca quatro tipos de mudanças mais significativas, e que segundo o mesmo, estão estreitamente ligadas entre si, são elas: a) o início da estruturação do país, como uma nação moderna, “abandonando o status de colônia” com a chegada da Família Real portuguesa que em 1808 veio para o Brasil escapando do exército napoleônico; b) a transformação no campo econômico, ou seja, o fim da era do açúcar e o advento do café; c) a abolição da escravidão e d) a imigração europeia.

O início da estruturação do país como uma nação moderna, se deu com a chegada de D. João VI, quando várias providências legislativas foram tomadas com o intuito de abrir brechas naquela condição de quase completa dependência da Europa, e de formar uma classe dirigente indígena, firmada esta classe dirigente, esta começou a agir de acordo com a ótica brasileira, conseguindo espaços de manobra sem o auxílio de Lisboa.

Esta nova classe dirigente, buscou também realizar ações visando à modificação da sociedade. Estas incluíam abertura gradual à imigração europeia, o fortalecimento da pequena propriedade fundiária ao lado do latifúndio, bem como a consolidação da unidade territorial de um estado extenso, que durante séculos foi colônia de Portugal. Com a Corte Imperial do Rio de Janeiro, a unidade territorial do país fez-se menos incerta, ou seja, fez-se mais real a partir do desenvolvimento de uma



legislação nacional, surgimento de estruturas burocráticas comuns, e elaboração de uma rede de comunicações que coligava os pontos mais importantes do território. Com estes fatos, ao final da primeira metade do século, a unidade territorial do Brasil podia ser considerada conquistada.

Comentando sobre as mudanças ocorridas ao longo do século XIX, Grosselli (2008), destaca também as transformações históricas no campo da economia, com o fim da era do açúcar, a economia brasileira perdeu sua possibilidade de acúmulo de capital por meio das exportações, já que o preço do açúcar havia baixado, mantendo esta queda de preço contínua até as primeiras décadas do século XIX. Neste momento a agricultura do país converge-se para outra produção, a do café, que continua até os dias atuais como uma importante fonte de renda brasileira.

No Brasil, o café já era cultivado desde o início do século XVII para atender ao mercado consumidor interno, com a demanda do produto por outros mercados, como o europeu e norte americano, os preços do café se expandiram por longo período de tempo, principalmente pós as guerras napoleônicas, quando o mercado europeu aumentou sua demanda de produtos tropicais, inclusive o café. Diante do crescente mercado que o produto vinha conquistando, juntamente com o elevado preço do mesmo, a nova produção representou um novo processo de acúmulo de capital, envolvendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre outros, esta produção tornar-se-ia a salvação de uma economia impossibilitada de desenvolvimento no início de século XIX.

Este novo processo de acúmulo de capital, empreendido pela produção cafeeira, proporcionou a modernização das estruturas econômicas; aliviou as penosas condições financeiras do Estado a partir do momento em que este determinou um imposto fiscal sobre as exportações; possibilitou o povoamento do território com mão de obra europeia que encontrou trabalho nas fazendas e nas pequenas propriedades onde se cultivava o café, financiando assim, em grande parte, este processo de imigração que mudaria a face da sociedade brasileira (GROSSELLI, 2008, p.107).

O terceiro e quarto fenômenos apontados por Grosselli (2008) ocorridos no século XIX, que “mudaram a face do Brasil”, foram a abolição da escravidão e a imigração

européia, estes fenômenos, salienta Witter (1998, p.38), “não podem ser dissociados, quando se analisa a História do Brasil na segunda metade do século XIX”. O sistema econômico escravocrata fundado no grande latifúndio e na mão de obra escrava via-se cada vez mais enfraquecido pelo sistema capitalista, que dominando o mercado, já moldava a economia brasileira, perpassando esta, por uma fase transitória podendo ser denominada de pré-capitalista.

Concomitantemente, vão sendo elaboradas leis de cunho abolicionista que vão liberando os negros. Conforme estas leis vão sendo editadas, as experiências com imigrantes visando suprir a demanda de braços necessária para a colonização fomentam mudanças no sistema socioeconômico do Brasil, que em pouco tempo extinguiria a escravidão.

Desde a extinção do tráfico, com a promulgação da Lei Euzébio de Queirós, de 1850, o processo de mudança na estrutura socioeconômica do Brasil estava desencadeado [...] Na década dos anos de 1870 e 1880 surgiram as leis, que primeiro libertariam os filhos dos escravos, a chamada Lei do Ventre Livre (1871) e depois a Lei do Sexagenário (1885), que tornava livres os escravos maiores de 60 anos. São medidas legais, que no entanto, não tinham outra função que a retardar a inevitável lei geral que tornasse livres todos os negros que ainda tivesse subjugados. (WITTER, 1998, p. 39).

Witter (1998, p. 40) relata ainda que, de um ponto vista mais amplo referente à escravidão, esta estava condenada a partir das mudanças tanto de cunho moral como técnicas, do meio do século, ou seja, pela moral o “clero e o exército não estavam dispostos a dar cobertura a uma instituição condenada moral e politicamente”, por parte da técnica, era preciso “a transformação do escravo em trabalhador livre” (WITTER 1998, p.40). O mesmo afirma ainda que, o processo que levou o negro à condição de trabalhador livre, “foi lento e gradual, porém irreversível” (WITTER 1998, p.40).

Por razões de cunho técnico, moral ou política, como afirma Witter (1998), o regime escravocrata estava condenado a desaparecer, e seu desaparecimento suscitava braços que substituíssem a mão de obra negra nas lavouras de café, pois postos em liberdade pela lei, os negros “tendiam a fugir das fazendas e do trabalho considerando sinônimo de escravidão.” (GROSSELLI, 2008, p. 108).

Sancionada a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, eliminando de vez o trabalho escravo no Brasil, juntamente com a expansão da produção do café, principalmente

no oeste paulista, os latifundiários viam-se sem mão de obra para conduzir os trabalhos em suas plantações. Foram poucos os negros, que, agora libertos, continuaram a trabalhar de forma assalariada para seu patrão, como já citado, a maior parte dos negros abandonou as fazendas buscando esquecer o tenebroso passado de escravidão. E aqui se verifica o quarto fenômeno que segundo Grosselli (2008) “determinou mudanças consideráveis na estrutura econômica social brasileira no século XIX”, ou seja, a imigração europeia. (GROSSELLI, 2008, p. 108).

Esta, adequadamente estimulada já vinha sendo incentivada antes mesmo da abolição, tanto pelo Império, por meio da criação de colônias, quanto por fazendeiros que já temiam a abolição. Tornando-se massiva, sobretudo no terceiro quarto do século XIX e no início do século XX, a imigração, afirma Grosselli (2008) completou um ciclo iniciado no início do século XIX e mudou radicalmente a fisionomia do Brasil. Diante destas, e entre outras mudanças ocorridas nas estruturas econômicas e sociais, o Brasil passa a investir parte do capital acumulado para atrair a mão de obra europeia.

Além destes pontos destacados por Grosselli (2008), como marcos norteadores das mudanças pelas quais o Brasil perpassou no século XIX, pode-se ainda, acrescentar o fato da baixa densidade demográfica que afetava o território brasileiro, juntamente, com a questão do branqueamento da população, já que, por três séculos houve a introdução de cerca de 4 milhões de africanos na grande lavoura de exportação (BASSANEZI, 1995). Apostando na miscigenação da população segundo o padrão racial europeu, “uma corrente política e de pensamento” via na imigração um fenômeno capaz de transformar as condições de subpovoamento do Brasil, mudando assim, a face da sociedade brasileira (GROSSELLI, 2008, p. 138).

O contexto histórico brasileiro do século XIX é marcado então, por grandes mudanças políticas, econômicas e sociais. Tendo o sistema capitalista no pano de fundo destas mudanças, este que por sua vez, já havia se disseminado pela Europa, vinha transformando as nações colonialistas, moldando sua economia na indústria e no mercado, não deixou o Brasil imune de sua ação. Sendo assim, a partir do século XIX, o principal problema do interior do Brasil e da província era a escassez de mão de obra, que ameaçava paralisar a atividade econômica do país (GROSSELLI, 2008, p. 136).

O problema da falta de mão de obra justificava-se, ainda segundo Grosselli (2008) por dois motivos, ou seja, a baixíssima densidade demográfica do território e a necessidade de substituir a mão de obra escrava nas fazendas. A existência de grandes áreas totalmente despovoadas, com exceção do litoral, que até o presente, é a área mais densamente ocupada do país, implicava numa

[...] escassa produção de bens, de demanda interna, de acumulação pública e privada, e conseqüentemente a impossibilidade de modernizar a agricultura, de empreender iniciativas de tipo industrial e de fornecer ao território vias de comunicação. Era a “sonolência econômica” e o nível de simples sobrevivência expresso pela economia brasileira. (GROSSELLI 2008, p. 137).

Somando-se ao vazio demográfico, a substituição da mão de obra escrava nas fazendas, gerava também uma fragilidade no sistema trabalhista brasileiro, que como já dito, era escravocrata. Diante do novo modelo que vinha sendo institucionalizado pelo sistema capitalista, e sobre a pressão de países já industrializados que precisavam de um mercado para consumo de seus produtos como a Inglaterra, a política escravocrata foi ruindo aos poucos, principalmente com o levante de ideais abolicionistas em meio ao grande contingente de intelectuais, que com debates de ordem político-econômica e cultural anunciaram o fim da escravidão.

Com todo este contexto de transformações, o Brasil do século XIX, viu-se marcado pelas mudanças ocasionadas pelo sistema capitalista em desenvolvimento, tendo que sanar seu problema de mão de obra, a elite hegemônica busca investir na migração. Esse é o quadro que irá fazer com que o Brasil se insira neste processo de migração, tornando-se um ponto de atração de pessoas.

## 2.2 O CONTEXTO ITALIANO

O século XIX trouxe à Itália uma série de mudanças em sua estrutura social, política, e econômica. Com a ascensão do sistema capitalista pela Europa, realizando o advento da indústria e ruindo as bases do sistema feudal, a Itália, como inúmeros outros países europeus, teve que se adequar às novas regras do mercado econômico, gerando assim, uma série de percalços a serem ultrapassados.

Estes percalços, no caso particular da Itália, traduzem-se em graves problemas econômicos, presentes desde o início do processo de unificação em 1861, que se agravaram no decorrer do século XIX, a isto, somaram-se as dificuldades enfrentadas pelos pequenos agricultores, assim como as dificuldades da enorme mão de obra disponível que a industrialização da região setentrional não conseguia absorver, e os problemas de causa natural (EMMI, 2008).

Concluída em 1870, como afirma De Boni (1991, p.56), com a tomada de Roma, a unificação da Itália, simbolizou em “termos econômicos a vitória do capitalismo sobre as antigas instituições”. Desta forma, pequenos reinos e principados se curvaram à soberania de um único país, ou seja, o que antes era fragmentado, composto por diversas unidades administrativas, agora se encontrava reunido em uma única unidade, ou seja, um único país.

O fato político da unificação para De Boni (1991), representa para a produção capitalista a conquista de seu mercado consumidor, através da derrubada de alfândegas e fronteiras. Estas mudanças ocasionadas por esta revolução gerada pelo sistema capitalista atingiram a fundo a estrutura agrária vigente na época, fazendo com que a miséria se alastrasse. Desta forma, ainda segundo o mesmo autor, “rompeu-se o equilíbrio pré-capitalista entre cidade e campo, no qual era difícil distinguir o sistema rural do industrial, e onde a produção industrial-artesanal se apresentava como componente do sistema agrário.” (DE BONI, 1991, p. 58).

Com o fim do processo de unificação em 1870, há a queda das barreiras alfandegárias internas e externas, fazendo com que os produtos industrializados, oriundos do processo de industrialização já vigente em boa parte da Europa chegassem à Itália, principalmente na parte norte de seu território, atingindo assim, de forma direta como relata De Boni (1991), “o modelo artesanal de produção, ficando o agricultor a depender exclusivamente do trabalho na terra.” (DE BONI, 1991, p. 58).

Depender somente do trabalho da terra, não era uma garantia de sobrevivência, Grosselli (2008, p. 30) ao tratar do camponês trentino, afirma que, este possuía no século XIX “um pedacinho de terra que cada vez menos garantia a sua sobrevivência e a de sua família”. O mesmo autor afirma ainda, que ao serem

utilizadas até à exaustão, estas propriedades camponesas não possuíam condições de fertilidade ideal, que se somando às rudimentares técnicas de trabalho empreendidas na época, resultavam para o camponês em baixas produções.

Não possuindo grandes propriedades, e com as mesmas esgotadas devido ao uso exaustivo, a ênfase dada pelo camponês caía sobre o fator trabalho, este por sua vez, “devia suprir a baixa fertilidade da terra e, sobretudo as exíguas dimensões das propriedades familiares”. (GROSSELLI, 2008, p. 30-31). Envolvendo toda a família, das crianças aos idosos, o trabalho que se manifestava de forma contínua e prolongada, acompanhou de forma secular os italianos, conforme GROSSELLI (2008, p. 31), “o trabalho tornou-se para o camponês um valor em si próprio, ou seja, trabalhar não era meramente um dever, mas, algo de positivo e bom, que não poderia ser evitado, já que a sobrevivência dependia deste”.

O trabalho torna-se assim, um fator cultural para estes indivíduos, como um valor social, este é utilizado para avaliar o caráter e a estima de uma pessoa seja ela participante ou não de sua cultura, sendo assim, é com a mensuração do trabalho, que ainda hoje, “o camponês avalia os outros, quer pertencessem ou não a sua comunidade, a sua cultura”. De uma pessoa estimável dizia-se sempre que era “um bom trabalhador”. (GROSSELLI, 2008, p. 31).

Com a abertura das barreiras alfandegárias, tanto internas como externas, facilitando a circulação dos produtos industrializados, a Itália passou também a receber em seus portos produtos que eram produzidos em seus campos, como milho e trigo, a preços inferiores ao nacional. Vindos da Argentina, Mississipi e Ucrânia, devido à evolução no sistema de transporte marítimo, a introdução destes produtos importados e a preços inferiores ao nacional, fez com que o valor da produção interna caísse, gerando assim, mais um problema para os camponeses.

Com relação à queda dos preços do trigo e do milho, que ajudaram a agravar a situação do camponês italiano bem como, a agravar a situação da própria Itália, De Boni (1991, p. 58) alega que: “entre 1880 e 1888, o quintal de trigo passou de 33,11 para 22,80 libras, e o milho de 23,57 para 14,39 libras”. O mesmo autor afirma ainda, que se somando a isto, apresentam-se alguns anos de más colheitas e aumento de impostos sobre a agricultura. Na busca de conter a crise que se instaurava, o

governo italiano aumenta as taxas alfandegárias, mas isso só agravou a situação, pois em represália o governo Francês fez o mesmo “desestruturando a indústria vinícola da península.” (DE BONI, 1991, p. 58).

A vida rural italiana deteriorou-se e apresentava sinais de estagnação e até regressão. Dominada por uma estrutura de minifúndios – pequenas propriedades que como já citado, muitas das vezes eram incapazes de sustentar uma família – grande parte dos colonos possuíam propriedades que segundo De Boni (1991, p. 60) tinham cerca de um quarto de hectare ou menos de 2,5 hectares. Mas a grande maioria dos colonos não era proprietário de terra, e quando era, via-se obrigada a arrendar outras propriedades para fomentar o sustento da família. Há casos em que a pequena propriedade comportava grandes famílias, e com o casamento dos filhos e a divisão da mesma, a propriedade não suportava e não mantinha a quantidade de herdeiros, assim, eram vendidas, e seus donos arrendavam outras propriedades ou se deslocavam para outras localidades nas quais pudessem sustentar, ou melhor, tentar sustentar sua família.

A expropriação da terra foi um grande problema do século XIX, na Itália. A miséria crescia, concomitantemente, medidas corretivas como afirma Grosselli (2008), foram tomadas na tentativa de mitigar a situação, dentre elas, está a migração sazonal da força de trabalho. Em meio a estas dificuldades, os migrantes buscavam nas regiões vizinhas trabalho para aliviar a situação de miséria da qual viviam, que Grosselli (2008) descreve como:

[...] uma época, que durou até o fim dos anos 80', de grandes trabalhos, geralmente públicos, sobretudo na Europa Central: ferrovias, estradas, saneamentos de grandes áreas paludosas. E os camponeses norte-italianos seguiram estes trabalhos, emigrando em grupos para a Áustria, a Suíça, a França, a Alemanha. Não se tratava mais de emigração sazonal, mas temporária: o objetivo era retorno a casa, com uma quantia suficiente para expulsar o espectro da miséria. (GROSSELLI, 2008, p. 31-32).

A miséria se espalhou sobre a Itália, e cada vez mais se agravava a situação do camponês, que a partir de meados do século XIX viu suas principais produções serem atacadas por uma série de doenças. Não bastando os diversos problemas já mencionados, em 1882 e em 1885 e de forma menos desastrosa em 1889, a parte norte da Itália, mais precisamente a região do Trentino, foi devastada por fortes enchentes, “as grandes torrentes d’água encontraram um terreno desmatado e

esgotado pela agricultura, destruindo assim inúmeras plantações e os poucos solos férteis existentes, que com as enchentes tornaram-se terrenos pedregosos e saibrosos”. (GROSSELLI, 2008, p. 40).

Mergulhado em uma situação de miséria, manter digna a própria alimentação e da família, tornava-se cada vez mais difícil, De Boni (1991, p. 60), relata que: “A dieta alimentar da população rural deteriorou-se. A carne desapareceu das mesas, restando para os pobres a perspectiva de suprir com passarinhos o regime alimentar”.

A subnutrição crescia, e trazia consigo a probabilidade do aumento das doenças, algumas dessas, que já haviam sido extintas, retornam mediante as circunstâncias deploráveis de vida que se instauraram na Itália. Uma destas doenças era a malária. A precária alimentação, centrada quase que exclusivamente em alimentos à base de milho, gerava no indivíduo de acordo com De Boni (1991) uma forma de avitaminose, que era denominada de pelagra, essa grassou assustadoramente no norte da Itália.

Com a crise instaurada, o camponês foi obrigado a deixar sua vida e render-se ao trabalho assalariado na grande propriedade ou na indústria. Esta última crescia, mas também não conseguia absorver o contingente de indivíduos que se encontrava ocioso, gerando assim, uma grande massa de deserdados à procura de trabalho, “esta situação fazia supor que a Itália encontrava-se ante um dilema crucial: ou se empreendiam reformas estruturais, ou o país caminharia para uma revolução.” (DE BONI, 1991, p. 62).

Diante das diversas dificuldades, as autoridades locais – mesmo as que discordavam no início – viram na emigração, senão a solução, mas, a mitigação do problema que enfrentavam. Os gastos que o estado tinha com os denominados pobres, já estavam insuportáveis para a economia local, diante da grande mão de obra ociosa era necessário criar empregos, pois o mercado não conseguia mais absorver a mão de obra excedente. Surge então no Novo Mundo, onde havia falta de mão de obra, a oportunidade de mitigar a situação de crise vivida. De Boni (1991, p. 62) afirma que: “A emigração em massa, agindo como ventilante as pressões sociais, resolveu a crise do seu modo”.



Neste contexto, a Itália encontra-se em uma situação oposta à do Brasil, este por sua vez, impulsionado pelas mudanças do sistema capitalista, apresenta-se com um déficit de mão de obra e com um vazio demográfico. Já na Itália, o sistema capitalista vivencia uma situação contrária, caracterizada por uma industrialização considerada atrasada para a Europa da época, e com o meio agrário fragmentado pela mesma, a Itália apresenta um crescimento demográfico elevado, que gera um grande contingente de mão de obra ociosa em busca de trabalho.

Neste cenário de fim de século e de abertura, para a Europa e para o mundo, de uma nova era, insere-se o fenômeno migratório que atingiu sobretudo as regiões que se industrializaram e, sucessivamente, as suas periferias [...] durante estes anos, alguns (ou muitos) países americanos e da Oceania deram início a um bombardeio publicitário na Europa, buscando atrair colonos para suas terras virgens e artesãos para suas cidades. (GROSSELLI, 2008, p. 41).

O centro capitalista europeu demandava cada vez mais das potências norte-americanas que emergiam a produção de matérias-primas para serem trabalhadas em sua indústria e para sanar as necessidades das populações expulsas do campo pelo processo de nacionalização do mesmo. Demandava-se também conforme Grosselli (2008) novos espaços para expansão da mão de obra excedente, esta por sua vez, constituiria mais tarde, um mercado de escape para a produção industrial europeia.

### 2.3 A GRANDE IMIGRAÇÃO

O contexto histórico das migrações no Brasil é amplo e complexo, marcado por uma série de importantes momentos históricos, que versam desde a chegada dos portugueses no início do então Brasil colônia, buscando a demarcação do território – a conquista militar – bem como a apropriação econômica para sustento econômico da metrópole portuguesa. Somando-se ao processo de imigração europeia, o tráfico de escravos africanos, tipo de migração forçada, introduziu no país milhões de indivíduos em um período de três séculos.

O fim da escravidão no Brasil em 1888 gerou falta de mão de obra. Este fato associado à necessidade de povoamento do grande vazio demográfico existente no país leva o governo a dar início ao processo de migração de mão de obra europeia e asiática. Movidos como já ressaltado anteriormente, pela falta de trabalho, ou seja,

de condições dignas de sobrevivência, grandes contingentes de pessoas deixaram a Europa devido às mudanças ocasionadas pelo capitalismo, e no caso particular desta pesquisa, a Itália, em busca de melhores condições de vida, dirigindo-se assim para as nações americanas, inclusive o Brasil. A este respeito De Boni (1998) relata que:

A grande imigração da Europa para as Américas, durante o século XIX e parte do século XX, nos quais mais de 40 milhões de indivíduos atravessaram o Atlântico, teve como plano de fundo o sistema capitalista que se impôs no Ocidente. O novo modelo de produção fez com que sobrasse mão de obra na Europa, enquanto na América ela continuava escassa. (DE BONI, 1998, p. 11).

O fenômeno da grande imigração de italianos se deu a partir da metade do século XIX, e é dentro deste contexto que o Brasil vai aparecer como ponto de atração destes indivíduos, ganhando um destaque de caráter internacional. Buscando sanar seus problemas de ordem trabalhista e de ocupação territorial, o Brasil vai divulgar campanhas publicitárias na Itália acerca de suas vantagens. O camponês italiano mediante a situação adversa que vivia vê no Brasil, como também em outros países da América, a oportunidade de mudar de vida, conseguindo condições dignas de sobrevivência.

Sendo assim,

O movimento migratório internacional em direção ao Brasil vai ter sua maior expressão a partir de 1870 e, sobretudo após a libertação dos escravos em 1888, quando vai se assistir a entrada em terras brasileiras de um grande fluxo de imigrantes vindos principalmente de Europa e de países asiáticos. (EMMI, 2008, p. 73).

A entrada desses imigrantes no Brasil insere-se de acordo com Emmi (2008) no contexto das grandes migrações internacionais do século XIX resultantes de transformações sócio-demográficas da população europeia. Essas transformações, que aliadas às mudanças decorrentes da expansão capitalista e às mudanças políticas ocorridas em muitos países europeus, trouxeram como resultado a produção de excedentes populacionais canalizados para as migrações transoceânicas (EMMI, 2008).

O fenômeno migratório ocorrido na segunda metade do século XIX atendia tanto aos interesses dos países de origem da migração, bem como os países de destino, entre os quais estava o Brasil. Os países de origem viam na migração, a solução para

seus problemas de desemprego e pobreza, já os países de destino, viam na migração a solução da escassez de mão de obra, e a oportunidade do branqueamento da população, enfatizada por fatores ideológicos. Expostos às diversas propostas e campanhas publicitárias, os imigrantes centravam seus interesses na oportunidade de trabalho e no acesso à terra, a busca por estes fatores influenciava na decisão de migrar.

Partindo do estudo desenvolvido por Emmi (2008) de acordo com Levy (1974), é possível notar por ordem de importância numérica, que as principais nacionalidades presentes no país de 1820 a 1871 eram, portuguesa, italiana, espanhola, alemã e japonesa. Entretanto, nas décadas seguintes, principalmente 1880 e 1890, a Itália toma a liderança do fluxo migratório em direção ao Brasil, dobrando sua participação neste movimento, chegando a 277.124 pessoas na década de 1880 e 690.365 pessoas na década de 1890. A nacionalidade italiana somava 57,61% do total de imigrantes desembarcados no Brasil até o término da década de 1890.

As justificativas para o significativo crescimento do número de imigrantes italianos no Brasil podem ter seus fundamentos no pensamento de Sayad (1998) e na teoria das redes migratórias, nas quais, as causas externas e internas presentes no duplo movimento emigração e imigração, movimentaram grande fluxo de indivíduos, e em sua maioria, estes indivíduos migraram em famílias ou em grupos ligados por laços de parentesco ou amizade. No caso do imigrante italiano, as motivações para saída de sua terra natal estão vinculadas “a crescente pressão sobre a terra e a população de correntes da expansão capitalista” (EMMI, 2008, p. 74), por outro lado, o Brasil oferecia subsídios à imigração, na busca de sanar a falta de mão de obra, de preencher seu vazio demográfico, e por princípio ideológico de realizar o branqueamento da população.

Em geral o imigrante não deixava sua terra natal sozinho. O processo migratório envolvia na maioria dos casos famílias, grupos de famílias e, muitas vezes partes significativas das comunidades, o grau de parentesco e a amizade por parte dos que migram podem ser considerados características deste movimento migratório realizado no final do século XIX e início do século XX. Os casos da migração individual eram menos frequentes, em muitos casos quando estes viajavam sozinhos, tinham patrícios ou parentes que os esperavam na terra de destino.

Castiglioni e Reginato colocam em evidência a predominância das famílias na composição dos fluxos migratórios: “Quattro quinti degli italiani che entrarono tra il 1880 e il 1900 erano gruppi familiari variamente composti, nei quali i capofamiglia e le rispettive mogli rappresentavano il 37% e i figli il 44%”. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 194).

A migração que segundo Emmi (2008, p. 79) pode ser vista como uma “expressão de liberdade de movimento”, também pode ser “fruto da escassez”, pois foi o novo arranjo industrial europeu e sua grande concentração de pessoas nas cidades, que gerou um grande contingente de população excedente. É esta população excedente que vai se transferir para outras terras em busca de melhores condições de vida, provocando assim, rompimentos com a vida anterior na terra natal, gerando profundas marcas tanto em suas próprias vidas como também, na terra de destino.

## 2.4 A IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO

A transferência de grandes contingentes de população, tanto para o Brasil quanto para o Espírito Santo, ocorreu ao longo da segunda metade do século XIX. No caso italiano, Derenzi (1974,) afirma que este fenômeno eclodiu a partir de 1860 e inseriu, segundo dados estatísticos apurados por Bassanezi (1998), cerca de um milhão e meio de indivíduos no Brasil. Este momento da história, marcado por esta grande mobilidade de pessoas foi denominado por Grande Imigração.

Antes de ser um imigrante, o indivíduo é emigrante, isto faz parte da dinâmica do migrar. A partir das diversas condições e possibilidades o indivíduo é levado a migrar ou não, e diante das diversas condições ocorridas no Brasil como também na Itália, diversos indivíduos e famílias se viram obrigados a deixar sua terra natal para viver em uma nova terra, nas nações americanas. Os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil eram os principais destinos almejados pelos migrantes, devido às diversas propagandas que estes empreendiam, mas principalmente devido ao anseio dos migrantes em melhorar suas condições de vida, já que a miséria grassava a nação italiana.

Frente à difícil realidade vivida na Itália, os colonos se colocavam diante da tomada de decisão a migrar, diante das condições precárias de vida, a migração era vista

como a única oportunidade de mudança. Com as diversas propagandas empreendidas pelas agências e agenciadores enviados à Europa, e de forma mais pontual à Itália, foram disseminados no território italiano as grandes qualidades da terra brasileira. Cheia de exageros, as propagandas na maior parte dos casos eram falsas, mas embutiam no coração do italiano emigrante sonhos verdadeiros, que giravam em torno de conseguir sua propriedade de terra, fazer fortuna, viver de forma mais digna. Com este pensamento, os italianos se remeteram ao novo mundo, com um único pensamento “Far La Mérica”, ou seja, fazer a América.

Tomada a decisão de migrar, as famílias vendiam as terras que poderiam ainda restar, juntavam suas bagagens de mão, seus poucos utensílios, tais como:

Tachos de cobre, panelas, louça de Macau, roupa de cama, máquinas de costura. As mulheres pelo menos um vestido domingueiro, de boa fazenda, lenços de cabeça, brincos, medalhões ricos, de ouro e esmalte, colares de coral, anéis de camafeus, peças hoje de colecionadores. Os homens também: muda completa de boa lã, paletó, coletes coloridos, relógios de algibeira e alguns de parede. (DERENZI, 1974, p. 49).

Pronta a bagagem, “dinheiro, quase nenhum, mas sempre umas poucas moedas de ouro”, como afirma Derenzi (1974, p. 49), colocavam-se à marchar em direção à estação ferroviária mais próxima, que os levaria ao porto, ou partiam direto ao porto a pé. Estes percursos eram feitos ao longo de dias, e até mesmo semanas. Em vários casos, vilas inteiras mobilizavam-se a migrar, isto reforçava os laços familiares e de amizade, e tornava a nova experiência menos traumática.

Chegando ao porto, e pode-se citar aqui, o porto de Genova – do qual a grande massa de indivíduos deixou sua pátria mãe e dirigiu-se ao Brasil – os problemas se agravavam. A espera pelo embarque era longa, podendo levar até semanas, a especulação sobre alimentação e hospedagem fazia com que muitos dos emigrantes, que possuíam apenas o dinheiro necessário para a viagem, se privassem do alimento e de um local para o pouso, tendo que ficar ao relento nas imediações do porto. Os furtos eram outro problema a ser enfrentado pelos emigrantes, bem como o sumiço das bagagens após o embarque.

Faé (1998, p. 211), relata que o embarque, ou seja, “a partida dos imigrantes da Itália era emotiva e tumultuada”. A demora no embarque devido à conferência de passaportes, de bagagens e das passagens, que segundo a mesma autora “eram

coletivas por famílias, de províncias”. (FAÉ 1998, p. 211). No navio, que poderia ser a vela ou a vapor, o primeiro utilizado somente no início do fenômeno migratório, os emigrantes eram acomodados em “dormitórios coletivos com quatro, seis, oito e até dez leitos” (FAÉ 1998, p. 211) estes eram apertados e se distribuíam ao longo do porão. Os sanitários eram poucos, os corredores e os espaços livres eram mal iluminados e exalavam um odor azedo.

Realizado o embarque, procedia-se a viagem, esta tinha uma duração de quatro semanas, tendo um bom andamento. Ao longo do trajeto pelo Atlântico, fazia-se apenas uma parada no Arquipélago de Cabo Verde na Ilha de São Vicente, com o intuito de reestabelecer o carvão, água e viveres, para assim, seguir pelo maior trecho da viagem. À medida que a viagem avançava as dificuldades cresciam a bordo, chegando a muitos casos ao racionamento de água potável e de alimentos, estes por sua vez, tinham uma péssima qualidade.

Derenzi (1974) caracteriza de forma bem singular, o momento das refeições realizadas a bordo pelos emigrantes, afirmando que:

Nos primeiros dias as refeições são toleráveis. Recipientes enormes, de cobre ou estanho, trazidos em vagonetas, em que a gordura sobrenada as iguarias. Cada comensal recebia um prato fundo de folha de flandres, colher e garfo, entrava em fila e era servido pelos despenseiros cujos aventais não incitavam o apetite. Repetir só no final, depois de todos servidos, se houvesse sobra. Ao invés de pão, uma bolacha quadrada, galeta, dura como pedra. Nem mesa nem cadeiras. Bancos corridos. Um caneco de vinho e um naco de queijo rematava a ágape. A medida que os dias se passavam a ração piorava. (DERENZI, 1974, p. 52).

A passagem pelo Atlântico era a parte mais longa e penosa da viagem, já acostumados com o balanço da embarcação, os maus causados por este já não eram problemas. O que poderia afetar a população agora seria o surgimento de surtos de doenças contagiosas, devido às precárias condições de higiene das embarcações. Tais surtos eram comuns, e muitas vezes dizimavam grande parte da tripulação, que tinha no oceano os seus túmulos.

Faé (1998, p. 211), narra um destes fatos reportado pelo jornal A Tribuna, Caderno Especial de 31/ 05/ 1975 que relata o “caso da família Battestin que teve a sorte de ter um dos filhos salvo de envenenamento infantil praticado no navio, durante a viagem da Itália ao Brasil, em 1892”, na qual, buscando-se evitar que casos de

crupe que atingiam algumas crianças se alastrassem entre adultos, fora distribuído um medicamento falso, que envenenou as crianças e não combateu a doença.

Além dos diversos percalços que flagelavam a tripulação ao longo da viagem, em muitos casos ainda, o terror abatia-se sobre os migrantes devido às tempestades enfrentadas em alto mar, pois a força dos ventos e das ondas poderia gerar um naufrágio, ceifando suas vidas, dando um fim inesperado aos seus projetos. Apesar dos diversos dissabores da viagem, entre os italianos reinava sempre um sentimento de fraternidade, já que viajavam sempre em famílias e em grupos de conhecidos. A travessia era alimentada por uma assídua vida de oração e por atividades lúdicas diversas, com destaque para as festas, jogos de baralho e atividades manuais.

Derenzi (1974) caracteriza de forma singular, estes momentos de interação vividos pelos italianos a bordo, relatando que:

As sanfonas, as cansonetas, o barulho e a ladainha também. Rezava-se muito a bordo. Missa aos domingos ao ar livre. As noites, quando limpas da ameaça de tormentas, prendiam todos pelo deslumbramento do céu com novas estrelas. A noitada se prolongava até as tantas porque os porões perdiam progressivamente a habitabilidade. As mulheres tricoteavam e teciam meias, os homens no baralho jogavam escopa, três, sete. E assim as quatro semanas de navegação se escoaram. (DERENZI, 1974, p. 52).

Para muitos a viagem era considerada horrível, já para outros era maravilhosa. Uma certeza era garantida, a chegada ao destino era saudada com alegria e admiração. Iniciava-se neste momento, uma nova vida numa terra desconhecida que se julgava ser o eldorado, o desejo de “Far la Mérica”, ou seja, “fazer a América”, se tornava mais vivo ao pisar em terras americanas. O contato com novos povos e culturas, porém, não apagou do agora imigrante italiano as lembranças e saudades da terra natal. O anseio “de fazer a América” marcará o processo de ocupação territorial que estes vão empreender, traduzindo na paisagem as características de sua cultura, fazendo com que na nova terra se afeiçoe no máximo à pátria mãe.

Vindo diretamente para o Rio de Janeiro, alguns navios atracavam em uma ilha denominada Ilha das Flores, onde, segundo Derenzi (1974) existia uma hospedaria que acolhia os imigrantes, esta denominada de Hospedaria da Imigração recebia imigrantes de diversas nacionalidades, inclusive os italianos. Diversos destinos também se encontravam ali. Se por ventura houvesse epidemias ao longo da viagem, os imigrantes desembarcavam e eram encaminhados de trem até a Barra

do Pirai, para passar pela quarentena. O embarque era feito na estação Central do Brasil, em vagões de carga e pranchas abertas, recebendo fumaça e fagulhas, sem água e sanitários, por muitas horas. O local destinado a passar a quarentena, era desprovido de infraestrutura adequada para receber estes contingentes humanos.

Após o desembarque ou o período de quarentena, onde muitos contraíram até mesmo a peste sendo levados a óbito deixando suas famílias totalmente desamparadas, chegara o momento da liberação. Este afirma Derenzi (1974), também era marcado pelo tumulto e desorganização. Bagagens trocadas, dispersão dos familiares, embarque de grupos em navios com destinos diferentes, geravam um clima de descontentamento. No caso de embarques com destinos trocados, famílias foram separadas, levando tempo para o reencontro, ou até mesmo a perda total dos laços familiares.

A partir da divulgação pela imprensa italiana do protocolo de legalização da imigração estrangeira no Brasil, e disseminada a propaganda ilusória que destacava de forma exagerada as vantagens brasileiras, os colonos, principalmente da região do Veneto e da Lombardia, as mais afetadas com as mazelas da falta de trabalho e terra, viram no Brasil a esperança de melhorar suas vidas.

A então província do Espírito Santo, buscando sanar seus problemas de vazio demográfico e retardo econômico vê na imigração a oportunidade de resolver seus problemas. Sendo assim, o governo provincial, começa a dirigir a migração estrangeira com o apoio do Governo Geral para as terras capixabas, que apresenta características particulares, centrando-se em núcleos de colônias criados pela ação do governo ou particular, como vai ser o caso da colônia do Rio Novo, que será analisada com mais detalhes na seção seguinte.

O Espírito Santo apresentava situação diferente de outros estados pioneiros na imigração, principalmente a italiana, como é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro, em que, o fluxo migratório era direcionado para as grandes lavouras de café, substituindo a mão de obra escrava pela livre. O Espírito Santo direcionou seu fluxo migratório para os núcleos coloniais, com o incentivo da pequena propriedade policultora, buscando além de resolver os problemas já citados, dinamizar a economia local, que se centrava na produção de café e açúcar.



O Ministro da Agricultura, Conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva envia à Europa, por meio dos representantes brasileiros em 1871 uma circular que afirmava: “os que se dirigissem ao Espírito Santo, poderiam escolher as colônias de Santa Leopoldina ou Rio Novo, com desembarque no Porto de Vitória.” (DERENZI 1974, p 46). A partir das propagandas e os subsídios do governo para realização do traslado e acomodação dos imigrantes, o Espírito Santo, recebeu sua primeira leva de Italianos sob a concessão dada a Pietro Tabacchi, através do Decreto Imperial 5.295 de 31 de maio de 1872. Por meio deste instrumento Tabacchi se comprometeu a introduzir no município de Santa Cruz, nas suas terras denominadas de Nova Trento, uma homenagem a sua localidade na terra Natal, setecentos imigrantes italianos, tirolezes ou alemães (Derenzi, 1974).

Tendo as autoridades políticas interesse pela vinda dos imigrantes para a província, Costa Pereira, então ministro da agricultura, determina a construção da Hospedaria da Imigração da Pedra D'água, em 15 de novembro de 1874. Construída a hospedaria o presidente da província Domingos Monteiro Peixoto, contrata então os hospedeiros e acompanhantes dos imigrantes para trabalharem. Sendo assim, pelo protagonismo de Tabacchi, no processo de imigração italiana no Espírito Santo, chega à província em 1874 o primeiro contingente de italianos, iniciando-se o fluxo migratório Itália/Espírito Santo. Este primeiro momento é relatado por Derenzi (1974, p. 50):

Em fins de janeiro de 1874, Tabacchi embarca com 386 pessoas, adultos e crianças, em Gênova, no navio francês Sofia, com destino a Vitória. Foi a primeira leva. Saltaram na Hospedaria da Imigração, na Pedra D'água, [...] e reembarcados no vaporzinho Presidente para Santa Cruz.

Caminhando em direção às terras ofertadas por Pietro Tabacchi em Nova Trento, localizada às margens do rio Piraquê, sérios desentendimentos ocorreram entre os colonos e o concessionário das terras. Revoltados, muitos se embrenharam pelas matas ocupando o núcleo do Conde D'Eu, cuja nomenclatura foi modificada mais tarde para Pau Gigante, depois para Lauro Muller, sendo atualmente Ibiraçu. A partir da continuidade do fluxo migratório, então já sem a influência de Tabacchi, novas localidades foram criadas, como: Pendanga, Acioli, Demétrio Ribeiro, Treviso, Cavalinho e Baunilha (DERENZI, 1974).

A experiência de Pietro Tabacchi, apesar de não ter sido bem sucedida, não impediu o prosseguimento da imigração para o Espírito Santo, em 12 de abril de 1875, partiu de Trento, via porto do Havre, na França, o vapor Rivadavia, com destino ao Rio de Janeiro. “Eram sessenta famílias, venetas e trentinas, cerca de 150 indivíduos, entre adultos, velhos e crianças.” (DERENZI, 1974, p. 59). Este grupo ainda segundo mesmo autor, chegou ao Rio de Janeiro em 9 de maio, encontrando o porto do Rio interditado devido à febre amarela, foi embarcado em um trem até a Barra do Piraí como de costume nestes casos. Alojados em barracões miseráveis, permaneceram por 8 dias neste local, até serem encaminhados ao Espírito Santo, chegando em solo capixaba no dia 31 de maio, alojaram-se na Hospedaria da Imigração na Pedra D’água, e dois dias depois partiram para Santa Leopoldina, neste trajeto foram acompanhados pelo brasileiro Juca Quintais. A viagem teve duração de dois dias.

Chegando em Santa Leopoldina, repousaram brevemente num barracão destinado a este fim, era corriqueiro a construção deste grandes barracões em pontos estratégicos das colônias, visando o alojamento do imigrante até sua localização permanente no território. Após descanso receberam ferramentas para o trabalho, mantimentos e um guia, embrenhando-se mata adentro, esta era densa e vencer os obstáculos seria um dos maiores desafios dos imigrantes. Derenzi (1974) relata a saga da chegada dos imigrantes:

[...] dormindo em ranchos improvisados, até alcançar a sede do núcleo Colonial do Timbuí, Santa Tereza, hoje, fração do grande território da Colônia Antônio Prado [...] Aí acamparam. Derrubaram uma quadra de mata e construíram as primeiras instalações: abrigo para outros imigrantes, escritório para administração, armazém [...] e suas próprias moradas, simples barracas. (DERENZI, 1974, p. 60).

Este processo de instalação vivido pelos primeiros imigrantes inseridos na província do Espírito Santo, também foi vivenciado pelos demais que aqui aportaram. As dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes italianos, bem como pelos que os precederam, foram as mais diversas possíveis, indo desde o abandono das autoridades locais, falta de vias para locomoção e escoamento da produção. O clima, as doenças tropicais e os desafios da floresta foram muitas vezes barreiras invencíveis para estes homens e mulheres, que não chegaram a ver seu sonho de melhores condições de vida se realizar.

Durante a última década do século XIX, um grande contingente de imigrantes italianos deu entrada no Espírito Santo, sendo reduzida a entrada dos mesmos a partir de 1895 devido ao Decreto Prinetti, que interditava a imigração para o Espírito Santo devido às péssimas condições de vida encontradas pelos mesmos aqui. Ainda em escala menor, o fenômeno migratório se seguiu até meados do século XX. Desde as primeiras viagens realizadas pelos navios Sofia 1874 e Rivadavia em 1875 trazendo os italianos para as terras capixabas, Derenzi (1974) relata que inúmeras outras embarcações realizaram vários desembarques entre os anos de 1875 a 1894 em Vitória e em Benevente, dentre eles: Mobely, Itália, Werneck, Oeste, Izabel, Berlino, Clementina, Adria, Colombo, Maria Pia, Regina Margherita, Solferino, Andréia Dória, Savona, Città di Genova, Roma, Baltimore, Savóia, Pulcevere, Las Palmas, La Valleja, Matteo Bruzzo (DERENZI, 1974).

Das embarcações citadas acima, a maior parte fez várias viagens, destas viagens muitas delas vieram direto para Benevente, algumas delas obrigadas, quando o porto de Vitória estava interditado por epidemias. Os passageiros destas viagens povoaram as terras de Benevente (atual Anchieta), Alfredo Chaves, Rio Novo e Castelo.

A ocupação do território do Espírito Santo pela corrente imigratória italiana, realizou-se sobre um itinerário cronológico e geográfico. Tendo sua origem nas colônias de fundação oficial, estas receberam imigrantes por meio da Diretoria de imigração e Povoamento. Sendo conduzidas pelas autoridades de acordo com o Serviço de Medição e Divisão de Terras, as famílias não tinham escolha do local de moradia, diferentemente do primeiro grupo organizado por Tabacchi, que localizou as famílias de imigrantes em suas próprias terras no município de Santa Cruz.

Os imigrantes desembarcavam em diversos pontos ao longo da costa do Espírito Santo como: Vitória, Anchieta (então Benevente), Barra de Itapemirim e São Mateus, nos quais, além da zona portuária havia acomodações adrede preparadas para o acolhimento dos mesmos (DERENZI, 1974). Os imigrantes formaram verdadeiros polos populacionais de norte a sul do Estado. Ao norte da capital Vitória, o mesmo autor destaca as povoações de: Ibiraçu (Conde D'Eu) e Santa Tereza, já ao sul, destacam-se: Rio Novo e Alfredo Chaves. Citando Santa Leocádia em São Mateus,

Derenzi (1974) relata que, mesmo recebendo duas turmas de imigrantes, esta última teve pouca importância econômica para a província.

A partir destes núcleos populacionais, foram criadas outras colônias que se formaram por meio das iniciativas exploradoras dos colonos. Dessa forma, Santa Tereza deu origem a: Figueira (Itarana), Boa Família (Itaguaçu) e Colatina, já Alfredo Chaves deu origem ao povoado de Araguaia, Matilde, Corolina, Deserto, Maravilha, Urânia etc. Dos diversos núcleos existentes, o que recebeu maior contingente de imigrantes italianos foi Rio Novo, responsável pelo povoamento de: Iconha, Guimar, Vargem Alta, as duas Virgínias, Castelinho, Venda Nova, Conceição de Castelo, Castelo-Floresta (Burarama), ou seja, as antigas áreas do vasto território de Cachoeiro de Itapemirim (DERENZI, 1974).

Com a chegada dos primeiros imigrantes italianos para povoar os núcleos oficiais, criados por uma política imigrantista que enfatizava a criação de núcleos coloniais, nos quais a imigração era subsidiada em todas as suas nuances pelo Governo Geral, a então província do Espírito Santo se viu privilegiada, ou seja, tendo “condições favoráveis à implantação destes projetos” (ROCHA, 1984, p. 66) como: vastas áreas de terras devolutas, e baixo contingente de grandes proprietários que poderiam se opor a venda de lotes a baixo preço aos imigrantes, estas condições, abriram portas para um grande fluxo migratório, principalmente italiano para a então província.

No entanto, como afirma Rocha (1984), a partir de 1880, quando a crise da mão de obra escrava se acentua, havendo o prenúncio de falta de mão de obra nos latifúndios, a política imigrantista muda, para atender também à necessidade dos latifundiários. A província do Espírito Santo neste período recebeu poucos imigrantes, tendo assim uma diminuição drástica da entrada de estrangeiros, inclusive italianos. Esta realidade vai mudar, a partir do momento, em que o Governo Provincial, que mais tarde o Governo do Estado, sem o apoio do Governo Geral, vai empreender esforços para aumentar o fluxo de imigrantes para o Estado, atendendo tanto aos núcleos, como também, os grandes latifúndios.

Segundo Castiglioni e Reginato:

La storia economica, sociale e demografica di Espírito Santo (e di conseguenza il processo di insediamento degli immigrati europei) presenta

interessante specificità, se confrontata con quella delle altre province del sud-est brasiliano, anch'esse economicamente incentrate sul caffè e nelle quali gli immigrati erano utilizzati principalmente per sostituire gli schiavi liberati dalla legge del 1888 [...] Espírito Santo era una grande distesa di terre libere e da colonizzare; la funzione principale dell'immigrazione in Espírito Santo era il popolamento del territorio e l'ampliamento delle aree agricole. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 191-192).

### **3 A IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ANCHIETA**

A presente seção tem por objetivos apresentar um panorama geográfico e destacar os aspectos históricos do povoamento do Município de Anchieta. Esta seção está subdividida em três subseções, a primeira trata das características geográficas da área de estudo, a segunda aborda as origens e evolução do espaço municipal e de seu povoamento. A terceira seção enfoca a Colônia de Rio Novo, apresentando-a de sua fundação até a sua emancipação, já que esta possuía boa parte de suas terras presentes no Município de Anchieta.

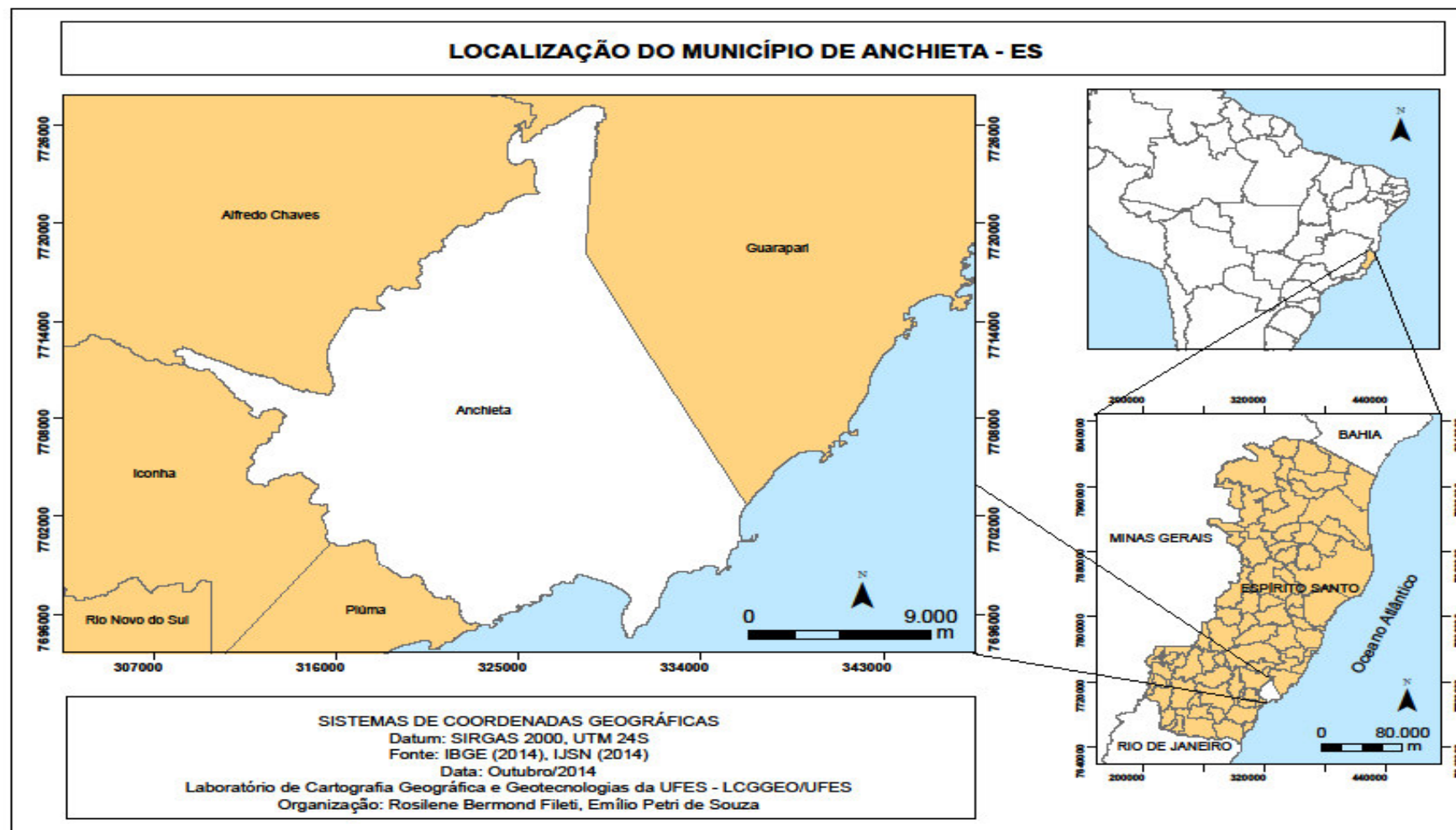
#### **3.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS**

O Município de Anchieta localiza-se na porção sul do litoral do estado do Espírito Santo, integrando-se na Microregião Litoral Sul, é detentor de uma unidade territorial de 409, 226 km<sup>2</sup>. Sua população é estimada pelo censo de 2010 em 23. 658 habitantes gerando uma densidade demográfica de 58, 41 hab./ km<sup>2</sup>, segundo dados do IBGE disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Anchieta. O município limita-se a sul e oeste com municípios que compõem a Microrregião Litoral Sul, são eles: Piúma e Iconha ao sul; Alfredo Chaves a oeste, já ao norte limita-se com Guarapari, e a leste com Oceano Atlântico (Mapa 1).

A formatação administrativa do município (Mapa 2) é composta por três distritos: Anchieta (Sede), Alto Pongal e Jabaquara, sendo que os dois últimos localizam-se no interior do município, já Anchieta (Sede), está localizada no litoral do mesmo, na foz do Rio Benevente. Tendo suas terras cortadas e banhadas pelo Rio Benevente,

o Município de Anchieta, juntamente com o município de Alfredo Chaves, e parte dos municípios de: Piúma, Iconha e Guarapari, compõem a Bacia do Rio Benevente.

Mapa 1 – Localização do Município de Anchieta – ES



Fonte: elaborado pelo autor em conjunto com Rosilene Bermond Fileti (2014).

Mapa 2 – Limites administrativos de Anchieta – ES



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2014).



O Rio Benevente nasce na Serra do Tamanco entre os municípios de Alfredo Chaves e Vargem Alta, percorre uma extensão de aproximadamente 34 km, e tem sua foz na cidade de Anchieta, desaguardo no Oceano Atlântico. Dentre seus afluentes mais importantes podemos citar os rios: Pongal, Joéba, São Joaquim, Maravilha e Crubixá, na margem direita, já na margem esquerda desaguardam os rios: Salinas, Grande Corindiba, Caco do Pote e Batatal. O bioma presente no município é o de Mata Atlântica.

A Bacia do Rio Benevente teve importante papel no processo de povoamento do Município de Anchieta, bem como no sul estado do Espírito Santo. Sendo porta de entrada dos primeiros colonizadores, estes utilizavam o Benevente e seus afluentes como vias de locomoção em meio a Mata Atlântica fechada, visto que os meios de locomoção por terra eram muito restritos e precários, resumindo-se em estreitas trilhas de péssima qualidade ou inexistiam.

### 3.2 ORIGEM E POVOAMENTO DE ANCHIETA

#### 3.2.1 Os Primórdios do Povoamento de Anchieta

Os primórdios da ocupação territorial do município de Anchieta remetem-se ao século XVI, tributando-se ao “Apóstolo do Brasil” o São José de Anchieta a colonização da região, colocando assim as primeiras pedras do povoamento, assentando um marco histórico do início de uma nova era para esta parte do Estado do Espírito Santo.

Sendo assim, Mattos (2009, p. 06), afirma que: “Tal como outras cidades brasileiras, iniciadas no século XVI, a cidade de Anchieta teve sua trajetória marcada pela navegação e colonização portuguesa, e pela propagação do Catolicismo”.

Buscando desenvolver a catequese, os padres jesuítas fundavam inúmeras aldeias de índios denominadas de reduções, tanto ao norte como ao sul de Vitória. Nestas aldeias os padres organizavam a vida social, política e econômica diária dos indígenas e lhes ensinavam o cristianismo. Na busca por reunir os índios, os padres adentravam a floresta, a fim de trazê-los para as aldeias.

Originando-se de uma aldeia de índios catequizados por padres jesuítas, Anchieta foi fundada com o nome de Reritiba, este, derivado da língua Tupi, que significa “lugar de muitas ostras”. (NEVES, 1995, p. 18). Segundo Neves (1995, p. 18) “os anos desta fundação são também incertos: Fala-se em 1565, 1567 e 1579, mas sempre no dia 15 de agosto desses anos”. O 15 de agosto é o dia de Nossa Senhora da Assunção, ícone mariano de devoção do São José de Anchieta, esta foi também escolhida como padroeira do lugar.

Em 1 de janeiro de 1759, a Aldeia de Reritiba é elevada à categoria de vila, passando a se chamar Benevente. Mais tarde com a lei provincial nº 6, de 12 de agosto de 1887, a vila de Benevente é elevada à cidade com a designação de Anchieta, em homenagem ao seu fundador, nome ratificado pela Lei Estadual 1307 de 30 de dezembro de 1921. Anchieta é uma das localidades mais antigas do Estado do Espírito Santo, como também do Brasil.

Mesmo tributando-se a São José de Anchieta a fundação da Aldeia de Reritiba, acredita-se como afirma Leite (1945), na existência de um aldeamento anterior ao estabelecimento de Padre Anchieta no local. De acordo com Mattos (2003), os locais para fundação das aldeias no período em questão não eram escolhidos aleatoriamente pelos colonizadores, mas eram fundadas em pontos estratégicos do território visando à defesa do mesmo. Sendo assim, eram escolhidas áreas em que os colonizadores encontravam “a existência de certa infra-estrutura, como: caminhos, água potável, recursos alimentares, saberes dos nativos e situação geográfica estratégica para possibilitar a defesa do território”. (MATTOS, 2003, p. 8).

A Aldeia de Reritiba foi erigida sobre a rampa de uma montanha e ao seu redor, como afirma Daemon (2010). Nesta formatação, o aldeamento de Reritiba, não segue a organização do modelo urbanístico jesuíta, que segundo Mattos (2003) centra-se em: uma grande praça ao centro, esta é cercada pelas choupanas, que por sua vez é aberta em uma das laterais, onde fica localizada a Igreja.

Por estar em um ponto vulnerável da costa sul da Capitania, sendo um porto natural, a Aldeia de Reritiba possui uma forma específica em seu arranjo territorial (Figura 1), ou seja, a Igreja, as Choupanas e a praça foram localizadas morro acima, sendo

ocupada posteriormente a área abaixo da Igreja, não se enquadrando assim, no típico modelo urbanístico jesuíta (MATTOS, 2003).

Figura 1 - Detalhe do Mapa da Aldeia de Reritiba



Fonte: Mattos (2003, p. 9).

Os indígenas do Tronco Tupi-Guarani e os colonizadores lusitanos formaram a base da sociedade anchietense. Mattos (2003, p. 9) afirma que a aldeia fundada por São José de Anchieta “aglutinou várias famílias indígenas, já acostumadas aquele território”, chegando por volta de 1584 a ter 6.000 índios aldeados, sendo considerada uma das mais importantes aldeias da Capitania do Espírito Santo, bem como do Brasil.

Elevada à Vila Nova de Benevente, a aldeia de Reritiba se desenvolveu por meio do comércio e da agricultura local. O processo de cultivo da cana de açúcar e da produção e exportação do mesmo, juntamente com o desenvolvimento das atividades portuárias que fortaleciam o comércio local, deram à vila um posto de destaque na Capitania. Apesar do vultoso progresso empreendido por Benevente, isto não impediu a diminuição do contingente populacional da vila, principalmente depois da expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759. Este fato contribuiu para que muitos indígenas abandonassem Benevente, o que também ocorreu em inúmeras

outras vilas ao longo da costa brasileira, ao saírem das vilas, os indígenas se dirigiam ao interior do país. Mesmo assim, nos primeiros trezentos anos da história anchietense, os índios foram a maioria na composição populacional do município (NEVES, 1995, p. 15).

Buscando melhor caracterizar os aspectos populacionais e socioeconômicos da Vila de Benevente, podem-se ressaltar os relatos de alguns viajantes estrangeiros, que passaram por estas terras no final do século XVIII e início do século XIX. Estes registraram em seus escritos aspectos referentes à população, como também, à vida cotidiana da vila.

O príncipe Maximiliano<sup>1</sup> relata que em 1815 a população de Benevente chegava a cerca de 800 habitantes e destes, dois terços eram indígenas (ROCHA, 1971). A quantidade de pequenos brigues<sup>2</sup> ancorados no porto revelava a importância deste porto para a capitania, porém, o príncipe afirma que o comércio local era restrito (ROCHA, 1971).

Figura 2 - Embarcações (Brigues) ancoradas no Porto de Benevente no século XIX



Fonte: Centro Cultural de Anchieta [19--?].

---

<sup>1</sup> Príncipe alemão, que chegou em 1816 ao Brasil, era naturalista e estudioso da flora e fauna, realizava excursões científicas para conhecer o Espírito Santo, vindo do Rio de Janeiro, viajava em montarias pela estradinha de terra que ficava perto das praias. (NEVES, 1995).

<sup>2</sup> Brigue é um tipo de embarcação à vela, com dois, por vezes três mastros. (NEVES, 1995).

Em 1818, Saint-Hilaire<sup>3</sup>, descreve a vila de Benevente com cem casas, “algumas sobradadas, tinham telhados e coberturas de palha” (ROCHA, 1971, p. 67). Saint-Hilaire relata sobre a boa fertilidade das terras de Benevente, afirmando que estas eram cobiçadas pelos luso-brasileiros, que produziam cana de açúcar e cereais (ROCHA, 1971). Na produção de cereais destacavam-se o cultivo do arroz, algodão, feijão e farinha de mandioca (NEVES, 1995).

Em 1860, a vila de Benevente recebeu a visita do Imperador Dom Pedro II, que estimou a população da vila em aproximadamente 1000 a 1200 habitantes. De aspecto abastado com relação à vila de Guarapari, Dom Pedro II afirma que o comercio de Benevente “era mais importante e a sua vida menos pacata” (ROCHA, 2008, p. 220). O suíço Jean-Jacques de Tschudi no mesmo ano, ao visitar a vila, tem a mesma impressão que o Imperador. Este destaca ainda o forte movimento portuário e a presença de um estaleiro na mesma, onde eram construídas fortes embarcações costeiras de madeira (ROCHA, 1971).

Os trabalhadores africanos também desempenharam papel importante na composição demográfica anchietense, deixando sua contribuição cultural. Como em todo o Brasil, o braço escravo foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura seja, na cultura da cana de açúcar e na do café. No Espírito Santo, bem como em Anchieta isso não foi diferente.

Localizadas no interior, às margens do Rio Benevente, as propriedades comercializavam sua produção por meio do rio e do porto, pelos quais exportavam seus produtos para Vitória e Rio de Janeiro. Nessa época Anchieta se destacou na exportação do açúcar e mais tarde na de café.

A fase mais importante do processo de povoamento e colonização do Município de Anchieta, como também do Estado do Espírito Santo, centra-se no programa imigratório, desenvolvido para sanar a necessidade de mão de obra existente tanto na Capitania, quanto no território nacional. Ocorrendo na segunda metade do século XIX, os programas criados tanto pelo governo nacional como local para estimular a

---

<sup>3</sup> O francês Augusto de Saint-Hilaire chegou ao Brasil em 1818, naturalista estudioso da flora e da fauna, realizava excursões científicas para conhecer o Espírito Santo, vindo do Rio de Janeiro, viajando em montarias, pela estradinha de terra que ficava perto das praias. (NEVES, 1995).

imigração europeia, movimentaram grandes contingentes de pessoas para o Brasil, tão quanto ao Espírito Santo.

Anchieta, então Vila de Benevente, foi porta de entrada destes imigrantes, que se destinaram a colonizar as áreas de vazio demográfico da Capitania. Na busca por novas alternativas em terras americanas, o programa imigratório atraiu um grande contingente de agricultores europeus.

O Espírito Santo, por meio, do programa de imigração, recebeu imigrantes de diversas nacionalidades, italianos, alemães, tirolese, austríacos, portugueses, poloneses, espanhóis, são-marinenses e outros (REGINATO; CASTIGLIONI, 2004). Anchieta recebeu grande parcela de italianos, provenientes das diversas regiões da Itália, com destaque a Região do Trentino Alto-Ádige, localizada no norte da Itália. A descendência numerosa dos imigrantes promoveu gradativamente o povoamento dos extensos espaços vazios e a expansão do café em direção ao norte e ao oeste do Estado (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009). Em Anchieta isto não foi diferente, a chegada do imigrante impactou e modificou as bases econômicas, sociais e demográficas locais.

### **3.2.2 Registros Histórico-demográficos Brasileiros**

As estatísticas demográficas referentes ao tamanho e à distribuição da população brasileira para os períodos iniciais da história do país são extremamente escassas. Prado Junior (2004, p. 35) afirma que, “não havia coleta regular e sistemática de dados”, e os levantamentos eram feitos com apenas dois fins específicos e restritos, ou seja, os eclesiásticos e os militares.

Os párocos organizavam listas paroquiais que se destinavam a recensear os fiéis sujeitos a desobriga pascal, e que serviam também para a divisão e formação de paróquias. A outra fonte de dados que possuímos é dos coletados para fins do recrutamento militar. (PRADO JUNIOR, 2004, p. 35).

Ambas as fontes de dados destacadas por Prado Junior (2004), são segundo o autor, dotadas de um grande defeito: possuem finalidade restrita e interessam-se apenas por determinadas categorias da população. A limitação do dado requer do pesquisador um maior grau de atenção na sua utilização, antes desta deve ser realizado um estudo detalhado do mesmo.



O ano de 1872 marca o início do período censitário, com a realização do primeiro recenseamento geral do Brasil. Os censos que marcam a fase inicial deste período são os censos de 1872, 1990, 1900, 1920, estes produziram estatísticas gerais sobre o tamanho, distribuição e composição da população. A partir do censo de 1940, os censos são realizados em intervalos decenais, são inseridas informações referentes às componentes da dinâmica demográfica, e as questões possuem maior riqueza de detalhes.

### 3.2.3 Os Primeiros Censos: estatísticas históricas do Espírito Santo e de Anchieta

Os dados estatísticos existentes antes da realização do censo de 1872 não cobriam toda a população, e na maioria das vezes excluía ou subestimavam parcelas significativas da população, como é o caso de não católicos, índios não batizados e escravos.

Os dados populacionais do Estado do Espírito Santo relativos a este período colonial são apresentados no livro: “De San Marino ao Espírito Santo, Fotografia de Uma Emigração”, em Castiglioni (2004). São apresentados a seguir na tabela 1.

Tabela 1 - Levantamentos da população realizados no Espírito Santo, antes do censo de 1872

Ano	População	Fonte
1749	2.480 comungantes, restringindo-se ao segmento dos católicos.	Estimativa citada por Southey, na obra <i>History of Brazil</i> , e por Warden, em <i>Histoire de l'Empire du Brésil</i> <sup>4</sup>
1774/75	7.773 almas e 1.434 fogos.	Documento anexo ao Offício do Governador Manuel da Cunha Menezes (Almeida, Inventário II, 287/290) <sup>5</sup> .
1789	22.493 habitantes.	Estimativa apresentada pelo Capitão-Mor e Governador da Capitania, Inácio João Monjardim
1812	24.000 almas, sendo 11.900 livres e 12.100 escravos.	Milliet de Saint Adolphe e Caetano Lopes de Moura
1824	35.353 almas, sendo 22.166 livres (62,7%) e 13.187 escravos (37,3%).	Ignacio Accioli de Vasconcellos “Memória estatística da Província do Espírito Santo escrita no anno de 1828” <sup>6</sup>
1827	35.879 almas, incluindo índios	Ignacio Accioli de Vasconcellos

<sup>4</sup> MONTENEGRO (1967). A estimativa é citada por Southey, na obra *History of Brazil*, e por Warden, em *Histoire de l'Empire du Brésil*.

<sup>5</sup> Documento anexo ao Offício do Governador Manuel da Cunha Menezes para Martinho de Melo e Castro (ALMEIDA, Inventário II, 287/290). OLIVEIRA (1975, p. 208-209).

<sup>6</sup> Transcrição do documento original realizada pelo Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, 1978.

	(aldeiados) e escravos, e 5.683 fogos.	"Memória estatística da Província do Espírito Santo escrita no anno de 1828" <sup>7</sup>
1834	40.000 habitantes.	Milliet de Saint Adolphe e Caetano Lopes de Moura <sup>8</sup>
1856	49.082 habitantes, sendo 36.813 indivíduos livres e 12.269 escravos. Foram indicados 7.674 fogos.	Relatório do Barão do Itapemirim, primeiro Vice-Presidente da Província do Espírito Santo <sup>9</sup>
1862	60.702 habitantes.	Relatório feito pelo Presidente José Fernandes da Costa Pereira Júnior <sup>10</sup>
1871	70.585 habitantes, 51.825 livres e 18.760 escravos.	Relatório apresentado à Assembléia Provincial pelo Presidente Francisco Ferreira Correia <sup>11</sup>

Fonte: Castiglioni (2004, p. 168-169).

No ano de 1872 a população da Província foi estimada em 82.137 habitantes, sendo: 41.466 homens e 40. 671 mulheres, distribuídos em 13 municípios, dentre os quais, Anchieta (Benevente) aparece em 5º lugar, como município mais populoso da Província, congregando 5.300 habitantes (Tabela 2) que representavam 6,45% da população total.

Por ocasião do censo de 1872, observa-se ainda que a maior parte da população anchietense da época era composta por pretos e pardos, juntos estes formam 72,5% da população, seguidos dos brancos com 25,5% e dos caboclos que possuem o menor percentual populacional com 2,0%. O elevado contingente de pretos e pardos se dá pela forte presença de negros livres e escravos, e pela presença indígena que reside neste local desde sua origem.

Tabela 2 - População de Anchieta (Benevente) em 1872, segundo a cor.

BRANCOS		PARDOS		PRETOS		CABOCLOS	
HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
548	803	737	734	1.296	1.075	76	31
1.351		1.471		2.371		107	
TOTAL							
POPULAÇÃO TOTAL		5.300					

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do Censo de 1872 (IBGE, [2010]).

<sup>7</sup> Transcrição do documento original realizada pelo Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, 1978.

<sup>8</sup> MONTENEGRO (1967).

<sup>9</sup> OLIVEIRA (1975).

<sup>10</sup> MONTENEGRO (1967)

<sup>11</sup> OLIVEIRA (1975).



A década de 1880 foi marcada por grandes mudanças de aspecto político socioeconômico, a decretação da Lei Áurea e a Proclamação da República, fatos que suscitaram transformações na sociedade brasileira, que se refletiram nos dados coletados na elaboração do segundo censo demográfico realizado em 1890.

De acordo, com os resultados apurados do censo de 1890, a população do Espírito Santo com relação à população apresentada pelo censo de 1872, sofreu um aumento, passando de 82.137 para 135.997 indivíduos, apresentando assim neste período, um acréscimo de 30,6% no número de habitantes. Este aumento é um reflexo das mudanças políticas e sociais vividas na época, principalmente da política imigrantista, que proporcionou a criação de núcleos coloniais no interior da província, inserindo grande número de estrangeiros europeus, principalmente italianos agricultores com o objetivo de ocupar o vazio demográfico existente nas terras capixabas.

Em 1890, o Espírito Santo apresenta uma mudança de nível territorial, contando então com 14 municípios, um a mais que no período em que foi realizado o censo de 1872. O município de Cachoeiro de Santa Leopoldina foi desmembrado de Victoria. Anchieta (Benevente) segue as tendências da província, e apresenta um significativo aumento populacional, contabilizado em 1890 uma população de 14.638 habitantes, 10,8% do total de habitantes da Província, um acréscimo de 63,8%, ou seja, 9.338 pessoas a mais que no censo de 1872. Anchieta (Benevente) fica nas estimativas, somente atrás de Cachoeiro do Itapemirim que apresenta 27,7% da população, seguido de Victoria com 12,4% do percentual da população capixaba.

Os dados do censo de 1890 mostram que a maior parte da população neste período, era formada por homens, 52,1%, enquanto as mulheres representavam 47,9% do total. O maior contingente masculino justifica-se pelo elevado número de homens que migravam sós nos fluxos migratórios europeus chegados durante a segunda metade do século XIX. Os municípios com maiores índices de crescimento são os locais de estabelecimento dos fluxos que se dirigiam para as regiões rurais. Deve-se destacar a importância do município de Anchieta (Benevente) como porta de entrada de imigrantes na segunda metade do século XIX.

O aumento populacional apresentado por Anchieta (Benevente) ocorreu em consequência da imigração estrangeira. Anchieta (Benevente) foi porta de entrada de inúmeros estrangeiros, principalmente italianos que se dispuseram a colonizar o interior da Capitania. Neste processo de colonização, inúmeras famílias italianas como também de outras nacionalidades (não tão relevantes) ocuparam o interior do atual município de Anchieta.

Em 1900, o Estado do Espírito Santo apresentou por ocasião do Censo, 209.783 habitantes, sendo 109.228 homens e 100.555 mulheres. Com relação ao número de municípios, há também um acréscimo, passando de 14 municípios em 1890, para 29 municípios em 1900. A região centro desta pesquisa, que comportava Benevente em 1890, foi desmembrada em três novas unidades administrativas: Alfredo Chaves, Anchieta e Piúma. Com esta divisão, o município de Anchieta tem sua população reduzida a 4.896 habitantes, uma redução de 9.742 habitantes, em comparação com os dados do censo de 1890, ou seja, 66,6% da população do município ficaram alocados nos novos municípios criados a partir do território de Benevente: Alfredo Chaves e Piúma, ou migraram para outras áreas dentro do Estado, bem como dentro país. Segundo Grosselli (2008), inúmeras famílias deixaram o Espírito Santo em direção a Região Sul do Brasil. Na região formada por estes três municípios vivia uma população de 19.817 habitantes (Tabela 3), ou seja, 9,5% do total do Estado.

Tabela 3 - População dos Municípios situados na área ocupada por Benevente em 1890 por sexo – Espírito Santo - 1900

MUNICÍPIO	HOMENS	% DE HOMENS POR MUNICÍPIO	MULHERES	% DE MULHERES POR MUNICÍPIO	TOTAL	% da População do Estado
ALFREDO CHAVES	4446	53,03	3938	46,97	8384	4,00
ANCHIETA	2453	50,10	2443	49,90	4896	2,33
PIÚMA	3342	51,12	3195	48,88	6537	3,12
ESPÍRITO SANTO	109.228	52,07	100.555	47,93	209.783	100

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do IBGE – Censo de 1900 (IBGE, [2010]).

O censo realizado em 1920 revela que o Estado do Espírito Santo possuía uma população de 457.328 habitantes, destes 234.933 homens e 222.395 mulheres. O número de municípios também aumenta, compondo assim um Estado com 31

unidades administrativas. A região que formava o então Benevente não se fragmentou mais, sendo constituída ainda por três municípios. Em Anchieta nesta ocasião viviam 9.611 habitantes, 4.814 homens e 4.797 mulheres, estes dados representam um aumento populacional do município de 49,1%, em comparação com os dados do censo de 1900. Anchieta detinha 2,1% da população do Estado em 1920.

O tópico a seguir, aborda a Colônia de Rio Novo, que por possuir terras inseridas no território de Anchieta (Benevente) teve um papel fundamental no povoamento do município na segunda metade do século XIX, causando assim, mudanças tanto de ordem demográfica, quanto de ordem social.

### 3.3 A COLÔNIA DE RIO NOVO

As principais transformações demográficas ocorridas na estrutura populacional do município de Anchieta são decorrentes do fenômeno da Grande Imigração, ocorrido como visto, no final do século XIX e início do século XX. Na segunda metade do século XIX, o atual território do Município de Anchieta juntamente com os de Alfredo Chaves, Iconha e Piúma, formavam a unidade administrativa denominada de Benevente, este tinha sua sede na Vila de Benevente atual cidade de Anchieta.

A partir da segunda metade do século XIX, por apresentar uma vasta área de terras férteis devolutas, ou seja, sem ocupação, o território pertencente à Benevente foi incluído na demarcação das terras que compunham a Colônia de Rio Novo. Buscando ocupar este vazio demográfico, o governo demarca estas terras e as destina à imigração, os imigrantes italianos vão ser os percussores da ocupação e colonização deste território (MATTOS, 2009).

O Espírito Santo teve um processo de colonização desenvolvido a partir de um fluxo migratório destinado a povoar o grande vazio demográfico existente nestas terras, diferentemente de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde, a imigração teve o objetivo de gerar mão de obra para lavoura cafeeira. O Espírito Santo assemelha-se aos estados sulinos, onde a colonização também se deu como forma de colonizar áreas desabitadas. No entanto, o nascimento da Colônia de Rio Novo apresentará uma característica peculiar em relação às demais colônias do estado, ou seja, Rio

Novo não nasceu especificamente para atender às exigências de povoamento da Província, mas principalmente, para fornecer braços aos latifúndios (GROSSELLI, 2008).

A pesar de ter surgido com esta finalidade, os primeiros anos de existência da colônia caracterizam-se em relação a toda a vida do estabelecimento como uma fase de pouca importância, sendo assim, não se pode deixar de reconhecer que Rio Novo foi uma colônia que contribuiu com o povoamento e ocupação das terras capixabas.

Fundada em 1854 pelo português Major Caetano Dias da Silva (MUNIZ, 2009), a Colônia de Rio Novo surge no Rio de Janeiro como a Associação Colonial Agrícola de Rio Novo, detendo um capital de 500: 000\$000, que representava 2.500 ações, a Associação pertencia a um só homem, ou seja, o Major Caetano Dias da Silva, tendo em seus parentes próximos os outros componentes (GROSSELLI, 2008). Empresário agrícola ex-trafficante de escravos do Espírito Santo, foi um dos primeiros homens a perceber que o período da escravidão estava se esvaindo, e que era preciso buscar em outros continentes, como exemplo a Europa, a mão de obra necessária à agricultura brasileira.

Nascendo de uma solicitação do governo brasileiro, que com a Lei 601 de 18 de setembro de 1850, “estabelecera uma nova normativa referente à colonização” (GROSSELLI, 2008, p. 235), o novo estabelecimento colonial “contava com 20 léguas de terras situadas nos municípios de Itapemirim e Benevente” (MUNIZ, 2009, p. 50); tendo sua base jurídica estabelecida pelo Decreto Imperial 1.566 de 24 de fevereiro de 1855. Situada no sul do Espírito Santo, na margem esquerda do Rio Novo, a colônia surgiu nas redondezas da fazenda de cana de açúcar denominada Limão. A fazenda do Limão pertencia à Associação Colonial (GROSSELLI, 2008).

O primeiro diretor da colônia segundo GROSSELLI (2008) foi o próprio fundador da Associação Colonial Agrícola de Rio Novo. Os chineses foram os primeiros colonos a serem inseridos na colônia por volta de 1856, cedidos pelo governo do Rio de Janeiro, já, os primeiros europeus que provavelmente chegaram à colônia foram os suíços em 1856, cerca de noventa indivíduos, que estavam organizados em doze

grupos familiares. “Os colonos poderiam receber lotes de 50.000 braças quadradas, 242.000 metros quadrados”. (GROSSELLI, 2008, p. 236).

O empreendimento colonial criado por Dias da Silva, em pouco tempo de fundação irá enfrentar diversos problemas, de acordo com GROSSELLI (2008, p. 236) “a colônia já nascera padecendo de problemas de todos os tipos”. Os diversos empecilhos vividos pelo estabelecimento trarão reflexos no seu desenvolvimento, que por diversas vezes se apresentará lento ou estático. Os principais problemas enfrentados por Rio Novo foram: a formação do território, pois, a terra em que se estabelecera não pertencia somente ao Estado, grande parte dela, era reivindicada por índios que ainda no século XVII haviam obtido do governo uma concessão de sesmaria (ROCHA, 1984); falta de pessoal especializado para exercer os diversos serviços necessários à colônia; o contrato que haviam firmado centrava-se numa espécie de enfiteuse <sup>12</sup>perpétua, ou seja, gozavam do domínio da terra, porém, não eram seus donos; a falta de meios de comunicação entre a nova colônia e o mar, bem como, a outros centros habitados, também era um problema a ser enfrentado, juntamente com a péssima qualidade das terras distribuídas aos imigrantes (GROSSELLI, 2008).

Abordando a condição e a situação dos lotes que eram doados aos imigrantes, Busatto (1987) relata que a colônia compreendia uma área de 40.000 ha, com 713 lotes, dos quais 713 eram ocupados, sendo que:

Os lotes distribuídos aos colonos encontravam-se, em sua maioria, dentro da floresta. Os terrenos eram pequenos e muitos foram demarcados em terras pedregosas, portanto inadequadas ao plantio. Muitas famílias que receberam estes lotes foram transferidas para outros, onde havia maiores possibilidades de produzir-se alguma coisa. Outros lotes apresentavam outros problemas, estando ligados a terrenos que eram verdadeiros pântanos, devido às águas estagnadas do rio Novo. (GROSSELLI, 2008, p. 236).

As adversidades locais, em pouco tempo atingiram a saúde dos colonos. As dificuldades de adaptação assolam os imigrantes, principalmente os europeus. O posicionamento dos terrenos quase em nível do mar, situando-se acerca de 30 e 50

---

<sup>12</sup> A enfiteuse deriva diretamente do arrendamento por prazo longo ou perpétuo de terras públicas a particulares, mediante a obrigação, por parte do adquirente (enfiteuta), de manter em bom estado o imóvel e efetuar o pagamento de uma pensão ou foro anual (*vectigal*), certo e invariável, em numerário ou espécie, ao senhorio direto (proprietário). Este, através de um ato jurídico, *inter vivos* ou de última vontade, atribui ao enfiteuta, em caráter perpétuo, o domínio útil e o pleno gozo do bem.

cm do nível do mesmo, juntamente com os terrenos das zonas adjacentes que se constituíram em seguida no 1º território, onde a altitude variava de 30 a 200 metros acima do nível do mar, geravam em termos de zona tropical, um clima pouco propício aos colonos europeus. “A floresta e o pântano tornavam o clima quase pestilencial, e Rio Novo teria esta reputação durante toda a sua existência [...] A metade dos 176 que haviam dado entrada na colônia morreram”. (GROSSELLI, 2008, p. 137).

Analisando o contexto apresentado por Renzo M. Grosselli percebe-se as dificuldades enfrentadas pela Colônia de Rio Novo para perpassar os primeiros anos de fundação. As adversidades não abandonaram o núcleo ao longo de sua história, apesar da introdução de algumas melhorias obtidas pelo esforço de alguns diretores e dos colonos, Rio Novo vai sempre caminhar a passos lentos.

Durante o curto período de 1854 a 1861, durante o qual constituiu um empreendimento particular, a Colônia de Rio Novo foi constantemente contemplada com os favores dos cofres públicos, como empréstimos, execução de obras e outros, os quais não foram suficientes para impedir o seu fracasso, sendo encampada pelo Governo Imperial em 1861 (MUNIZ, 2009). Isso se deu, “em virtude da falta de capitais e da precipitação com que entre nós se fizeram os ensaios de colonização”. (ROCHA, 1984, p. 70).

De 1854 a 1862, chegaram à colônia 855 colonos de diversas nacionalidades (MUNIZ, 2009). A tabela 4 apresenta uma estatística, que leva em consideração a entrada de indivíduos no núcleo até 1862. Pode-se observar por meio desta, que Rio Novo não apresenta ainda a presença de imigrantes italianos, estes darão entrada no território somente em 1875.

Tabela 4 – Colonos estabelecidos na Colônia de Rio Novo, de 1854 a 1862

Nacionalidade	Nº. de Indivíduos
Brasileiros	191
Portugueses	216
Inglese	6
Africanos	61
Asiáticos	65

Franceses	28
Alemães	24
Belgas	114
Suíços	93
Espanhóis	2
Holandeses	54
Luxemburgueses	1
<b>Total</b>	<b>855</b>

Fonte: Grosselli (2008, p. 238).

A diversidade de nacionalidades que coabitavam Rio Novo é considerada por GROSSELLI (2008), como um dos motivos do atraso de seu desenvolvimento. As diversas nacionalidades constituíam dentro da colônia minúsculas comunidades fechadas, estas se isolavam devido às dificuldades de comunicação que a língua provocava, formando assim, pequenos grupos que mal se relacionavam. Se isto é um fator negativo, a diversidade de nacionalidades revelava um ponto positivo que era a garantia de ordem pública, já que os indivíduos das diversas nacionalidades não se relacionavam.

Na verdade o baixo desenvolvimento da colônia centra-se nas situações já mencionadas acima, como: alocação dos colonos em terras isoladas, com clima de difícil adaptação; falta de condições de vida que proporcionasse rápido e fácil processo de adaptação e aculturação; muitos dos colonos não conseguiram saldar sua dívida com a associação, tornando-se assim meeiros. Estas peculiaridades tornaram a colônia privada numa Babel, com colonos efetivamente donos de suas terras, como também, outros submetidos a contratos diversos.

Grosselli (2008), afirma em seus estudos que a Colônia de Rio Novo adquirida pelo Estado resumia-se em um emaranhado de problemas que expulsavam grande número de colonos, dos quais não conseguiam mais sustentar suas famílias com o fruto de sua propriedade.

O núcleo colonial que o Estado comprara era um concentrado de problemas. Se, por um lado, havia um certo número de colonos que soubera superar as inúmeras dificuldades que se opunham ao seu estabelecimento naquele lugar, por outro muitos ainda viviam em condições sub-humanas. (GROSSELLI, 2008, p. 242).

A precariedade da situação conduzia os colonos a desistirem de permanecer no núcleo, e a partirem para outras áreas em busca de trabalho assalariado que mantivesse o sustento da família, viver na colônia já se tornara um martírio que sufocava o sonho de prosperidade infundido no consciente do migrante com a migração.

Em 1863, o diretor comunicava às autoridades que, diariamente, compareciam à direção grupos de colonos pedindo permissão para deixar a colônia e procurar trabalho assalariado. Não podiam manter suas famílias com os frutos de seus lotes. Estavam passando fome. (GROSSELLI, 2008, p. 242).

Após vários anos sem prosperidade, foi nomeado em 25 de setembro de 1871 como diretor da colônia Joaquim Adolpho Pinto Pacca, homem que ligaria indissolavelmente seu nome aos acontecimentos da colônia (BUSATTO, 1987). O governo neste período, visando emancipar a colônia, nomeou em 1871 uma comissão com a missão de realizar tal feito, confiada a Manoel Barata Gós, cujo vice era Pinto Pacca, que com o decorrer do tempo acumulou para si as funções de diretor colonial, como também a condução da comissão que devia conduzi-la à emancipação.

Joaquim Adolpho Pinto Pacca foi certamente um homem interessante e capaz. Esteve na direção de Rio Novo até a sua emancipação. Depois de algum tempo, trabalhou na Colônia Castello, que havia criada para dar vazão à imigração espontânea que se dirigia ao Espírito Santo, mesmo após a suspensão das colônias mais antigas e da própria lei sobre as colônias. Durante anos participou das estruturas criadas pelo governo do Rio de Janeiro para cuidar das questões relativas à imigração e à colonização. Na segunda metade dos anos '80, foi Inspector Especial do Ministério da Agricultura no setor de terras e colonização. Homem profundamente probo e generoso no trabalho viveu quase uma década obtendo sucessos e insucessos com aquele estabelecimento colonial. Via-o como seu, e procurou conferir-lhe um desenvolvimento inteligente. Para isso, lutou contra tudo e contra todos. (GROSSELLI, 2008, p. 246-247).

Mesmo com muito prestígio e capacidade administrativa, Pinto Pacca não deixou de sofrer com os condicionamentos do poder, excessiva falta de recursos, com a desorganização do sistema de serviço migratório e de colonização, bem como, com o esquecimento pessoal por parte de alguns indivíduos influentes da época. Elogiado por muitos, também foi criticado junto às autoridades coloniais da época. Diante das diversas circunstâncias Pinto Pacca não esmoreceu e, ao contrário, via no prosperar de sua colônia uma realização pessoal dedicando-se assim plenamente a ela (GROSSELLI, 2008, p. 247).



São apresentados a seguir dados relativos à população da colônia desde sua origem até 1874, momento que antecede a entrada dos italianos em Rio Novo (Tabela 5). É pertinente observar, que até o presente não foram encontrados dados que permitam reconstruir as entradas anuais de imigrantes, bem como suas saídas. Os dados indicativos sobre população utilizados por GROSSELLI (2008) em sua pesquisa são apresentados na tabela a seguir. É pertinente registrar também segundo o autor, que alguns dos dados apresentados abaixo não devem ser considerados uma fotografia da população colonial no final dos anos, mas sim, em datas precedentes.

Tabela 5 – População da Colônia de Rio Novo, 1857-1854

Ano	População
1857	201
1858	500
1859	?
1860	565
1861	428
1862	378
1863	433
1864	559
1865	595
1866	615
1867	709
1868	?
1869	752
1870	859
1871	958
1872	1.126
1873	1.178
1874	1.283

Fonte: Grosselli (2008, p. 249)<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Os dados da tabela foram extraídos de: G. Rocha, op. Cit. Referente aos anos 1857/ 58/ 61/ 63; de L. O. Costa referente aos anos 1860/ 62/ 64/ 65; de Relatórios dos Presidentes da Província para os anos 1866/ 67/ 69 e 1872/ 73; do Relatório do Ministro da Agricultura J. F. da Costa Pereira de 02/ 05/ 1875, cit. para o ano de 1870; do relatório do Conselho T. J. Pinto Sequeira, cit. para o ano de 1871

A partir destes dados, Grosselli (2008) afirma que a Colônia de Rio Novo apresentava um desenvolvimento numérico da população totalmente insatisfatório. Este resultado justifica-se devido às escassas entradas de imigrantes, bem como às fugas daqueles que já estavam na colônia. O elevado número de mortes que ocorreram ao longo de alguns anos, também contribuiu, para que o núcleo apresentasse esta evolução populacional insatisfatória. Grosselli (2008) afirma ainda, que é bem provável que nos anos 60, as informações pejorativas a respeito de Rio Novo já tivessem chegado aos ouvidos dos imigrantes europeus, o mesmo relata ainda que, a colônia não teria se apresentado como polo de atração para nacionalidade alguma. Joaquim A. Pinto Pacca relata ainda que: “houve um período de 15 anos em que as remessas de imigrantes à colônia foram suspensas: de 1860 a 1875” (GROSSELLI, 2008, p. 249-250), porém o mesmo autor acredita que esta informação não deve ser compreendida literalmente, mas sim, apresentar uma ideia da dificuldade de desenvolvimento do núcleo.

Joaquim Adolpho Pinto Pacca por meio de sua direção tornou mais dignas as condições de vida da colônia promovendo até mesmo o crescimento de sua economia. Sendo bom engenheiro, Pinto Pacca concentra-se a princípio em mitigar a maior mazela do núcleo: a falta de meios de comunicação. A maior parte das colônias no Brasil no período do Império e da República nasceu em áreas isoladas distantes dos centros urbanos, e tinha grande dificuldade de se comunicar com outras colônias e cidades, isso dificultava também o escoamento da produção agrícola já que a maior parte destas colônias era formada por agricultores, sendo assim, de base agrícola. Rio Novo não era exceção.

Em visita a Rio Novo e demais colônias, o então conselheiro Pinto Serqueira comunga da ideia de emancipar a colônia, pois segundo o mesmo, esta se apresenta pronta para ser emancipada, porém, segundo ele o momento não é oportuno, já que Rio Novo “pode e deve servir de base a um vasto estabelecimento colonial naquelas zonas”. (GROSSELLI, 2008, p.255).

O conselho de Serqueira fora aceito pelas autoridades da época. No período em questão, estava-se tratando o envio ao Brasil de 100.000 emigrantes europeus, e

---

(confirmado em O Espírito Santo-Santense de 30/ 05/ 1872) e em um mapa da colônia encontrado em APEES: GDG, Segunda Série (383L), livro 63, documento sem data: de Mappa estatístico da Colônia de Rio Novo, anexo ao Relatório do Ministro da Agricultura J. F. da Costa Pereira Junior, cit.

Rio Novo seria um dos destinos para este fluxo de imigrantes. Pode-se perceber que as mudanças causadas por Pinto Pacca reacenderam as atividades da colônia, de acordo com GROSSELLI (2008, p. 256) “de um estabelecimento doentio, pleno de problemas, transformar-se-ia em uma colônia com um futuro radiante”. Porém, o mesmo autor levanta uma série de questionamentos pertinentes, buscando refletir sobre as ações de Pinto Pacca. Será que a realização de algumas obras de infraestrutura teria erradicado o contingente de mazelas que assolavam a colônia? É evidente que não.

Por volta do mês de abril de 1874, o governo central decide enviar os primeiros colonos a Rio Novo, por meio do contrato firmado com Caetano Pinto. As autoridades solicitam então ao diretor, “a construção de um barracão para 100 famílias e a demarcação de 200 lotes de 302.500 m<sup>2</sup>” (GROSSELLI, 2008, p.256-257), nestes deveria se preparar uma área livre de vegetação, uma casa provisória e trilhas laterais ao mesmo, buscando observar assim, o Decreto 3.784 de 19 de janeiro de 1867 (BRASIL, 1867).

Em escrito enviado ao presidente da província, Pinto Pacca pede permissão para contratação de pessoal com a função de receber os imigrantes nos portos de Benevente e Itapemirim, buscando assim evitar tumultos já vivenciados em outros momentos. A permissão para colocar suas ideias em prática fora concedida a Pinto Pacca pelo governo.

Em setembro de 1874, a direção da colônia é informada sobre a chegada de 100 famílias de imigrantes. Trabalhava-se constantemente preparando a colônia para a chegada dos novos imigrantes. Em correspondência enviada à presidência Pinto Pacca refere-se a estas obras, que são executadas no II Território, áreas em que atualmente está localizada boa parte do território do município de Anchieta.

De acordo com Busatto (1987), o I e o III território localizavam-se ao sul da margem do Rio Novo, com seu centro colonial distante 2Km do porto de embarque de seus produtos, já, o II, IV e V localizavam-se nas margens do Rio Benevente.

Pinto Pacca descreve os trabalhos empreendidos, da seguinte forma:

Em abril do corrente ano, foram realizadas no II Território trabalhos de desmatamento, construção de um barracão e casas provisórias para o

estabelecimento de imigrantes; por maior que possa ter sido a solicitude desta Direção ao enfrentar estes trabalhos, encontram-se prontas apenas 44 zonas desmatadas, um barracão com espaço para 20 famílias e cinco casas provisórias, para não mencionar a limpeza de todos os antigos estragos que era necessário remediar, do grande desmatamento para o centro colonial e outros trabalhos acessórios que contribuíram para tornar mais sensível a falta de trabalhadores para estes serviços. (GROSSELLI, 2008, p. 258).

Os novos colonos seriam encaminhados aos demais territórios da colônia, ou seja, o II Território e III Território, o último recém-criado com a justificativa que as terras do II Território não eram de boa qualidade. Em 1875, já haviam sido demarcados 86 novos lotes na colônia, 60 dos quais no II Território e 26 no III Terceiro território. Os trentinos, porém, seriam instalados em sua maioria, em áreas distantes e pouco adequadas à agricultura. O II Território é descrito pelo Diretor no mesmo relatório que este qualificou a colônia como próspera, no início de 1875, como visto anteriormente. Assim o II Território contava com:

um edifício bem acabado para a recepção de emigrantes, tendo o pavimento no andar térreo 8,80m de largura por 22 metros de profundidade e o primeiro andar 4,40m de largura pela mesma profundidade. O novo barracão, bem construído, serviria por ao menos trinta anos. (GROSSELLI, 2008, p. 261).

Pinto Pacca afirma ainda, que em 1866 fora construído no II Território um primeiro barracão, do qual restavam apenas as ruínas. Por que fora construído? E por que não se haviam instalados imigrantes nestas terras? São perguntas levantadas por Grosselli (2008, p. 261). Pode-se presumir que as difíceis condições de instalação no local, devido às características naturais, bem como a falta de meios de comunicação contribuíram com essa realidade.

Buscando maior organização na recepção dos imigrantes nos portos, bem como, visando o cumprimento da lei sobre as colônias de 1867, foram nomeados sete agentes de colonização em sete diferentes portos. Estes tinham como objetivo receber os imigrantes, organizando o desembarque e direcionando-os aos locais de estabilização.

Dentre os sete agentes, um foi localizado em Vitória, o qual recebia os colonos que iriam para Leopoldina, outro em Benevente e outro em Itapemirim que acolheriam os imigrantes destinados à Colônia de Rio Novo. Mais tarde os imigrantes destinados a Rio Novo, poderiam adentrar na colônia por meio do porto de Piúma.

Os imigrantes que desembarcavam em Benevente eram destinados aos II, IV e V Territórios, os dois últimos criados em 1875. Já os imigrantes desembarcados em Itapemirim destinavam-se aos I e o III Territórios. O trajeto do porto às terras da colônia era marcado por percursos fluviais em canoas ou pranchas, seguidos por percursos mais ou menos longos realizados a pé até chegar à área de destino (GROSSELLI, 2008, p. 276).

O primeiro semestre de 1875 inicia-se tranquilamente, como relata GROSSELLI (2008), havia falta de barracões para receber os imigrantes, porém, algumas casas particulares estavam sendo alugadas para alocação dos mesmos. Em março deste mesmo ano haviam 89 lotes demarcados e disponíveis para acomodação das famílias de imigrantes, porém, a partir deste mês os problemas se iniciariam e perdurariam por algum tempo (GROSSELLI, 2008).

A varíola surge em Itapemirim e nas regiões vizinhas, atingindo a colônia. Excessivas chuvas elevaram o nível dos rios São Vicente, São Caetano, Santo Antônio e Rio Novo, destruindo estradas e pontes sendo caracterizado por GROSSELLI (2008) como um “Cataclismo” que se abatia sobre a colônia, avariando assim, seus mecanismos de funcionamento por muito tempo.

No mês de junho chega ao Ministério a notícia que diversos grupos de imigrantes chegariam ao Espírito Santo. A presidência cobra dos diretores eficiência nos preparativos para a acolhida dos mesmos, entretanto, seria apenas uma hipocrisia, já que a mão de obra era insuficiente.

No dia 16 de de junho de 1875, a Presidência envia um telegrama à Pinto Pacca, advertindo-o da chegada do vapor Cervantes, com 500 imigrantes no dia 17 deste mês no porto de Piúma, da mesma forma, em Benevente chegaria um vapor com 100 famílias de imigrantes, todos com destino à Colônia de Rio Novo (GROSSELLI, 2008). Porém estas informações não eram precisas, e os fatos na realidade ocorreram da seguinte forma: “A 18 de junho, chegaram de fato em Benevente 562 imigrantes trentinos. Cento e seis desembarcaram; os outros desembarcaram no dia seguinte”. (GROSSELLI, 2008, p. 277).

Os imigrantes chegam a Benevente em meio a uma grande epidemia de Varíola e outras febres, os imigrantes debilitados fisicamente devido à longa viagem, estavam

predispostos a contraírem a doença. A falta de médico na colônia era um problema já pertinente na mesma, o único médico da colônia estava no I Território, o qual já contava com 11 vítimas de varíola e febres. No dia 22 de junho, chega o Dr. Azambuja, o médico provisório que foi encaminhado ao II Território, para onde grande parte dos trentinos havia sido encaminhada (GROSSELLI, 2008).

Dois dias depois da chegada dos imigrantes, ou seja, no dia 20 de junho já se fala em colonos estabelecidos no II Território, contudo, o desembarque não fora tão tranquilo, havendo segundo GROSSELLI (2008) registros de uma rebelião no porto de Benevente por parte dos trentinos, a causa: a falta de organização por parte dos funcionários do governo no desembarque; a falta de médico diante da situação propícia de se contrair enfermidades mediante as fortes epidemias e a utilização de má fé por parte do governo, ao enganar os colonos, que crentes que estavam indo para Leopoldina foram aportados em Benevente, e alocados na Colônia de Rio Novo.

A epidemia se alastrava com tanta veemência na região, que com apenas quatro dias de chegada, os imigrantes já estavam contraindo a doença, o que levou a Presidência a encaminhar um médico ao porto, procurando prestar socorro às pessoas enfermas e conter a doença, como afirma GROSSELLI (2008, p. 278-279) “a 25 de junho a Presidência ordenou também ao médico da colônia que fosse ao porto, onde evidentemente grupos de doentes eram mantidos” (Figura 3).

Figura 3 - Casarão de Quarentena, Anchieta, ES



Fonte: CENTRO CULTURAL, [18--?].

Por volta da metade do mês de julho de 1875, o Núcleo Colonial São José do Tirol com sede localizada no II Território, é atacado veemente pelas epidemias, que não diminuía, a ponto de fazer com que o juiz de Benevente escreva ao diretor solicitando que o médico da colônia, locado no I Território se dirigisse ao II Território, já que o doutor Azambuja tinha sido solicitado na capital, este por sua vez, é chamado novamente, retorna e é dispensado no dia 23 de outubro de mesmo ano (GROSSELLI, 2008).

É notório como a colônia sofre com a carência de assistência médica, a consequência disto foi a ocorrência de diversas mortes, bem como o grande número de pessoas enfermas. Nos casos em que o chefe de família contraia a doença, o

processo de alocação no lote atrasava-se, já que este era responsável pela construção da casa e dos direcionamentos na lavoura.

A colônia havia se tornado uma instituição enlouquecida, formada por quatro grandes territórios distantes um do outro, isso dificultava a ação dos poucos médicos no atendimento da população, que por precariedade econômica dependiam do atendimento dos médicos nomeados pelo governo.

A situação se apresentava como grave, os imigrantes não paravam de chegar, e as dificuldades aumentavam cada vez mais. Diante da precária situação o Ministério nomeia um ajudante de direção para Pinto Pacca, este se estabilizou no II e IV Territórios, focos da maioria dos problemas. Seu nome era Claudio do Couto Souza Lima. Cada vez mais a colônia estava tornando-se uma instituição “anômala” (GROSSELLI, 2008).

Os colonos não sofriam somente por conta das epidemias que eram frequentes. A miséria também se abatia sobre os mesmos. Eram instalados num território inóspito, distante de tudo e com meios de comunicação precários ou inexistentes com outras áreas, a infertilidade do solo gerava baixos índices de produção, como também deviam pagar os altíssimos preços cobrados pelo único comercio instalado no local a “Casa Borges” (GROSSELLI, 2008). Esta foi obrigada pelo ajudante da diretoria o Claudio do Couto Souza Lima a abaixar seus preços. Estas condições levaram muitos a pedir transferência para outras áreas, como Leopoldina e até mesmo o Paraná, ou a tomarem medidas mais bruscas como a fuga. O conjunto de adversidades que assolou os colonos é relatado a seguir:

Assim que chegaram, foram instalados em uma colônia diversa da que haviam escolhido, em um território virgem e isolado do resto da colônia, haviam sido vítimas de algumas doenças e viram-se praticamente sem assistência médica e sem remédios. Além disto, aquelas terras não eram boas, segundo a própria direção, e os preços aos quais podiam adquirir os viveres eram altíssimos. Acrescenta-se a isto o perene hábito das autoridades de pagar com atraso o seu salário. (GROSSELLI, 2008, p. 284).

Em cartas, destinadas a parentes e amigos, os colonos representavam bem esta realidade vivida, pediam orações aos seus compatriotas, bem como mostravam seu alto nível de religiosidade, citando por diversas vezes o nome da Santa Virgem e de santos de devoção. A oração e a unidade das famílias geravam a coragem para vencer as adversidades, viviam de forma plenamente comunitária buscando agir de



forma cooperada, sendo vistos pela presidência da época como pessoas de bem, cuidavam de seus serviços com interesse e revelavam um carinho especial por suas famílias.

Apesar dos percalços vividos pelos colonos chegados ao II e IV Territórios, dos quais muitos partiram para outras regiões do Espírito Santo ou para outros estados, é pertinente registrar aqui que muitas famílias de imigrantes recém-chegadas escreveram aos seus conterrâneos na terra natal, contando do êxito que foi a viagem.

A má fama ostentada pelos II e IV Territórios da colônia de Rio Novo já se espalhava não só pelo Espírito Santo como também pelos estados vizinhos. Muitos que deixaram a colônia se dirigiram ao Rio de Janeiro e a partir dali se dirigiram para outras regiões. Na tentativa de acabar com este parecer depredador das colônias capixabas, evitando-se que o caso se tornasse de domínio público, o Ministério convoca o trentino Pietro Casagrande, e lhe confere “amplos poderes como comissário especial” (GROSSELLI, 2008, p. 289), para atuar no II Território junto aos trentinos, tentando transmitir-lhes confiança e convencendo-os a permanecer no local. O poder público da época acreditava que Pinto Pacca havia perdido a confiança dos colonos, e se estes negociassem com um homem de sua própria nacionalidade os resultados poderiam ser melhores.

Pinto Pacca não fica satisfeito com a chegada de Pietro Casagrande, culpa um pequeno grupo de trentinos pelos levantes acontecidos. As medidas tomadas por Casagrande, também não funcionam. “Doze famílias já haviam abandonado o território e outras 25 afirmavam recusar-se a receber ordens de um homem que no Trentino fora condenado como falsário” (GROSSELLI, 2008, p. 292). Pinto Pacca em defesa da colônia, afirma que os que partiram não eram agricultores. O Diretor afirma ainda que as terras do II Território eram adequadas ao plantio do café, da mandioca e do arroz.

Após a saída de inúmeros colonos do II Território, permaneciam ali quinze famílias que também ameaçavam ir embora após receberem seus salários atrasados. No VI Território surgem alguns indícios de levantes, porém bem menos que no II Território. Buscando alocar algumas destas famílias insatisfeitas, cria-se o V Território da

colônia, este com “134 lotes situados entre o Rio Quatinga e a estrada que ligava a ex-colônia de Santa Izabel a Guarapari” além da demarcação de mais “50 lotes no III Território.” (GROSSELLI, 2008, p. 292).

Pinto Pacca é alvejado por diversas críticas a sua direção, a grande maioria de cunho político. O Governo, porém, não o depõe de seu cargo, nem mesmo diante de seu próprio pedido, pois, sabia que Pinto Pacca era um homem competente e honesto. Mais tarde no curso da história ele admitiria, que: “as terras do II Território eram péssimas e que os trentinos haviam sido colocados em plena floresta e forçados a deixar o dinheiro que o Estado lhes pagava em uma mercearia que praticava preços altíssimos”. (GROSSELLI, 2008, p. 295).

Terminado o difícil ano de 1875, a Colônia de Rio Novo havia perpassado por diversos percalços que não iriam cessar nos anos seguintes. GROSSELLI (2008), com base em um documento não datado, possivelmente do início de 1876, traz uma visão geral da colônia neste período, afirmando que: nos 5 Territórios haviam sido marcados 713 lotes, dos quais 426 estavam ocupados; a área cultivada chegava a 2.680 hectares e a população da colônia era de 2.062 habitantes, divididos nas seguintes nacionalidades: 338 portugueses; 290 trentinos; 148 alemães; 57 belgas; 57 franceses; 20 holandeses; 4 italianos; 1 espanhol; 11 de diferentes nacionalidades e 1.136 brasileiros, destes a grande maioria eram filhos de colonos nascidos no Brasil. Afirma ainda, que “em um único ano, haviam dado entrada na colônia muito mais colonos do que haviam entrado em 18 anos”. GROSSELLI (2008, p. 297).

No início de 1876, chega à colônia um inspetor, Luís Betim Pais Leme, com a função de inspecionar a colônia, este deveria observar segundo Grosselli (2008), a contabilidade da mesma; supervisionar as ruas e os edifícios públicos, descobrir os motivos da retirada dos trentinos e eventualmente demitir funcionários públicos, deveria também, identificar os colonos que tinham condições de sobreviver sem trabalhar para o Estado após os seis meses estabelecidos por lei. Deveria também estabelecer se o Núcleo São José do Tirol devia ser separado da colônia de Rio Novo, constituindo assim uma nova colônia, já que as distancias entre os territórios que compunham a primeira eram extremamente grandes.

A chegada de imigrantes não cessava, como também, as transferências de um território a outro, como para outras regiões do país. Os levantes, também continuavam, agora os trentinos do IV Território juntamente com alguns franceses reivindicam as melhorias ou o direto estabelecidos em seus contratos.

A direção da colônia, porém, os caracteriza como pessoas de má fé, de poucos escrúpulos que buscam tirar proveito do governo. A direção critica ainda a política inserida pelo governo, que dava subsídios aos imigrantes, fazendo com que estes se tornassem preguiçosos, buscando facilidades para sobreviverem. Daí tanto quererem se transferir de um território a outro, como também, de uma colônia a outra. É o revela o lamento de Pinto Pacca enviado à presidência em 20 de março de 1876:

Così vivevano stipati in una capanna di paglia di proprietà Del Governo, senza aver abbattuto un solo tronco e abbandonando i loro <<prazos>>; e come único lavoro avevano quello di recarsi Allá Direzione La domenica per riscuotere 10 mila reis. A parte uma quinditina di famiglie, Il loro lavoro agricolo consisteva nel coltivare mezza dozzina di cespi di lattuga e altrettante piante di <<beijos de frade>>, Il cui fiore appezzano molto. (BUSATTO 1987, p.150-151).

Busatto (1987, p. 151) relata ainda que: “La ragine più profonda, comunque, presentata da Pinto Pacca nella sua relazione, si riferisce allo stesso sistema coloniale adottato nella regione. Egli minimizza l’insuccesso dela rinuncia dei coloni e la cattiva impressione causata da questo fato”. É pertinente neste ponto, levar em consideração todos os percalços já vividos pelos imigrantes nesta jornada, bem como, aqueles que ainda viveriam, no final, a própria direção da colônia irá reconhecer que as condições proporcionadas aos colonos não eram propícias ao seu desenvolvimento.

No final do ano de 1876 em 13 de novembro, chega à colônia por meio do porto de Piúma 763 imigrantes vindos no vapor Clementina (GROSSELLI, 2008). Alguns destes, em número reduzido seguiram para Santa Catarina, os demais que desembarcaram foram instalados na colônia: 29 famílias se instalaram no II Território, 49 no IV e 89 no V Território, marcando definitivamente a criação deste novo território da colônia que já se apresentava extenso demais.

O segundo território, mesmo sendo foco de inúmeros problemas no ano anterior, tendo ocasionado diversas evasões por suas terras serem consideradas ruins, ainda

continua a receber imigrantes. Ao final de 1876, a população da colônia é estimada em 2.528 habitantes, “segundo o Presidente M. J. Menezes Prado haviam chegado à colônia durante o ano cerca de 700 imigrantes.” (GROSSELLI, 2008).

O ano de 1887 inicia-se com a chegada de 832 imigrantes italianos a Benevente, a bordo do vapor Ester em 25 de janeiro. Muitos dos que estavam a bordo não desembarcaram alegando que dirigiam-se para Santa Catarina, e foram encaminhados pela direção da colônia ao Rio de Janeiro no vapor Alice, foram 154 imigrantes. Os que permaneceram foram divididos entre os portos de Benevente e Itapemirim e ocuparam o III e V Territórios. Entretanto, o número de imigrantes que permaneceu de fato na colônia vindos no Ester, foram 117. Os demais foram levados no Werneck ao Rio Grande do Sul.

Em 23 de março chega à Benevente o vapor Colombia, segundo Grosselli (2008), a bordo deste navio estavam 328 imigrantes que se dirigiam a Rio Novo. Ao longo desta viagem 16 pessoas haviam falecido. Porém, estranhamente apenas 130 pessoas desembarcaram, o fato chama a atenção da Presidência, destes imigrantes desembarcados 120 permaneceram na colônia.

Os problemas com a alocação dos imigrantes na colônia tornara-se um fato comum, diante disto e de outros problemas já citados anteriormente as transferências também eram comum na colônia. Mas Pinto Pacca não desistia. No final de 1887, a colônia registrava 2.867 habitantes, 116 nascimentos e 79 mortes. As entradas de imigrantes por meio dos navios Ester e Colombia totalizaram 252 pessoas, além de 15 imigrantes que chegaram aos poucos. Apenas 6 imigrantes não eram italianos, mas sim, suíços. Entretanto, os números indicam que as entradas foram além de 50 unidades, ou seja, constituíam-se em 302 indivíduos (GROSSELLI, 2008).

No ano de 1878 entram na colônia 1.031 pessoas, destes, 40 eram italianos vindos no vapor Isabella, e 816 no vapor Clementina, além destes, 16 italianos chegaram a colônia no dia 10 de junho, e outros 114 brasileiros vindos do Ceará. Outros 131 cearenses pediram entrada na colônia, o Diretor queria permissão para aceitá-los garantindo a eles os direitos previstos pela lei de 1867, porém, a resposta do governo tardava em chegar. Ao término deste ano a população da colônia era de

4.063 habitantes, segundo o Relatório do Ministério da Agricultura (GROSSELLI, 2008).

A segurança na colônia também era precária, por diversas vezes na busca por conter os levantes dos imigrantes, revoltados pelas péssimas condições as quais foram submetidos, o governo enviava soldados a Itapemirim, Benevente e Rio Novo. A precariedade da segurança se revelava até para solucionar pequenos delitos, “[...] a colônia não dispunha de força policial suficiente e a punição deste ato de barbárie resumia-se à suspensão de trabalhos públicos”. (GROSSELLI, 2008, p. 458).

Formar comunidades em meio à mata selvagem, com pessoas vivendo em situações adversas a sua realidade de costume, tendo que se readaptar a um local inóspito, onde tudo é difícil, em que até os meios básicos de subsistência se tornam escassos ou inexistentes, não é uma tarefa fácil como afirma Grosselli (2008, p. 458) “não era fácil transformar em uma comunidade um conjunto de indivíduos que viviam em condições difíceis e em um ambiente estranho”.

Com o término do ano de 1879, o Ministério registrava a entrada na colônia de 151 italianos e alguns suíços vindos diretamente do Rio de Janeiro. Entre janeiro e junho deste ano entram na colônia também 81 brasileiros dos quais dois eram filhos do colono suíço. Para 1879 estima-se uma entrada de cerca de 250 unidades. Dos 129 imigrantes cuja chegada havia sido anunciada em dezembro deste ano, não há informações referentes aos mesmos, acredita-se que estes chegaram mais tarde, já em 1880 e foram instalados no Núcleo Colonial Castello, que seria aberto neste ano. A população da colônia de Rio Novo neste período não deveria passar de 4.000 habitantes, sendo esta a cifra comunicada pelo Ministério, a qual difere da de Pinto Pacca, que afirma haver em Rio Novo 5.000 habitantes, ou seja, uma avaliação exagerada por sua parte (GROSSELLI, 2008).

No início do ano de 1880 não há acontecimentos de grande destaque, apenas a demissão do professor do I Território, o ajudante e contador da colônia, e é nomeado novamente um médico para atender a população (GROSSELLI, 2008). Em março do corrente ano, há um momento que marcará a história da colônia de Rio Novo, sua emancipação.

Por meio do Decreto 7.683 de 6 de março de 1880, a colônia de Rio Novo não está mais sobre a direção do Estado. “Emancipação significava abandono das colônias por parte do Estado” (GROSSELLI, 2008, p. 462), a partir de então, a colônia juntamente com seus colonos deveriam caminhar sem os subsídios prestados pelo Governo.

Buscando acolher os imigrantes que ainda chegariam ao Brasil, sem o conhecimento que a lei sobre colônias de 1867 havia sido abolida, cria-se um novo núcleo colonial, próximo à ex-colônia de Rio Novo, o Núcleo Colonial Castello. Este se situava nas terras do rio Benevente, “na fronteira norte da Colônia de Rio Novo (partindo das terras do II e IV Territórios)” (GROSSELLI, 2008, p. 459), seu diretor também era J. A. Pinto Pacca e seus funcionários também provinham do Rio Novo.

Em fevereiro de 1880, o novo núcleo recebe seu primeiro lote de imigrantes, “colonos provenientes das províncias de Udine, Belluno e Treviso.” (GROSSELLI, 2008, p. 460). Em 1881 o núcleo contava com 1.079 habitantes, dos quais 976 eram italianos, sua estrutura física centrava-se numa superfície de 8.895 hectares com 418 lotes, em que, 263 destes estavam ocupados. Já haviam sido plantados 150.000 pés de café. Com um pouco mais de um ano de sua criação, foi emancipada pelo Decreto 8.122 de 28 de maio de 1881.

A emancipação em 1880 poderia representar o fim da história da colônia de Rio Novo, porém pode-se considerar como afirma Grosselli (2008, p. 460), que a “Colônia Castello era praticamente como o VI Território da Colônia Rio Novo”, sendo assim, pode-se encerrar a história desta última em 1881, ano da emancipação da Colônia Castello. “La colônia imperiale do Rio Novo venne emancipata il 7 marzo 1880 e la sua storia, soprattutto per quanto riguarda l’immigrazione italiana, non é stata sufficientemente studiata.” (BUSATTO, 1987, p. 152). A seguir, na seção 5, segue o desenvolvimento da população da Colônia Rio Novo em décadas finais do século XIX por meio de um conjunto de informações referentes a um considerável grupo de imigrantes italianos destinados a mesma.

## **4 O BANCO DE DADOS**

Com a finalidade de apresentar o Banco de Dados referente ao fluxo migratório aportado em Anchieta, esta seção centra-se na descrição das fontes pesquisadas, nos problemas de definição e apresentação dos dados encontrados, bem como, na análise das informações auferidas que permitiram a caracterização do fluxo migratório destinado a Colônia de Rio Novo, e assim, a caracterização dos migrantes que se instalaram nas terras onde atualmente localiza-se o Município de Anchieta. Por fim, a seção completa-se com o Banco de Dados que reúne um grande acervo de informações referentes aos imigrantes e suas famílias, este se configura como sendo a maior contribuição desta pesquisa para o estudo da imigração italiana em Anchieta, como também para o Espírito Santo.

Buscando facilitar a leitura e a compreensão das informações, a seção foi subdividida em três subseções: Descrição da pesquisa, que contém as fontes e os problemas de definição; Características dos migrantes, que apresenta a caracterização do fluxo migratório aportado em Anchieta; e o Banco de Dados – 1875 a 1897. Devido ao volume de informações o Banco de Dados compõe o Anexo I deste trabalho.

### **4.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

#### **4.1.1 As Fontes**

A reconstrução do fluxo migratório dirigido para o Município de Anchieta faz parte deste projeto de pesquisa, que tem como finalidade analisar as características dos imigrantes que aportaram nesta terra para assim, identificar as contribuições socioeconômicas deixadas pela imigração italiana que se perpetuaram ao longo do tempo impactando ainda hoje a vida de seus descendentes e de toda a comunidade.

A primeira etapa necessária deste estudo é o conhecimento das características do fluxo migratório, a estas por sua vez, “se chega somente através de um longo percurso de análises de todas as fontes descobertas.” (CASTIGLIONI, 1997, p. 16). As fontes aqui utilizadas são brasileiras, cumulam-se em pesquisas pioneiras e de grande aporte intelectual, que consistem em importantes fontes de pesquisa acerca

do tema no Estado do Espírito Santo, individualizando mais especificamente o andamento da imigração italiana neste território.

Os dados utilizados foram extraídos das publicações de Maria Stélla Novaes, publicada no ano de 1980, consistindo em um dos primeiros trabalhos desta ordem, e na publicação do trentino Renzo Maria Grosselli, publicado em 2008, este consiste em um dos trabalhos mais completos acerca da imigração trentina no Espírito Santo.

Os dados coletados nas listas de imigrantes presentes nestas pesquisas, e cabe aqui destacar, que somente foram extraídos os dados referentes aos componentes do fluxo migratório dirigido à Colônia de Rio Novo, foram confrontados e complementados, bem como, acrescidos de informações presentes em outras fontes, como: Imigração Italiana no Espírito Santo: O Banco de Dados, publicado em 1997 por Aurélia Hermínia Castiglioni e Mauro Reginato, esta consiste numa importante obra para o estudo da imigração italiana no Espírito Santo, pois, reúne informações de 28.908 indivíduos; Registro naval e de matrículas dos colonos na Colônia de Rio Novo e no Projeto Imigrantes no Espírito Santo presente no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

As publicações de Novaes (1980) e Grosselli (2008) listam as famílias de imigrantes de italianos que aportaram no Espírito Santo no período da Grande Imigração. Novaes (1980) lista os imigrantes de acordo com o local de destino, apresentando apenas o sobrenome da família, assim, as listas aqui consultadas foram dos municípios que formavam a Colônia de Rio Novo, são eles: Alfredo Chaves, Anchieta, Iconha, Itapemirim, Piúma e Rio Novo do Sul.

Já Grosselli (2008), apresenta em seu trabalho as listas dos componentes da expedição Tabacchi e dos emigrantes trentinos que se estabeleceram nas Colônias de Rio Novo e Santa Leopoldina, desta obra foram extraídas as informações apenas da lista referente à Colônia de Rio Novo. As listas de Grosselli (2008) apresentam apenas o nome do chefe de família e na maioria dos casos a aldeia e a cidade de origem, segundo o autor, a lista referente à Colônia de Rio Novo pode ser considerada completa.

Os registros de matrículas de colonos que se estabeleceram em Rio Novo, constituem-se em uma rica fonte de informação, pois estes eram preenchidos de



modo mais completo, revelando diversos caracteres sócio-demográficos dos imigrantes. A publicação de Castiglioni e Reginato (2008) acumula um vasto acervo de informações de um elevado número de indivíduos, revelando características, tais como: Sobrenome, nome, parentesco, idade, profissão, comuna de origem, província, navio e chegada. Este Banco de Dados está também disponível no site da Fondazione Giovanni Agnelli, da Itália.

O projeto Imigrantes no Espírito Santo reúne informações de diversos documentos históricos referentes ao processo migratório capixaba, este disponibiliza por meio de um sistema informatizado no portal do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo uma série de caracteres como os já citados, que ajudam na caracterização dos fluxos migratórios destinados às diversas localidades do Estado.

O Banco de Dados presente neste trabalho, se refere ao quanto foi possível encontrar até o presente momento. Constantemente novos documentos históricos, muitas vezes esquecidos no fundo de velhas malas ou nas prateleiras dos diversos órgãos públicos e dos arquivos paroquiais, podem revelar outras documentações com informações importantes.

#### **4.1.2 Problemas de Definição**

Alguns problemas de fundo foram enfrentados na realização do trabalho de coleta de informações, bem como na apresentação dos dados levantados, a definição destes é importante, uma vez que caracterizam o próprio trabalho.

A definição temporal, dessa forma, irá se constituir num primeiro problema a ser enfrentado, pois, “o fluxo migratório não tem, por definição, um início certo e um fim igualmente certo” (CASTIGLIONI; REGINATO, 1997, p. 17), ou seja, não se consegue mensurar o início e o fim do fluxo migratório em uma determinada área, isso pode ser empregado para o Brasil, o Espírito Santo, bem como, para o Município de Anchieta. Porém, é possível notar um fato interessante quanto à imigração italiana, “essa se manifestou com grande intensidade somente no período 1875-1895.” (CASTIGLIONI; REGINATO, 1997, p. 17).

Sendo assim, as observações irão se concentrar sobre o período de 1875 a 1897, dois anos depois do decreto que proíbe a imigração italiana para o Espírito Santo.

O segundo problema diz respeito à interpretação das informações das listas examinadas. A má escritura dos que preencheram as listas, bem como, a distorcida interpretação quanto aos nomes, sobrenomes e localidades indicados em italiano, aumenta a possibilidade de na transcrição dos dados originais haver incorreções, ficando assim, dúvidas quanto algum, nome, sobrenome, comune não identificável, duplicidade de informação quanto ao navio.

Segundo Castiglioni e Reginato (1997, p.18), em um trabalho de coleta de dados similar a este, dois tipos de erros podem ser encontrados: “o primeiro refere-se à má interpretação do que está escrito na fonte examinada, o segundo diz respeito à possibilidade de um erro de transcrição”. Buscando minimizar o máximo possível estes erros, foram seguidas as orientações descritas pelos autores, que tangem ao confronto das informações com diversas fontes, buscando assim, a melhor interpretação e transcrição possível dos dados.

Cabe lembrar que, em um trabalho de magnitude semelhante a este que está sendo apresentando, é preciso considerar que erros de transcrição são inevitáveis. Entretanto, diante da qualidade das fontes pesquisadas, pode-se afirmar que as informações aqui transcritas são perfeitamente aceitáveis, formando assim, uma sólida base de dados referentes à imigração italiana para a Colônia de Rio Novo.

A posterior possibilidade de melhorar a qualidade das informações presentes no Banco de Dados é reconhecida primeiramente pelo responsável por sua elaboração. Posteriormente o Banco de Dados poderá ser completado com novos dados que faltam ou que são imprecisos, assim, as anotações, realces e comentários dos que consultarão o mesmo, darão vida a uma operação de constante complementação e refinamento de dados.

## 4.2 CARACTERÍSTICAS DOS MIGRANTES

O indivíduo quando se decide por migrar, está impelido por uma forte motivação, esta por sua vez, o levará à troca do ambiente familiar e social de origem, por uma

situação até mesmo desconhecida. De acordo com Castiglioni (1998, p. 105), a principal causa da migração “é a insatisfação do indivíduo com sua situação econômica e social”, entretanto, a insatisfação com o meio de origem não é plenamente suficiente para que este empreenda a migração, a este fator deve-se também unir segundo a autora “a escolha de uma região de destino com perspectivas promissoras”. (CASTIGLIONI, 1998, p. 105).

Fatores de ordem pessoal, como: “nível de aspiração, desejo de mudança, gosto pelo risco, atração pelo desconhecido” (CASTIGLIONI, 1998, p. 106) também podem influenciar na decisão de migrar. Boa parte dos fluxos migratórios caracteriza-se predominantemente pela presença de indivíduos que apresentam determinados atributos relativos à idade, sexo, grau de instrução, profissão, nível de aspiração e região de procedência.

Assim, Castiglioni (1998, p. 106) descreve o típico migrante, caracterizando-o como: “[...] jovem solteiro e dinâmico, possuindo certo grau de instrução e de especialização que busca oportunidades de emprego que possam realizar suas aspirações de um melhor nível de vida”. Entretanto, ao se analisar os fluxos migratórios destinados ao Estado do Espírito Santo, e de forma particular, para o Município de Anchieta, percebe-se que os indivíduos aqui aportados apresentam características diferentes, devido aos fortes fatores expulsos que deram origem à migração transoceânica.

O tipo representativo de imigrante que aqui se dirigiu, “devido aos fortes motivos socioeconômicos que impulsionaram o movimento” (CASTIGLIONI, 1998, p. 106), caracteriza-se predominantemente, por “um homem casado, de idade ‘madura’, pouco instruído, agricultor, que vinha com toda a sua família.” (CASTIGLIONI, 1998, p. 106). Este perfil de migrante que migra com toda a sua família, aponta para uma nova vertente de análise deste fluxo migratório, centrando-se na migração em rede.

Dessa forma, algumas características destes migrantes aportados em Anchieta no final do século XIX e início do século XX são analisadas neste trabalho. Porém, como afirma Castiglioni (1998) em sua pesquisa intitulada: *A Imigração Italiana no Espírito Santo: Análise das Características dos Migrantes*: “A abrangência e profundidade

desta análise são, porém, limitadas pela pouca diversificação dos registros quanto aos atributos pessoais dos migrantes.” (CASTIGLIONI, 1998, p. 106).

Segundo a autora, a reconstituição do fenômeno migratório e de suas características é dificultada por três fatores:

Falta precisão as informações registradas e homogeneidade na apresentação das mesmas; Há lacunas na documentação devidas a não sistematização do registro das informações na época ou à perda de fontes; e houve possivelmente, entradas “ilegais” de migrantes que se dirigiram diretamente para os núcleos ou que desembarcaram nos portos fora da capital que dispunham de serviços precários para receber ou encaminhar os migrantes. (CASTIGLIONI, 1998, p. 106).

A seguir, segue a análise do fluxo migratório destinado à Colônia de Rio Novo, por meio desta análise, caracteriza-se a corrente migratória que colonizou o interior do Município de Anchieta, já que, na escala temporal focalizada as terras da Colônia de Rio Novo pertencem hoje ao território de Anchieta.

#### **4.2.1 Caracterização do Fluxo Migratório Aportado em Anchieta**

A caracterização do fluxo migratório aportado no Município de Anchieta centra-se em uma análise dos dados que compõem o Banco de Dados do fluxo imigratório destinado ao município no período da Grande Imigração, presente neste trabalho. As características sociodemográficas deste fluxo serão apresentadas a seguir, porém, para melhor interpretação dos resultados do levantamento feito a partir de fontes históricas Castiglioni e Reginato (1997, p. 18) afirmam que: “algumas considerações devem ser colocadas para possibilitar uma interpretação mais correta”. Estes autores destacam quatro características que merecem atenção especial e que devem ser observadas ao proceder as análises dos dados, são elas: A procedência do imigrante; a relação de parentesco; a idade e a data de chegada. A procedência do imigrante segundo os autores refere-se muitas vezes, “ao local de última residência e, outras vezes, ao local de nascimento”, mesmo diante do movimento migratório interno da Europa, “havia uma forte correspondência entre local de residência e de nascimento”, e isso pode, em consequência, se repercutir no Banco de Dados (CASTIGLIONI; REGINATO, 1997, p. 18-19).

A relação de parentesco apresentava-se na maior parte das fontes, sendo transcrita diretamente, como orienta Castiglioni e Reginato (1997). Quando esta não era encontrada, buscou-se por meio da análise da família a reconstituição de uma forma mais lógica possível. Em casos de dúvidas devido à precariedade do dado ou a falta de informação, a relação de parentesco não foi inserida.

A idade deve ser observada com cuidado, devido à grande quantidade de deformações que esta pode conter, como exemplo: “Uma maior concentração nas idades terminadas em zero”. (CASTIGLIONI, REGINATO, 1997, p. 19). Os dados aqui transcritos, referem-se à idade declarada pelo imigrante no momento de sua partida ou chegada, bem como às presentes nos documentos quando disponíveis.

A data de chegada, segundo a fonte, corresponde à verdadeira data de chegada do navio ou a data em que o imigrante se inscreveu no Núcleo Colonial (CASTIGLIONI; REGINATO, 1997). O navio indicado é o que fez o transporte do imigrante à Anchieta, seja vindo diretamente da Itália ou de portos intermediários. É bom ressaltar também, que as informações para algumas características são quase que completas, como: parentesco, ano de chegada e idade; ao contrário, as informações referentes à região, província e comuna não aparecem registradas em muitas das fontes pesquisadas.

Neste trabalho foram observadas as considerações expressas por Castiglioni e Reginato (1997) em uma de suas obras da mesma temática desta pesquisa, em que apresentam para o Estado do Espírito Santo um grande Banco de Dados acerca da imigração italiana e de San Marino. Foram assim adotadas as considerações destes autores, quanto ao cuidado com a análise das informações presentes no Banco de Dados, já abordadas anteriormente. Dessa forma, processa-se a seguir a análise dos dados reunidos referentes à imigração italiana para a Colônia de Rio Novo do Sul, no território da qual grande parte das terras anchietenses estavam inseridas.

O Banco de Dados apresentado no Anexo I, é composto por 740 famílias e 2.216 pessoas. As famílias predominam no fluxo migratório destinado à Colônia de Rio Novo do Sul, estas se apresentavam com as mais diversas estruturas, compreendendo pessoas desde bebês até avós. O número médio de componentes por família situava-se em torno de 5 a 6 indivíduos, as famílias deste tipo

representavam 15,6% do total de famílias catalogadas. Entretanto, este número poderia variar, chegando até a 14 indivíduos (Tabela 6), como é o caso da família Tom(m)asi. Esta família mais numerosa é um exemplo de migração sob a forma de rede, agregando em uma única família quatro distintos arranjos familiares. Esta família ampliada é composta por quatro irmãos e suas respectivas famílias que empreenderam a ação migratória juntos deixando a Comuna de Banco em 1875 no navio Cervantes, com destino a Benevente.

Outros exemplos que podem ser citados, dentre os diversos casos presentes no Banco de Dados, em que, percebe-se a migração sobre a forma de rede, é o caso da família Fasolo, em que pai e filho, com suas respectivas famílias deixaram em 1895 a Comuna de Castegnaro com destino a Benevente no navio Matteo Bruzzo, e de componentes da família Bravin que de 1880 a 1887 deixaram a Região de Friuli-Venezia Giulia com destino a Benevente. Destaque aqui para a família de Valentino Bravin emigrada em 1883, com a inserção de dois parentes no núcleo familiar, outra ação comum na época.

As famílias contendo apenas um indivíduo eram muito comuns também, estes na grande maioria dos casos eram homens que migravam antes de suas famílias buscando montar uma infraestrutura adequada no local de destino. Tempos depois, estes buscavam as famílias, que deixando a terra natal se juntariam ao patriarca na nova terra. Em outros casos, estes indivíduos eram jovens solteiros que vinham por meio de cartas de chamada ou não, viver junto com parentes ou amigos já imigrados que mantinham uma boa condição no local de destino, ajudando assim, a família que o acolhia nos diversos trabalhos empreendidos pela mesma. Deve-se ressaltar que a lista publicada por Grosselli é formada somente pelo Chefe da família, o que explica o número elevado de famílias formadas por um só componente.

Tabela 6 - Número de componentes por família - 1875 a 1897

Nº. de Componentes da Família	Nº. de Famílias	%
14	1	0,1
13	2	0,3
12	1	0,1
10	7	0,9
9	13	1,8
8	22	3,0
7	46	6,2
6	58	7,8
5	58	7,8
4	55	7,4
3	55	7,4
2	35	4,7
1	387	52,3
<b>Total</b>	<b>740</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

As famílias possuíam uma composição bastante variada, com relação ao grau de parentesco, entretanto, seu núcleo comum era composto pelo chefe de família, a esposa e os filhos. Dos 2.083 indivíduos que apresentam informações quanto ao grau de parentesco, os chefes das famílias e as esposas representam juntos 32,41% do total de pessoas que migraram no período analisado, compondo assim, o segundo grupo de maior importância do fluxo migratório. Os filhos representam o maior grupo de composição do fluxo migratório, “devido ao nível elevado de fecundidade da época” (CASTIGLIONI, 1998, p. 106), juntos representam 48,49% do número de indivíduos migrados no período em questão (Tabela 7).

Tabela 7 - Número de migrantes segundo a relação de parentesco – 1875 a 1897

Relação de parentesco	Emigrantes	
	Total	%
Chefe	357	17,14
Esposa	318	15,27
Filhos	1.010	48,49
Pais	5	0,24
Mães	18	0,86
Irmãos	35	1,68
Noras	17	0,82
Netos	25	1,20
Cunhados	13	0,62
Sobrinhos	10	0,48
Sós	258	12,39
Outros	17	0,82
<b>Total</b>	<b>2.083</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014)

Os chefes mais idosos migravam com toda a família, que geralmente eram numerosas e incluíam: noras, netos e parentes próximos. Os mais jovens, com famílias constituídas associavam ao grupo familiar alguns familiares, como: pais e irmãos, sobretudo como afirma Castiglioni (1998, p. 106) a mãe, “devido à longevidade das mulheres”. Sendo solteiros, os mais jovens também buscavam trazer seus familiares, mas, na maioria dos casos migravam sozinhos ou na companhia de amigos. O que cabe destacar aqui, é que na grande maioria o indivíduo não migrava só, mas sim, em grupo, seja com a família, o mais comum, ou com parentes e amigos, formando assim, uma rede de ligações interpessoais, que o ajudaria a ter êxito no processo migratório.

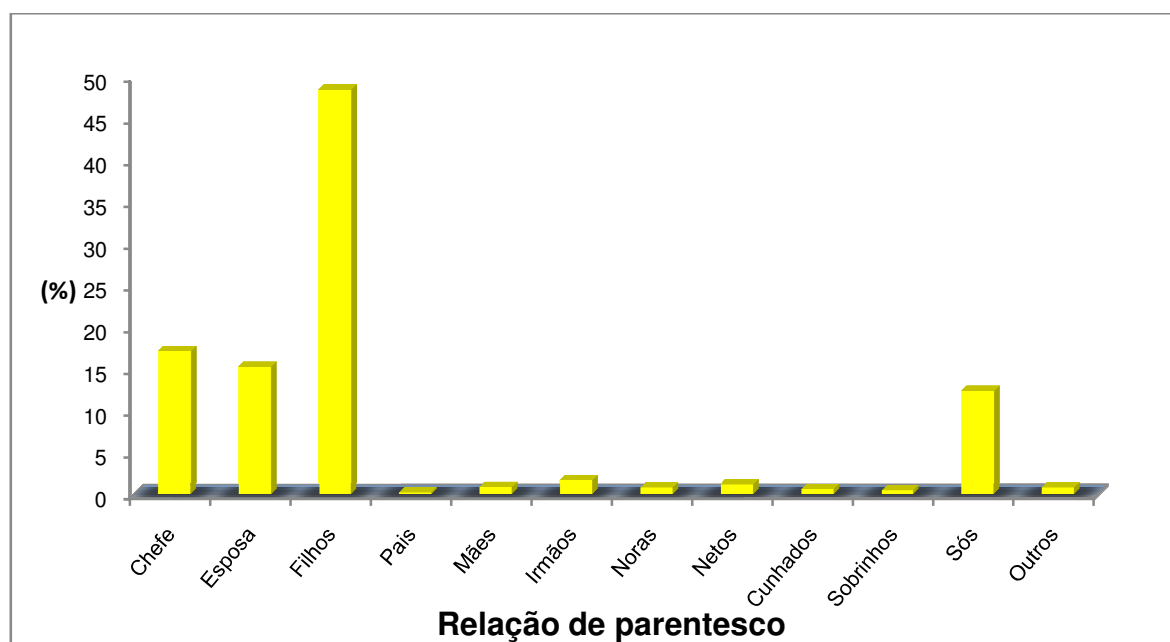
Geralmente a categoria das pessoas “sós” é formada por homens solteiros, estes por “apresentarem maior mobilidade por terem menor responsabilidade familiar e poderem, melhor que os casados, correr riscos e enfrentar dificuldades, apresentam forte tendência a empreender este tipo de movimento”. (CASTIGLIONI, 1998, p. 107). Assim, esta categoria apresenta no presente banco de dados analisado uma importante representação, correspondendo a 12,39% do total de migrantes. Castiglioni (1998, p. 107), chama atenção para estes casos de jovens solteiros



migrantes, pois, muitos deles vieram “como membros de suas famílias”, ou vieram sozinhas para reencontrar suas famílias que já haviam migrado. Vale lembrar que a listagem pode indicar só os chefes, como é o caso dos dados apresentados por Grosselli (2008).

Algumas variáveis referentes à relação de parentesco, menos presentes no fluxo migratório, foram reunidas sob uma única categoria denominada de “outros”. Esta, por sua vez, abarca as variáveis: Avós, sogros, afilhados, parentes, órfãos, conviventes e agregados, que juntos não somam 1% do total de migrantes. O gráfico 1 apresenta o percentual comparativo de migrantes segundo o grau de parentesco.

Gráfico 1 - Porcentagem de migrantes segundo a relação de parentesco – 1875 a 1897



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

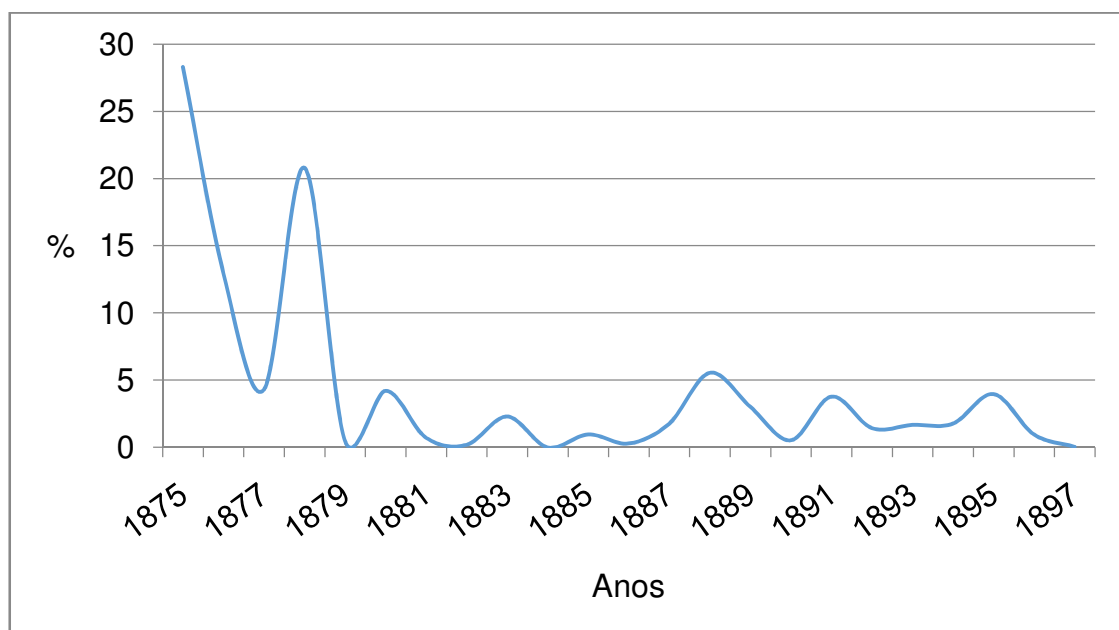
As informações referentes ao ano de chegada dos migrantes são conhecidas para quase todos os indivíduos, apenas, 5,64% dos migrantes não apresentam informações. Os 94,36% que apresentam informação acerca do ano de chegada, revelam que mais da metade do fluxo migratório dirigido à Colônia de Rio Novo, ou seja, 66,38% das entradas ocorreram no período de 1875 a 1878.

Posteriormente, o número de imigrantes entrados em Rio Novo diminuirá, somando entre 1879 a 1895, ano da proibição italiana quanto à imigração para o Espírito Santo, 32, 62% de entradas na colônia, sendo que o maior número destas neste período 5,55% ocorreu em 1888, ano em que foi decretada a abolição da

escravatura em todo território nacional. Nos dois anos seguintes a 1895, o número se reduz drasticamente chegando a 1%, como apresenta o gráfico 2. Sem sombra de dúvidas que após a proibição da imigração italiana para o estado, os índices de entradas de imigrantes caíram, e só se iniciou um modesto acréscimo a partir da primeira década do século XX.

A suspensão da emigração para o Espírito Santo, decretada pelo Governo Italiano em 1895 se deu devido a difícil situação enfrentada pelos imigrantes aportados no estado. O relatório do Cônsul Dr. Carlos Nagar abordava os problemas enfrentados pelos italianos no estado, que apontavam para a deficiência dos meios de transportes entre a capital e os núcleos coloniais, a precária condição dos alojamentos, ou seja, dos barracões existentes nas sedes dos núcleos, demora na obtenção dos lotes e imprecisão nas demarcações, o isolamento dos migrantes, bem como, a escassez, carestia e má qualidade dos gêneros alimentícios no interior do Estado, deficiência da assistência médica, escolar e religiosa e demora nos pagamentos e substituição de dinheiro por bônus (NAGAR, 1895).

Gráfico 2 - Porcentagem de imigrantes italianos por ano de chegada à Colônia de Rio Novo



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

A composição dos fluxos migratórios tende a conter um significativo número de pessoas provenientes de uma mesma região, ou seja, pessoas que já possuem um grau de convivência e conhecimento umas com as outras. No processo migratório,

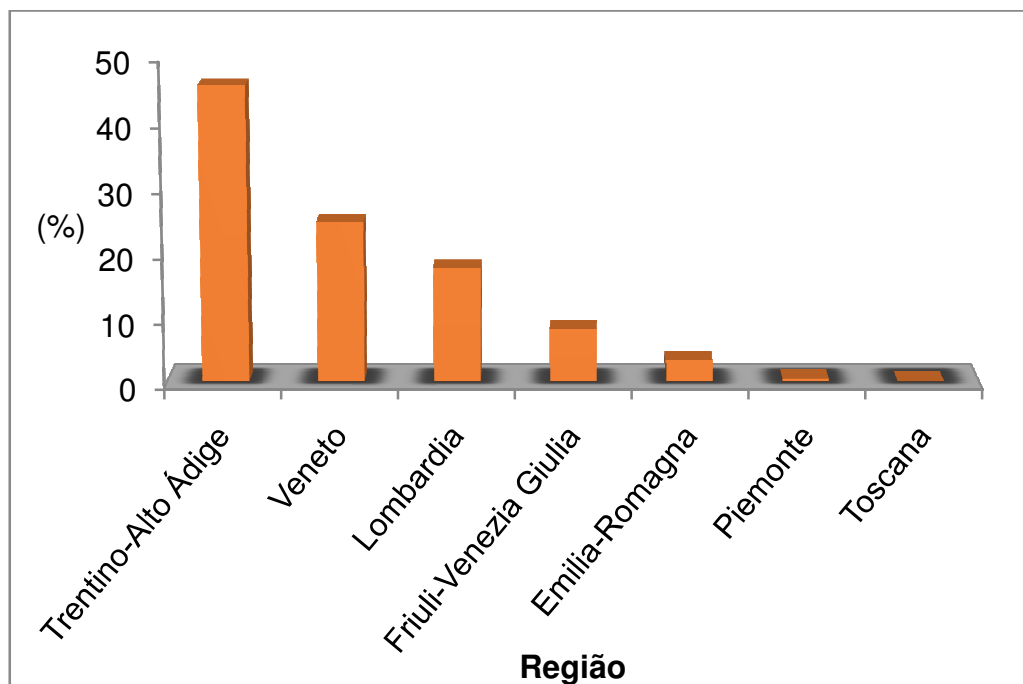
estas pessoas procuram também dirigir-se para o mesmo local de destino, buscando assim, “reproduzir o ambiente familiar e social da origem.” (CASTIGLIONI, 1998, p. 113).

Castiglioni (1998, p. 113) relata que “as tomadas de decisão a migrar tendem a propagar-se em cadeia” devido a dois fatores, são eles: A disseminação das informações referentes à área de destino, e o compartilhamento das experiências com parentes e amigos. Assim, pode-se afirmar que a publicidade empreendida na segunda metade do século XIX, referente às vantagens do programa de imigração do Espírito Santo, disseminadas na região norte da Itália, contribuíram para que, aquelas pessoas se motivassem e tomassem a decisão por migrar, movimentado assim, um grande contingente de pessoas para este estado.

A maior parte dos imigrantes italianos que se dirigiram ao Espírito Santo é originária do norte da Itália, característica esta presente também no imigrante italiano que ocupou a região da Colônia de Rio Novo. Segundo Castiglioni (1998) com relação ao Espírito Santo, a maior contribuição com relação ao número de emigrantes partiu da região do Vêneto, com 33,33% dos imigrantes aqui aportados, em ordem de contribuição apresentam-se: Lombardia, com 18,97%, Emilia Romagna, com 15,98%, Piemonte, com 10,78% e o Trentino-Alto Ágide com 4,70% dos imigrantes.

As informações referentes à proveniência dos imigrantes que ocuparam o território da Colônia de Rio Novo são conhecidas para 62,91% dos imigrantes. A grande maioria dos imigrantes provém da Região do Trentino-Alto Ágide, com 45,70% do total analisado, em ordem de contribuição seguem-se: Vêneto, com 24,75%, Lombardia, com 17,65%, Friuli-Venezia Giulia, com 8,11% e Emilia-Romagna, Piemonte e Toscana juntas, somam um contingente de 3,80% dos imigrantes considerados na análise, como apresenta o gráfico 3.

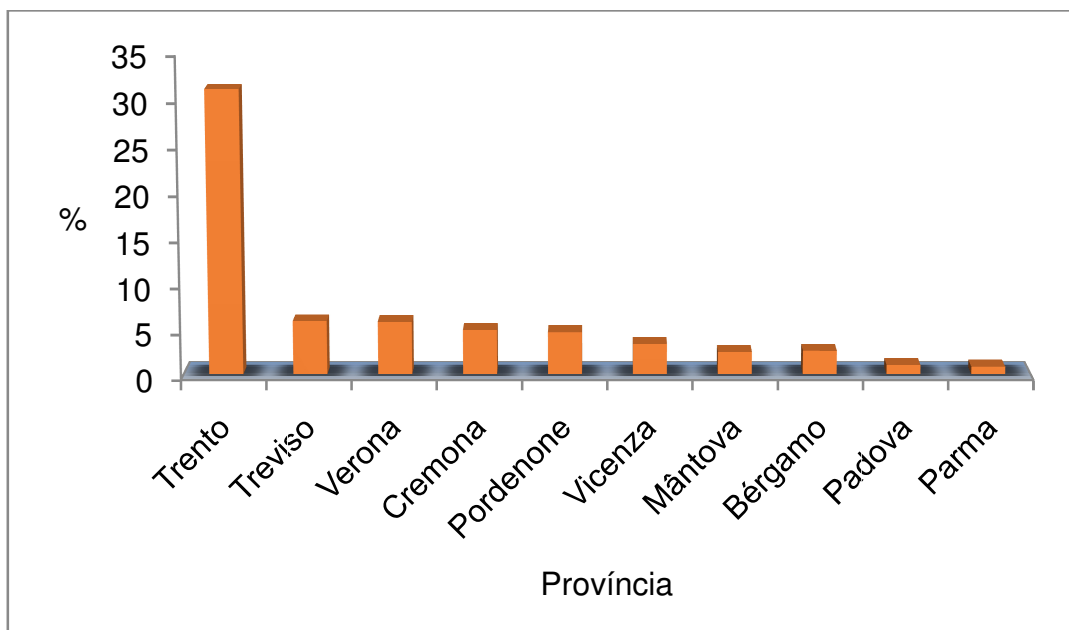
Gráfico 3 - Imigrantes Italianos que se dirigiram à Colônia de Rio Novo segundo a Região de destino



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

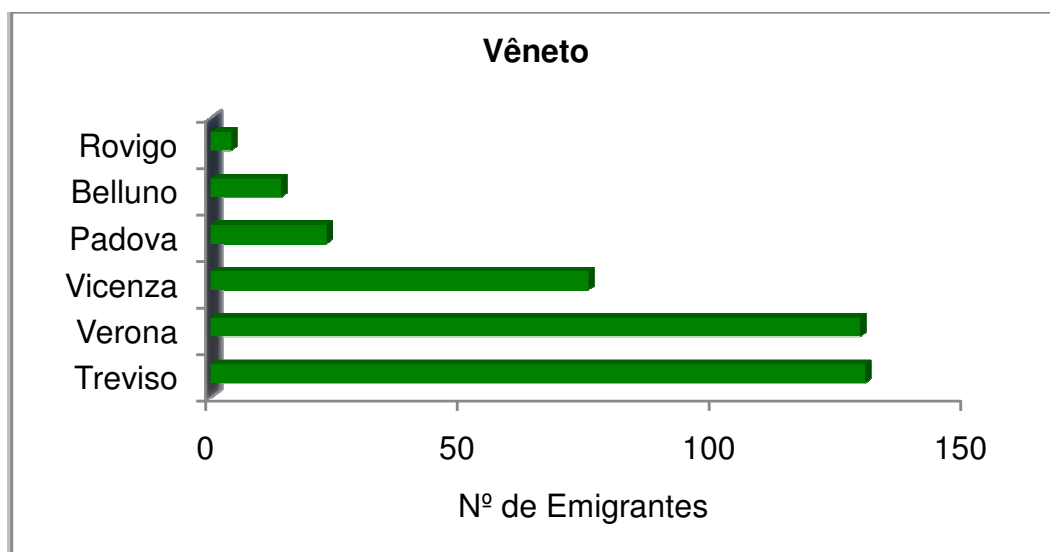
Com relação às províncias de origem, dos 66,97% imigrantes que apresentam informações, as maiores contribuições foram dadas por: Trento, Treviso, Verona, Cremona, Pordenone, Vicenza, Mântova, Bérgamo, Padova, Parma, que juntas, correspondem a 93,73% dos imigrantes analisados, as demais províncias somam juntas 6,27% do total dos mesmos. Os três fluxos numericamente mais importantes partiram de províncias localizadas no Trentino-Alto Ádige e no Vêneto, são elas: Trento, com 46,50% do total analisado, Treviso, com 8,76% e Verona, com 8,69%. O gráfico 4 apresenta a contribuição das dez províncias que mais enviaram emigrantes à Colônia de Rio Novo, já os gráficos 5 e 6 apresentam as províncias de maior contribuição da Região do Vêneto e da Lombardia com relação ao fluxo migratório que se dirigiu à Colônia de Rio Novo.

Gráfico 4 - Imigrantes italianos segundo as dez maiores províncias de origem do fluxo migratório que se dirigiu à Colônia de Rio Novo



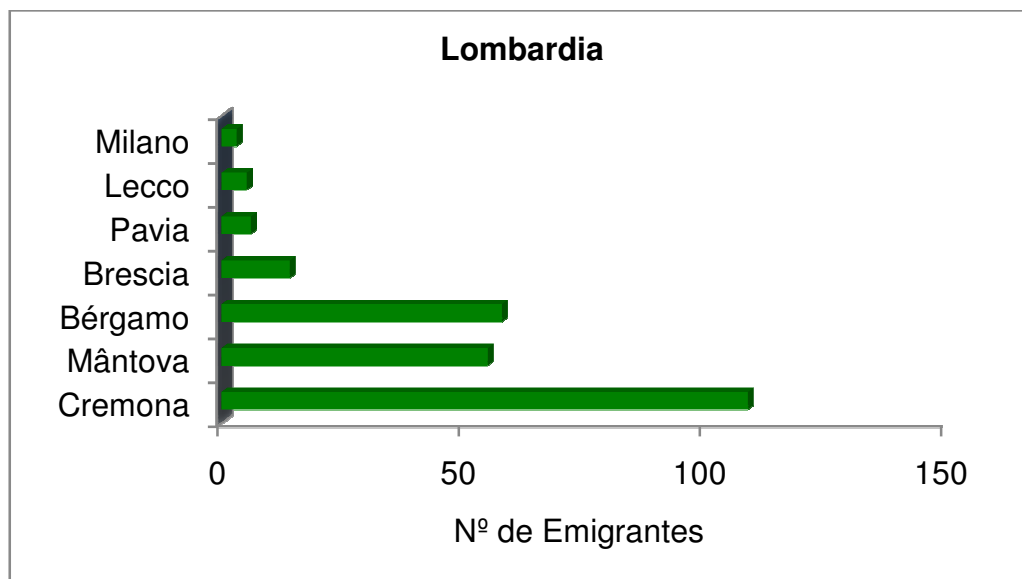
Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

Gráfico 5 - Imigrantes italianos dirigidos à Colônia de Rio Novo segundo as províncias de maior contribuição da Região do Vêneto



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

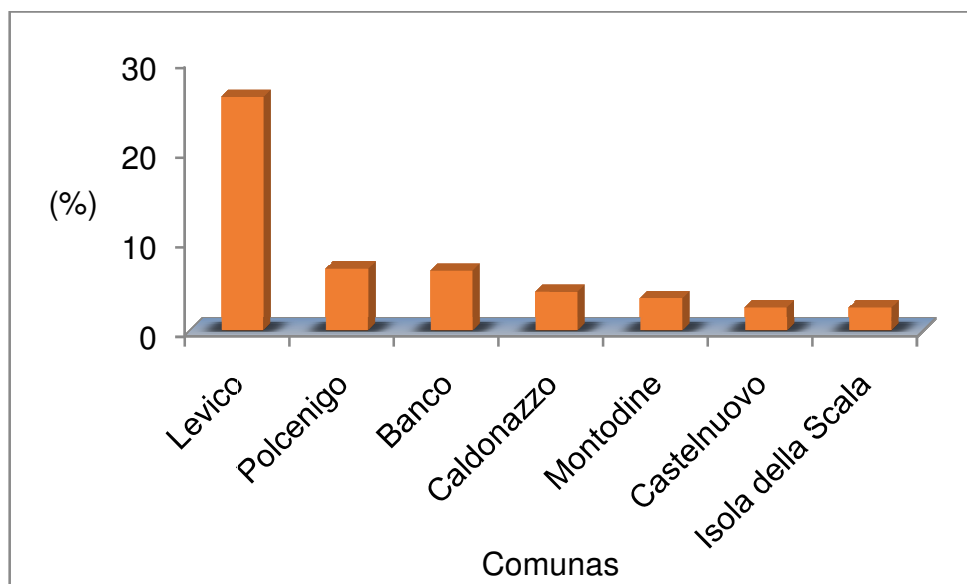
Gráfico 6 - Imigrantes italianos segundo as províncias de origem da Região da Lombardia de maior contribuição do fluxo migratório que se dirigiu à Colônia de Rio Novo



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

A análise da região de origem dos imigrantes pode focalizar as comunas de origem dos mesmos, que se caracterizam por unidades administrativas menores (CASTIGLIONI, 1998), nestas os efeitos da emigração foram maiores, já que, muitas delas perderam parte importante de seus habitantes. Este estudo revela que, dentre as 61,15% comunas informadas como origem dos migrantes destacam-se: Levico, Polcenigo, Banco, Caldonazzo, Montodine, Castelnuovo e Isolla della Scala. Juntas estas comunas representam a origem de mais da metade do fluxo migratório destinado à Colônia de Rio Novo, com 52,92% dos imigrantes, destes, 26,13% são originário do Levico, comuna da qual partiu o maior número de emigrantes. As demais comunas representam um total de 47,08% dos imigrantes analisados. O Gráfico 7 apresenta as seis comunas que mais contribuíram na composição do fluxo migratório.

Gráfico 7 - Imigrantes italianos dirigidos à Colônia de Rio Novo segundo as Comunas de origem com as maiores contribuições para o fluxo



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

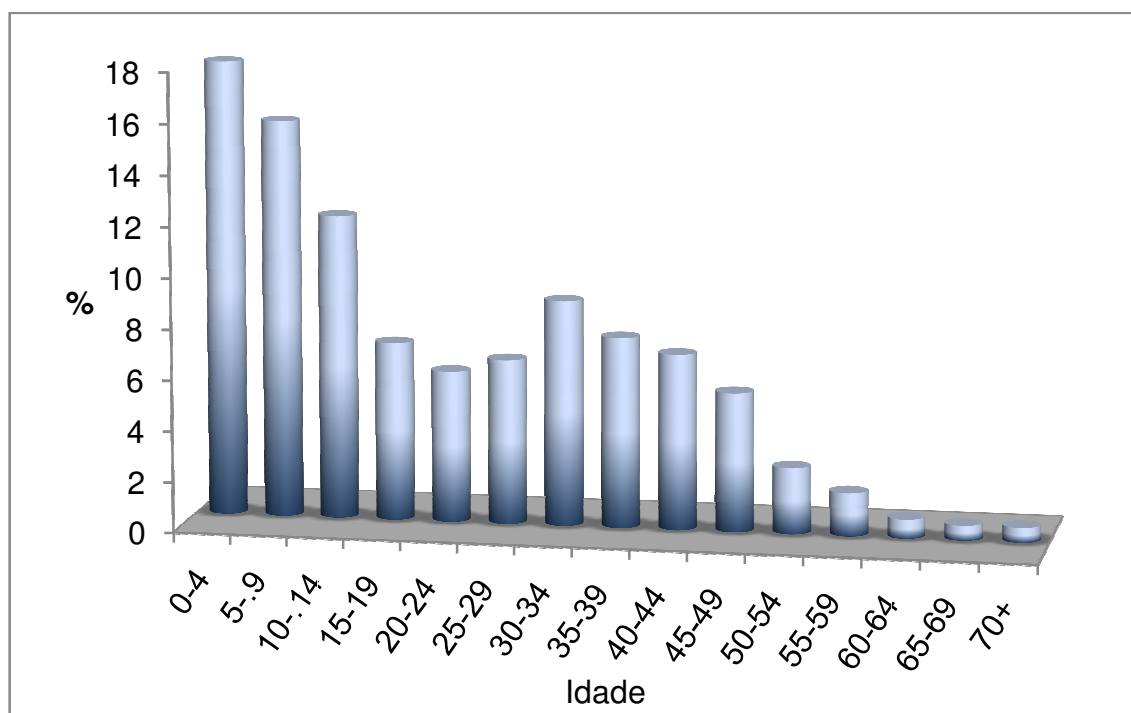
As características analisadas em todas as correntes migratórias classificadas segundo a região apresentam características semelhantes, com as mesmas tendências observadas na análise geral. A migração de unidades familiares é predominante em todos estes fluxos regionais. As famílias eram compostas em sua grande maioria por jovens casais, o que confere a estas famílias uma elevada taxa de fecundidade, e assim, um elevado número de filhos.

A única característica dos migrantes cuja seletividade tem um valor universal é a idade (CASTIGLIONI, 1998), o balanço entre custos e benefícios da migração de acordo com Castiglioni (1998), traduz o modelo de distribuição dos migrantes, assim segundo a mesma autora, os custos são menos importantes para os jovens, que dispõem de um longo tempo para alcançar os benefícios do investimento realizado, a migração.

Observando o gráfico que representa a distribuição dos imigrantes por idade de 1875 a 1897 (Gráfico 8), percebe-se que a forma do mesmo, revela a predominância familiar do fluxo, pois, este apresenta as colunas mais elevadas nas primeiras idades, que representam a predominância de crianças e adolescentes, entre as idades de 30 a 34 anos há um novo pico, revelando a jovialidade dos casais que compõem estas famílias, que reafirma a condição da idade na seletividade do

processo migratório, ou seja, nesta faixa etária o indivíduo ainda está propício a migrar, a partir deste ponto as idades dos imigrantes diminuem gradativamente.

Gráfico 8 - Número total de migrantes segundo a Idade declarada pelo migrante ao efetuar o registro no período de 1875 a 1897

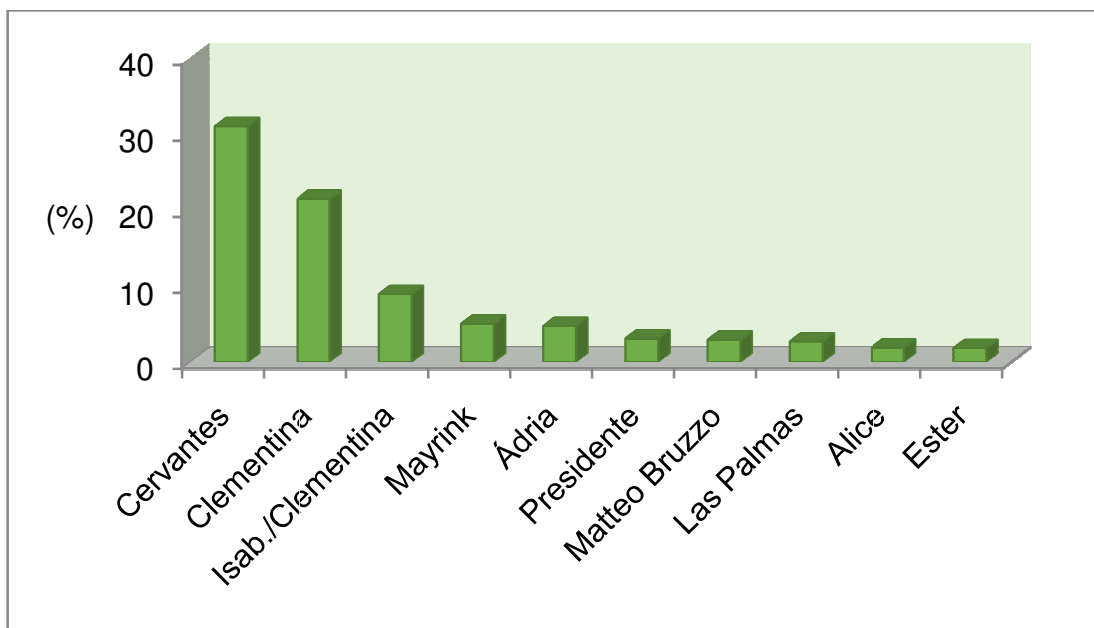


Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

As informações analisadas referentes aos navios que realizaram o transporte destes imigrantes, não se apresentam de forma homogênea e completa. Os imigrantes que apresentam informações quando ao navio de embarque, representam a maioria dos migrantes analisados, somando um total de 77,35% dos mesmos. Mais da metade destas pessoas, ou seja, 52,39% viajaram nos navios Cervantes e Clementina, dentre os dez navios que mais transportaram pessoas para a Colônia de Rio Novo, destacam-se também: Isabela/ Clementina, Mayrink, Ádria, Presidente, Matteu Bruzzo, Las Palmas, Alice e Ester, juntos transportaram para a colônia 83,43% dos imigrantes analisados (Gráfico 9).



Gráfico 9 - Porcentagem de passageiros segundo os dez navios que mais transportaram imigrantes à Colônia de Rio Novo – 1875 a 1897

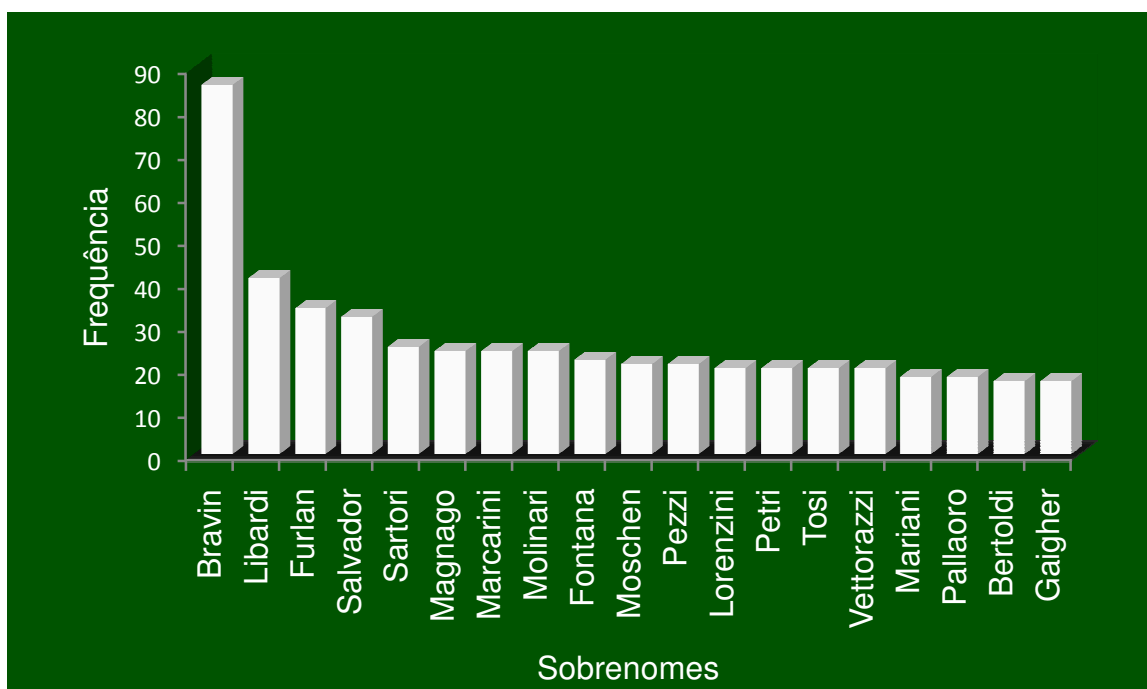


Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

Com relação ao local de destino, 71,84% dos imigrantes apresentaram informação sobre esta variável, estes destinavam-se as seguintes locais: Benevente, Porto de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, Piúma e Iconha. Benevente, atual Município de Anchieta, recebeu o maior contingente de imigrantes, representando 86,24% do total observado. Estes migrantes instalaram-se no segundo território da Colônia de Rio Novo, formando assim, diversas comunidades que hoje compõem a área de colonização italiana do Município de Anchieta.

A título de curiosidade são apresentadas informações a respeito dos sobrenomes e nomes mais encontrados neste banco de dados, ao todo foram 534 sobrenomes e 440 nomes. Os sobrenomes mais frequentes são: Bravin com 86 pessoas, Libardi com 41 pessoas, Furlan com 34 pessoas, Salvador com 32 pessoas, Sartori com 25 pessoas. A seguir o gráfico 10 apresenta os sobrenomes de maior representatividade segundo a frequência de sua ocorrência

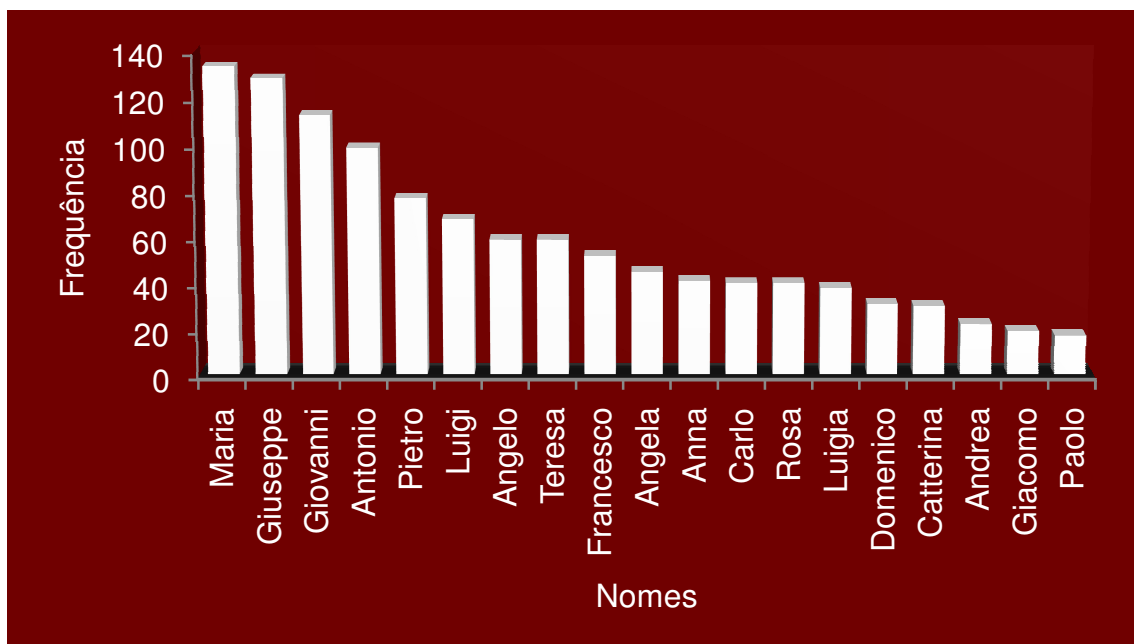
Gráfico 10 - Sobrenomes segundo a frequência de sua ocorrência



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

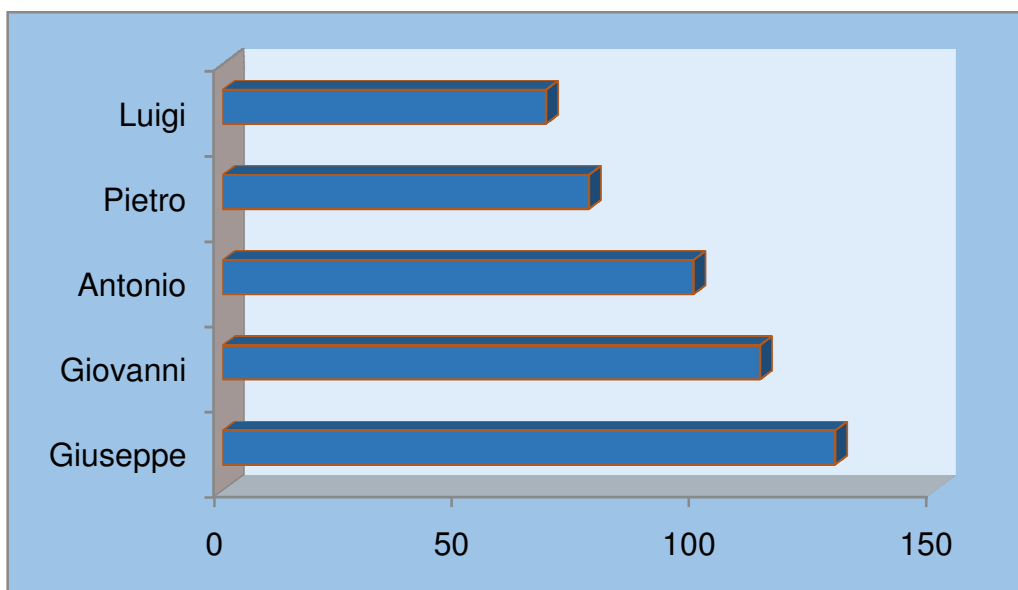
Quanto aos nomes, estes, sejam masculinos ou femininos refletem a cultura católica (CASTIGLIONI, 1997). Os três nomes mais frequentes, são: Maria com 134 pessoas, Giuseppe com 129 pessoas, Giovanni com 113 pessoas, ao observarmos os nomes segundo o gênero, observa-se que os nomes masculinos mais frequentes são: Giuseppe com 129 pessoas, Giovanni com 113 pessoas, Antonio com 99 pessoas, Pietro com 77 pessoas e Luigi com 68 pessoas, dos nomes femininos os mais frequentes são: Maria, com 134 pessoas, Teresa com 59 pessoas, Angela com 45 pessoas, Anna com 41 pessoas e Rosa, 40 pessoas. O gráfico 11 apresenta a frequência dos nomes de forma geral, e os gráficos 12 e 13 por gênero.

Gráfico 11 - Nomes segundo frequência de ocorrência



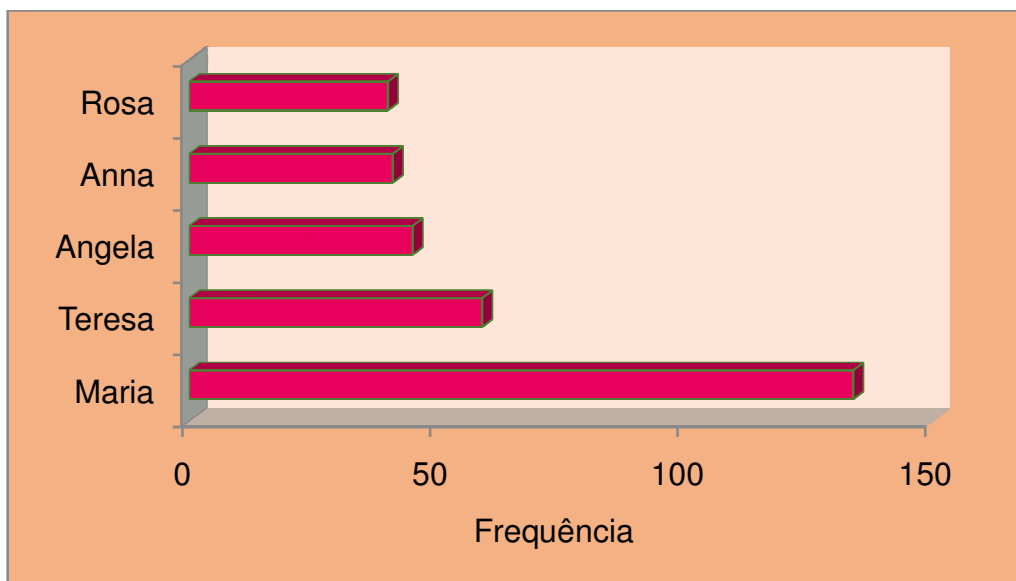
Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

Gráfico 12 - Nomes masculinos segundo frequência de ocorrência



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

Gráfico 13 - Nomes femininos segundo frequência de ocorrência



Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com o Banco de Dados (2014).

Feita a caracterização do imigrante italiano que se destinou à Colônia de Rio Novo, cabe então a apresentação da principal contribuição deste trabalho para o tema da imigração italiana no Município de Anchieta, como também, para o Estado do Espírito Santo, ou seja, o Banco de Dados que abarca diversas informações sobre as famílias italianas que se instalaram na Colônia de Rio Novo, principalmente na área do Segundo Território, cujas terras pertencem hoje ao Município de Anchieta. O fluxo migratório reconstituído neste estudo apresenta-se integralmente transcrito no Anexo I para a consulta mais munuciosa dos imigrantes e de suas características.

## **5 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

A presente seção tem por objetivo apresentar as contribuições da imigração italiana ao Município de Anchieta, destacando os impactos a curto e a longo período no que tange à demografia, à economia, à educação e à cultura. A seção é dividida em duas subseções, sendo que, a primeira trata dos impactos gerais causados pela imigração italiana no Estado do Espírito Santo, bem como no Município de Anchieta. Na segunda enfatizam-se as contribuições da imigração italiana em Anchieta, destacando seus efeitos na agricultura, indústria e comércio.

### **5.1 OS EFEITOS DEMOGRÁFICOS DA IMIGRAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO**

A migração é um fenômeno complexo, capaz de influenciar as regiões de repulsão e atração, bem como o migrante e sua rede de relações. Produzindo efeitos de ordem imediata e transformações em curto prazo, a migração também gera efeitos a longo período na estrutura econômica e no modelo de vida da sociedade afetada pela mesma.

O fluxo migratório europeu dirigido ao Estado do Espírito Santo na segunda metade do século XIX causou diversas transformações tanto na estrutura econômica quanto no modelo de vida capixaba. Dotado de uma singularidade gerada pela seletividade, à qual o fluxo estava submetido, este se caracteriza de forma geral por dois importantes aspectos: os grupos familiares de agricultores que optam por uma migração definitiva e a faixa etária que se apresenta relativamente jovem.

Estas características de acordo com Castiglioni e Reginato (2009) contribuíram de forma relevante para com as transformações econômicas e demográficas ocorridas no estado.

Nel flusso migratorio europeo che si diresse verso Espírito Santo si individuano due preminenti e importanti caratteri generali, rilevanti per gli effetti economici e demografici: innanzitutto era formato principalmente da nuclei familiari contadini decisi a un cambiamento

definitivo, in secondo luogo l'età era relativamente giovane. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 193-194).

Estudos referentes à imigração italiana e europeia de forma geral no Espírito Santo mostram que o fluxo migratório aportado no estado era “un movimento di gruppi familiar.” (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 194). Sendo assim, Castiglioni e Reginato (2009) relatam que:

Quattro quinti degli italiani che entrarono tra il 1880 e il 1900 erano gruppi familiari variamente composti, nei quali i capofamiglia e le rispettive mogli rappresentavano il 37% e i figli il 44%. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 194).

A seletividade por faixa etária é considerada uma característica comum ao processo migratório, ou seja, os jovens por apresentarem maior vigor físico e desprendimento familiar são mais propensos a migrar em busca de novas possibilidades profissionais. Sendo assim, o fator idade no Espírito Santo constitui uma importante característica da imigração europeia, de forma mais específica a italiana (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009).

Castiglioni e Reginato, (2009), afirmam que:

In una banca dati relativa a 28 440 immigrati italiani sbarcati a Vitória, l'età media generale dedotta da quelle dichiarate al momento dell'imbarco, negli anni in cui i flussi erano più intensi, varia tra i 21,2 e i 30,2 anni, con quella delle donne sempre inferiore a quella degli uomini. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 195).

A constituição de um fluxo migratório formado por famílias, cujos cônjuges em boa parte eram jovens, causou um efeito imediato no desenvolvimento da população capixaba, principalmente na segunda metade do século XIX. Segundo Castiglioni e Reginato (2009), em mais de três séculos de colonização a população do Espírito Santo cresceu lentamente. Entretanto, deve-se ressaltar que o incremento populacional dado pela imigração aumentou de forma significativa o número de habitantes da época. Em 1856 o estado contava com 49 082 habitantes, com a chegada das famílias imigrantes e de forma especial as famílias italianas, este número aumenta consideravelmente como indicam os dados censitários, assim, em 1872 a população era de 82.137 habitantes, em 1900 este número aumenta para 209.783 habitantes, dobrando no ano de 1920, chegando assim a 457.238 habitantes (Tabela 8) (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009).

Tabela 8 – Evolução da População do Espírito Santo (1812-1920)

Ano	População Total	Taxa de Crescimento (X100)	Livres (%)	Escravos (%)
1812	24.000	–	49,58	50,52
1824	35.353	3,28	62,70	37,30
1834	40.000	1,23	–	–
1856	49.082	0,93	75,00	25,00
1872	82.37	3,27	72,41	27,59
1890	135.997	2,24	–	–
1900	209.783	4,43	–	–
1920	457.328	3,97	–	–

Fonte: CASTIGLIONI; REGINATO (1997, p. 43).

O elevado índice de jovens em relação ao de idosos eleva para o Espírito Santo a representação da população ativa, apta ao trabalho que fomentará o desenvolvimento econômico e social do mesmo.

Numa sociedade tradicional agrícola, como se caracterizava a sociedade capixaba da época “i figli era poco costoso e immediatamente produttivo; una prole numerosa garantiva manodopera a prezzo nullo, dava continuità all’economia familiare e provvedeva all’assistenza agli anziani.” (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 200). A alta fecundidade na sociedade tradicional justifica-se mediante aos amplos benefícios que esta gera para a família e de forma peculiar e direta aos pais.

A política imigrantista empreendida no Brasil no século XIX, não tinha somente como objetivo a criação de um mercado livre de trabalho e o preenchimento do vazio demográfico do país. Neste projeto de gestão da população, era intenção do governo “arrivare a una popolazione meno marcata dal colore scuro della pelle” (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 198), fomentando assim, o branqueamento da população. Assim, a questão do povoamento e da formação de um mercado de trabalho, estavam estritamente ligados “con la riduzione del

numero di neri attraverso l'aumento dei bianchi e del loro incrocio con la popolazione locale.” (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 198)

Segundo Colbari (1998):

[...] povoamento e formação do mercado de trabalho – estavam cimentados por uma outra questão: a necessidade de regeneração física do povo e a reforma moral da sociedade. Para tanto um cálculo racial orientava como se deveria processar a constituição do tipo humano brasileiro, o que tinha como desdobramento a definição do migrante ideal (branco, camponês, resignado) [...] (COLBARI, 1998, p. 130).

A busca por qualificação e melhoria profissional está entre as diversas aspirações dos indivíduos que se dispõem a migrar. Dessa forma, sob uma óptica econômica, Sjaastad (1963) relata que a tomada de decisão a migrar é precedida de um balanço entre os benefícios positivos esperados e os respectivos custos necessários. Os custos não se caracterizam apenas por gastos monetários, mas também, por questões sociais e psicológicas.

Sendo assim, ao decidir-se a migrar o europeu e neste caso o italiano, iludido pelas vãs promessas divulgadas pelas falsas propagandas disseminadas pelo governo brasileiro por toda a Europa, não podia imaginar a falta de infraestrutura que iria encontrar em terras brasileiras.

A escolaridade representava um dos grandes problemas de infraestrutura na nova terra antes mesmo do início da imigração. Iniciando-se a imigração, e com o aumento da fecundidade, este problema torna-se maior tanto e persiste no Brasil como no Espírito Santo por várias décadas.

Negli anni iniziali del processo migratorio, in Espírito Santo il sistema scolastico primario era carente per l'estrema scarsità delle scuole e degli insegnanti: nel 1857 si contavano 28 scuole elementari pubbliche, però tutte riservate ai maschi e frequentate solo da 586 alunni. L'unica scuola privata si trovava a São Mateus e aveva 27 bambini [...] Nel 1872, com l'immigrazione già in atto, le persone alfabetizzate rappresentavano l'11,8% della popolazione totale. A seguito dell'afflusso degli immigrati questo valore crebbe fino al 26,9% nel 1900, ma la mancanza di scuole lo ridusse al 23,6% nel 1920. (CASTIGLIONI; REGINATO, 2009, p. 202).

A baixa escolarização da população capixaba se perpetuou por diversas décadas do século XX, este quadro justifica-se principalmente pela escassez de escolas, dificuldade de abrangência territorial do sistema educacional



vigente na época, devido à quase inexistência de meios de comunicação entre as diversas localidades, à dispersão da população e à baixa frequência das crianças na escola causada pelo alto índice de analfabetismo dos indivíduos mais velhos oriundos da primeira e segunda geração de imigrantes, principalmente as mulheres (PETRONE, 2014).

A imigração italiana e a europeia como um todo, causaram grandes impactos imediatos na estrutura demográfica do Estado do Espírito Santo. Tendo a família no centro destas mudanças, a imigração suscitou transformações na taxa de fecundidade e faixa etária da população, bem como, no índice de escolaridade caracterizando um novo arranjo demográfico na população capixaba da época.

Além dos impactos imediatos, ocorridos já com a inserção dos fluxos imigratórios no território do Espírito Santo, a imigração gerou efeitos a longo período. De acordo com Castiglioni e Reginato (2009), podem ser destacados três grandes efeitos de longo prazo originados pela imigração, são eles: a formação de uma sociedade com base rural, a economia cafeeira, e a estrutura fundiária.

A imigração europeia, de forma particular a italiana, causou efeitos de ordem diversa no Brasil como também no Estado do Espírito Santo. Geradora de transformações nas sociedades, nas quais se processa, causa impactos a curto e longo prazo tanto nas áreas de saída quanto de destino dos migrantes, afinal, como afirma Sayad (1998), antes de nascer para a imigração o indivíduo é um emigrante. No Espírito Santo a imigração proporcionou mudanças imediatas na estrutura demográfica e socioeconômica, muitas destas perduraram ao longo do tempo, sendo percebidas na atualidade pelo povo capixaba.

### **5.1.1 A Contribuição da Imigração Italiana para a Sociedade Anchietaense**

Como no Brasil e no Espírito Santo, a imigração também produziu efeitos de ordem imediata e prolongada na estrutura demográfica, econômica e social do município de Anchieta. Constituindo-se no final do século XIX como uma das

principais portas de entrada de imigrantes no Estado, Anchieta recebeu centenas de homens e mulheres que com suas famílias, deram início ao processo de colonização do Espírito Santo.

Boa parte das terras anchietenses, principalmente as da atual zona rural do município, onde se situam atualmente o Setor Pongal e o Vale do Corindiba, estavam inseridas na Colônia de Rio Novo do Sul, estas áreas receberam de forma direta os imigrantes europeus principalmente os italianos, sendo dessa maneira, também impactados de forma direta e em longo prazo pelos efeitos ocasionados pela imigração.

A chegada dos imigrantes aumenta o número de habitantes, gera impactos na economia por meio da cultura do café e da banana, propicia o estabelecimento de um pequeno comércio nas áreas interioranas constituído por pequenas casas de comércio denominadas de “vendas” e as farmácias.

Nos aspectos socioculturais os efeitos produzidos pela migração centram-se nas mudanças na estrutura demográfica, já que a base populacional do povo anchietense era formada por indígenas e negros, no aumento da fecundidade gerando extensas famílias, na construção de escolas que eram poucas e não atendiam a demanda local. Estes efeitos têm prosseguimento até meados do século XX.

Os imigrantes também contribuíram para os hábitos rotineiros. Fundando diversos povoados em meio à densa mata, os imigrantes iam impregnando a paisagem com traços de sua própria cultura, que ao manter contato com os brasileiros também ganhava novos elementos. Assim, deixavam seus traços culturais na arquitetura de suas casas, nas manifestações religiosas, já que verdadeiramente era um povo de fé, nas festas populares, nas técnicas agrícolas e nos hábitos alimentares.

Tais contribuições transcenderam o tempo, e acompanharam os descendentes destes imigrantes. Após a dura luta em busca de melhores condições de vida, os descendentes de imigrantes, e de forma particular os descendentes de italianos, coroam a dura jornada de seus antepassados com o atual êxito de suas comunidades.

Diante da imensa contribuição da imigração italiana para a formação socioeconômica do Município de Anchieta, foram escolhidos três aspectos sociais: Economia, Educação e Cultura, com o objetivo de apresentar as contribuições que atualmente marcam a vida das comunidades e de seus descendentes.

## 5.2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A ECONOMIA ANCHIETENSE: IMPACTOS E REFLEXOS NA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

A imigração, sem sombra de dúvidas, contribuiu de uma forma geral para o desenvolvimento econômico do Estado do Espírito Santo e do Brasil. A imigração italiana, por sua vez, ao concentrar o maior contingente de imigrantes entrados tanto no Brasil como no Espírito Santo, impactou de uma forma direta no surgimento e desenvolvimento econômico de centenas de localidades brasileiras.

A política imigrantista desenvolvida pelo governo brasileiro desde o império revelava que, além da questão da elevação no que tange aos hábitos civilizatórios do país, denominada por Colbari (1998, p. 129), como “elevação civilizatória”, a imigração buscava também constituir um mercado de trabalho livre, já que o fim da escravidão se aproximava, ameaçando deixar as grandes lavouras de café sem mão de obra, bem como, o povoamento das áreas de vazio demográfico, as quais produziam pouco ou eram desprovidas de produção.

Tal política perseguia dois objetivos não excludentes: O povoamento das regiões de fraca densidade populacional e a constituição de um mercado de trabalho para subsidiar a mão de obra escrava na produção mercantil-exportadora. (COLBARI, 1998, p. 129-130).

Na segunda metade do século XIX, quando se processa a imigração italiana, o Brasil perpassava por um momento interessante no que tange a sua economia. A cana-de-açúcar já tinha cedido seu lugar ao café, que cada vez mais expandia suas lavouras principalmente no oeste paulista. O trabalho escravo, também já estava cedendo seu lugar ao trabalho livre, após as primeiras iniciativas de imigração, que no Espírito Santo irá florescer no ano de 1875.

O imigrante italiano ao decidir-se por migrar, dentre tantos fatores que o levavam a abandonar sua terra natal e se projetar em direção de uma nova terra desconhecida, estava incutido em seu consciente o desejo de prosperidade. O sonho de fazer fortuna acompanhou, e acompanha até hoje, aqueles que se aventuram pelos caminhos da migração.

Na busca por concretizar os objetivos aspirados, o imigrante mobilizava toda a família, das crianças aos idosos todos contribuía com o trabalho na busca de galgar o máximo de lucro possível em suas atividades empreendedoras. Nesta luta pelo progresso, que para muitos na verdade representou uma questão de sobrevivência, já que a realidade enfrentada pela maioria dos imigrantes foi extremamente dura, nem todos alcançaram o êxito. Entretanto, o imigrante e de forma particular os imigrantes italianos, não pouparam esforços ao buscar o triunfo de seus projetos.

Inúmeros lugares considerados inóspitos antes da imigração tornaram-se prósperos com a chegada dos imigrantes. Munidos de um espírito empreendedor desbravaram matas, construíram suas casas, formaram lavouras, abriram estradas, construíram escolas e casas comerciais, enfim, formaram comunidades que com o passar do tempo transformaram-se em vilas e atualmente cidades, como é o caso da cidade de Alfredo Chaves, que no final do Século XIX pertencia às terras de Benevente, atual Município de Anchieta.

O espírito empreendedor incutido no imigrante italiano foi fundamental para que pudesse superar os obstáculos impostos pela floresta que exigia homens com alguns atributos específicos (COLBARI, 1998). Estes atributos são classificados por Derenzi (1974), como propulsores do triunfo dos imigrantes.

O homem ambicioso, tenaz, que fosse tanguido pelo imperativo da sobrevivência, que tivesse no subconsciente séculos de energia criadora, ambição. Só o imigrante poderia realizar essa empresa, porque ele não representava o nômade, o pária, mas sim o descontente de uma civilização saturada de discórdia. O imigrante sonha e persegue o triunfo. Sabe pagar com abstinência e perseverança o preço da vitória. (DERENZI, 1974, p. 162).

Pautado na ética do trabalho, este e a “vida social em torno da religião fundavam uma moralidade pautada por valores comunitários que se sobrepunham às pretensões individualistas.” (COLBARI, 1998, p. 138). Dessa

forma, as famílias imigrantes constituíam seu patrimônio material particular, porém, sem deixar de promover melhorias na localidade onde habitavam.

Em Anchieta isso não foi diferente. Localizando-se nas áreas interioranas do município, os imigrantes fundaram, por meio de seu trabalho e espírito empreendedor, comunidades e vilas bem estruturadas que refletem o triunfo de uma colonização imigratória considerada pelos estudiosos como difícil, devido à grande quantidade de adversidades enfrentadas pelos mesmos na aventura colonizadora.

O espírito empreendedor e o trabalho dos imigrantes italianos provocaram grande influência e impacto nas técnicas e modos de cultura até então desenvolvidos ou desconhecidos nas terras anchietenses. Sendo em sua maioria agricultores, os imigrantes dedicaram-se a princípio à agricultura, deixando práticas e influências utilizadas pelos seus descendentes até os dias atuais, entretanto, com o passar do tempo e de acordo com as necessidades, participaram também em outras atividades como Indústria e comércio.

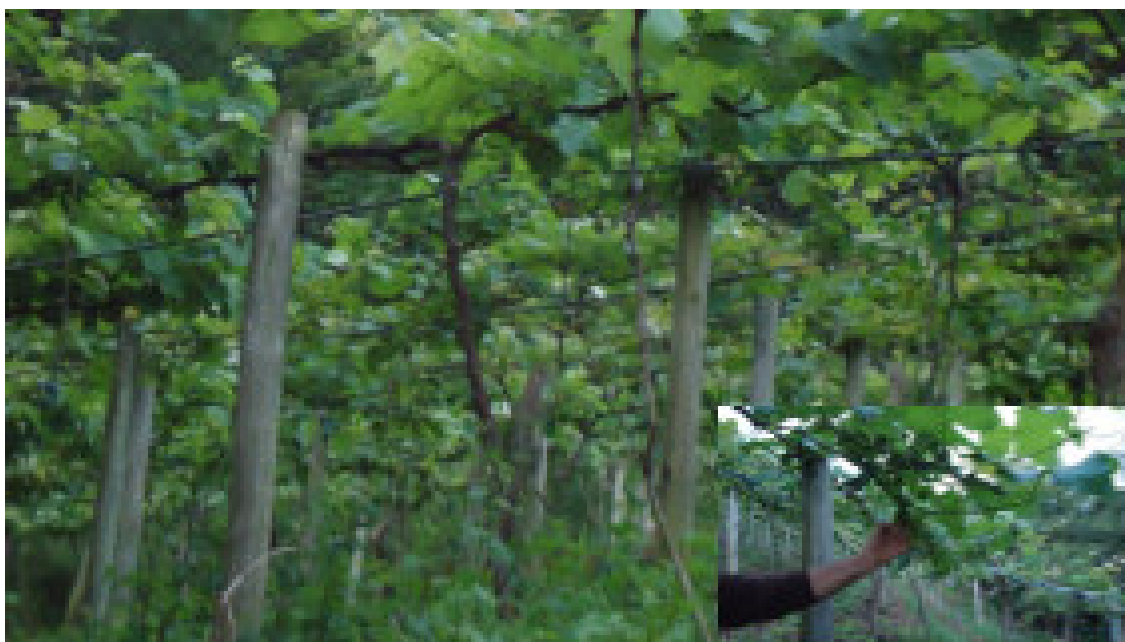
Na agricultura os imigrantes italianos desenvolveram a cultura do café e da banana com maior expressividade, além destas, outras culturas também eram cultivadas, como produtos de subsistência que incluíam alguns tipos de grãos e leguminosas. A estes produtos somava-se em alguns casos a criação de gado de corte e leiteiro, de suínos, de galinhas, além de equinos e muares que eram utilizados para desempenhar algumas atividades do trabalho diário na lavoura, como por exemplo, o transporte do café das lavouras para os terreiros de secagem e destes para as casas de comércio.

O café era o principal produto produzido nas propriedades, lotes doados pelo governo por meio da política de imigração da época fizeram que o município desenvolvesse uma estrutura fundiária baseada na pequena propriedade familiar, esta característica por sua vez marca a estrutura fundiária do município até os dias atuais. O advento da banana nas propriedades surge como medida mitigadora dos prejuízos deixados pela crise do café.

Produto de exportação, o café proporcionou a muitos imigrantes a compra de novas terras, e assim, o aumento de sua propriedade entre outros aspectos de

ordem positiva. As culturas de subsistência, como arroz, feijão, milho, batata, aipim, frutas, dentre estas a uva (Figura 4) e hortaliças eram utilizados para o consumo da família, evitando gastos desnecessários com alimentação, fomentando assim mais recursos pra outros investimentos como compra de novas terras e melhorias na propriedade.

Figura 4 - Vinha da Família Vettorazzi, Alto Joeba, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

As atividades pecuárias também contribuíam para a alimentação e a renda da família. A criação de gado proporcionava a carne e o leite consumido pela família. Do leite produzia-se o queijo, este por sua vez, era utilizado como complemento alimentar ou era vendido nas vilas ou cidades vizinhas como também na capital. Os equinos, muares e os bois maiores eram utilizados para o transporte ou a execução de serviços pesados empreendidos na propriedade, como por exemplo, o arado da terra para plantação.

Os muares de forma mais específica, eram utilizados para o transporte de mercadorias diversas, principalmente do café. Agrupados pelo seu dono, estes formavam as tropas, que eram um conjunto de mulas encarregadas de realizar o transporte de mercadorias da capital as cidades e vilas, e de levar o café aos portos para a exportação.

As verduras e leguminosas eram plantadas próximo às casas nas hortas. Como afirma Cellin (2000, p. 61) “quase toda casa tinha uma horta, onde se plantavam as hortaliças, ervas medicinais e temperos”, estas culturas também transcenderam o tempo e ainda são cultivadas por diversas famílias de descendentes de imigrantes e por escolas. Além das hortaliças, ervas medicinais e temperos eram plantados, servindo de complemento alimentar da família, como também para fornecimento de remédios para a cura de diversas mazelas do corpo.

A questão industrial no Município de Anchieta foi ínfima. Centrando-se numa indústria de pequeno porte e de caráter familiar, esta enveredou pelo ramo da produção de bebida destilada com a fabricação de aguardente (cachaça). O imigrante italiano deixou sua contribuição para a produção da bebida destilada, para isso investiu na construção de alambiques e de novas técnicas de produção, gerando um produto de qualidade que atendia à demanda local e regional. Esta atividade era muitas vezes realizada após a jornada de trabalho.

A imigração italiana em Anchieta, bem como no Estado do Espírito Santo, não deu origem a grandes empreendimentos industriais como nos estados vizinhos pioneiros na imigração, nos quais, muitos imigrantes se dirigiram ao trabalho assalariado nas indústrias e em muitos casos abriram seus próprios negócios nos mais diversos ramos, como exemplo na metalurgia. Muitos destes empreendimentos prosperaram e atualmente sob o comando dos descendentes dos fundadores apresentam-se como grandes indústrias de atuação nacional e internacional.

Os reflexos da industrialização insipiente iniciada pelos imigrantes no município de Anchieta transpassaram o tempo e atualmente se manifestam ainda com a fabricação de bebida destilada, a aguardente realizada por seus descendentes, porém, os antigos alambiques deram lugar às novas infraestruturas e técnicas de produção e armazenamento do produto, condicionando o mesmo a uma melhor qualidade.

Além do ramo dos destilados, os descendentes de imigrantes italianos têm atualmente investido em Anchieta na agroindústria familiar. Enveredando-se

para o ramo alimentício, estes vêm transformando as antigas receitas da “nonna” e da “mamma” em uma frutuosa fonte de renda para diversas famílias. Os produtos fabricados abastecem o mercado local e regional.

Na área metalúrgica destaca-se atualmente apenas uma empresa de médio porte: A Metalúrgica Mozer, esta mantém sua sede em Anchieta produzindo ferragens para construção civil. Atendendo clientela a nível nacional, gera emprego e renda para o município.

O comércio foi outro ponto que a imigração italiana ajudou a desenvolver em Anchieta. Sendo restrito inicialmente à sede do município, crescia a necessidade da abertura de pontos comerciais nas comunidades formadas pelos imigrantes. Assim, alguns indivíduos investiram na abertura de casas de comércio conhecidas como “vendas”, farmácias, sapatarias e malharias.

As vendas comercializam desde gêneros alimentícios aos produtos de limpeza e combustível, como o querosene. As farmácias comercializavam remédios que na grande maioria dos casos eram escassos, não atendendo suficientemente à demanda local. As sapatarias e malharias comercializavam sapatos e tecidos, muitas das sapatarias prestavam o serviço de concerto dos mesmos. Os tecidos comprados eram levados aos alfaiates ou costureiras que produziam as roupas a serem utilizadas tanto no dia a dia quanto nos dias de festa.

Atualmente as antigas casas de comércio deram lugar a mercearias e a modernos supermercados que estão localizados tanto nas comunidades quanto na sede do município, comercializando uma infinidade de produtos e trazendo uma maior comodidade à população. As pequenas farmácias e malharias deram lugar a grandes empreendimentos destes ramos, advindos de grandes redes nacionais, limitando a ação do descendente de imigrante a pequenos pontos de comércio neste ramo.

Com os novos mercados advindos das mudanças econômicas do século XX, os descendentes de imigrantes italianos passaram também a atuar no ramo da construção civil e em empresas de prestação de serviços. Estas empresas mantêm sua sede em Anchieta, atendendo à demanda local e estadual,



gerando renda e emprego para o município, bem como para diversas regiões do Espírito Santo.

O espírito empreendedor que motivou o imigrante italiano a trabalhar durante toda sua jornada em Anchieta, como também em todos os lugares por onde passou, acompanhou seus descendentes ao longo do tempo inspirando-os a não acomodarem-se com as situações vividas, mas sim, a buscar meios de promoção que pudessem propiciar uma vida digna a suas famílias.

Assim, o imigrante italiano deixou sua marca no processo de desenvolvimento econômico do Município de Anchieta e, ao contribuir com o município este deixa sua contribuição ao Estado e à nação brasileira. A moral trabalhista vivida pelo imigrante produziu impactos de longo prazo que são percebidos atualmente em seus descendentes, os quais, dotados da mesma moral e também de um espírito empreendedor investem em novos mercados, dando prosseguimento ao legado de seus antepassados na busca por fazer fortuna.

A seguir, são apresentados alguns empreendimentos econômicos geridos por descendentes de imigrantes italianos que atualmente atuam no Município de Anchieta. As contribuições para a economia aqui apresentadas centram-se na agricultura, na pequena e média indústria, em empresas de prestação de serviço, na construção civil e no comércio.

### **5.2.1 Empreendimentos Econômicos Geridos por Descendentes de Imigrantes Italianos no Município de Anchieta**

#### **5.2.1.1 Circuito Turístico: O Circuito dos Imigrantes**

A prefeitura municipal de Anchieta com o apoio da Secretaria de Turismo (SECTUR) e da Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural (SEMADER) objetivando promover o turismo local, como também resgatar as tradições presentes nas comunidades interioranas, fundou no ano de 2006 o “Circuito dos Imigrantes” (Figura 5), este se inicia na Praça dos Imigrantes em Anchieta sede, e segue em direção ao interior do município passando pelas

comunidades de origem italiana, até chegar ao destino final na Comunidade de Alto Joeba, somando assim, um percurso de 45 km.

Figura 5 - Pórtico de entrada da Comunidade de Alto Pongal, e marco do Circuito dos Imigrantes, Anchieta – ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Constituindo-se como um dos principais circuitos turísticos do município, o “Circuito dos Imigrantes”, apresenta a seus visitantes a cultura interiorana de Anchieta, bem como a força da agroindústria local. Com um amplo material de divulgação (Figuras 6 e 7), este se torna conhecido por pessoas de diversos estados do país e do mundo.

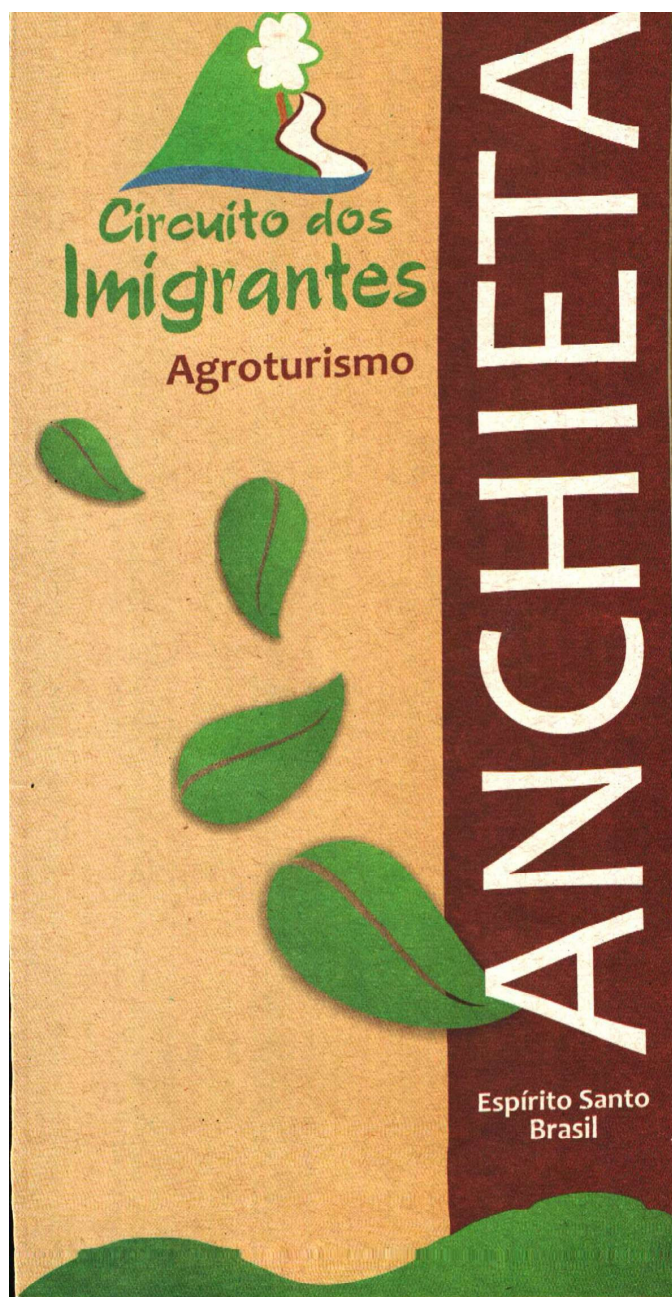
Figura 6 - Panfleto de divulgação do Circuito dos imigrantes, 2008



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (2008).



Figura 7 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (2009).

As comunidades que compõem o “Circuito dos Imigrantes” são: Arerá, Três Barras, Itapeuna, Baixo Pongal, Itaperoroma Baixa, Córrego da Prata, Alto Pongal e Alto Joeba. O folder apresentado na Figura 8 apresenta informações sobre estas comunidades.



Figura 8 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009

## Roteiro do Agroturismo

### Arerá

Hotel Fazenda Santana  
Produtor: Família Santana da Costa (Julio)  
Telefone: 3536 - 1149  
Atrativos: Lazer

---

### Baixo Pongal

Fábrica de Picolé  
Produtor: Família Mulinari (Shirlênio)  
Telefone: 9945 - 4048  
Produto: Picolé  
Atrativos: Cachoeira de Baixo Pongal

---

### Alto Pongal

Alto Pongal  
Produtor: Família Lorencini Boldrini (Ângela)  
Telefone: 3536 - 6086  
Produto: Biscoito, Bolos, Pão Caseiro, Latuga e Brevidade.  

---

Produtor: Família Lorencini (Vilma)  
Produto: Mel  
Telefone: 3536 - 6082  

---

Produtor: Família Lorencini e Vasconcelos (Alair)  
Produto: Mel  
Telefone: 3536-6438  

---

Produtor: Família Bortolloti (Nei)  
Produto: Arte e planta no coco  
Telefone: 3536-6191  

---

Produtor: Família Salarolli e Lorencini (Dolizete)  
Produto: Confeção de Vestuário, Uniformes e Roupas.  
Telefone: 3536 - 6097  
Atrativo: Lago Artesanal  

---

Produtor: Família Ceccon Boldrini (Paulo)  
Produto: Defumados  
Telefone: 3536-6147  

---

Produtor: Família Laiber Ceccon (André)  
Produto: Sabore D'Italia - Comida Italiana  
Telefone: 3536-6062

### Alto Pongal

Produtor: Família Barcelos (Casa da Nonna)  
Produto: Massas  
Telefone: 3536-6002

---

### Alto Joeba

Escultor: João Bono  
Produto: Esculturas em Madeira  
Telefone: 3536 - 6162  
Atrativos: Gruta de Pedra de N.ª Sr.ª de Lourdes  

---

Produtor: Família Vitorazzi (Naim)  
Produto: Cachaça Joeba Serrana, artesanato, cultivo de uva e rosas.  
Telefone: 9955-2696  

---

Mirante de Alto Joeba  
Produto: Mirante  
Atrativo: Vale do Alto Joeba e vista panorâmica para o mar com 330 m de altitude.  

---

Produtor: Grupo de Mulheres de Alto Joeba  
Produto: Brevidades, bolos, biscoitos, pães e latuga  
Telefone: 3536-6431

---

### Córrego da Prata

Produtor: Família Vieira Bossato (Dilza)  
Produto: Lazer e cama e café  
Tel.: 3536 - 6148  
Atrativo: Piscina de Água Natural  

---

Produtor: Família Rigoni (Vandi)  
Produto: Cachaça Pratinha  
Tel.: 3536 - 6406  

---

Produtor: Associação das Mulheres de Córrego da Prata  
Produtos: Bolos, Biscoitos, Pães, Doces, Geléias e Licores  
Tel.: 3536 - 6417  
Atrativo: Igreja de Pedra de St.ª Bárbara (Estilo Jesuítico)  

---

Produtor: Família Lorencini Zuqui (Izanete)  
Produto: Geléias e Balas de Coco  
Tel.: 3536 - 6408  

---

Atrativo: Cruzeiro com Capela N.ª S.ª das Graças  
Passeio de Aventura com Aranha

Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (2009).



Ao longo do percurso de grande beleza natural, tem-se o contato com patrimônios históricos do período da imigração, bem como com a agroindústria local e seus diversos produtos, sem deixar de citar a hospitalidade do povo ao acolher seus visitantes (Figura 9).

Figura 9 - Folder de divulgação do Circuito dos Imigrantes, 2009



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (2009).

Desde o ano de 2005, um dos maiores eventos do município é realizado por ocasião da Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, os “Passos dos Imigrantes”, que consiste numa caminhada de dois dias pelo “Circuito dos Imigrantes”, até chegar à Comunidade de Alto Pongal, local da festa que celebra a colonização italiana empreendida em Anchieta (Figura 10).

Figura 10 - Panfleto de divulgação dos Paos dos Imigrantes, 2008



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (2008).

A Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal é um marco para o município no resgate das tradições italianas. Fundada em 2006, por iniciativa da AMAP (Associação de Moradores de Alto Pongal) e da Prefeitura Municipal de Anchieta, por meio da Secretaria de Agricultura e das Gerencias de Cultura e Turismo, a festa está em sua nona edição. Além de apresentar a cultura italiana, por meio de sua gastronomia, danças e músicas, a festa conta com um desfile denominado de “Caretela”, que percorre toda a comunidade apresentado a cultura italiana deixada pelos imigrantes (Figura 11).

Figura 11- Desfile da Caretela da Imigração, na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, Anchieta – ES



Fonte: Acervo do autor (2014).

O “Circuito dos Imigrantes” sem dúvidas contribuiu para o avivamento cultural destas comunidades, fazendo com que estas buscassem em sua identidade



brasileira as marcas deixadas pela imigração Italiana, fazendo com que as novas gerações procurassem conhecer melhor suas raízes e reconhecessem a presença da cultura italiana herdada como herança presente no dia a dia das comunidades.

A seguir são apresentadas nas Figuras 12, 13 e 14, reportagens em jornais de circulação estadual que revelam o potencial turístico e cultural presente no “Circuito dos Imigrantes”, bem como uma característica marcante destes empreendimentos que é a presença da mulher do campo, como gestora dos empreendimentos familiares.

Figura 12 - Reportagem destacando o Circuito dos Imigrantes, como um dos roteiros turísticos de Anchieta – ES, jornal A Tribuna – Vitória – ES, 16/ 11/ 2007

4
**REPORTAGEM ESPECIAL**
A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - SEXTA-FEIRA - 16/11/2007

# Sorteio para passeio em Anchieta

Quem pensa que as opções de verão se resumem apenas a programações em praias está enganado. No pacote de novidades está até sorteio de passeios para conhecer o Circuito dos Imigrantes, em Anchieta, no Sul do Estado.

Fazendo o percurso, que é de 45 quilômetros de Iriri até Alto Joeba, é possível sentir um clima de montanha, numa altitude de 300 metros acima do nível do mar.

A secretária de Agricultura de Anchieta, Maria Isabel Frade, explicou que os sorteios começam na primeira semana de janeiro.

“Vamos oferecer duas vezes por semana transporte no verão para turistas, com o apoio de hotéis e pousadas que qui-



serem ser nossos parceiros, para sortear entre os hóspedes as visitas ao circuito e conhecer as belezas da região. Quinze pessoas em média serão contempladas em cada passeio”, disse a secretária.

O circuito do imigrante, que conta com 20 famílias de italianos atendendo as pessoas, dispõe de cozinha agroindustrial. Lá, é servido café colonial, além de outros produtos da gastronomia rural.

No local não há pousadas nem restaurantes, mas muitas famílias estão abrindo suas casas para quem tiver o interesse de se hospedar e conhecer a rotina do campo.

Um pórtico foi construído na entrada de Alto Pongal, onde reside a maior colônia italiana de Anchieta. O acesso é pela BR-101 Sul. Quem não for sorteado pode fazer o passeio em carro particular.

Para aqueles que preferem um banho de mar, o que não faltam são opções no Estado para curtir a estação mais quente do ano. Cada cidade está sendo preparada, principalmente com investimento de infraestrutura, para receber os turistas.

Até nas praias que foram cas-

Participaram desta reportagem: ALESSANDRO DE PAULA, ALINE NUNES, FLÁVIA MARTINS, MARIANA ALMEIDA, PEDRO VARGAS E WILTON JUNIOR.



**Entrada de Alto Pongal, onde começa o Circuito dos Imigrantes**

Fonte: SORTEIO para passeio em Anchieta (2007).

Figura 13 - Reportagem referente ao Circuito dos Imigrantes, Jornal A Tribuna, Vitória – ES, 17/ 02/ 2008



Fonte: ROTA do imigrante perto do mar (2008).



Figura 14 - Continuação da reportagem referente ao Circuito dos Imigrantes, jornal A Tribuna, Vitória – ES, 17/ 02/ 2008

16 A TRIBUNA - VITÓRIA ES DOMINGO - 17/02/2008

## REGIONAL

# Imigrante perto do mar

FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA



Moradoras do Córrego da Prata e Alto Pongal mostram pães e massas típicas da cultura italiana

## Mulheres comandam o turismo

**ANCHIETA** – Apesar de ser uma comunidade rural, onde normalmente os homens tomam a frente nos negócios da família, a maioria das casas de agroindústrias é comandada por mulheres.

Em 15 das 21 residências cadastradas no circuito são as mulheres quem fazem o atendimento ao turista, administram a produção dos alimentos, compram e vendem os produtos.

Num dos imóveis cadastrados no circuito, a casa das mulheres do Córrego da Prata, trabalham 19 mulheres. Produzem todo o tipo de quitutes e ajudam no sustento de suas famílias.

Até o transporte dos produtos é tarefa de uma mulher. Logo no começo houve um pouco de desconfiança por parte dos maridos, mas com o tempo o negócio começou a ganhar fôlego. Há cinco anos foi criada a Associação das Mulheres do Córrego da Prata.

Antonina Longue Rigoni, de 58 anos, está na associação desde o início. Disse que não foi fácil trabalhar fora de casa, mas hoje está feliz em poder contribuir e conta com o apoio do marido.

O projeto começou a partir da proposta da prefeitura de retirar as mulheres do trabalho pesado na roça e aumentar a renda familiar, agregando valor aos produtos da lavoura.

“Nos bolos utilizamos banana, aipim, cenoura produzidos aqui, assim como o coco e a goiaba dos biscoitos, a acerola das geléias”, comenta Aparecida Libardi Pinto, 27, uma das associadas.

Já em Alto Pongal, Consuelo Lorencini Barcelos, de 50 anos, e Elzani Lorencini Ceccon, de 55, comandam a Casa de Massas da Nonna, que oferece salgados, capelete, inhoque, e macarrão com massa caseira.

O produto é vendido em feiras de Anchieta. “Começamos do nada, mas estamos crescendo, ajudando nas despesas da casa”, comenta.

O próximo passo é ampliar a casa e oferecer almoço para os visitantes.

Além da culinária e da tradição, a região também oferece opções de lazer e aventura, com caminhadas, passeios na mata, banhos de piscinas naturais, grutas e mirantes.

Um dos belos passeios é até o mirante, no Alto Joeba, a 330 metros de altitude com vista para o mar. É possível ver a praia de Iriri, em Anchieta, e Piúma.

Um dos locais para banho fica no Bar da Dilza, que oferece três piscinas, sendo uma infantil, formadas por água de nascente.

Fonte: ROTA do imigrante perto do mar (2008).

### 5.2.1.2 Plantação de Café e Banana

A técnica aprendida e utilizada pelos imigrantes para a formação das lavouras de café centrava-se segundo CELLIN (2000), no plantio de caroços diretamente no solo, ou seja, não se faziam mudas em viveiros como hoje. Os caroços eram plantados em número de 5 a 6 por cova, estas seguiam um alinhamento que partia das áreas mais baixas do terreno em direção às áreas mais altas, o que facilitava o desgaste do solo, levando-o muitas vezes à infertilidade, diminuindo assim a produção.

Os instrumentos utilizados, de acordo com CELLIN (2000), eram foices, enxadas e enxada, estes eram utilizados para a derrubada da mata, como também para a limpeza do terreno e para a abertura das covas para o plantio. Em muitos casos eram utilizadas serras específicas de maior porte para efetuar a derrubada da mata, devido à presença de grandes árvores.

As etapas do trabalho consistiam primeiramente, de acordo com CELLIN (2000), na derrubada da mata com serras, machados e foices. Passado um mês da derrubada ateava-se fogo ao terreno, então se abria covas com enxada e se plantava os caroços, em muitos casos ainda, se a terra utilizada para o plantio fosse de mata, o colono encontrava dificuldades em fazer as covas, pois a terra estava impregnada de raízes (CELLIN, 2000).

Após 60 dias as mudas começavam a brotar, no quarto mês de plantio realizava-se a primeira limpa. Ao longo de pelo menos quatro anos eram plantadas em meio ao café outras culturas como o milho e o feijão. Em caso do não nascimento das mudas, extraía-se mudas da plantação que eram utilizadas para o replantio do café. (CELLIN, 2000).

Num período de quatro anos o café dava sua primeira colheita. Colhidos os frutos, estes eram secados em terreiros de chão batido próximos a casa, este trabalho era função das mulheres e das crianças. Secos os grãos, estes eram estocados no paiol ou vendidos a atravessadores.

Atualmente o plantio de café em Anchieta tem se especializado, com o apoio da Secretaria Municipal de Agricultura, que oferece apoio técnico e insumos



para os produtores, como também mudas para o plantio, contribuindo para a melhoria da qualidade do produto (Figura 15). Somando ao apoio público o trabalho e zelo do agricultor, as lavouras de café têm produzido mais, e produzindo com qualidade, levando produtores como a família Salaroli, da comunidade de Córrego da Praga, a ganharem prêmios regionais no estado pela qualidade da bebida do café.

Figura 15 - Agricultor no processo de colheita do café



Fonte: Foto do autor (2014).

O processo de produção do café tem ganhado o auxílio de novas técnicas tanto de plantio, como de cultivo e beneficiamento. Atualmente são usadas mudas selecionadas em viveiros especializados, a adubação é feita por meio de estudos no solo, a coleta é realizada de acordo com a maturação do grão, e o beneficiamento do café, que antes era realizado numa secagem a céu aberto nos terreiros de chão batido, hoje é feita em estufas que substituíram até mesmo os secadores a lenha. Tudo em prol do aumento da produção e da qualidade do produto.

A produção da banana segue os passos do café, deixando as rudimentares técnicas para trás, os agricultores têm investido nas novas tecnologias de produção, que se iniciam no plantio, com a utilização de mudas de boa qualidade e adubação, entre outros fatores (Figura 16). Outro detalhe de destaque refere-se à venda dos produtos, antes os produtores vendiam sua produção a atravessadores, que muitas vezes não pagavam o valor justo a seu trabalho. Atualmente esta realidade vem se modificando por meio das associações de produtores, seja ela de café ou banana, como é o caso da APROBANA (Associação de produtores de Banana e Outros Produtos), que é formada por produtores de banana. Hoje esta associação conta com uma sede própria, com estufa para conservação do produto, que é vendido diretamente para a Ceasa do Rio de Janeiro, fazendo com que o produtor possa ter um lucro um pouco maior com a venda de seu produto, valorizando assim o trabalho do homem do campo.

Figura 16 - Produção de Banana na Comunidade de Alto Pongal, Interior de Anchieta – ES



Fonte: Foto do autor (2014).

### 5.2.1.3 Metalúrgica Mozer

Fundada pela família Mozer em 1988, a Metalúrgica Mozer se localiza no Município de Anchieta e está há mais de 25 anos no mercado (Figura 17). Com atuação no segmento de fabricação de estruturas metálicas para as mais variadas necessidades como galpões industriais, comerciais e esportivos, cobertura metálica para os mais diversos ambientes, confecção de andares múltiplos bem como mezaninos para as mais variadas utilizações, além da fabricação de esquadrias de ferro e alumínio, escadas, portões basculantes, niveladoras de doca, reservatórios metálicos e equipamentos especiais feitos sob medida, caracteriza-se assim, como um negócio de soluções integradas em engenharia, fabricação e montagem de estruturas metálicas e esquadrias em geral.

Ocupando uma área de 20.000m<sup>2</sup>, atualmente a empresa possui uma capacidade mensal de fabricação de aproximadamente 300 toneladas em todos os seus segmentos de atuação. Buscando apresentar um produto de qualidade e o que há de melhor em tecnologia de estruturas metálicas, a Metalúrgica Mozer investe continuamente na capacitação e qualificação de seus funcionários, na expansão de sua capacidade fabril, modernização de equipamentos, veículos e no desenvolvimento de sua equipe técnica.

Figura 17 - Logomarca da empresa Metalúrgica Mozer



Fonte: METALÚRGICA MOZER, (2014).

A sua produção destina-se ao atendimento de demanda local, estadual e nacional. Este empreendimento realiza trabalhos nos estados de Amazonas, Tocantins, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, galgando assim, clientes das diversas regiões do país. Na busca por novos mercados, a empresa investe fortemente na expansão de novos negócios, mantendo equipes técnicas de atendimento e estrategicamente posicionadas no país. Atualmente a empresa é administrada por um grupo de sócios, em que o sócio proprietário é o Sr. Mario Lucio Longue Mozer.

#### 5.2.1.4 Cachaça Joeba Serrana

No ano de 2002, a família Vetorazzi deu início em sua propriedade localizada na Comunidade de Alto Joeba, fundada por imigrantes italianos no interior de Anchieta, à produção da cachaça “Joeba Serrana”. Este produto é fruto de uma produção familiar da agroindústria local, cujos empreendedores são os irmãos Naim Vetorazzi e Mauro Vetorazzi, que produzem a bebida destilada com a matéria prima (cana de açúcar) produzida em sua propriedade. Depois de um longo processo de produção, que se inicia com o plantio da cana, perpassando pelo corte, extração do caldo, fermentação, destilação e engarrafamento, surge então, um produto de qualidade, a “Cachaça Joeba Serrana”, que é comercializada por toda a região (Figuras 18 e 19). Este produto é a base da economia da propriedade.

Figura 18 - Destilador do Alambique da Cachaça Joeba Serrana



Fonte: Foto do autor (2014).



Figura 19 - Cachaça Joeba Serrana



Fonte: Foto do autor (2014).

#### 5.2.1.5 Cachaça Pratinha

Fundada em 1957 pelo Sr. Angelo Rigoni, a Cachaça Pratinha está há 57 anos no mercado. Localizada na comunidade de Córrego da Prata, interior de Anchieta, esta comunidade foi fundada pelos imigrantes italianos que ali se instalaram.

O alambique da família Rigoni, é dotado de uma grande infraestrutura que atualmente é administrada pelo Sr. Vanderli Rigoni, filho do Angelo Rigoni, e seu filho Alex Vander Rigoni (Figuras 20 e 21). Sendo uma produção familiar, este empreendimento é a base da economia da propriedade.

Figura 20 - Destilador do alambique da Cachaça Pratinha



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 21 - Barris de cachaça do alambique Cachaça Pratinha



Fonte: Foto do autor (2014).

Este produto de qualidade é comercializado por toda a região, atendendo tanto à demanda municipal, como também, a demanda dos municípios vizinhos. Nas

imediações do alambique há também uma loja para comercialização do produto para os visitantes (Figura 22).

Figura 22 - Produtos Produzidos e comercializados na loja do alambique da Cachaça Pratinha



Fonte: Foto do autor (2014).

#### 5.2.1.6 Imigrantes Comércio e Serviço LTDA (ME- Micro Empresa)

Fundada em 2010, a Imigrantes Comércio e Serviços LTDA, cujo nome fantasia se apresenta como: “Imigrantes Logística e Manutenção”, é uma empresa prestadora de serviços que se destina ao comércio de peças, manutenção e logística. Seu público alvo é o setor público, no qual atua por meio de processos licitatórios na manutenção de frotas automobilísticas e locação de frota pesada para ações logísticas.

Seu escritório localiza-se no Balneário de Iriri, litoral sul do Município de Anchieta, às margens da Rodovia Rodosol. Atualmente, presta serviços dentro do território anchietense atendendo tanto à demanda local como também aos municípios vizinhos, Guarapari, Itapemirim e Piúma. A administração da empresa centra-se em dois sócios proprietários, Sr. Ronald Vettoraci Palaoro e o Sr. Eduardo Lorencini.



Sua logomarca faz menção à bandeira da Itália, que representada por duas setas, uma verde e outra vermelha, simbolizam a empresa e o cliente (Figura 23). A seta de cor vermelha representa a empresa com seus serviços à disposição de seus clientes, representados pela seta verde.

Figura 23 - Logomarca da Imigrantes Comércio e Serviços LTDA



Fonte: IMIGRANTES LOGÍSTICA E MANUTENÇÃO, [20--?].

A história da empresa que parece ser recente teve início há muitos anos atrás, quando o avô de um dos proprietários fundou uma empresa especializada no ramo de logística, que com o passar do tempo foi fechada. Anos mais tarde, o neto em parceria com um amigo funda uma nova empresa, mas que continua com o mesmo nome: Imigrantes, esta atualmente vem crescendo e ganhando mercado na região em seu âmbito de atuação.

#### 5.2.1.7 Horizonte Construtora LTDA (ME – Micro Empresa)

Atuando na construção civil de forma geral, a Horizonte Construtora LTDA, foi fundada pelos seus sócios proprietários, o Sr. Erivelton Paulini Lorencini e o Sr. Tobias Lorencini no ano de 2012. Sua logomarca apresentada na figura 24 contém duas torres, que representam a construção civil, e um traço convexo que representa a linha do horizonte com suas diversas possibilidades.

Figura 24 - Logomarca da Empresa Horizonte Construtora



Fonte: ENGENHARIA HORIZONTE, [201-?].

Seu público alvo são os órgãos públicos, ou seja, a empresa presta seus serviços por meio de processos licitatórios, assim, com seu escritório localizado no Balneário de Iriri, atende não só a demanda local, como também presta serviços aos municípios vizinhos. Atualmente a empresa apresenta-se promissora em seu ramo de atuação.

#### 5.2.1.8 Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata

Fundada em abril de 2009, por um grupo de 12 agricultoras da Comunidade de Córrego da Prata, localizada no interior do Município de Anchieta na área de colonização italiana, esta associação surge com o intuito de complementar a renda familiar por meio da agroindústria atuante no ramo alimentício, com a produção de produtos caseiros, a partir da matéria prima disponível nas propriedades da comunidade e das antigas receitas deixadas pelas *nonas* (Figura 25).

Com uma bela história de empreendedorismo, estas mulheres ganharam a confiança de seus maridos e da comunidade, que passaram a apostar em sua iniciativa. Atualmente a associação tem como nome fantasia uma carinhosa forma pela qual foram chamadas quando deram início à comercialização de seus produtos, “Mulheres da Prata”. De forma itinerante esta Associação

perpassa pelas diversas localidades dos municípios de Anchieta, atendendo à demanda de Guarapari, Iconha, Piúma. Atualmente as “Mulheres da Prata” participam do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), fornecendo seus produtos à SEME (Secretaria Municipal de Educação de Anchieta), complementando a merenda escolar, além, de participarem de feiras municipais.

Atualmente a associação conta com 17 associadas, destas, cinco compõem uma junta diretora formada por: presidente, vice-presidente, secretária, tesoureira e vice-tesoureira. A atual presidente é a Sr<sup>a</sup>. Rosângela Bisi Zuqui e a Vice-presidente é a Sr<sup>a</sup>. Joana Zuqui Salaroli, estas juntamente com a junta diretora organizam a vida administrativa e operacional da entidade.

Figura 25 - Sede da Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata



Fonte: Foto do autor (2014).

Sua produção concentra-se em sete produtos: bolos, biscoitos, doces, compotas, geleias e licores, estes apresentam os mais diversos sabores (Figuras 26 e 27). A boa qualidade de seus produtos foi uma marca nestes quinze anos de história, o que colocou esta Associação entre as 30 melhores colocadas no Concurso Mulheres Empreendedoras do Brasil. Esta Associação já participou de diversas edições da GRANEXPOES (Feira Capixaba de

Agronegócio). A Associação de Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata, ou como é comumente conhecida, “As Mulheres da Prata”, representam a forte agroindústria municipal, bem como o espírito empreendedor e de trabalho das mulheres descendentes de imigrantes italianos. Nas imediações da associação, há uma loja para comercialização dos produtos para os visitantes.

Figura 26 - Produção de biscoitos na Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 27 - Preparo da massa utilizada na produção de biscoitos, na Associação das Agricultoras Familiares da Comunidade de Córrego da Prata



Fonte: Foto do autor (2014).



#### 5.2.1.9 Casa de Massas “Popinha”

A fábrica de massas artesanais e salgados, chamada de Casa de Massas da Nonna foi formada em 2004 por duas sócias, a senhora Maria Consuelo Lorencini Barcelos e a senhora Elzani Lorencini Ceccon, neste período era um negócio pequeno e atendia apenas à feira na cidade de Anchieta e a alguns poucos clientes das proximidades de Alto Pongal.

No ano de 2009 o filho da senhora Maria Consuelo e sua sobrinha, respectivamente Guilherme Antônio Barcelos e Camila Coelho, que trabalhavam em Anchieta, decidiram começar a comercializar os produtos em outros municípios como Iconha e Alfredo Chaves. Com o passar do tempo a sócia da senhora Consuelo desistiu do negócio e seu filho e sua sobrinha decidiram então comprar a parte desta sócia.

Atualmente a fábrica produz para atender a clientes em Anchieta sede, Iriri, Alfredo Chaves, Iconha e também Piúma. O nome da fábrica teve que ser mudado, hoje a fábrica se chama Massas Popinha, sendo este nome uma homenagem à avó e sogra dos atuais sócios que se chamava Apolônia Calenzani e era carinhosamente chamada por seus amigos e parentes de vovó Popinha (Figura 28).

Figura 28 - Logomarca da Casa de Massas Popinha



Fonte: Massas Popinha [20--?].

Dentre as delícias produzidas na fábrica Massas Popinha podem ser citados o Capeletti, o nhoque, o macarrão talharim, pizzas, salgado e pães, tudo feito com massas caseiras, preservando o sabor e a tradição deixados como herança pelos antepassados.

#### 5.2.1.10 Supermercado Redemarketing

O Supermercado Redemarketing localizado no centro de Anchieta é propriedade da família do Sr. Zey Vettorazzi, este consiste no maior mercado do Município de Anchieta, gerando emprego e renda para diversos anchietenses.

## **6 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: CULTURA E ARQUITETURA**

A presente seção busca apresentar as contribuições da imigração italiana ao Município de Anchieta, no que tange a cultura e a arquitetura. A seção é dividida em duas subseções: A primeira abordará as contribuições da imigração para a cultura, destacando as marcas presentes na culinária, música, artesanato e na religião. A segunda seção tratará da arquitetura, apresentando as marcas deixadas pela imigração na paisagem de Anchieta, estas por sua vez, vencem o tempo e ainda podem ser percebidas nas comunidades anchietenses.

### **6.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A CULTURA ANCHIETENSE: IMPACTOS E REFLEXOS NA CULINÁRIA, MÚSICA, ARTESANATO E RELIGIÃO**

Os imigrantes italianos, ao aportarem em Anchieta antiga Benevente, assim como no Estado do Espírito Santo e no Brasil, não trouxeram consigo apenas sonhos e a esperança de poderem viver de forma digna com suas famílias. Cada um deles trazia consigo uma história, uma bagagem imaterial que formavam um arcabouço de conhecimentos e experiências que constituíam sua própria identidade. Esta não era de italiano propriamente dito, mas sim, de camponês oriundo dos mais diversos locais das várias regiões que compõem a Itália.

Ao iniciarem o processo de colonização, os imigrantes italianos impregnaram as áreas por onde passavam com sua cultura, refletindo assim sobre o espaço os traços de sua identidade, desenvolvendo formas culturais particulares, próprias destas áreas de imigração, decorrentes dos diversos fatores do processo de colonização. Estas formas culturais particulares, de acordo com RIBEIRO (1998):

[...] serão considerados como fatores condicionantes do processo de construção de uma identidade que dará significados à vida e às ações dos imigrantes e seus descendentes em relação a si próprios e em relação à sociedade brasileira. (RIBEIRO, 1998, p. 279).

Buscando observar as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos no que tange à formação cultural do Município de Anchieta, esta análise se apoiará

sob a reflexão de dois pontos pertinentes destacados por Cleodes Maria Piazza Ribeiro<sup>14</sup> em seu trabalho intitulado: A imigração italiana no Rio Grande do Sul: Construção de uma identidade, publicado em 1998, no qual a autora analisa a contribuição dos imigrantes italianos no processo de formação identitária da chamada Região Colonial Italiana (RCI) do nordeste gaúcho. Este será adotado aqui, devido à grande semelhança existente entre a colonização italiana ocorrida nos estados sulinos com a ocorrida no Estado do Espírito Santo.

O primeiro fator de grande importância a se destacar para a configuração cultural da região de colonização italiana é segundo a autora a “origem dos imigrantes” (RIBEIRO, 1998, p. 279). No caso de Anchieta o maior contingente peninsular a ocupar o território do município constituiu-se por camponeses provenientes de regiões do Norte da Itália. Os maiores contingentes são originários das regiões: Trentino-Alto Ádige, Vêneto, Lombardia, Friuli-Veneza Giulia, Emilia-Romagna, entre outros.

Originários das mais diversas províncias, os imigrantes eram herdeiros e possuidores de tradições culturais particulares, que se apresentavam com domínios tecnológicos diferentes, caracterizando e revelando assim, diferentes estilos de vida. Dessa forma, segundo RIBEIRO (1998, p. 280) “os imigrantes não se constituem, em termos absolutos, como um grupo étnico homogêneo”, essa diversidade cultural dos imigrantes italianos irá contribuir para formação cultural das áreas de colonização italiana do Município de Anchieta, como também das diversas áreas capixabas e brasileiras que vivenciaram a colonização italiana.

A existência de componentes culturais diferenciados entre os colonos – diferenças ocultas sob a suposta homogeneidade da cultura camponesa à época de grande imigração – terá grande importância no processo de criação cultural no interior da sociedade que iria se organizar. (RIBEIRO, 1998, p. 280).

A adaptação do imigrante italiano a um espaço físico e geográfico desconhecido é visto por Ribeiro (1998) como um segundo fator determinante no processo de construção da identidade cultural. O processo de assentamento dos imigrantes nos lotes coloniais apresenta as seguintes características: as

---

<sup>14</sup> Professora titular da Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Brasil, pesquisadora brasileira, estudiosa da imigração italiana no Brasil.

famílias na maioria dos casos localizavam-se distantes uma das outras e a exploração de determinados recursos destinados à sobrevivência do grupo era de difícil acesso, o que gerava situações que exigiram, entre outras, a criação de novas formas de organização social, como também, de novas tecnologias, mobilizando assim, “todas as forças do grupo em busca de solução para um projeto que inicialmente individual, se tornou coletivo.” (RIBEIRO, 1998, p. 281).

As diferenças presentes nos diversos grupos contribuíram de forma decisiva para o acúmulo de saberes e técnicas, que por meio de trocas culturais, tanto entre imigrantes e imigrantes como entre imigrantes e brasileiros processaram avanços de cunho tecnológicos e sociais para a sociedade da época, contribuindo assim, para formação cultural das áreas de imigração.

[...] as diferenças existentes entre os diversos grupos foram fontes de trocas tecnológicas decisivas no interior da homogeneidade da sociedade colonial. Conforme já foi assinalado, essas diferenças foram, também, estimuladoras da criatividade, da socialização de saberes, de trocas tecnológicas permitindo o acúmulo de avanços no interior de um universo isolado. Entretanto essas trocas culturais exigiram adaptações a partir do tipo de organização e da tecnologia trazidos como bagagem cultural com a cultura já estabelecida e dominante [...] (RIBEIRO, 1998, p. 282).

Os imigrantes fixados no Município de Anchieta eram dotados de tradições diversas, estas manifestadas por meio da gastronomia, nos jogos, cantos e festas, como também, no relacionamento diferenciado com a terra, com a atividade artesanal, com as técnicas de engenharia e arquitetura. Estas tradições contribuíram para formação cultural de Anchieta, marcando assim, de forma direta a identidade do anchietense, que de forma simbólica, traz representado nas cores da bandeira municipal as cores da bandeira italiana. A seguir são apresentadas algumas contribuições da cultura italiana trazida pelos imigrantes que atualmente marcam a cultura local, e molda a identidade cultural das novas gerações.

### **6.1.1 Culinária**

O imigrante italiano contribuiu para a formação gastronômica do Município de Anchieta. A culinária italiana está presente e viva nos hábitos alimentares do

anchietense, principalmente nos hábitos alimentares das comunidades formadas por seus descendentes. Unindo-se a gastronomia de outras etnias que caracterizam a culinária do município, indígena, portuguesa, espanhola e sírio-libanesa, entre outras, a culinária italiana deixa sua marca, que se faz presente até a atualidade, seja na diversidade de pratos, como também na técnica de preparo dos alimentos.

Os imigrantes ao chegarem à nova terra, além de disseminarem seus hábitos gastronômicos, também tiveram de se “adaptar às condições de hábitos alimentares” (CELLIN, 2000, p. 39) existentes. O consumo do feijão e da farinha de mandioca, bem como o de carne seca, são exemplos de adaptações, as quais os imigrantes tiveram que perpassar, assim, “aprenderam a comer feijão com farinha e carne seca, mas não deixaram a polenta e o macarrão de lado” (CAVATI, 1973, p. 83), ao contrário, como relata Cellin (2000): “[...] a polenta estava sempre presente nas refeições, tanto matinais, como no almoço ou no jantar, e o macarrão era feito no almoço de domingo.” (CELLIN, 2000, p. 39).

As novas adaptações que os imigrantes tiveram que vivenciar, propiciaram o domínio e a geração de novas técnicas no que tange à produção e ao preparo do alimento. A farinha de mandioca, que era juntamente com a farinha de milho, o fubá, utilizada para substituir a farinha de trigo, que era bem escassa, fez com que as casas de farinha conhecidas na época e até hoje como “quitungos” chegassem às comunidades de imigrantes, assim como a construção de moinhos perto a cursos d’água, procedimento já utilizado na terra natal. As casas de farinha produziam farinha de mandioca e os moinhos, o fubá.

As cozinhas mantinham uma formatação peculiar, onde, “eram sempre típicos o fogão a lenha, as prateleiras com ganchos para pendurar as vasilhas e aqueles armários tipo prateleiras, onde as xícaras eram penduradas e os pratos colocados em pé” (CELLIN, 2000, p. 40). As despensas compunham um ambiente à parte dentro da cozinha, onde eram guardados os alimentos de forma geral.

A mulher tinha e ainda tem um papel de destaque na culinária e na organização da vida doméstica da família. Mantinha na época uma longa jornada de trabalho, que consistia tanto no trabalho doméstico geral, como também no da lavoura. Acordando de madrugada, esta preparava o desjejum ou café da manhã, bem como o almoço que a família levaria para a lavoura (as marmitas), partindo para a lavoura paravam apenas para almoçar, “sempre em torno de 9:00h” (CELLIN, 2000, p. 40), terminado o almoço retornavam ao trabalho. Após o árduo trabalho na lavoura, cabia às mulheres e às vezes às crianças o trato das criações, para a mulher antes do término de sua jornada diária seguia-se ainda o preparo do jantar, arrumação da casa, a costura e somente depois repousava (CELLIN, 2000).

A manutenção de criações, como relatado anteriormente era comum às famílias imigrantes. Geralmente as criações eram de galinhas e porcos, “quase todo colono tinha um porco na ceva, que lhe fornecia carne, banha e alguns quilos de linguiça.” (CAVATI, 1973, p. 40). As galinhas eram tanto para o consumo da casa como também para comercialização, seja com os vizinhos ou com algumas casas comerciais.

Quanto à criação de galinhas, Cellin (2000) destaca um costume bem tradicional dos imigrantes, ou seja, a sopa de galinha para mulheres que davam a luz, geralmente a galinha e os ovos para fabricação do macarrão eram dados pelas comadres e demais companheiras como presentes ao irem visitá-la.

O dia de matar o porco era uma festa, toda a família se reunia. Morto o animal, iniciava-se o processo de “limpa”, que consistia na limpeza do couro, esquartejamento, e separação dos miúdos do animal. Fazia-se o torresmo, codeguim, chouriço, a banha, entre outros, assava-se a maior parte da carne que era guardada na banha em grandes panelas ou em latas de querosene higienizadas, o que não era assado era salgado. Ao longo da limpa, eram separados alguns pedaços de carne do animal, que eram dados aos vizinhos e amigos como um presente, esta carne que era doada era chamada pelos colonos de agrado. Este gesto ainda é encontrado em meio aos descendentes.

Sempre que chegava uma visita a casa, era servido um café em “canecas de esmalte” (CELLIN, 2000, p. 41) e pão caseiro, este era assando na folha de bananeira no forno do fogão a lenha. Mais tarde, a lata de querosene servia para fazer formas, nas quais, eram assados os pães, substituindo-se assim, as folhas de bananeiras por formas de latas. A presença das latas de querosene como utensílios domésticos se dá devido à falta de energia elétrica, o que levava ao alto consumo de querosene nas lamparinas, lampiões e para acender o fogo do fogão a lenha. Criativo o colono higienizava bem as latas e as reaproveitava, que também eram utilizadas para fazer formas para produção dos queijos.

No que tange às bebidas, no Espírito Santo o vinho fora substituído pela cachaça (CELLIN, 2000), sendo o vinho reservado para ocasiões especiais, como festas da família, natal, bom ano (ano Novo) e casamentos. A utilização da cachaça fazia-se como a do vinho, os colonos tomavam uma dose diária.

Aos domingos a família se reunia para o almoço, sentavam-se todos à mesa onde se serviam do macarrão, galinha assada em panelas de ferro (CELLIN, 2000) ou ao molho pardo, carne de porco, entre outras. No Natal, o almoço era bem farto, realizado por volta de onze horas, em que, “todos à mesa para comer era uma festa só.” (CELLIN, 2000, p. 42).

A herança gastronômica italiana, deixada pelos imigrantes se faz presente no cotidiano do descendente que atualmente vive no Município de Anchieta. Inúmeras receitas ainda são produzidas e hábitos alimentares são vividos. A agroindústria local produz diversos produtos como doces, pães, biscoitos, massas, licores e bebidas destiladas que possuem sua raiz nas receitas ensinadas pelas “nonnas” (as Vovós), e que de geração em geração foram transmitidas e ainda hoje se mantém vivas caracterizando a culinária municipal.

Hábitos como as festas de famílias, almoço ao domingo em família, com uma deliciosa polenta com galinha e queijo, ainda reúnem em torno de grandes mesas inúmeras famílias dos descendentes, mantendo viva uma tradição. A culinária italiana não marca apenas os hábitos alimentares do anchietense



descendente de imigrante, mas, possui uma marca social no que tange ao respeito e a convivência familiar e comunitária.

O Anexo II apresenta algumas receitas que ainda hoje são muito comuns nos hábitos alimentares dos descendentes de imigrantes do Município de Anchieta. As receitas foram extraídas dos livros: *Piemonteses em Castelo de Joelma Cellin*, publicado no ano 2000; e *História da Gastronomia de Anchieta: Livro de Receitas*, organizado pelo MEPES (Movimento Promocional de Educação de Espírito Santo) e a EFTUR (Escola Família Turismo – Pietrogrande), publicado em 2011.

### **6.1.2 Música**

A música tem uma grande importância na vida do imigrante, por meio das composições eram expressos sentimentos, aspectos da vida cotidiana e até mesmo da paisagem, bem como o anseio de construir uma nova vida na nova terra. Desta forma, a música estava presente nos momentos mais importantes da vida do imigrante, como “nos casamentos, em que os sanfoneiros tocavam até altas horas da noite, nas festas religiosas, nas celebrações, nos momentos de diversão e nos cortejos fúnebres.” (CELLIN, 2000, p. 55).

Passadas de geração em geração poucas foram as canções que permaneceram. Transmitidas por meio da oralidade, devido às dificuldades em ter a letra escrita das mesmas, estas eram ouvidas e decoradas (CELLIN, 2000). Em 1979 as músicas cantadas pelos mais velhos deram origem no Distrito de Alto Pongal, local conhecido em Anchieta por reunir a maior comunidade de descendentes de italianos do município, e por manter viva a tradição herdada dos antepassados, o 1º coral de música folclórica italiana (Figura 29).

Figura 29 - 1º Coral de música folclórica Italiana de Alto Pongal, em apresentação no ano de 1979 no Clube Ítalo Brasileiro, Vitória – ES



Fonte: LORENCINI, (1979).

No ano de 2012, após várias décadas de recesso nas apresentações, os integrantes fizeram uma apresentação na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, relembando não só as músicas folclóricas que cantavam, mas também os tempos em que se apresentavam nas diversas localidades do estado e até mesmo em estados vizinhos (Figura 30).

Figura 30 - 1º coral de música folclórica em apresentação na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal, Anchieta, ES depois de anos sem se apresentar



Fonte: Foto do autor (2014).

Atualmente a Escola Municipal de Educação Básica “Tia Marlene Petri”, mantém um projeto de musicalização com as crianças das séries iniciais do ensino fundamental. O projeto busca o resgate da cultura italiana por meio das músicas folclóricas, desta forma, em 2010, sob a regência do professor de música Igor Lourencini Vetorazzi, foi criado com as crianças um coral denominado “Bambini di Pongal”, composto por 30 crianças da comunidade (Figura 31).

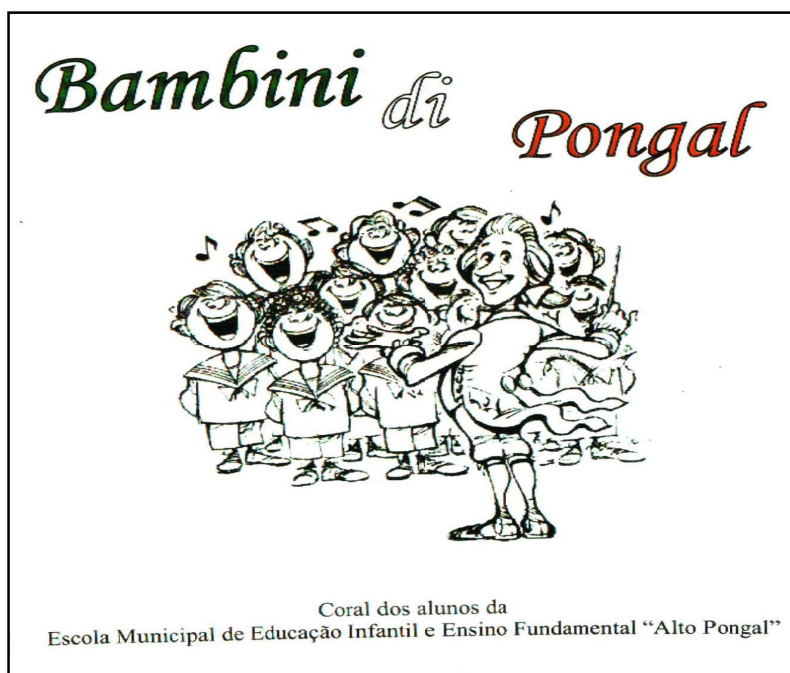
Este coral realiza apresentações nos diversos eventos da comunidade, do município, assim como em eventos a nível estadual. As diversas apresentações culminaram na gravação de CD de músicas italianas folclóricas (Figura 32). O fruto desta ação consiste no resgate cultural, fazendo com que as novas gerações conheçam as raízes de sua cultura.

Figura 31 - Coral Bambini di Pongal em apresentação na VII Festa da Imigração Italiana de Alto Pongal



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 32 - Capa do CD gravado em 2010, pelo Coral Bambini di Pongal



Fonte: EMEB TIA MARLENE PETRI, [2010].

A música origina a dança. A mesma dança realizada na terra natal ou na nova terra nos momentos de celebração e festa, também é resgatada pelo Distrito de Alto Pongal, por meio do Grupo di Ballo Nonna Adélia (Figuras 33 a 34). Formado em 2006 com o nome de Grupo de Dança Folklorístico Nonna Adélia, com o a finalidade de homenagear a Sr.<sup>a</sup> Adélia Lorencini Passamani, pois era



na época a moradora mais antiga da comunidade, o grupo surge formado apenas por jovens meninas.

Figura 33 - Primeira composição do Grupo Folklorístico Nonna Adélia



Fonte: GRUPO FOLKLORÍSTICO NONNA ADÉLIA, [2006].

Figura 34 - Croqui das indumentárias masculina e feminina utilizada pelo Grupo de Dança Folklorístico Nonna Adélia



Fonte: GRUPO FOLKLORÍSTICO NONNA ADÉLIA, [2006].

Após a primeira apresentação, a coordenadora vigente na época, Camila Coelho em parceria com a Gerência de Cultura realizou uma formação específica em dança folclórica italiana no Festival de Inverno de Domingos

Martins. A formação deu base para o grupo se desenvolver, mantendo esta formação por dois anos. Com o passar do tempo o grupo se tornou misto sendo composto tanto por jovens meninos e meninas (Figura 35).

Figura 35 - Grupo de Dança Folklorístico Nonna Adélia



Fonte: Foto do autor (2014).

Atualmente, o grupo foi inserido na Escola Municipal de Ensino Básico “Tia Marlene Petri” (Figura 36), que mantém o projeto como atividade de contra turno. Realizando diversas apresentações nos mais diversos eventos, seja, na comunidade, no município ou no estado, o principal fruto desta ação é a manutenção e transmissão da cultura italiana as diferentes pessoas, mas principalmente a juventude anchietense.

Figura 36 - Grupo de Ballo Nonna Adélia, Escola Municipal de Ensino Básico “Tia Marlene Petri”



Fonte: Foto do autor (2014).

São apresentadas no Anexo III as letras das músicas cantadas pelo Coral “Bambini di Pongal”, e no Anexo IV as danças folclóricas realizadas pelo “Gruppo di Ballo Nonna Délia”, e o respectivo contexto histórico da dança.

### 6.1.3 Artesanato

O artesanato produzido pelos imigrantes italianos em Anchieta é fruto do processo de adaptação do novo meio, no qual passariam a viver. Muitos imigrantes trouxeram em sua bagagem cultural diversas técnicas de produção de utensílios domésticos de uso diário, muitos até eram artesões em sua terra de origem como afirma Cellin (2000).

A prática artesanal era empreendida tanto pelo homem como pela mulher, entretanto, o mesmo era desenvolvido diferencialmente. Cabia à mulher a feitura do crochê, a brolha, o bordado, a costura, a pintura em tecidos, estes e

outros mais, caracterizavam o artesanato feminino. Já, o artesanato masculino, caracterizava-se pela cestaria e demais artefatos de mesma ordem, como: Balaies, gaiolas e vassouras. Atualmente, muitos destes artefatos são produzidos por diversas famílias nas comunidades interioranas da área de colonização italiana.

O trabalho artesanal atualmente está nas mãos das pessoas mais velhas, ou seja, a juventude diante dos novos adornos socioeconômicos e tecnológicos destes novos tempos tem quebrado a tradição, deixando estagnado na memória dos pais e avós, esta parte da grande bagagem cultural herdada dos primeiros colonos que aqui se instalaram, podendo assim, chegar um tempo em que a beleza destes artefatos produzidos artesanalmente fique retida somente na memória.

#### **6.1.4 Religião**

Os imigrantes traziam de seu país uma fé e uma prática religiosa. Logo que se instalavam em seus estabelecimentos buscavam o mais rápido possível construir uma capela para realização das celebrações religiosas comunitárias (Figura 37). Dessa forma, como afirma Cellin (2000) numa comunidade formada por imigrantes italianos, a igreja foi e continua a ser o epicentro e o fator de sedimentação cultural, ao seu redor foi construída a vida cultural dos imigrantes, cultura e religião caminharam juntas ao longo do tempo.



Figura 37 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus na década de 60, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: LORENCINI, [196-].

O terreno destinado à construção da Igreja era doado pelas famílias, geralmente as de maior posse. Estando sempre numa posição privilegiada, localizada na maioria dos casos na parte mais elevada da comunidade, onde todos pudessem vê-la e para que ficasse destacada das demais construções. De acordo com Cellin (2000), esta concepção também foi utilizada pelos portugueses, no período em que o Brasil era colônia.

Estando num lugar desconhecido, os imigrantes viviam sobre a consonância do espírito comunitário. Para a construção da Igreja todos colaboravam doando material e mão de obra.

À capela pronta dava-se o nome do Padroeiro, no caso das Igrejas localizadas nas áreas de imigração do Município de Anchieta, observa-se a grande presença dos ícones de Nossa Senhora, do Sagrado Coração de Jesus (Figura 38), e de Santos Populares da Europa como Padroeiros das comunidades (Figura 39). As imagens dos Padroeiros sempre ocupavam lugar de destaque nos belos altares entalhados na madeira nas Igrejas, sendo acompanhadas de imagens de outros Santos de devoção popular. Quanto à estrutura da Igreja, a

torre era construída sempre separada do corpo da capela, nela ficava o sino (CELLIN, 2000).

Figura 38 - Imagem do sagrado Coração de Jesus, atual padroeiro da Comunidade de Alto Pongal. A devoção ao coração de Jesus é comum nas comunidades formadas por descendentes de imigrantes Italianos



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 39 - Imagem de Santo Antônio, Primeiro padroeiro da Comunidade de Alto Pongal



Fonte: LIBARDI, [20--?]<sup>15</sup>

As celebrações dominicais, por falta do sacerdote ou de leigo devidamente instruído, consistiam na oração do Santo Terço, oração Católica de devoção Mariana. Atualmente as comunidades de descendentes de imigrantes se reúnem todos os domingos para celebrar a Celebração da Palavra com Eucaristia ou para a Santa Missa, no caso da primeira, que é a mais convencional, é ministrada por um leigo devidamente instruído da comunidade. A presença do padre antigamente era rara, devido às dificuldades existentes

---

<sup>15</sup> Segundo seu proprietário foi trazido pelos imigrantes italianos da Itália e posto na primeira Igreja da Comunidade.

quanto aos meios de transporte, atualmente pelo menos uma vez por mês, há a visita do padre nas comunidades e a Celebração da Santa Missa.

A Igreja continua a ser o ponto de encontro e de reunião da comunidade, como também o principal veículo de comunicação coletiva da mesma. No momento dos avisos na celebração, diversas informações de ordem comunitária são transmitidas aos moradores, assim como era feito há décadas atrás. Os trabalhos aos domingos eram evitados ao máximo, sendo realizados apenas os serviços da Igreja, vindo depois o divertimento, esse costume vigora ainda hoje.

O hábito de se ministrar a catequese às crianças e aos jovens também permanece em meio às comunidades. Antigamente a catequese era ministrada após a celebração, e participavam dela as crianças que ainda não haviam feito a Primeira Eucaristia, atualmente a catequese é feita preferencialmente nos finais de semana, relacionada às diversas fases da infância, adolescência e juventude.

O respeito pela pessoa do padre era muito grande, em dias de missa este era esperado com muito carinho. Quando o padre chegava era saudado pelos homens que retiravam o chapéu da cabeça em sinal de respeito. Os descendentes ainda hoje nutrem este respeito herdado dos mais velhos pela pessoa do padre, que muitas vezes é recorrido na busca de aconselhamentos e orientação espiritual.

Os fiéis dividiam-se dentro da Igreja em alguns movimentos, como: Apostolado da Oração, que consiste num movimento de propagação da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, neste movimento os fiéis usam uma fita vermelha pendurada no pescoço, com uma cruz ou uma medalha do Coração de Jesus na ponta da mesma; a Cruzadinha, que era composta pelas crianças que já haviam feito a Primeira Eucaristia.

Após a celebração, a comunidade vivia seu momento de lazer. Os homens juntavam-se pra jogar “mora”, “boccia” e “tressete” que consiste num tradicional jogo de baralho. As mulheres conversavam sobre as tarefas do dia a dia, e as crianças depois de terminada a catequese brincavam de piques diversos e



rodas, já os jovens, rodavam a praça do pátio da Igreja visando namorar as moças (CELLIN, 2000, p. 80).

Atualmente, o término da celebração também marca o início das atividades de lazer nas comunidades. Muitos homens juntam-se nos bares para o jogo de baralho e para a “boccia”, porém o destaque fica para o jogo de futebol masculino que anima as tardes de domingo, reunindo a comunidade em torno do campo tanto para assistir ao time da comunidade jogar, quanto para conversar sobre o dia a dia.

As festas religiosas tinham seu lugar de destaque na vida comunitária dos imigrantes italianos (Figura 40). No dia de festa, a Igreja era arrumada com as flores colhidas no campo, o pátio era enfeitado com bandeirolas coloridas, e os homens soltavam fogos de artifício saudando a chegada do padre na comunidade, o Santo Padroeiro era homenageado com uma “salva de 21 tiros”. (CELLIN, 2000, p. 80).

Figura 40 - Festa Comunitária, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: LORENCIN, I [19--?].

A Santa Missa era cantada pelo coro local. Após a Missa eram feitos leilões de doces, porcos, galinhas e garrotes, o dinheiro arrecadado era destinado à Igreja. A procissão encerrava a festa, sendo feita à tarde, e não como atualmente após a Missa, esta tinha sempre na frente o Santo Padroeiro, carregado em um andor enfeitado com flores, que era seguido pelos fiéis. Os

bailes não eram feitos nas mediações da Igreja, e sim nas casas de família aos sábados e estendiam-se até a madrugada.

Os participantes das festas eram da comunidade local e das vizinhas, o padre, e os componentes dos movimentos religiosos presentes na Igreja. Outros dois momentos importantes para a vida da comunidade eram a celebração do casamento e a do funeral. Estes mobilizavam toda a comunidade.

A celebração do casamento era um momento esperado, a idade considerada adequada para o casamento na época era de 20 e 22 anos, geralmente o homem era sempre mais velho que a mulher. Após a celebração religiosa havia uma grande festa em que os convidados formados pelas famílias dos noivos, parentes e amigos, degustavam diversas comidas e bebidas, juntamente com o baile. Segundo Cellin (2000, p. 82) “as festas de casamento eram verdadeiros banquetes, com fartura de alimentos, ofertados pelo pai da noiva”, este acontecia segundo a autora, da seguinte forma:

[...] onde quer que fosse a igreja, todos iam a cavalo, inclusive a noiva. As mulheres montavam no silhão, nunca em montaria de homem. Durante o trajeto, todos conversavam, namoravam, cantavam, era uma alegria só. Chegando a igreja, todos entravam e sentavam-se. A noiva entrava junto com o noivo, sem se darem as mãos. Era escolhido um padrinho para o noivo e uma madrinha para a noiva, que entravam atrás dos noivos. O padre fazia a cerimônia. (CELLIN, 2000, p. 82).

As vestimentas da noiva eram brancas, com véu e grinalda, acompanhados de uma sombrinha, pois os casamentos eram realizados geralmente à tarde, e o trajeto até a igreja era geralmente longo, dessa forma a noiva se protegia do sol com a sombrinha. Já o noivo usava paletó e gravata, quase sempre confeccionados de casimira, muito usada nas cores escuras, como o azul marinho (CELLIN, 2000). Após o banquete, o sanfoneiro iniciava o baile, este durava até o raiar do sol. Os convidados para o casamento eram as famílias dos noivos, os parentes e os amigos.

Quando alguém morria na comunidade, fazia-se o velório, no qual todas as famílias vizinhas faziam-se presentes, este era realizado na casa do falecido. Depois de feito o velório, havia o costume de irem todos em procissão ao cemitério para o sepultamento. No trajeto rezava-se o terço e entoavam-se

cantos apropriados, o sepultamento era feito diretamente no solo, e uma cruz de ferro de grande plasticidade e esteticidade era cravada na cova, com o nome e a data de nascimento e falecimento do morto (CELLIN, 2000).

Atualmente as festas populares dos Santos Padroeiros movimentam e alegram a vida das comunidades de descendentes de imigrantes. Muitas ainda mantêm a tradição das procissões, dos fogos e dos leilões, somando-se a um torneio de futebol, jogado pelos times das comunidades ou por times de famílias. O funeral ainda impacta a vida da comunidade, ao falecer um componente da comunidade, a mesma se reúne seja na casa do falecido ou nas capelas mortuárias para o velório, após o termino deste, o corpo é levado a Igreja, onde se celebra as exéquias, seguida do sepultamento.

As comunidades formadas por descendentes de imigrantes italianos presentes no Município de Anchieta ainda preservam muitos traços da tradição deixada pelos seus antepassados, principalmente a de guardar os dias denominados de santos pela Igreja Católica (Anexo V), porém, o ritmo de vida da atual sociedade moderna tem apagado em muito os traços destas tradições, quando não apagadas, estas são reinventadas, e assim busca-se mantê-las vivas e presentes no dia a dia comunitário. Saber até quando estas tradições serão mantidas é uma tarefa difícil, porém cabe a cada um dos descendentes alimentar esta identidade imigrantista e transportá-la para as novas gerações, mesmo que para isso esta precise ser reinventada, porém, sem perder sua essência.

## 6.2 ARQUITETURA

A arquitetura no Espírito Santo, assim como em Anchieta, apresenta marcas culturais dos imigrantes italianos (Figura 41). Esta reflete no espaço a cultura de um povo, impregnando assim a paisagem com representações simbólicas que traduzem a identidade camponesa formada nas diversas regiões do norte da Itália, no caso de Anchieta predominam as influências da região do Trentino-Alto Ádige.

Os camponeses que para cá vieram, trouxeram consigo uma bagagem técnica tradicional referente ao trabalho na construção civil. Aqui, estas técnicas tiveram um papel salutar para a construção das habitações, sendo aprimoradas para adaptar-se às condicionantes da nova terra.

Figura 41 - Casa da família Ceccon, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

As construções dos imigrantes eram dotadas de simbolismos, que revelavam as origens culturais deste povo e seus anseios na nova terra. A casa era o ponto de partida para a realização dos sonhos que motivaram a emigração, assim, passado e presente, tristezas e alegrias vivem na nova casa do imigrante italiano que vai desenvolvendo seu projeto de vida.

O passado, as origens culturais e o sonho de uma vida melhor vivem na nova casa do imigrante italiano. Seus projetos de vida, seus deuses domésticos, seus valores e, enfim, a sua casa se refletem na sua arquitetura nas novas terras. A dualidade entre o adaptar-se ao novo e preservar a memória e a própria identidade permanece presente na arquitetura. A organização do espaço, a estrutura, os materiais usados na construção mostram a mistura das lembranças do passado e os condicionamentos do novo meio. (MUNIZ, 1998, p. 248).

A arquitetura rural do imigrante italiano testemunha a história de um passado não tão distante, marcado pela luta de simples, porém valentes homens e mulheres, em busca de melhores condições de vida, em meio aos vales e montanhas do interior do município de Anchieta e de todo o Estado do Espírito



Santo. Esta luta resultou em marcas na paisagem que originaram novos valores culturais responsáveis por significativas mudanças nos modos de vida e nas relações de trabalho dos novos brasileiros (MUNIZ, 1998).

Muniz (1998) revela ainda que a paisagem e a arquitetura rural produzida pelos imigrantes e seus descendentes mantém viva e presente a história da imigração europeia no Brasil, mas também, pode-se destacar que os mesmos elementos contribuem para a memória da imigração no Espírito Santo e no Município de Anchieta.

Uma arquitetura que traz a lembranças das suas terras de origem, mas que sofreu adaptações condicionadas ao uso de diferentes materiais e técnicas e à necessidade de integração ao novo meio ambiente. A arquitetura, sendo também resultado do próprio processo construtivo, mostra a combinação de formas presentes nas construções rurais do norte italianos, remetidas ao novo ambiente, com diferentes técnicas e dentro de uma nova organização e uso. (MUNIZ, 1998, p. 249-249).

As construções representavam também a ascensão do imigrante, marcando assim as fases de seu processo de desenvolvimento econômico. As primeiras casas, feitas logo na chegada à nova terra, consistiam em choupanas rudimentares, que seriam substituídas por uma casa de caráter definitivo, que por sua vez, havendo o enriquecimento, seria novamente substituída por uma casa maior, semelhante às casas do norte italiano, entretanto, construídas com materiais diferentes devido às novas condições do meio (Figura 42). Assim, “a arquitetura, sendo também resultado do próprio processo construtivo, mostra a combinação de formas presentes nas construções rurais do Veneto e do Tretino, remetidas ao novo ambiente, com diferentes técnicas e dentro de uma nova organização e uso.” (MUNIZ, 2009, p. 132).

Figura 42 - Casa da família Libardi, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Para a construção das moradias os imigrantes trabalhavam em mutirão (MUNIZ, 2009), os homens reuniam-se em trabalho comunitário para a construção das casas. O isolamento dos lotes, juntamente com o abandono do governo, forçaram os imigrantes a quebrarem o individualismo da cultura europeia, obrigando-os a prática do trabalho cooperativo e a vivência em comunidade para assim enfrentarem os desafios da nova terra.

Nas colônias de imigrantes e, sobretudo no meio rural, o trabalho cooperativo entre vizinhos era questão de sobrevivência. O mutirão para edificação das casas dava-se entre italianos vindos das diversas regiões da Itália, principalmente de localidades do norte italiano, ou, ainda, com vizinhos de outras regiões. Embora pudessem ter na prática de onde saíram suas diferenças regionais, aqui, todos eram imigrantes e havia necessidade de ajuda mútua. (MUNIZ, 2009, p. 132-133).

O mutirão reunia os homens da comunidade, quanto maior o número de participantes, mais rápido concluía-se a construção, que em seu término apresentava “como resultado uma mistura de formas e espaços na mesma obra” (MUNIZ, 2009, p. 133). As construções por sua vez guardam as formas arquitetônicas usadas nas diversas regiões da terra natal, sobretudo do Trentino e do Veneto. Ao dono da casa cabia também providenciar a alimentação para todos os trabalhadores, estas refeições eram preparadas pelas mulheres.

Assim, Muniz (2009) afirma que:

No desenvolvimento da arquitetura do imigrante no Espírito Santo, sob o ponto de vista formal e da organização dos espaços, estão presentes as lembranças das regiões de origem. Sob o ponto de vista dos materiais e das técnicas construtivas utilizadas, é visível o esforço de adaptação ao novo meio. (MUNIZ, 2009, p. 133).

Posenato (1998, p. 231), afirma que a “arquitetura da imigração italiana no Estado do Espírito Santo compreende as edificações e os espaços organizados dos imigrantes italianos e seus descendentes”. Ainda segundo o mesmo autor, esta “se fundamenta na disponibilidade de materiais nos próprios lotes coloniais, na herança cultural trazida da Itália, na capacidade de assimilação da cultura luso-brasileira e na valorização do trabalho manual.” (POSENATO, 1998, p. 232).

A madeira era o material de maior importância para a construção das casas. Segundo Posenato (1998, p. 232) “com ela fazia-se tudo: estruturas, paredes, pisos, coberturas, forros, balaústres, escadas, ornamentação aplicada”. As pedras que eram muito utilizadas na Itália, aqui foram utilizadas de forma modesta. Também houve o emprego de tijolos e adobes, bem como o emprego de outros materiais, como: a cal utilizada como argamassa e pintura, o ferro, utilizado principalmente nas estruturas, com destaque para os pregos, mas também, nas ferragens, grades e coberturas de telhas de ferro galvanizado.

Os materiais e as ferramentas (Figuras 43, 44 e 45) utilizados pelos imigrantes italianos para suas construções eram os mesmos adotados tanto pelos imigrantes germânicos, como também, os tradicionalmente empregados no meio rural do Espírito Santo. Assim, a utilização de madeira nas estruturas e o emprego do pau a pique nas vedações (Figura 46) se faziam presentes tanto nas moradias simples, como as casas de caboclos e nas grandes sedes de fazendas locais, neste último com uma técnica de maior apuro.

Figura 43 - Grupião, tipo de serra para a madeira



Fonte: Foto do autor da peça de propriedade do Senhor Luiz Carlos Palaoro (2014).

Figura 44 - Cerrote



Fonte: Foto do autor da peça de propriedade do Senhor Luiz Carlos Palaoro (2014).



Figura 45 - Plaina de madeira



Fonte: Foto do autor da peça de propriedade do Senhor Luiz Carlos Palaoro (2014).

De acordo com Muniz (2009), o conhecimento das construções de pau a pique ou estuque fora conhecido pelos imigrantes a partir do momento de sua chegada, pois era a técnica usada nas paredes dos rústicos barracões que os abrigavam nos núcleos coloniais, sendo desconhecido o uso desta técnica em sua terra natal. A autora afirma que:

na Itália não há registro dessa forma de construir e nem mesmo os autores que tratam da arquitetura do imigrante germânicos no Brasil fazem referência à existência dessa técnica na Alemanha. Concluímos, portanto, que ela foi assimilada nas colônias da região. (MUNIZ, 2009, p. 141).

Figura 46 - Casa de pau a pique da família Lorencini, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Posenato (1998) classifica a arquitetura do imigrante italiano no Estado do Espírito Santo em: Arquitetura residencial, religiosa, industrial, comercial e comunitária. A partir desta classificação caracterizar-se-á aqui de forma mais plena a arquitetura residencial, sendo as demais apresentadas de forma mais sintética.

A arquitetura residencial está presente nas cidades, na pequena propriedade rural e nas fazendas. As cidades segundo Posenato (1998, p. 233-234) foram traçadas por engenheiros do Governo brasileiro, instalados nas colônias no século XIX, estes elaboravam um ordenamento “reticulado perpendicular” que tinha como pondo de início uma praça central, junto a esta se localizavam a igreja e os prédios públicos, seguidos das casas. Em alguns lugares devido à topografia do local e aos caminhos periféricos tortuosos, a formatação das cidades mudava.

A pequena propriedade rural, formada em geral por um lote de vinte e cinco hectares, tem como seu centro o conjunto de edificações. Este era demarcado a partir dos cursos de água, tendo este como primeiro plano, o estabelecimento rural em segundo, e as montanhas ao fundo do mesmo. A organização deste conjunto se dá por meio de uma edificação própria para cada função

empreendida na propriedade, diferentemente do sistema utilizado na Itália, onde as funções apresentavam-se aglomeradas todas numa mesma edificação (POSENATO, 1998).

Muniz (2009) relata ainda que:

A nova casa tem um programa específico de habitação unifamiliar, isolada no seu lote, diferente da casa típica trentina que abriga as funções de habitação e trabalho sob o mesmo teto. Diverge também, quanto ao programa, da corte orgânica das planícies e colinas venetas onde as construções rurais se agrupam em torno de um pátio interno fechado ou semiaberto. Também não possuíam o mesmo programa das casas de montanha do Veneto e do Trentino, agrupadas em vilarejos. (MUNIZ, 2009, p. 138).

As edificações que compõem a pequena propriedade rural são caracterizadas por Posenato (1998), por: Lote, casa, cozinha, instalações domésticas de apoio, edificações complementares. O lote é o terreno sobre o qual as edificações estão construídas, porém há diversos outros elementos, como: terreiro, este dá unidade ao conjunto, utilizado para a prática de algumas atividades sociais ao ar livre, secagem de cereais como o café, criação de galináceos, e os espaços cercados para animais, onde são feitas as pastagens para criação de bovinos, quinos e asininos, que pastam ao ar livre, circundados por cercas de arame ou madeira, quando muito primitivo.

Os imigrantes construíam suas casas em local próximo à água, fonte ou riacho. Organizavam entorno da residência as construções destinadas aos serviços e armazenamento dos produtos agrícolas produzidos na propriedade, diferenciando-se assim, das sedes de fazendas da região que se situavam em local alto, buscando facilitar a fiscalização do trabalho na propriedade, bem como visualizar quem se aproximasse da casa (MUNIZ, 2009).

A arquitetura das casas consiste segundo a caracterização de Posenato (1998), em: pavimento diretamente ligado ao solo, com dormitórios na água furtada e cozinha separada, para as edificações mais primitivas; dois pavimentos apoiados em alicerces de pedra ou em estrutura de madeira pouco afastada do solo, porão raro, e sótão na água furtada, com cozinha anexa. No auge da economia do café, as edificações se assemelhavam às edificações italianas; e no período mais tardio, já com os descendentes, as edificações

mostravam-se elevadas do solo (Figuras 47 e 48), com um só pavimento sobre pilotis e varanda, a cozinha era ligada a casa por meio de um corredor coberto por tabuinhas<sup>16</sup>. Atualmente as edificações, retornam ao alicerce e torna-se predominante o telhado tradicional, ou também há a presença de um terraço sem paredes laterais, coberto em uma só água. A casa com varanda constituía-se de sala e dormitórios.

Figura 47 - Casa da Família Ferreira, Olivânia, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor, 2014.

Figura 48 - Casa da família Bono, Alto Joeba, Anchieta, ES

---

<sup>16</sup> O sistema de cobertura com telhas de madeira é de tradição trentina, onde recebe o nome de 'scandoli', e na Itália é usado, sobretudo em localidades de montanha. (MUNIZ, 2009, p. 151).





Fonte: Foto do autor, 2014.

De acordo com Muniz (2009, p. 138), “A casa rural do imigrante italiano seguia um programa adaptado às necessidades do novo meio e aos novos modos de vida e trabalho”. Assim, esta abrigava apenas uma família, e quando muito, apenas um dos filhos casados. A casa formava uma única unidade de habitação, tendo apenas uma cozinha, ao contrário da típica casa da terra natal, que por sua vez, abrigava mais de uma família, entretanto, assemelhava-se a alguns casos encontrados no meio rural do norte italiano (Muniz, 2009).

A cozinha na maioria das vezes consistia em uma edificação separada da casa e bem definida, ou seja, um anexo, em alguns casos a cozinha poderia estar grudada ou ligada à casa por um espaço – corredor – coberto e semiaberto. Nela ficava o fogão a lenha substituído mais tarde pelo de ferro, a pia para lavar louça, o armário ventilado para os mantimentos, a grande mesa para refeições com bancos de madeira em seus lados, prateleiras para a louça e armário de cozinha em madeira na maioria dos casos. Não existiam habitações para empregados já que a mão de obra era única e exclusivamente familiar (Muniz, 2009).

Para Posenato (1998) as instalações domésticas de apoio caracterizam-se por: abastecimento de água por meio de poço de água potável, córrego ou rio para uso agrícola e para os animais, tanque para lavar roupa, instalações sanitárias,

geralmente a latrina, forno para assados. A iluminação era feita por meio de lamparinas e lampiões, antes da chegada da luz elétrica.

Além das atividades residenciais o lote rural era composto de uma série de elementos que completam o conjunto das edificações e espaços organizados do mesmo, denominados por Posenato (1998) por edificações complementares. Assim, o lote apresentava uma tulha ou paiol que servia para guardar ferramentas, utensílios diversos, bem como a produção das lavouras. Curral e pocilga consistiam em ambientes cercados, o primeiro destinado à lida com o gado, já o segundo destinava-se a criação de suínos. Em alguns casos estes possuíam áreas cobertas buscando proteger os animais das intempéries do tempo. O galinheiro era outro espaço que não faltava, destinado à acomodação dos galináceos à noite, buscando proteger a criação dos predadores. Completando a série destas edificações estava o moinho doméstico para fubá, com turbina de água e o reboło (Figura 49), que consistia num disco em pedra arenito, para afiar as ferramentas e utensílios de corte (POSENATO, 1998).

Figura 49 - Rebolo, disco em pedra arenito, para afiar ferramentas e utensílios de corte, proprietário Luiz Carlos Palaoro, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Estes ambientes de trabalho constituíam-se nas colônias como na atualidade, ou seja, “as construções independentes da habitação, situadas em lugares convenientes às tarefas agrárias” (MUNIZ, 2009, p. 139). Assim, o moinho (Figura 50) estava junto à queda d’água, o curral junto com a área de pastagens, a pocilga e o galinheiro próximos à casa, o terreiro utilizado para secagem de grãos como o café e o feijão junto à habitação, e o paiol entre o terreiro e o moinho (MUNIZ, 2009).

Figura 50 - Pequeno moinho doméstico para fubá, com turbina de água, propriedade do Sr. Uilson Barcelos, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Nas grandes fazendas pertencentes principalmente à tradição luso-brasileira que, com a ascensão dos imigrantes se tornaram suas propriedades, Posenato (1998) afirma que, o núcleo arquitetônico se mantinha como nas pequenas propriedades, porém de uma forma mais avantajada, havendo muitas vezes a presença de instalações de porte para o beneficiamento de produtos, como o café.

Na arquitetura religiosa, o mesmo autor afirma que o imigrante manifestou seu sentimento religioso mais profundo. É nas “capelas que vão se revelar as influências dos estilos históricos da tradição italiana” (POSENATO, 1998, p. 238). Segundo o autor as igrejas matrizes mostram mais a arquitetura vigente na época no país e no mundo, como é o caso da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Anchieta, que remonta ao século XVI apresentando o estilo arquitetônico jesuítico.

Estas capelas poderiam ser comunitárias ou particulares, estas últimas localizavam-se nas fazendas, com frequência as capelas apresentavam de forma separada um campanário relembrando as igrejas paroquianas da Itália. As capelas comunitárias (Figuras 51, 52, 53, 54) são o coração das comunidades, ao seu redor eram construídos a casa canônica, escola, bar, sanitários e cemitério (POSENATO, 1998).



Figura 51 - Igreja de Santa Bárbara, construída em 04/ 12/ 1927, Córrego da Prata, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 52 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Alto Joeba, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 53 - Detalhe do piso da torre da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Alto Joeba, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 54 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Alto Pongal, Anchieta, ES

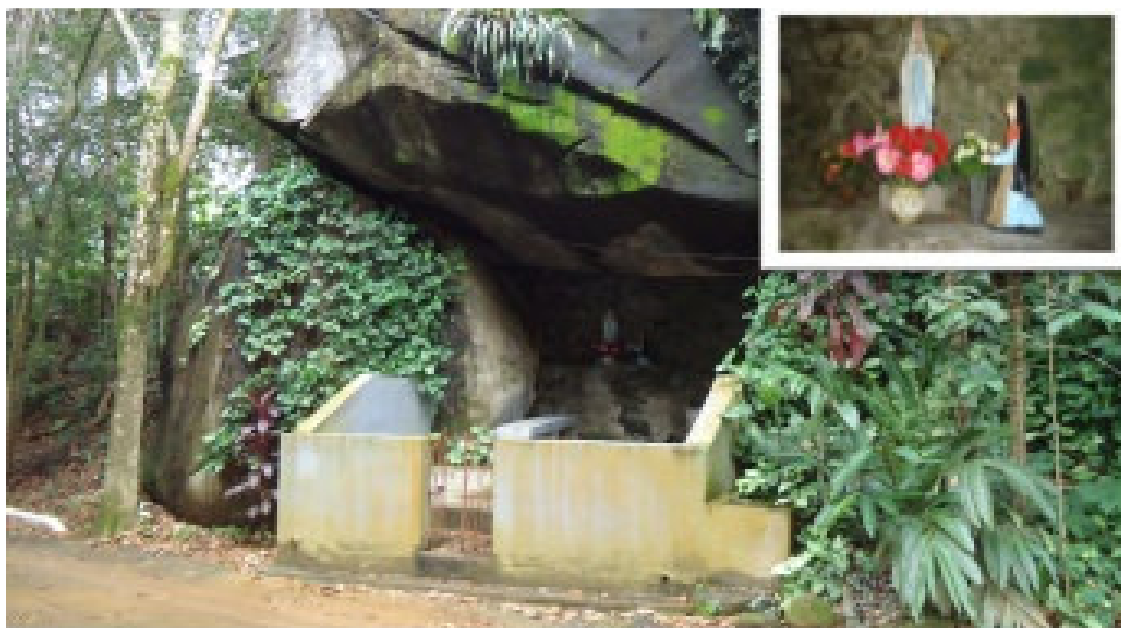


Fonte: Foto do autor (2013).

Compondo ainda a arquitetura religiosa, existem as ermidas, que podem ser comunitárias (Figuras 55, 56 e 57) ou particulares (Figura 58, 59), estas se

caracterizam por pequenas capelas ou devocionários, que apresentam um nicho para a imagem, tendo suas formas inspiradas nos estilos históricos. Muito frequentes também são os oratórios domésticos, já que havia entre as famílias o costume de rezarem em comum antes de dormir (POSENATO, 1998).

Figura 55 - Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída por Lázaro Palaoro em 10/ 02/ 1951, Alto Joeba, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).



Figura 56 - Ermida de Nossa Senhora de Fátima, Alto Joeba, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 57 - Gruta de Nossa Senhora Aparecida, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).



Figura 58 - Oratório de Nossa Senhora Mãe Rainha, Residência da Sr.<sup>a</sup>. Aldemália Oss Petri, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 59 - Oratório do Divino Pai Eterno, Residência de Elton Petri, Alto Pongal, Anchieta, ES



Fonte: Foto do autor (2014).

A arquitetura industrial foi incipiente nas regiões de colonização italiana do Estado do Espírito Santo, assim como no Município de Anchieta, porém, as poucas edificações neste ramo destinaram-se ao beneficiamento de produtos produzidos nas propriedades, como: destilarias, casas de farinha de trigo, serrarias, moinhos, casa de pilar, casas de açúcar, ferrarias, oficinas

domésticas e força motriz utilizada para o funcionamento de rodas hidráulicas (POSENATO, 1998).

A arquitetura comercial revela o requinte dos prédios comerciais e relação às outras edificações (Figura 60), como também o padrão econômico dos comerciantes nas comunidades de imigração italiana. Assim, segundo Posenato (1998) os prédios comerciais eram basicamente constituídos pelas vendas, que apresentavam atividade comercial na parte inferior do prédio, sendo a parte superior destinada à residência. Na estrutura comercial observa-se a presença de mais de uma porta de acesso, o que não ocorria nas estruturas residenciais, os prédios comerciais poderiam apresentar outras funções, como hospedarias.

Figura 60 - Casa da Família Zuliani, detalhe lateral da parede à esquerda, e alicerce da casa em pedra a direita



Fonte: Foto do autor (2014).

Como arquitetura comunitária, Posenato (1998) afirma que esta compreende as escolas comunitárias, que poderiam funcionar em qualquer ambiente, os estabelecimentos de ensino religioso, formados por prédios de maior porte, pois englobavam internatos e semi-internatos e as cooperativas, que eram casas comerciais sem setor de habitação.

Ainda segundo Posenato (1998), a importância de se preservar o acervo arquitetônico da imigração italiana no Estado do Espírito Santo ultrapassa o interesse e as fronteiras estaduais, já que mescla tanto a cultura italiana quanto luso-brasileira, ao mesmo tempo em que apresenta evidências de sua origem, difere da arquitetura rural italiana, bem como da arquitetura de imigração italiana da Região Sul do Brasil, constituindo-se assim, em um patrimônio cultural único no mundo.

As marcas arquitetônicas da imigração italiana são encontradas em meio à paisagem interiorana do Município de Anchieta, seja no arranjo estrutural das comunidades fundadas pelos imigrantes, tendo a igreja como seu coração, seja nas antigas construções ainda preservadas, que consistem tanto em casas residenciais, como também nas edificações complementares como o paiol, ainda utilizado para guardar os utensílios utilizados no dia a dia das lavouras, os currais, chiqueiros e galinheiros para a lida com as criações.

As comunidades são bem organizadas, com casas novas e bem cuidadas, ruas pavimentadas e prédios públicos, entre outros elementos que, por sua vez, unem-se às antigas construções formando um encontro entre o passado e o presente. Os oratórios também são bem presentes nas comunidades, representando a fé católica herdada pelos antepassados, tornando-se lugares de manifestação de fé popular. Preservar estes traços arquitetônicos é contribuir para a memória histórico-cultural destas comunidades e do município de Anchieta.

## **7 CONTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA AO MUNICÍPIO DE ANCHIETA: EDUCAÇÃO**

### **7.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A EDUCAÇÃO ANCHIETENSE**

A educação no final do século XIX e início do século XX era oferecida à população de forma precária. Havia falta de escolas e de professores, bem como de incentivo seja por parte do governo como também por parte das famílias, principalmente no que tange à educação das mulheres, já que a cultura rural “considerava que para ela seria suficiente aprender as tarefas caseiras” (SOARES, 1998, p. 192).

Grande parte das escolas capixabas da época funcionava de forma inadequada, em alguns casos não dispunham de um local específico para seu funcionamento e as aulas eram realizadas em casas residenciais. O isolamento das escolas é algo a se destacar, em muitas regiões interioranas só se conseguia chegar às escolas por meio de animal de montaria ou por via fluvial (SOARES, 1998, p. 191).

As professoras em sua maioria eram normalistas e “não queriam trabalhar nas escolas rurais” (SOARES, 1998, p. 191). Desta forma, na maioria dos casos quem lecionava no interior ou eram os imigrantes já dotados de um grau de escolarização ou “as filhas de fazendeiros” (SOARES, 1998, p. 191), os primeiros por sua vez, ensinavam os alunos em sua língua materna dando origem a problemas, como a falta de patriotismo, que levou em 1938 o Estado do Espírito Santo a nacionalizar suas escolas, tornando-se o segundo estado brasileiro a realizar tal feito, o primeiro foi o Paraná na década de 20 (SOARES, 1998). Já no segundo caso, reforçavam muitas vezes “a estratégia de poder local.” (SOARES, 1998, p. 191).

O ensino para o imigrante italiano e seus descendentes contava com essas opções: Os professores particulares nômades, que ganhavam a vida ensinando de casa em casa; A Igreja Católica com o ensino privado de suas ordens religiosas; e a escola pública [...] em instalações precárias, às vezes a noite, sob a luz de lamparinas. (SOARES, 1998, p. 200).

As práticas de ensino adotadas pelas unidades escolares da época são de difícil avaliação, entretanto Soares (1998) relata que a maior parte das unidades, principalmente as interioranas, funcionava com turmas multisseriadas, em que “raramente algum aluno conseguia mais de dois ou três anos de escolaridade.” (SOARES, 1998, p. 192). Os índices de reprovação eram elevados devido à baixa frequência dos alunos, que por muitas vezes deixavam de ir para escola para ajudar a família no trabalho com a lavoura. “Em 1941, de acordo com dados da Diretoria de estatística educacional, a frequência média dos alunos às aulas, em nível estadual, era de 64,6%. O índice médio de reprovação em relação à matrícula atingia 69,7%.” (SOARES, 1998, p. 192).

Em muitos casos, relata ainda Soares (1998), os professores faziam longas caminhadas até as casas dos alunos, na tentativa de convencer os pais a enviarem seus filhos para a escola, porém o baixo nível de escolarização dos pais, somado ao baixo nível tecnológico da exploração da terra, contribuíam para redução das aspirações intelectuais dos mesmos, que continuavam a impedir seus filhos a uma assídua frequência escolar.

Os conteúdos e métodos utilizados pelos professores eram comuns à escola rural, desta forma, pequenos castigos eram utilizados para manutenção da disciplina em sala, estes poderiam ser: uso da palmatória, puxões de orelha, ficar ajoelhado no milho, entre outros, estes eram na maioria dos casos apoiados pelos pais dos alunos. Segundo Soares (1998) estas práticas só iriam ser abolidas paulatinamente por meio das professoras normalistas.

O precário quadro da educação no Estado não se ateve somente ao período da imigração. A precária infraestrutura educacional se refletiu por décadas, no caso de Anchieta chegou até meados do século XX, quando os filhos dos descendentes dos imigrantes encontravam ainda grandes dificuldades para desenvolverem seus estudos.

As escolas de ensino fundamental básico inicial eram poucas e tinham uma infraestrutura precária. Para a conclusão das séries finais o aluno tinha que se deslocar para as cidades, seja para a sede do município ou para a capital

Vitória, o mesmo ocorria para o ensino médio e superior, este último encontrado somente na capital. A distância somada a outras dificuldades impedia e desestimulava os jovens a estudarem, gerando assim uma juventude muitas vezes sem expectativas de futuro.

Diante da precariedade da educação e das condições de saúde nas áreas de colonização italiana tanto em Anchieta como nos municípios vizinhos, um grupo de padres jesuítas tomou a iniciativa de elaborar um projeto para promover melhorias na qualidade de vida daquelas comunidades. O projeto a princípio é de âmbito educacional, com a inserção da Escola Família Agrícola, depois abarcará também a saúde, tornando-se em 1978 uma importante instituição de promoção humana, o MEPES. Segue a caracterização desta instituição, como também, sua área de atuação na atualidade.

## 7.2 MEPES (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO): O CONTEXTO HISTÓRICO

No dia 02 de fevereiro de 1962, chega ao Brasil com 32 anos de idade o seminarista Humberto Pietrogrande, desembarcando em Salvador – BA permanece na cidade por alguns dias, e dirige-se para o Rio Grande do Sul onde foi cursar Teologia. Italiano natural de Padova, cidade localizada na região do Vêneto, norte da Itália, Pietrogrande seria o percussor da inserção de um projeto social no Estado Espírito Santo, visando a melhoria da qualidade de vida do povo campestre que, na sua grande maioria eram descendentes de imigrantes italianos e alemães.

No Rio Grande do Sul, Pietrogrande estudou Teologia por 4 anos e admite que os estudos acadêmicos empreendidos foram de grande importância para a criação do MEPES. É ao longo do curso de Teologia que o chamado missionário para atuar no Estado do Espírito Santo se apresenta como relata Pietrogrande:

Esses estudos acadêmicos foram muito importantes para mim, porque foi no curso de Teologia que nasceu, não digo as ideias definitivas do MEPES, mas nasceu o chamado para o Espírito Santo. (PETRI; SILVA, 1986, p. 21).

De dezembro de 1963 a janeiro de 1964, período de férias do curso de Teologia, Pietrogrande e alguns amigos foram convidados pelo provincial, por ocasião da ordenação sacerdotal de dois amigos naturais de Anchieta – ES, como também em decorrência de mudanças estruturais administrativas da congregação, a passar as férias de fim de ano no Estado do Espírito Santo. Pietrogrande relata que:

Aquelas férias foram um pouco determinantes para a vida da gente, porque o contato com o Espírito Santo, sobretudo com os trabalhos pastorais que realizamos nas paróquias entregues aos jesuítas, Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha e Rio Novo, ajudou despertar a gente diante dos problemas que emergiam. (PETRI; SILVA, 1986, p. 22).

A sociedade da época estava sendo alvejada por diversas ideologias sociais, que segundo Pietrogrande, tornavam este período histórico uma época muito viva (PETRI; SILVA, 1986): vésperas da Revolução de 1964, Revolução de 31 de março, apresentação dos meios estudantis, chamados também de “Realidade Brasileira”, juntamente com os problemas advindos do desenvolvimento que geravam diversos contrastes em todo o território nacional. “Era um tempo de muito fermento, de muita participação, de muitas hipóteses e de muitas interrogações dentro desta problemática estudantil”, afirma Pietrogrande (PETRI; SILVA, 1986, p. 22).

O território nacional brasileiro apresenta-se a Pietrogrande e a seus amigos seminaristas, como um grande campo de trabalho, no qual eles também poderiam deixar sua contribuição. Nesta perspectiva, Pietrogrande relata a ideia que ele e seus amigos tinham do Brasil.

Nós tínhamos, naquele tempo, uma imagem do Brasil grande, de um grande armazém onde muitos tinham entrada e cada um depositava sua própria mercadoria. Eram os espanhóis, os portugueses, os ingleses, os italianos, os alemães os poloneses e outros. Todos aproveitavam e depositavam suas bagagens culturais formando assim não só uma federação, mas sim um país heterogêneo. (PETRI; SILVA, 1986, p. 22).

Diante desta problemática Pietrogrande irá buscar uma possibilidade de fazer uma nova experiência, para isso, era preciso encontrar um ambiente, uma região na qual pudesse desenvolver a possível experiência que, a seu ver, deveria ser algo de cunho generalizante perpassando pelas esferas pastoral e

social. Esta experiência deveria ser iniciada e galgando resultados positivos deveria ser implementada também em outras áreas.

Durante as referidas férias, Pietrogrande juntamente com outros seminaristas iniciam um roteiro de visitas às comunidades interioranas. Estas visitas revelaram uma realidade inóspita e muito dura, que impressionou à Pietrogrande e aos seus amigos, fazendo-os crer que, de fato algo deveria ser feito para ajudar aquela gente, e que o lugar que estavam procurando para o desenvolvimento de uma ação solidária havia sido encontrado.

[...] mas a chegada ao Espírito Santo e o contato com uma outra população do interior, acho que foi mesmo o que despertou em mim a certeza de ter encontrado o lugar onde poderia testar as experiências que desejava. (PETRI; SILVA, 1986, p. 23).

A perplexidade de Pietrogrande e seus amigos diante da realidade encontrada nestas comunidades interioranas, formadas em grande parte por descendentes de italianos e alemães, no caso do Município de Anchieta – ES, formadas por descendentes de imigrantes italianos, é nítida quando este afirma que:

A gente ficou bastante chocado, impressionado, encontrando toda esta rapaziada de 15 a 18 ao redor da igreja quando o padre lá estava para celebrar a missa. E, uma das perguntas que a gente fazia era:

- O que você está fazendo?

- Ah! Estamos aqui.

- O que você estudou?

- O 1º ou 2º e 3º ano primário.

- O que você pensa em fazer?

- Ah! Não sei. (PETRI; SILVA, 1986, p. 23).

O “não sei”, é que marca Pietrogrande e seus amigos. Viam muitos potenciais naqueles jovens, eram inteligentes, porém, faltava-lhes expectativa de um futuro melhor, faltava-lhes incentivo, e isso se somava a falta de infraestrutura das comunidades, o que dificultava a realização de projetos visando a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Segundo Nosella (2012), Pietrogrande ficou impressionado com a situação socioeconômica do povo interiorano capixaba, que pertencendo às áreas de imigração italiana do Espírito Santo,



não poderiam ser comparadas às áreas de imigração do Sul do País, como também às áreas que deram origem à imigração na Itália.

Durante suas andanças pelo Brasil, ficara impressionado com a situação socioeconômica do povo interiorano capixaba, em sua grande maioria descendentes de emigrantes italianos e alemães. A comparação com os filhos de emigrantes gaúchos ou, mais ainda, com a população das regiões italianas de onde saiu a emigração para o Brasil, era simplesmente desanimadora: porque o nível socioeconômico desses emigrantes capixabas será tão baixos? O que se fez ou se está fazendo por eles? Enfim, precisamos fazer algo para esse povo! (NOSELLA, 2012, p. 61-62).

Afora esse espírito missionário, que infundia nos jovens seminaristas o anseio por contribuir para a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas, bem como de suas comunidades, pode-se citar segundo Nosella (2012) duas outras razões que levaram o jovem seminarista, então Pe. Humberto Pietrogrande, devido sua ordenação sacerdotal em 7 de dezembro de 1964, e seus amigos a adotarem o Espírito Santo como seu campo de trabalho pastoral e social. São elas: Institucional e ideal.

– uma razão institucional: a área em questão estava espiritualmente sob a tutela dos jesuítas da mesma província<sup>17</sup> a que ele próprio pertencia;

- uma motivação ideal: a Igreja estava passando por uma transformação determinada pelo movimento espiritual do Concílio Vaticano II, pela Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII e *Popularum Progressio* do Papa Paulo VI. Esse novo espírito induzia os padres a se preocuparem, não somente com uma ação sacramentalizante, mas, sobretudo, com uma ação promocional socioeconômica do povo. Neste sentido, o jovem sacerdote encontrou apoio, em seu propósito, nos outros sacerdotes da região. Evidentemente, a partir desta convicção de que precisava fazer algo em prol do povo capixaba, o sacerdote começou a movimentar amigos e instituições, a escrever e esboçar projetos [...] (NOSELLA, 2012, p. 62).

Após sua ordenação, nas férias seguintes no ano de 1965, Pe. Pietrogrande e demais amigos, juntamente com os sacerdotes das Paróquias de Rio Novo e Alfredo Chaves, começaram a colocar em prática um projeto que se originou a partir da experiência vivida nas terras capixabas. Era, pois “preciso se convencer não só de que precisava fazer algo para o interior capixaba, mas também de que isso era possível” (NOSELLA, 2012, p. 62). Este projeto que desde 1964 perpassando por 1965, já vinha sendo moldado por Pe.

<sup>17</sup> Estrutura administrativa da Companhia de Jesus. Catálogo das Províncias Jesuítas do Brasil, 2014.

Pietrogrande era denominado de “Movimento ‘Ítalo-brasileiro’ para o desenvolvimento religioso, cultural, econômico e social do Estado do Espírito Santo.” (NOSELLA, 2012, p. 62).

Concluído o curso de Teologia, era necessário que Pe. Pietrogrande retornasse à Itália para realização do terceiro ano de noviciado. Até que chegasse o dia da viagem recebeu uma destinação provisória para a Escola Apostólica de Anchieta, neste período atendia aos alunos da escola dando-lhes assistência espiritual, e aproveitava para pesquisar e aprofundar mais o projeto da Fundação Ítalo-brasileira.

Pe. Pietrogrande relata que:

O que foi mais importante neste tempo de Teologia foi a estruturação, foi a colocação das primícias desta Fundação que depois se transformava no MEPES. (PETRI; SILVA, 1986, p. 24).

Assim, são consolidados os primeiros passos para criação do MEPES, no final do ano de 1966, quando Pe. Pietrogrande retorna à Itália para conclusão de seus estudos, cheio de ideias para tentar ajudar o povo capixaba que vivia sem expectativa como diagnostica o mesmo em sua avaliação, após ter visitado diversas comunidades do interior do Espírito Santo. Buscando algo que quebrasse paradigmas, que chamasse a atenção deste povo campesino e infundisse neles uma maior expectativa referente às suas vidas e comunidades, Pe. Pietrogrande busca em sua viagem algo revolucionário que estivesse ligado à realidade capixaba.

Pe. Pietrogrande havia percebido em suas visitas que os jovens capixabas estavam criando dentro de si uma resistência ao campo e seus valores. Ao visitar a família de um aluno do 2º ano ginásial, que não lhe revelou o endereço quando questionado, sendo este descoberto pelo padre após uma consulta nos registros dos alunos na secretaria, Pe. Pietrogrande percebeu, ou como ele mesmo relata, “abri os olhos para a realidade, descobri que o tipo de educação que estávamos dando ao menino não resolvia o problema dele e da família, não condizia à realidade da família.” (PETRI; SILVA, 1986, p. 25).

A família em questão visitada pelo padre vivia como inúmeras outras em condições paupérrimas, a solução para o jovem da época era a saída do

campo, ou seja, o êxodo rural. Existia segundo Pe. Pietrogrande uma divisão, “uma divisão entre o futuro dele e o futuro de sua família” (PETRI; SILVA, 1986, p. 25), o jovem até pensava em buscar melhores condições de vida, porém não pensava em melhorar a condição de sua família, e aqui cabe um questionamento que aguçou os pensamentos do Pe. Pietrigrande: O jovem não pensava em retirar a família da situação em que se encontrava? ou a educação que estava sendo ofertada a ele não o levava a pensar de modo diferente?

Estes questionamentos aguçaram ainda mais a vontade do Pe. Pietrogrande em proporcionar definitivamente algo que contribuísse com a vida desses jovens, suas famílias e comunidades, como relata:

Então, com isso aumentava minha preocupação. De um lado confirmava cada vez mais, a necessidade de dar uma educação a esta juventude que resolvesse estes problemas, que trouxesse um futuro melhor; de outro lado estas escolas tradicionais com aquele tipo de ensino que subtraía do interior, da zona rural, os melhores elementos, deixando suas moradias, suas famílias na mesma situação ou para pior. (PETRI; SILVA, 1986, p. 25).

Em 11 de Dezembro de 1966, na cidade de Padova, após apresentação da Fundação Ítalo-brasileira, Pe. Pietrogrande juntamente com um grupo de amigos fundam com o propósito de tornar mais eficiente e sério o compromisso, uma entidade jurídica denominada de *Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano* dello Espírito Santo (AES), esta fundação facilitaria a assinatura de convênios, bem como, a arrecadação de recursos (NOSELLA, 2012).

Em 1967 Pe. Pietrogrande tem contato na Itália com a Escola Família da Itália, e com o seu sistema de alternância, no qual os alunos permaneciam um tempo na escola e outro em casa com a família, mantendo uma ligação com a família dentro do próprio estudo. Pe. Pietrogrande relata que:

Com isso despertou em mim a importância desse tipo de Escola para nosso ambiente, uma escola não tradicional, uma escola que é feita para o homem do campo, uma escola que liga profundamente o crescimento do aluno com o crescimento da família e estabelecendo entre estes e a vida contatos que dão condições ao aluno de transformar sua família e comunidade. (PETRI; SILVA, 1986, p. 26).

As Escolas Família Agrícola (EFA) não surgiram na Itália, mas sim, “nasceram na França em 21 de novembro de 1935” (NOSELLA, 2012, p. 45). Sendo

denominada de *Maison Familiale*, seu fundador foi o padre Granereau, francês nascido em 1885, que “preocupou-se desde sua juventude com o desinteresse, por parte do Estado e da Igreja, frente ao problema do homem do campo” (NOSELLA, 2012, p. 45).

O Pe. Granereau encontrou na França da época, uma situação semelhante à encontrada por Pe. Pietrogrande no Brasil, ou seja, uma juventude desmotivada e sem oportunidades, fadada a viver uma vida miserável juntamente com sua família, a não ser se partisse para a zona urbana, local sobre o qual se fantasiava toda boa sorte e progresso. Porém, sem uma formação adequada será que estes jovens encontrariam o progresso que desejavam? Será que o campo não lhes poderia dar esta oportunidade? É sobre esta “convicção que um homem teve e manteve de que alguma coisa podia ser feita ‘que mudará tudo’, devolvendo ao homem que trabalha a terra sua dignidade” (NOSELLA, 2012, p. 45), que surge a Escola Família Agrícola.

A história das Escolas-Família é antes de tudo a história de uma ideia, ou melhor, a história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, contra tudo e contra todos. Foi a convicção de um homem, filho de camponês, que por toda a sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior francês, compartilhando a mesma vida, carregando o mesmo passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões. Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascia de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico. (NOSELLA, 2012, p. 45).

Devido ao meio e as condições nas quais a EFA precisara se instalar, esta desde o início de sua história foi marcada por algumas características, como o sistema de alternância, em que o aluno faz um rodízio entre escola e família. Os jovens da época ajudavam sua família com o trabalho no campo, suas famílias não se desligariam plenamente do auxílio que sua mão de obra prestava para manutenção das culturas cultivadas, assim a alternância dava a oportunidade do jovem estudar e também estar com sua família auxiliando nos trabalhos, colocando em prática as técnicas aprendidas na escola.

Desde a primeira experiência, o internato é outra característica presente neste modelo de escola. O jovem não retorna todos os dias para sua casa, pernoitava no início do projeto na casa do sacerdote, mais tarde já com uma

infraestrutura específica pernoitava na própria escola. O contato estreito com movimentos sindicais é outro aspecto de destaque deste modelo de escola, no princípio esta mantinha ligação estreita com os sindicatos rurais e com o movimento de Ação Católica Francesa (JAC), Juventude Agrícola Católica. Atualmente esta dimensão de parcerias e convênios apresenta-se maior.

Outros elementos importantes devem ser destacados na história da EFA. A ação e reflexão dos jovens alunos eram realizadas no meio social deles, ou seja, a partir da participação nas organizações e reuniões socioreligiosas de suas comunidades, buscando sempre melhorar as condições do meio no qual viviam, este debate é mantido até hoje pela instituição. Outro fator interessante é que desde a sua origem a EFA tem em seu conjunto administrativo a presença dos pais dos alunos.

A França sediou a origem da EFA, entretanto o primeiro contato que Pe. Pietrogrande teve com este modelo educacional foi na Itália, isso ocorreu porque “a primeira relação de caráter internacional das escolas em alternância francesas se estabeleceu com a Itália, onde a Maison Familiale passou a se chamar Scuola della Famiglia Rurale, abreviando, scuola-famiglia” (NOSELLA, 2012, p. 56).

Segundo Nosella (2012), a conjectura da expansão italiana centra-se no contexto sócio-econômico-político do pós-guerra, em que a realidade cotidiana dos italianos era marcada pela falta de empregos e de infraestrutura e a participação na vida política era restrita à cúpula. Neste contexto surgem as primeiras Escolas-Família italianas, uma em 1961-1962 em Soligo no Treviso e a outra em 1963-1964 em Ripes, Ancona.

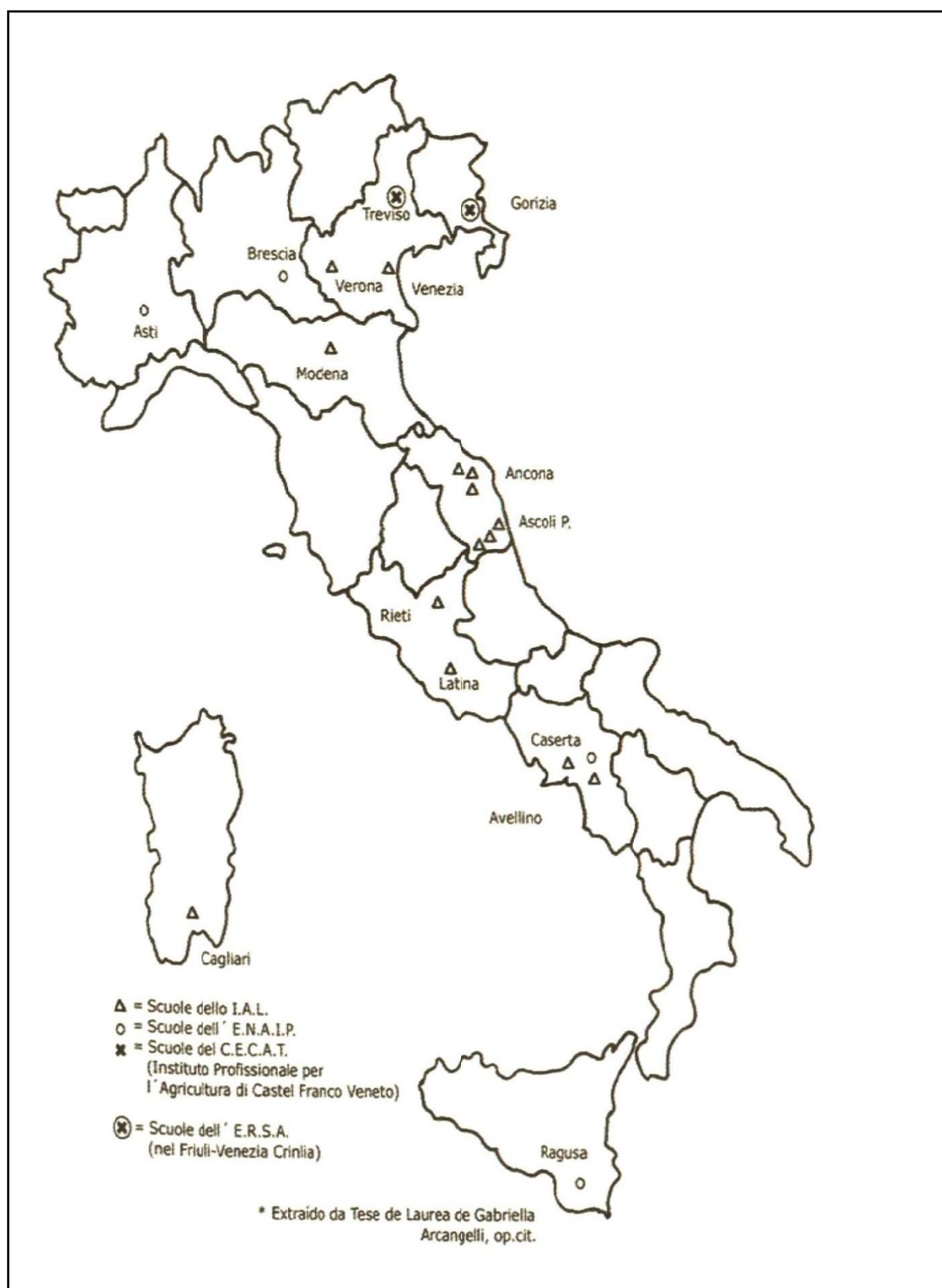
Buscando tornar mais efetiva a participação da classe operária, surge “a ideia da valorização de seu trabalho por meio da qualificação e das frentes populares de trabalho para todos (Lei Fanfani, 29/ 09/ 1949).” (NOSELLA, 2012, p. 56). Este projeto, entretanto foi estruturado de forma paternalista e assentou-se no poder patronal, levando os sindicatos à revolta. Nesta perspectiva “a sociedade agrícola pensava não ser possível promover o todo

deixando de lado uma parte” (NOSELLA, 2012, p. 56), a fórmula escolhida para combater este levante foi a “formação e cooperação” (NOSELLA, 2012).

Em 1954, segundo Nosella (2012), algumas lideranças de Castelfranco no Treviso fizeram um pedido para abrir uma experiência educacional nova, embasada no Instituto Profissional para Agricultura de Brusagaba em Padova, esta experiência seria financiada em parte pelo Ministério da Educação e a outra metade pela Prefeitura local. A experiência educacional em questão tornou-se uma cooperativa, na qual a parte formativa ganhava destaque, porém, para realização desta formação faltava um instrumento adequado e bem estruturado.

Neste contexto, em 1960 dois líderes políticos, Sartor e Brunello, foram à França, conheceram as Maisons Familiales e gostaram da ideia empreendida, levando-a para a Itália. A metodologia utilizada foi adaptada à realidade italiana, mantiveram-se bons contatos com o poder público, o que facilitou em muito o desenvolvimento de algumas atividades burocráticas e financeiras. O movimento ganhou apoio da Igreja, mas diferentemente da França, “nasceu diretamente da ação de homens políticos” (NOSELLA, 2012, p. 57), os professores italianos segundo Nosella (2012), eram mais desmotivados que os franceses, por já serem funcionários públicos. A partir desta iniciativa, as Escolas Família Agrícola se expandem pela Itália (Mapa 3).

Mapa 3 – Cartina Delle “Scuole Della Famiglia Rurale” in Italia



Fonte: NOSELLA (2012, p. 58).

O contato com a EFA italiana, despertou no Pe. Pietrogrande o desejo de implantar no Brasil este projeto revolucionário de educação, um novo modelo educacional que o Brasil não conhecia, uma educação direcionada ao povo camponês. À medida que conhecia a instituição, Pe. Pietrogrande relata que: “[...] dentro de mim já estava se delineando estes ideais, estas perspectivas [...]” (PETRI; SILVA, 1986, p. 26). É a partir do contato de Pe. Pietrogrande com a experiência italiana que vai surgir no Brasil em 1968 a primeira Escola Família Agrícola da América Latina, no interior de Anchieta – ES, na localidade rural de Olivânia.

Conhecer o modelo de EFA italiana agrada muito a Pe. Pietrogrande, pois era justamente o que ele procurava, algo inovador, que com uma metodologia simples e nova se enquadraria na realidade camponesa brasileira dando condições aos jovens do campo de estabelecerem mudanças positivas significativas para sua família e comunidade como alega Pe. Pietrogrande:

Com isso despertou em mim a importância desse tipo de Escola para nosso ambiente, uma escola não tradicional, uma escola que é feita para o homem do campo, uma escola que liga profundamente o crescimento do aluno com o crescimento da família e estabelecendo entre estes e a vida contatos que dão condições ao aluno de transformar sua família e comunidade. (PETRI; SILVA, 1986, p. 26).

A visita de Pe. Pietrogrande a EFA italiana, juntamente com o apoio da AES, propiciou a oferta de sete bolsas de estudos para brasileiros na Itália. Os objetivos dessas bolsas de estudos como afirma Nosella (2012) não eram claros, acreditava-se, que este pessoal brasileiro que seria formado, poderia ajudar ao Pe. Pietrogrande e os demais sacerdotes seus amigos, na frente de missão capixaba quando regressados ao Brasil. A escolha dos jovens a serem enviados a Itália foi realizada por estes sacerdotes amigos de Pe. Pietrogrande, que atuavam nas paróquias de Anchieta, Alfredo Chaves, Iconha e Rio Novo do Sul.

Enquanto os jovens brasileiros faziam o estágio na Itália, Pe. Pietrogrande retornará ao Brasil juntamente com “três técnicos italianos, um economista, um Sociólogo, um Educador, vinham [...] para analisar a região e a situação local.” (NOSELLA, 2012, p. 63). A visita dos italianos tinha como função elaborar juntamente com Pe. Pietrogrande um plano de ação concreta para a área em



que atuavam os sacerdotes. O projeto de promoção social foi se especificando em termos de educação, sob o modelo da pedagogia da alternância na conjuntura da Escola Família Agrícola.

Com a finalidade de criar as estruturas físicas, ou seja, as escolas, e os pressupostos sócio psicológicos, a divulgação nos cinco municípios já citados, foram desenvolvidos vários comitês locais, que mais tarde “serão o modelo da estrutura jurídica da própria entidade, preste a nascer.” (NOSELLA, 2012, p. 64).

Com tudo pronto, funda-se então, uma entidade que representaria juridicamente o movimento. Assim no dia 25 de abril de 1968, numa assembleia de agricultores na Câmara Municipal de Anchieta, assinava-se a ata MEPES, (NOSELLA, 2012). A concretização de um projeto idealizado por um homem e seus amigos, que se compadeceram da precária situação de vida, na qual as comunidades interioranas capixabas estavam fadadas a viverem. O MEPES surge com uma grande finalidade e ao mesmo tempo um grande desafio, o de levar esperança ao povo do campo.

### **7.2.1 A Evolução e a Estrutura Atual**

Atualmente o MEPES é uma instituição filantrópica, cuja sede localiza-se no Município de Anchieta – ES. Segundo seu estatuto a entidade tem como finalidade:

a promoção integral da pessoa humana, interagindo na saúde, educação e ação comunitária, sem fins econômicos, numa ampla atividade voltada principalmente ao meio rural, integrando campo e cidade, naquilo que concerne à elevação humano-social, especialmente do agricultor, nas dimensões da vida: espiritual, intelectual, sanitária, técnica, econômica e ambiental. (MEPES, 2009, p. 4).

O Relatório Anual 2013 apresentado pela instituição, afirma que a mesma é um projeto audacioso, que atualmente além da educação abraça ações nas áreas da saúde, e da ação comunitária. Na área da saúde, o MEPES mantém o Centro Comunitário de Saúde no Município de Anchieta, segundo a filosofia da instituição ter saúde significa:

[...] ter condições para desfrutar do bem estar físico, psíquico, social e espiritual, vivendo em harmonia, consigo mesmo, com a comunidade humana e todo o sistema social político, ecológico, e não apenas livrar-se das doenças, mas tornar-se humanizado sempre mais vivendo na dimensão de pleno cidadão. (MEPES, 2013, p. 5).

Na área da ação comunitária, a instituição defende como seu princípio fundamental:

[...] a ação feita de forma solidária, a fim de se alcançar não apenas a promoção individual de uma ou outra pessoa, mas a promoção de todos. Garantia da solidariedade entre os seres humanos, numa comunhão de ideal, numa busca comum de meios, numa realização participativa de todos. (MEPES, 2013, p. 5).

Buscando implementar estas ações comunitárias, o MEPES utiliza ferramentas como: o fortalecimento, a organização e as relações sociais e de trabalho; oferta de cursos que levam em consideração a necessidade de ajudar o agricultor a permanecer na área rural; oferta de cursos de capacitação e qualificação profissional; a disseminação de conhecimentos e habilidades básicas específicas e de gestão nas comunidades.

No âmbito educacional, o MEPES atua na Educação Infantil, na Educação do Campo e no Ensino Técnico. A Educação Infantil abarca quatro unidades educacionais, que atendem crianças 0 a 5 anos de idade. Localizados todas no Município de Anchieta, sendo duas na sede e duas na zona rural, estas unidades de ensino atendem a uma clientela diversificada e têm como um de seus objetivos “oferecer assistência integral à criança e proporcionar a mãe um tempo livre para o exercício do trabalho.” (MEPES, 2013, p. 5).

A Educação do Campo tem sua originalidade na Pedagogia da Alternância, a partir das Escolas Família Agrícola Pe. Pietrogrande (Figura 61) e os demais fundadores conseguiram inserir em meio às comunidades rurais uma melhor qualidade de vida que impactou de forma direta nos hábitos cotidianos dos moradores das mesmas. A EFA tem como filosofia:

[...] a promoção da pessoa humana, do jovem, ligados às origens, comprometendo-se não apenas com a aquisição de conhecimentos teóricos, mas com a prática dos mesmos. Através de um conjunto de elementos metodológicos que dá sentido a esta pedagógica, a escola denominada Escola Família Agrícola, é uma escola aberta à vida, comprometida com o meio social do jovem. (MEPES, 2013, p. 5).

Figura 61 - Pe. Humberto Pietrogrande



Fonte: MEPES, (2014).

A EFA após sua criação expandiu-se rapidamente (Tabela 9) por todo o Estado do Espírito Santo, e atualmente já atinge a outros estados da federação. O MEPES mantém 18 Escolas Família Agrícola todas reconhecidas pelo Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo (MEPES, 2013, p. 5).

Tabela 9 – Escolas Família Agrícola, ano de fundação e respectivos Atos Legais

ESCOLAS	FUNDAÇÃO	ATOS LEGAIS
Escola Família Agrícola de Olivânia	1969	- Reconhec. – Res. CEE n.º 114/84 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 36/84 - Ensino Médio – Res. CEE n.º 172/2000 - Educ. Profissional Concomitante – Res. CEE n.º 1816/2008 e 2472/2010 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Em tramitação
Escola Família Agrícola de Alfredo Chaves	1969	- Reconhec. – Res. CEE n.º 259/2000 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 49/96 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. CEE n.º 2350/2010
Escola Família Agrícola de Rio Novo do Sul	1969	- Reconhec. – Res. CEE n.º 18/89 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 233/99
Escola Família Agrícola de Campinho	1971	- Reconhec. – Res. CEE n.º 19/89 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 41/96
Escola Família Agrícola de Jaguaré	1972	- Reconhec. – Res. CEE n.º 254/2000 - Educ. Profissional – Res. CEE n.º 1942/2009 e 2083/2009
Escola Família Agrícola de Km 41	1972	- Ensino Fundamental – Tramitação - Reconhecimento – Tramitação
Escola Família Agrícola de Ensino Fundamental e Médio e Educação	1972	- Reconhec. – Res. CEE n.º 075/99 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 41/94 - Educ. Profissional Integrada – Res.

Profissional do Bley		2351/2010
Escola Família Agrícola de Rio Bananal	1978	- Reconhec. – Res. CEE n.º 372/2001 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 105/95 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. CEE n.º 1744/2008
Escola Família Agrícola de Pinheiros	1985	- Reconhec. – Res. CEE n.º 463/2001 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 85/97
Escola Família Agrícola de Ensino Médio e Educação Profissional de Boa Esperança	1986	- Reconhec. – Res. CEE n.º 92/97 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. 2545/2010
Escola Família Agrícola de Chapadinha	1988	- Reconhec. – Res. CEE n.º 163/98 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 36/91 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. CEE n.º 2353/2010
Escola Família Agrícola de Vinhático	1988	- Reconhec. – Res. CEE n.º 60/97 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 53/91 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. 2525/2010
Escola Família Agrícola de São João de Garrafão	1990	- Reconhec. – Res. CEE n.º 226/97 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 123/95 - Ens. Médio – Res. CEE n.º 227/99 - Educ. Profissional – Res. CEE n.º 985/2004, 1246/2006, 2099/2009 e 2290/2010
Escola Família Agrícola de Marilândia	1997	- Reconhec. – Res. CEE n.º 466/2001 - Ens. Fund. – Res. CEE n.º 84/97 - Ens. Médio – Res. CEE n.º 925/2003 - Educ. Profissional – Res. CEE n.º 2352/2010
Escola Família Turismo Pietrogrande	2005	- Educação Profissional – Res. CEE n.º 2222/2010
Escola Família Agrícola de Castelo	2006	- Reconhec. – Res. CEE n.º 2524/2010 - Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio – Res. CEE n.º 1403/2006
Escola Família Agrícola de Mimoso do Sul	2008	- Educação Profissional – Res. CEE n.º 1915/2009
Escola Família Agrícola de Cachoeiro de Itapemirim	2010	- Educ. Profissional Integrada ao Ens. Médio - Processo em tramitação

Fonte: MEPES (2013, p. 6).

Os ensinos técnico e profissionalizante também estão presentes na dinâmica educacional empreendida pelo MEPES. Na modalidade de ensino Técnico o MEPES oferece por meio da Escola Família Agrícola de Olivânia, localizada no interior de Anchieta – ES (Figuras 62 e 63), o curso de Técnico Agrícola. Já na

modalidade profissionalizante, diversos cursos são oferecidos na área de gastronomia e hotelaria pela EFTUR (Escola Família Turismo Pietrogrande), localizada na cidade de Anchieta – ES.

Figura 62 - Terreno ocupado pela EFA de Olivânia



Fonte: Foto do autor (2014).

Figura 63 - Escola Família Agrícola de Olivânia – Anchieta – ES, primeira EFA da América Latina



Fonte: Foto do autor (2014).

Buscando desenvolver da melhor forma possível os seus serviços de atendimento à população, principalmente ao homem do campo, o MEPES se subdivide em quatro frentes de trabalho as quais, segundo o Relatório Anual do MEPES (2013), podem ser denominadas de unidades operacionais. São elas:

- Escolas Famílias Agrícolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio Técnico Profissionalizante.
- Centro Comunitário de Saúde – Hospital.
- Departamento de Ação Comunitária - Creches (programas diversos).
- Centro de Formação e Reflexão.

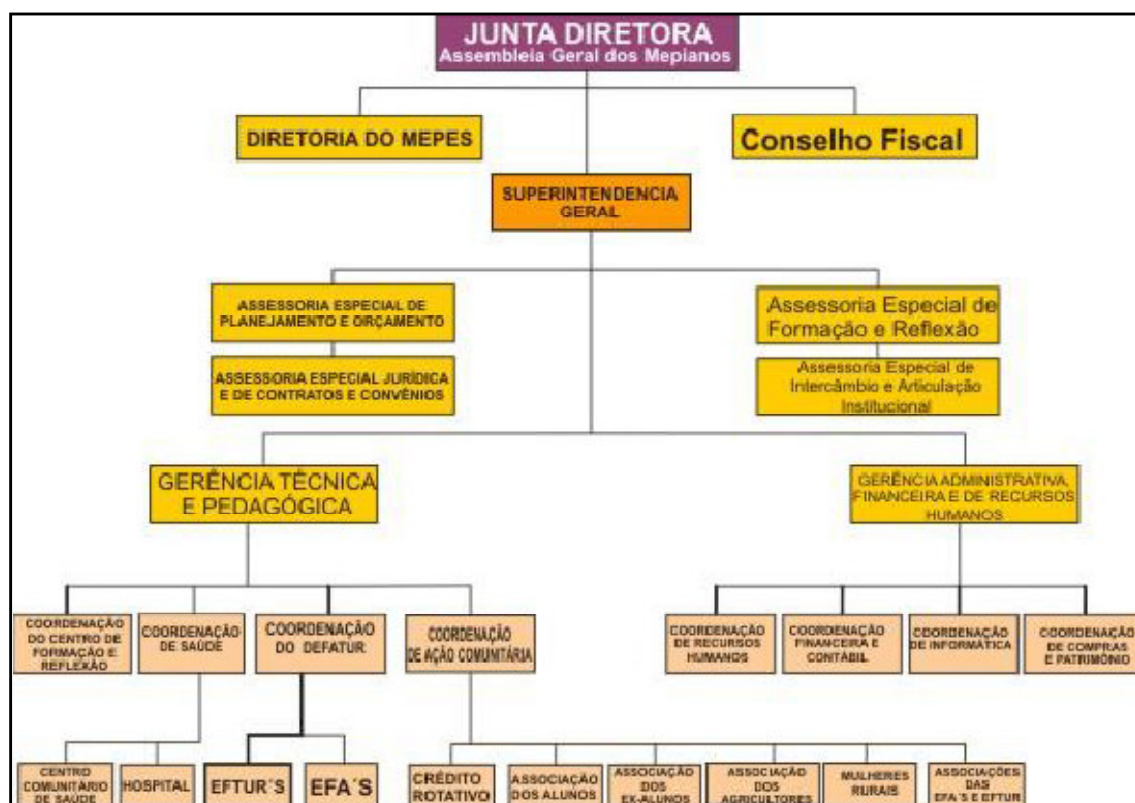
Para o desenvolvimento destas atividades a instituição norteia-se pelas seguintes diretrizes:

- A pessoa humana sujeito de sua própria promoção.
- A comunidade responsável e globalmente engajada.
- O intercâmbio em todos os níveis e situações.
- A educação promocional em todas as áreas.
- A conjugação da promoção do indivíduo com o crescimento comunitário e desenvolvimento do meio.
- A formação do agricultor técnico para sua fixação.
- A atenção à unidade constitucional do ser humano: corpo e espírito, vocacionado para um destino transcendental.

O MEPES conta ainda com uma Junta Diretora, órgão máximo que coordena toda vida administrativa da instituição. Modificada no ano de 2009 a atual estrutura organizacional mepiana apresenta-se como no organograma abaixo (Figura 64).



Figura 64 – Atual Estrutura Organizacional do MEPES, a partir de 2009



Fonte: MEPES (2013, p. 10).

No que tange aos recursos humanos da instituição, esta dispõe de 347 funcionários de diversas áreas que atuam em seus diversos setores. O profissional que trabalha para o MEPES deve estar em constante formação, construção e evolução, para isso aconteça são oferecidas no Centro de Formação diversos cursos visando à preparação e à capacitação de seus profissionais.

O profissional que trabalha no MEPES se considera uma pessoa em constante formação, em construção e evolução. Assim, o processo formativo dar-se-á, integrado ao mundo do trabalho, em serviço; assim, após comprovação de preparo suficiente para sua função, à medida que realiza suas atividades profissionais, participa dos cursos do Centro de Formação e a cada ano são oferecidas semanas de aprofundamento no MEPES. (MEPES, 2013, p. 13).

A tabela 10 apresenta o quadro de funcionários que atuam no MEPES e o quantitativo dos mesmos por setor de trabalho.

Tabela 10 – Recursos Humanos do MEPES, por Setor de atuação

<b>Setor do MEPES</b>	<b>Nº de Profissionais Contratado</b>	<b>Porcentagem</b>
Administração	9	2,01
Centro Comunitário de Saúde	102	22,82
Centro de Formação e Reflexão	7	1,57
Escolas Famílias Agrícolas	194	65,77
Ação Comunitária	35	7,83
<b>Total</b>	<b>347</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MEPES (2013, p. 13).

A atual conjuntura apresentada pelo MEPES revela a importância que esta instituição possui para o Estado do Espírito Santo. Atuando a princípio na área da educação, o MEPES oferece serviços de ajuda humanitária na área da saúde e da ação comunitária. Sendo assim, é pertinente apresentar a partir deste ponto, como esta instituição impacta diretamente na vida do capixaba e em especial, na vida do anchietense.

### **7.2.2 Impactos Sociais Proporcionados pelo MEPES, nos seus Setores de Atuação**

O MEPES ao longo de sua história tem contribuído de forma direta com a sociedade e de forma especial com o homem do campo. Desenvolvendo seus projetos de promoção humana, atualmente a instituição possui EFA's localizadas em 17 municípios do Estado do Espírito Santo, sua área de abrangência se estende a agricultores procedentes de 53 municípios capixabas, beneficiando 624 comunidades. Atende também a jovens provenientes de estados vizinhos da Bahia e de Minas Gerais (MEPES, 2013) (Quadro 1).

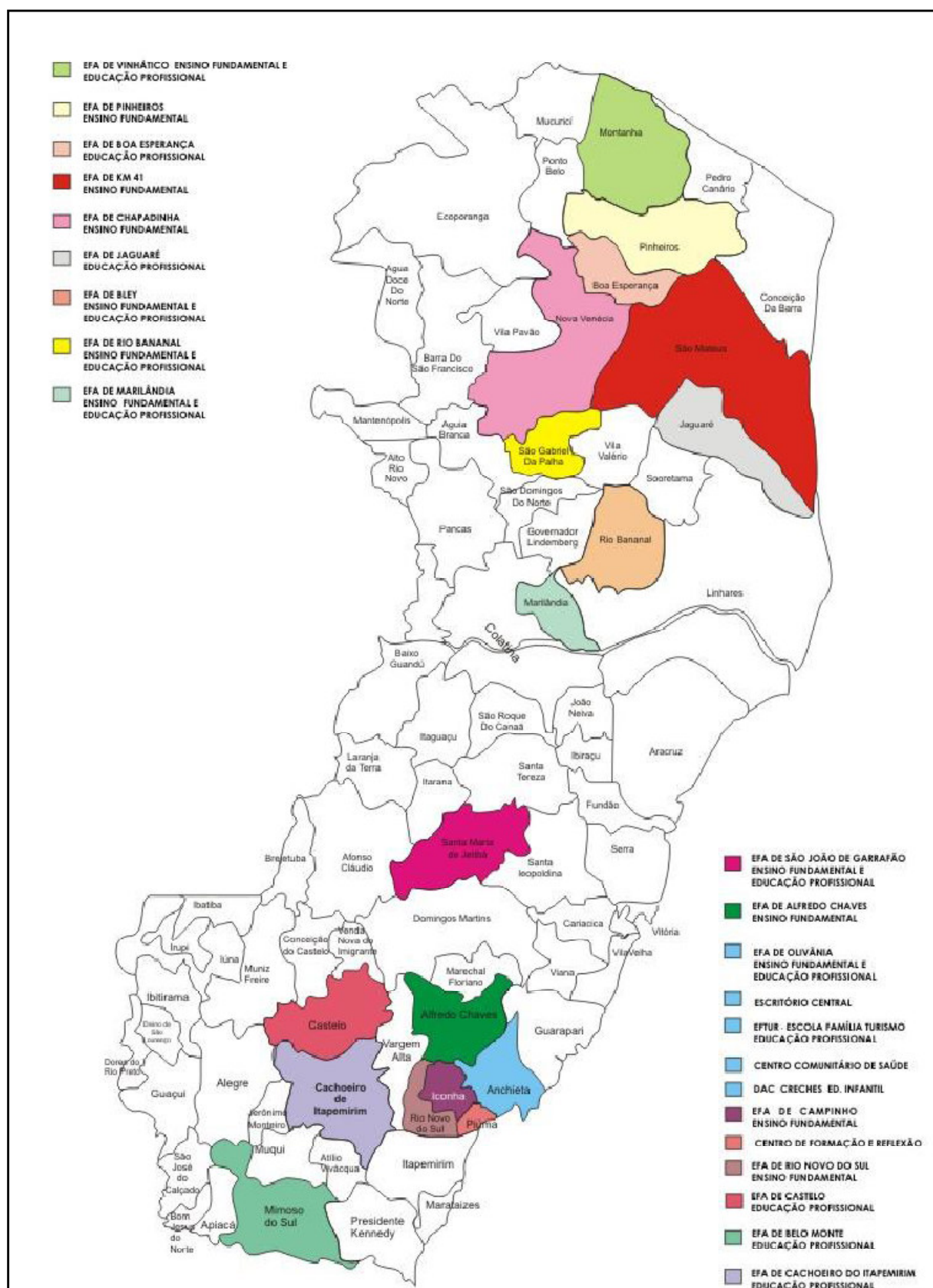


Quadro 1 – Quadro demonstrativo da procedência dos alunos das EFA's

<b>Estado</b>		<b>Município</b>
<b>Espírito Santo</b>		Afonso Cláudio; Águia Branca; Alegre; Alfredo Chaves; Alto Rio Novo; Anchieta; Aracruz; Barra de São Francisco; Boa Esperança; Brejetuba; Cachoeiro de Itapemirim; Cariacía; Castelo; Colatina; Conceição da Barra; Conceição de Castelo; Domingos Martins; Ecoporanga; Governador Lindenberg; Guarapari; Ibatiba; Iconha; Itapemirim; Itarana; Jaguaré; Jerônimo Monteiro; Linhares; Mantenópolis; Marechal Floriano; Marilândia; Mimoso do Sul; Montanha; Mucurici; Muniz Freire; Muqui; Nova Venécia; Pancas; Pedro Canário; Pinheiros; Piúma; Rio Bananal; Rio Novo do Sul; Santa Maria de Jetibá; São Domingos do Norte; São Gabriel da Palha; São Mateus; Sooretama; Vargem Alta; Venda do Imigrante; Viana; Vila Pavão; Vila Valério; Vila Velha.
<b>Bahia</b>		Ibirapuã Mucuri, Posta da Mata Teixeira de Freitas
<b>Minas Gerais</b>		Carlos Chagas Cuparaque Nanuque Serra de Aimorés

Fonte: MEPES (2013, p. 27).

Mapa 4 – Áreas de Atuação do MEPES no Estado do Espírito Santo



Fonte: MEPES (2013, p. 2).

Como instituição filantrópica, para manter a sua atuação e o desenvolvimento de seus projetos, o MEPES busca parcerias com diversos órgãos governamentais e não governamentais. As entidades parceiras dão subsídios técnicos e/ou financeiros às áreas de atuação mepiana, beneficiando assim, direta ou indiretamente as famílias e as comunidades que são atendidas pela ação do MEPES. O Quadro 2 apresenta os órgãos públicos e privados estaduais e federais, não governamentais e internacionais, que firmam atualmente parcerias com o MEPES.

Quadro 2 – Instituições Parceiras do MEPES

<b>I. Órgãos Públicos e Privados Federais e Estaduais:</b>
Ministério da Saúde – SUS.
Ministério do Desenvolvimento Agrário- SAF e DATER.
Governo do Estado do Espírito Santo.
Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo.
SEDU – Secretaria Estadual de Educação.
SEAG – Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca.
INCAPER
Núcleo Social Rural – Seag.
Secretaria Estadual da Saúde.
Secretaria de Estado de Ciências e Tecnologia.
SAMARCO Mineração S.A.
FUNAI.
BNDES.
PETROBRÁS.
<b>Prefeituras Municipais:</b> Anchieta, Alfredo Chaves, Domingos Martins, Iconha, Piúma, Rio Novo do Sul, Boa Esperança, Pinheiros, Rio Bananal, Jaguaré, S. Mateus, S. Gabriel da Palha, Nova Venécia, Montanha, Santa Maria de Jetibá, Marilândia, Vila Valério, Castelo, Cachoeiro de Itapemirim, Piúma, Itapemirim, Muqui, Alegre e Mimoso do Sul, Colatina.
<b>II. Parceiros Não Governamentais:</b>
FETAES – Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar/ES.

Diversos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais.
Universidade Vila Velha.
Universidade São Camilo.
Faculdade Doctum – Cachoeiro de Itapemirim.
FUNACI – Piauí.
UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil.
APTA.
Regionais das demais Escolas Famílias Agrícolas dos outros estados: AMEFA, REFAISA, AEFARO, AECOFABA.
Dioceses – Igrejas.
<b>III. Área Internacional:</b>
AES - Associação dos Amigos do Estado do Espírito Santo – Padova – Itália.
I.P.S.S.A.R-Istituto Profesionale di Stato Per i Sevizi Alberghieri e della Ristorazione – Veneto – Itália.
AIMFR – Association Internationales des Mouvements Familiales Rurales.
DEULA (Instituto Alemão de Tecnologia Agrícola).

Fonte: MEPES (2013, p. 17).

O MEPES mantém também efetiva participação nos diversos conselhos, principalmente os de esfera Federal e Estadual. Sendo estes “espaços públicos de composição plural e paritária entre Estado e sociedade civil, de natureza deliberativa e consultiva, cuja função é formular e controlar a execução das políticas públicas setoriais” (MEPES, 2013, p. 18), a importância destes e de suas representações está no fortalecimento da ação democrática e na formulação e implementação de políticas públicas.

Sabendo da sua importância de seu papel social, o MEPES busca por meio destes conselhos, manter um diálogo interinstitucional com o Estado, visando que programas e ações deixem de ser apenas um direito, e se tornem uma realidade para a sociedade. O MEPES participa efetivamente dos seguintes conselhos (2013, p. 18):

- Conselho Municipal de Saúde de Anchieta.
- Conselho Municipal de Educação de Anchieta.

- Conselho Municipal de Turismo de Anchieta.
- Conselho Municipal de Assistência Social de Anchieta.
- Conselho Municipal de Segurança de Anchieta.
- Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural.
- Conselho Municipal do Idoso de Anchieta.
- Conselho Municipal de Alimentação Escolar.
- Conselho da Agenda 21 de Anchieta.
- Conselho do Plano Diretor Municipal.
- Conselho dos Territórios: Juparanã, Montanhas e Águas e Litorâneo Sul.
- Conselho de Assistência e Desenvolvimento Social – CEPETI.
- Conselho Municipal de Turismo de Piúma.
- Conselho de Prevenção e Combate à Desertificação do Espírito Santo – Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEAMA.
- Conselho do Parque Natural do Frade e a Freira.
- Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável.
- Câmara Técnica de PRONAF – PRONAT, do Crédito Fundiário e ATER.
- Comissão de Produção Orgânica no Esp. Santo – Cporg/ES.
- Comitê Estadual de Educação do Campo.
- CIEAS – Comitê Interinstitucional de Educação Ambiental.
- Comitê de Gerenciamento de Integração das Políticas Sociais Rurais e Gestão do Novo PEDEAG.
- Comitê da Bacia Hidrográfica Rio Benevente.
- Comitê Estadual de Produção Orgânica.
- Representações nos diversos conselhos municipais – nas localidades onde as EFA's estão instaladas.
- Conselho Tutelar de Anchieta.
- Comitê Estadual de Educação Profissional.
- Comitê Estadual Pronatec-Campo.
- Comitê Convênio MEPES/SEDU.
- Conselho da UNEFAB.

- Conselho da AIMFR.
- Equipe Pedagógica Nacional da UNEFAB.

Os números expressos por sua atuação mediante o desenvolvimento de suas ações revelam a magnitude que a instituição assumiu ao longo do tempo. No âmbito educacional, área de maior expressividade e destaque da instituição, devido à inserção da Pedagogia da Alternância por meio das EFA's no sistema educacional brasileiro, estas foram “equiparadas às Escolas Públicas pela Constituição Estadual – Art. 281 Lei 7.875/ 04” (MEPES, 2013, p.19). Este novo modelo de escola gerado pela alternância, consiste num sistema educativo que busca a formação integral do sujeito.

A Pedagogia da Alternância é um sistema educativo em que o aluno alterna períodos de aprendizagem na família, no meio e na escola, estreitamente interligados entre si através de instrumentos pedagógicos específicos, formando assim um conjunto harmonioso entre comunidade, pedagogia, formação integral e profissionalização. (MEPES, 2013, p.25).

Os principais instrumentos didático-pedagógicos da Pedagogia da Alternância consistem, em: Plano de estudo; Caderno da realidade; Visitas às famílias; Visita e viagem de estudo; Caderno de acompanhamento; Estágios e o Projeto Profissional Jovem (MEPES, 2013, p.19).

Assim, o MEPES atende a 2.244 alunos, divididos em três modalidades de ensino: 340 na Educação Infantil (Creches); 683 no Ensino Fundamental e 1.221 no Ensino Médio, técnico e Profissionalizante, gerando para a instituição um custo anual de R\$6.889.528,80. Os alunos matriculados nas EFAs estudam em período integral em regime de internato.

Na área da saúde a instituição desenvolve inúmeros projetos. No início de sua atuação a instituição, em parceria com as comunidades interioranas, desenvolveu o projeto dos Minipostos de Saúde (Ambulatórios do Campo), com a inserção das Líderes de Saúde em meio às comunidades.

As Líderes de Saúde desenvolviam um papel similar aos agentes de saúde que atualmente atuam no programa do governo Saúde da Família. Estas líderes comunitárias trabalhavam de forma voluntária, eram escolhidas pela comunidade e recebiam treinamento e acompanhamento por parte do MEPES

para o desenvolvimento de suas funções, que compreendiam plantão diário na sede do Miniposto para assistência e serviços gerais imediatos, visitas domiciliares e manutenção do arquivo do Miniposto (atualização dos fichários).

O primeiro Miniposto a ser construído foi na comunidade de Alto Pongal, localizada na zona rural do Município de Anchieta. A partir da idealização desta primeira unidade, outras foram sendo construídas nas demais localidades interioranas de Anchieta. Os Minipostos de saúde em sua origem buscavam melhorar as questões de saúde pública do Município de Anchieta promovendo a assistência médica e a conscientização da população quanto aos hábitos de higiene, prevenção de doenças e serviços de saneamento básico.

Em 1970 é criada na cidade de Anchieta pelo Pe. Pietrogrande a Maternidade Anchieta para favorecer os grupos de gestantes, puérperas e crianças que não tinham nenhum amparo. Em 1976 inaugura-se o CCS/ Hospital e Maternidade Anchieta, com recursos da CEBEMO, ONG Holandesa que apoia projetos em países em desenvolvimento.

O CCS, popularmente conhecido como Hospital Maternidade Anchieta (HMA), fundado na década de 70 pelo Pe. Jesuíta Humberto Pietrogrande é mantido pelo MEPES, Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. É uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, tendo sede e foro na cidade de Anchieta / ES. A equipe do HMA está, continuamente, tentando se superar, tanto na qualidade como na complexidade da assistência médico-hospitalar que oferece à população, relacionando o cuidado com o paciente, centro das atenções, com o bom desempenho do seu Corpo Clínico e colaboradores. (MEPES, 2013, p. 72).

O hospital atende ao Município de Anchieta, abrangendo uma população de 23.860 habitantes, sendo considerado referência na região, atende também, a população dos municípios vizinhos, Iconha, Guarapari, Piúma e Alfredo Chaves. Os principais parceiros para manutenção do hospital são a Prefeitura Municipal de Anchieta, por meio da Secretaria Municipal de Saúde, e o Ministério da Saúde, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo o Relatório Anual 2013 da instituição, os serviços prestados na área da saúde pelo MEPES chegaram a 51.207 atendimentos, que geraram um custo de R\$5.034.717,43. A seguir, é apresentado um demonstrativo de

serviços prestados pelo MEPES à saúde, os mesmos estão divididos por tipos de atendimentos e seus respectivos financiadores (Tabela 11).

Tabela 11 – Demonstrativo de Serviços Prestados pelo MEPES, na Área da Saúde

<b>Tipos de Atendimentos (Descrição dos Serviços)</b>	<b>SUS</b>	<b>Com Recursos Próprios</b>	<b>Outros Prefeitura</b>	<b>Pagos (Particulares)</b>	<b>Total</b>
Internações/Obstetrícia	678	-	08	216	902
Internações/Pediátrica	258	04	-	-	262
Clínica/Médica	1.154	56	09	0	1.219
Internações Cirúrgicas	174	-	-	71	245
Pessoas atendidas no P.S.	11.445	-	-	-	11.445
Ambulatório/Consultas	-	592	540	605	1.737
Radiodiagnóstico / Raios-X	3.080	-	1.487	-	4.567
Fisioterapia	1.661	-	2.345	-	4.006
Anestesia	414	-	388	-	802
Eletro Cardiograma	80	-	90	-	170
Exames de Laboratório	10.251	-	12.964	-	23.215
Adminst. Medicamentos	179.648	-	-	-	179.648
Observação até 24 horas	1.127	-	-	-	1.127
Procedimentos Invasivos	404	-	-	-	404
Partos Normais	339	-	05	-	344
Cesarianas	241	-	08	216	465
Hemotransfusões	-	-	297	-	297
<b>Total de Atendimentos</b>	<b>31.306</b>	<b>652</b>	<b>17.871</b>	<b>1.108</b>	<b>51.207</b>
<b>Total de Atendimento valor em R\$</b>	<b>1.435.890,23</b>	<b>59.600,00</b>	<b>3.197.476,73</b>	<b>341.750,47</b>	<b>5.034.717,43</b>

Fonte: MEPES (2013, p. 21).

Na área de Ação Comunitária o MEPES desenvolve ações que envolvem as EFAs, o Centro de Formação e as creches e o Centro Comunitário de Saúde. Estas ações centram-se nas mais diversas modalidades, que incluem: Intercâmbios, viagens de estudo, merenda escolar, cursos e qualificações, visitas às famílias, financiamento de passagens para tratamento de saúde, exames e consultas grátis, doações de enxovais para recém-nascidos, entre outros. As ações comunitárias são empreendidas pelas unidades educacionais e de saúde da instituição. Observando a tabela 12, pode-se observar o número de atendimento e de participantes dos projetos de Ação Comunitária.



Tabela 12 – Atendimentos Realizados pelo MEPES em 2013, na Área da Ação Social

<b>Centro de Formação, EFAs e Creches</b>	<b>Nº de Participantes</b>	<b>Centro Comunitário de Saúde Serviço Social</b>	<b>Nº de Atendimentos</b>
Formação Permanente e Inicial/Ativ.c/ Monitores	724	Encaminhamento outros recursos	850
Seminários	492	Passagens Urb. e Interurbanas	18
Assessorias	52	Visitas Domiciliares	60
Intercâmbio Parcerias	309	Complementação Alimentar	45
Cursos Qualificações	418	Doações de Medicamentos	455
Visitas às Famílias	98	Enxovais recém-nascidos	-
Viagem de Estudo	10	Doações de Vestuários	42
Estágios	-	Visitação Pastoral Beleza	12
<b>Total de Participantes</b>	<b>2.103</b>	Internações	755
Refeições para Alunos 2.244 x 5 Refeições Dia	<b>2.244.000</b>	Empréstimo de Leito Domiciliares	16
		Orientação Vacinação, Higiene outros	1.184
-	-	Visitas Proj. Pediatria (Leitura, Criança Contente e Criança Saudável)	96
		Consultas Grátis	592
		Raios X Grátis	-
		<b>Total Geral</b>	<b>4.125</b>

Fonte: MEPES (2013, p, 22).

O movimento iniciado por Pe. Pietrogrande na década de 60, ganha com o passar do tempo uma infraestrutura talvez inimaginável pelos seus fundadores. Com 45 anos de história, o MEPES se perpetua ao longo do tempo desenvolvendo projetos e a promoção humana, principalmente naquilo que tange a valorização do homem do campo e da vida campesina.

Evidentemente, o ver, julgar e agir de Pe. Pietrogrande e de seus amigos naquela época, com relação à realidade do povo interiorano capixaba, principalmente do povo anchietense, que são em sua maioria, descendentes de imigrantes italianos, não só contribuiu para elevar as perspectivas de vida do Município de Anchieta e do Estado do Espírito Santo, mas também, de outras regiões do Brasil, nas quais atualmente o MEPES atua em instituições que trazem em suas bases a filosofia mepiana.

O ver, julgar e agir, que no princípio foram quase um instinto daqueles homens, atualmente formam as bases da metodologia de atuação do MEPES. A pequena instituição da década de 60, fundada pelo Pe. Pietrogrande impacta hoje de forma direta na vida de centenas de pessoas. Zelando pela educação, a saúde e a ação comunitária, o MEPES busca promover ao longo de sua história o ser humano e uma sociedade mais cidadã.

Atualmente a Educação no Município de Anchieta apresenta-se bem desenvolvida, com unidades escolares amplas e modernas dotadas de uma boa infraestrutura. Segundo o IBGE, no ano de 2012 o município contava com 74 unidades escolares atendendo às diversas comunidades de seu território, a maior parte das unidades é de domínio público, mantida pelo município por meio da Secretária Municipal de Educação (SEME) e pela Secretaria Estadual de Educação (SEDU).

As áreas de colonização italiana do município apresentam diversas destas unidades escolares, estas oferecem aos filhos dos descendentes o ensino fundamental e médio completo. A melhoria da infraestrutura de comunicação facilitou a locomoção dos estudantes, que se tornou mais fácil e rápida por meio do transporte escolar que atende a todo o território de Anchieta.

Estas melhorias contribuíram para a frequência e permanência do aluno na escola. Os novos investimentos empreendidos pelo Município e pelo Estado, somados à participação do MEPES, têm promovido grandes melhorias no que tange à educação municipal, proporcionando às crianças e aos jovens e principalmente aos filhos de imigrantes perspectivas de um futuro melhor.

## CONCLUSÃO

A proposta da pesquisa foi buscar identificar quais são as contribuições deixadas pelos imigrantes italianos, que marcam ainda hoje o povo anchietense. Notadamente nas ultimas décadas inúmeros estudos têm buscado compreender o processo de imigração italiana no Brasil, bem como no Estado do Espírito Santo.

Buscando alcançar o objetivo proposto delineou-se um plano de trabalho que num primeiro momento buscou rastrear fundamentos teóricos acerca da migração, almejando compreender as diversas nuances que circundam o tema. E assim, destacou-se a importância do estudo da população para ciência geográfica por meio da Geografia da População, este por sua vez, convergiu na migração, identificando assim, entre as inúmeras teorias que compõem o vasto arcabouço teórico referente ao tema, as linhas de pensamento que são mais relevantes para esta pesquisa, em que se destacam: o trabalho precursor do geógrafo inglês Ravenstein, denominado “As Leis da Migração”, publicado em 1885; os modelos de *push-pull* criados por Lee (1965), a Teoria do Capital Humano de Sjaastad (1962), que relaciona a decisão de migrar com a maximização do lucro, as redes migratórias e o estudo de Sayad (1998), que aborda a migração como um “fato social completo”, ou seja, a análise da migração deve considerar a complementaridade dos processos de emigração e imigração.

De posse desses referenciais e outros, a pesquisa foi em busca de informações e dados referentes à imigração italiana, enfocando o processo desde a sua origem por meio de uma ampla análise que contextualizou tanto a área de repulsão, a Itália, como também, a área de atração o Brasil.

Desse panorama visualizamos que, Itália e Brasil na segunda metade do século XIX, perpassavam por diversas mudanças socioeconômicas devido à expansão do sistema capitalista, assim, a Itália nessa época estava mergulhada em uma condição de miséria, marcada pelo desemprego, a crise fundiária, os altos impostos e as enchentes ocorridas nos anos de 1882, 1885 e 1889 que devastaram de vez os campos do Trentino, além de outros fatores.

Do outro lado do Atlântico, porém o Brasil apresentava outro contexto, marcado pela falta de mão de obra, extenso vazio demográfico e a necessidade do branqueamento da população, ocasionado por um pensamento ideologizado de europeização, que tinha como modelo de sociedade os padrões europeus.

A difícil situação enfrentada não só pela Itália, mas também por diversos países da Europa, e a atrativa situação vivida pelos países americanos, transportaram pelo Atlântico milhares de indivíduos em busca de melhores condições de vida. O fenômeno migratório de grandes proporções foi denominado de “Grande Imigração”. O maior fluxo imigratório direcionado ao Brasil foi sem dúvidas o italiano. Ao deixarem a terra natal os imigrantes, com suas famílias, parentes e amigos, realizavam na maioria dos casos uma longa e desgastante viagem, amontoados em navios que muitas vezes não apresentavam boas condições de subsistência, chegavam aos diversos portos brasileiros, principalmente do Estado de São Paulo, onde a grande maioria destes permaneceu para o trabalho nas lavouras de café.

No Estado do Espírito Santo, a inserção da atividade imigratória assemelha-se ao processo empreendido na Região Sul do país, onde a imigração teve como função a colonização do território despovoado. O Espírito Santo do século XIX caracteriza-se com um imenso vazio demográfico, tendo grande parte do seu território coberto pela Mata Atlântica, detentor de insipientes meios de comunicação, resumidos em algumas áreas a pequenas picadas ou trilhas em meio à mata fechada. Os latifúndios eram poucos e localizavam-se no sul do estado.

Diante desta situação, o Governo capixaba vê na imigração e, de maneira particular na imigração italiana, uma forma de promover o desenvolvimento local, bem como assegurar a proteção do território desprovido em grande parte de habitantes, já que as áreas de maior povoação estavam localizadas no litoral. Assim, por meio de uma política imigratória subsidiada, com o apoio do Governo Geral, o Governo capixaba demarcou lotes, fundou colônias e investiu em subsídios que promovessem a imigração, despertando a atenção dos italianos por meio de propagandas divulgadas principalmente na região norte do país. O perfil buscado era o de indivíduos jovens e agricultores, já que iriam desenvolver o plantio do café.

As primeiras colônias fundadas foram Santa Isabel (1847), Rio Novo (1854) e Santa Leopoldina (1856). A Colônia de Rio Novo, porém, ganha destaque na pesquisa, pois ao tratar da imigração italiana no Município de Anchieta observou-se a importância do estudo desta colônia, que tinha seu território presente em grande parte das terras que compõem atualmente o Município.

A Colônia de Rio Novo surgiu quando Caetano Dias da Silva fundou no Rio de Janeiro a Associação Colonial Agrícola de Rio Novo, sendo na sua origem uma colônia de ordem particular. No decorrer de sua história, Rio Novo será considerada uma colônia que contribuiu para o povoamento e ocupação do território capixaba.

Tendo sua história marcada por grandes problemas, a Colônia de Rio Novo, que reunia terras onde hoje se localizam os municípios de Alfredo Chaves, Anchieta, Iconha, Itapemirim, Piúma e Rio Novo do Sul, é considerada pelos estudiosos da área como um empreendimento que inicialmente não deu certo. Perpassando por três fases distintas ao longo de seu processo histórico, ou seja, uma privada, governamental e pós emancipatória, a colônia foi administrada por diversos diretores, dentre os quais se destaca Joaquim Adolfo Pinto Pacca que, mesmo diante das adversidades enfrentadas pelo núcleo, e de suas limitações pessoais realizou diversas ações para manter o núcleo colonial em vigência.

Nesta sequência, o estudo apresentou as características gerais do Município de Anchieta enfocando o seu processo de evolução demográfica, caracterizando assim, o processo de ocupação territorial empreendido no município desde sua fundação por São José de Anchieta como aldeia de Reritiba, perpassando pela vila de Benevente, chegando a Anchieta. Esta caracterização foi possível por meio de dados demográficos históricos e atuais, bem como, por dados fornecidos por documentos históricos.

Observa-se que desde sua fundação Anchieta desempenhou um papel importante para o Estado do Espírito Santo, seja nos aspectos econômicos movimentados pela atividade portuária da época, ou por suas características demográficas, já que sempre esteve entre os municípios mais populosos da época, fato este que atualmente não se verifica.

Sendo porta de entrada de centenas de imigrantes italianos destinados à Colônia de Rio Novo, como também a outras áreas da região serrana do estado, o Município de Anchieta teve em seu processo de formação socioeconômico a contribuição direta desses imigrantes, que subindo o Rio Benevente de canoa ou pranchas, instalaram-se com suas famílias entre as montanhas nas áreas interioranas do município, próximas aos municípios de Alfredo Chaves, Iconha e Guarapari. Surgem então, em meio a grandes dificuldades, as primeiras comunidades fundadas pelos imigrantes, estas com o passar do tempo tornaram-se prósperas revelando assim a importância da imigração italiana para Anchieta.

Buscando reconstituir o fluxo migratório destinado a Colônia de Rio Novo, e assim, a caracterização destes imigrantes que se instalaram nas terras onde atualmente localiza-se o Município de Anchieta, foi elaborado um Banco de Dados, que pode ser considerado uma das principais contribuições deste trabalho para o estudo da imigração italiana em Anchieta e no Espírito Santo.

No processo de elaboração do Banco de Dados diversas dificuldades foram encontradas, seja no levantamento dos dados, que se apresentavam escassos, muitas vezes ilegíveis, dotados de arredondamentos e de informações repetitivas, seja também na tabulação e correção dos mesmos. Uma atividade que exigiu uma exaustiva dedicação, atenção e tempo.

O Banco de Dados reúne informações sobre 740 famílias e 2.216 imigrantes. A análise do conjunto de dados revela características deste fluxo migratório, como a predominância de famílias no fluxo, alto índice de fecundidade, famílias extensas chegando a conter quatorze indivíduos, predominância de pessoas originárias da parte norte da Itália, com destaque para a Região do Trentino-Alto Ádige e inserção da maioria dos migrantes em Benevente, atual Anchieta.

O Banco de Dados mostra a importância da imigração italiana para a região. Em Anchieta estes imigrantes se estabeleceram no Segundo Território da Colônia de Rio Novo, onde iniciaram a missão que a eles fora confiada, ou seja, colonizar o desconhecido. Com os poucos recursos a eles disponibilizados deram início a esta empreitada, cujas contribuições perpetuaram-se pelo tempo, e são percebidas na atualidade não só no dia a

dia destas comunidades descendentes de imigrantes, mas do município como um todo.

Assim, diversas contribuições deixadas pelos imigrantes italianos puderam ser observadas ao longo da pesquisa, aqui, porém foram ressaltadas as de maior relevância para este estudo nas esferas econômica, educacional e cultural.

Na economia destaca-se o espírito empreendedor dos imigrantes, herdado também por seus descendentes. Assim as marcas deixadas pela imigração italiana podem ser vistas em meio aos setores primário, secundário e terciário. No setor primário a agricultura familiar se destaca, praticada nas diversas propriedades policultoras do município. Estas têm na base de sua produção a cultura do café e da banana, além de produzir hortifrutigranjeiros, leites e derivados por meio de uma pecuária leiteira, como também, a pecuária de corte. Atualmente vem se destacando nestas propriedades familiares e comunidades, por meio de associações, a agroindústria, que se servindo das antigas receitas da gastronomia italiana, produzem diversos produtos de ordem caseira, sendo fonte primeira da renda familiar ou completando a mesma.

Nos setores secundários e terciários, observa-se que as contribuições não são tão grandes, já que os imigrantes que aqui aportaram eram basicamente agricultores. Mas mesmo assim, é possível notar algumas contribuições propiciadas pelo espírito empreendedor do migrante que vem rompendo o tempo, suscitando nos descendentes o anseio pelo progresso. Assim identificou-se uma metalúrgica, três empresas prestadoras de serviço, uma no ramo da mecânica de automóveis (linha leve e pesada) e logística, outra no ramo da construção civil, e a terceira no ramo alimentício. Identificou-se também a presença de um circuito turístico no município, denominado Circuito do Imigrante, este perpassa pelas comunidades fundadas pelos imigrantes enfocando as belezas naturais, patrimônios culturais e agroindústria.

Na educação, a maior contribuição deixada pela imigração italiana foi a fundação da Escola Família Agrícola de Olivânia pelo MEPES. Esta instituição filantrópica criada pelo padre italiano Humberto Pietrogrande em 1968 após conhecer a dura realidade de vida dos descendentes de imigrantes na região, principalmente os descendentes de italianos. Diante da precária situação vivida



por estas pessoas, o padre Humberto cria o MEPES, que atua tanto no âmbito educacional, com a EFA, como também na área da saúde, tendo fundado o Hospital e Maternidade de Anchieta que atende atualmente o município e as municipalidades vizinhas, e na área da ação social.

O MEPES surge a partir das dificuldades enfrentadas pelos descendentes de imigrantes italianos da região. O projeto inicial das EFAs deu tão certo que se espalhou pelo Espírito Santo e por outros estados brasileiros. As EFAs sem dúvida ajudaram e ainda ajudam não só as novas gerações de descendentes de italianos, mas a diversos jovens com raízes nas mais diversas etnias formadoras da nacionalidade brasileira.

Na cultura, diversas são as contribuições deixadas pela imigração italiana. Os traços da cultura italiana trazida pela imigração se mantêm vivos e marcam ainda hoje o povo anchietense, seja nas construções antigas, nos diversos oratórios espalhados pelas comunidades, nas infraestruturas para o trabalho diário como o moinho de pedra, na rica culinária aprendida das *nonnas*, nas músicas e danças mantidas pelos grupos folclóricos, no artesanato feito principalmente pelas mulheres, compreendendo costuras, bordados, pinturas, esculturas, etc, e por meio das tradições religiosas, com a predominância do catolicismo nas comunidades fundadas pelos imigrantes italianos.

Cabe destacar na cultura o papel das escolas do campo que desenvolvem projetos com os alunos, buscando resgatar a cultura italiana e manter as tradições, incutindo nas crianças e nos jovens o sentimento de pertencimento, de uma identidade ítalo-brasileira, ítalo-capixaba.

Estas foram as principais contribuições desta investigação que teve como objeto de estudo a imigração italiana no Município de Anchieta – ES, longe de esgotar o debate acerca do tema, acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para suscitar críticas e reflexões que aprofundem a discussão da temática, assim como a indicação de caminhos para a realização de novas pesquisas sobre o tema, que tanto tem a ser estudado.

## REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Maria Silvia B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neida L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. Italianos no Brasil: O que dizem os censos? In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia de população**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Decreto 3.784 de 19 de janeiro de 1867. Approva o Regulamento para as Colonias do Estado. **Coleção de Leis do Brasil**, v. 31, 19 jan. 1867, p. 31. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3784-19-janeiro-1867-553854-publicacaooriginal-72121-pe.html>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BUSATTO, Luíz. L'immigrazione italo-veneta nello stato di Espirito Santo. In: REGIONE VENETO. CENTRO INTERRUNIVERSITARIO DI STUDI VENETI. **Presenza, cultura, lingua e tradizione dei Veneti nel mondo**. Spinea: Multigraf, 1987.

BUSATTO, Luíz. Por uma identidade ítalo-capixaba. In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

CARVALHO, José Alberto M. de, RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os dados censitários sobre migrações internas: algumas sugestões para a análise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.15, n.2, p.7-17, jul./dez. 1999.

CASTIGLIONI, Aurélia H. A imigração italiana no Espírito Santo: análise das características dos migrantes. In: \_\_\_\_\_. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Alguns aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: estratégias migratórias. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA E IX FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO, 1999, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 65-82.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Buona gente capixaba. **Revista de história da Biblioteca Nacional**. ano 6, n. 72, set. 2011.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: UFPA/NAEA, 2009.

CASTIGLIONI, Aurélia H.; REGINATO, Mauro. Impatti socio demografici dell'immigrazione europea. In: **ALTREITALIE**. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, n. 38/39, p. 190-221, jan. 2009.

CASTIGLIONI, Aurélia H.; REGINATO, Mauro. **Imigração italiana no Espírito Santo: o banco de dados**. [Vitória, ES?]: Companhia Siderurgica de Tubarão: UNIMED do Espírito Santo, 1997.

CASTIGLIONI, Aurélia. H. Imigração san-marinense no Estado do Espírito Santo. In: REGINATO, Mauro. **De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma emigração**. Vitória: EDUFES, 2004.

CASTIGLIONI, Aurélia. H. **Migration, urbanisation et developpement: le cas de l'Esprito Santo-Bresil**. Bruxelas: Ciaco, 1989.

CELLIN, Joelma. **Piemonteses em Castelo: aspectos culturais**. Vitória (ES): EDUFES, 2000.

CENTRO CULTURAL (Anchieta, ES). [**Casarão de quarentena**]. [18--?].

CENTRO CULTURAL (Anchieta, ES). [**Embarcações (Brigues) ancoradas no Porto de Benevente no século XIX**]. [19--?]. 1 fotografia, p&b.

DAEMON, Basílio C. **Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística**. 2. ed. Vitória, ES: Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

DALAPICOLA, Tiago. **A Migração de Capixabas para Rondônia**. Monografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2008.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Far la Merica: a presença italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Riocell, 1991. 209 p. (O continente de São Pedro ; v. 3).

DE BONI, Luis Alberto. Imigração italiana no Brasil. In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Artenova, c1974.

EMEB TIA MARLENE PETRI (Anchieta, ES). [**Capa do cd do coral de alunos da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Alto Pongal**]. [2010]. 1 imagem, color.

EMMI, Marília Ferreira. **Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2008.

ENGENHARIA HORIZONTE (Anchieta, ES). **[Logomarca da empresa Horizonte Construtora]**. [201-?]. 1 imagem, color.  
FAÉ, Maria Inês. O transporte de imigrantes italianos no Espírito Santo. In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

GOMES, Angela de Castro. **Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade**. In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras : Espírito Santo 1874-1900**. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

GRUPO FOLKLORÍSTICO NONNA ADÉLIA. **[Croqui das indumentárias masculina e feminina utilizada pelo Grupo Folklorístico Nonna Adélia]**. [2006].

GRUPO FOLKLORÍSTICO NONNA ADÉLIA. **[Primeira composição do Grupo Folklorístico Nonna Adélia]**. [2006]. 1 fotografia, color.

HUGON, Paul. **Demografia brasileira: ensaios de demoeconomia brasileira**. São Paulo: Atlas, 1973.

IBGE. Centro Brasileiro de Estudos Demográficos. **Dicionário demográfico multilíngue: versão brasileira**. Rio de Janeiro, 1969. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DicionarioDemografico/DicionarioDemografico.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Sinopse do censo demográfico 2010. **População nos censos demográficos , segundo as grandes regiões e as unidades da federação: 1872-2010**. Rio de Janeiro, [2010]. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

IMIGRANTES LOGÍSTICA E MANUTENÇÃO (Anchieta, ES). **[Logomarca da Imigrantes Comércio e Serviços LTDA]**. [20--?]. 1 imagem, color.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (Espírito Santo). **Limites administrativos**: Anchieta. [Vitória], [2014]. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <[http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=109](http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=109)>. Acesso em: 13 nov. 2014.

LEE, E.S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Helio A. de. **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 89-144.

LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 8 (supl.), 1974.

LIBARDI, Luiz. **[Imagem de Santo Antônio]**. [20--?]. 1 fotografia, color.

LORENCINI, Cinha Petri. **[1º coral de música folclórica italiana de Alto Pongal]**. 1979. 1 fotografia, color.

LORENCINI, Cinha Petri. **[Festa comunitária de Alto Pongal]**. [19--?]. 1 fotografia, color.

LORENCINI, Cinha Petri. **[Igreja do Sagrado Coração de Jesus na década de 60]**. [196-]. 1 imagem, p&b.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Crescimento histórico da população brasileira até 1872. **Cadernos do CEBRAP**, São Paulo, v. 16, p. 2-26, 1973.

MASSAS POPINHA (Anchieta, ES). **[Logomarca da casa de Massas Popinha]**. [20--?]. 1 imagem, color.

MATTOS, Sônia Missagia. A aldeia de Irititaba: atual cidade de Anchieta no Espírito Santo. **Habitus**, Goiânia, v. 7, n.1/2, p. 5-44, jan./dez. 2009.

MATUDA, Nivea da Silva. **Introdução a demografia**: notas de aula. Universidade Federal do Paraná. Departamento de Estatística, Paraná, 2009.

MEPES. **2013**: relatório anual. Anchieta, ES, 2013. Disponível em: <<http://www.mepes.org.br/docs/RELAT%C3%93RIO%20DE%20ATIVIDADES%202013.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatuto**. Anchieta, ES, 2009. Disponível em: <[http://www.mepes.org.br/docs/Estatuto\\_Mepes\\_Final.pdf](http://www.mepes.org.br/docs/Estatuto_Mepes_Final.pdf)>. Acesso em 13 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **História da gastronomia de Anchieta**: livro de receitas. Anchieta, ES, 2011.

METALÚRGICA MOZER (Anchieta, ES). 2014. Disponível em: <<http://metalurgicamozer.com.br/>>. Acesso em 12 nov. 2014.

MOURA, H. A. Nota Prévia. In: MOURA, Helio A. de. **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 11-16.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. A casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo. In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e arquitetura**: a casa rural do imigrante italiano do Espírito Santo. 2. ed. Vitória, ES: Flor&cultura, 2009.

NACIONES UNIDAS. **Estudios de población**. Nº. 47. Manual VI, Métodos de medición de la migración interna. Nueva York, 1972.

NAGAR, Carlo. **Lo stato di Espírito Santo e l'immigrazioni italiana**. In: BOLLETTINO DEL MINISTERO DEGLI AFFAIR ESTERI. Roma, 1895.

NEVES, Luiz Guilherme Santos; et al. **História, geografia e organização social e política do Município de Anchieta**. Brasília Editora Ltda: Vitória, 1995.

NOSELLA, Paolo. **Origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

NOVAES, Maria Stella de. **Os italianos e seus descendentes no Espírito Santo**. [Vitória, ES?]: Instituto Jones dos Santos Neves, 1980.

ONU. **Estado de la población mundial 2011**. UNFPA: [s.n.], 2011. Disponível em: <[http://foweb.unfpa.org/SWP2011/reports/SP-SWOP2011\\_Final.pdf](http://foweb.unfpa.org/SWP2011/reports/SP-SWOP2011_Final.pdf)>. Acesso em 13 nov. 2014.

ONU. **Manual VI**: métodos de medição da migração interna. [S.l. : s.n.], 1972.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PETRI, Edival José; SILVA, Pedro Paulino. **O MEPES**: uma escola para a vida. Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Madre Gertrudes de São José. Cachoeiro de Itapemirim, 1986.

PETRONE, Pasquale. **Aspectos geográficos da área de colonização antiga do Estado do Espírito Santo**. [Vitória, ES?]: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2004.

PIETROGRANDE, Humberto. **50 anos de missão no Brasil**. Vitória: Alternativo, 2012.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo. In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. In: MOURA, Helio A. de. **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980. p. 19-88.

REGINATO, Mauro (Org). **De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma emigração**. Vitória: EDUFES, 2004.

REGINATO, Mauro; CASTIGLIONI, Aurélia H. Imigração e famílias no Espírito Santo: os italianos em Cachoeiro de Itapemirim nos séculos XIX e XX. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE DEMOGRAFIA: REPENSAR A DEMOGRAFIA HOJE: CONDICIONANTES E ESTRATÉGIAS, 4., 2012, Évora. **Anais...** Évora [s. n.], 2012.

RIZZETTO, R. Colonizzazione italiana nello Stato di Espírito Santo (Brasile). In: MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Bollettino Dell'emigrazione**. Roma, n. 7, 1905.

ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo: 1847 a 1896**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1984.

ROTA do imigrante perto do mar. **A Tribuna**, Vitória, 17 fev. 2008. Regional, p. 15-16.

SANTA, M. B.; HAESBAERT, R. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. **GEOgraphia**, v. 3, n. 5, set. 2009

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO (Anchieta, ES). **[Folder de divulgação do circuito dos imigrantes]**. 2009. 1 folder, color.

\_\_\_\_\_. **[Panfleto de divulgação do circuito dos imigrantes]**. 2008. 1 panfleto, color.

\_\_\_\_\_. **[Panfleto de divulgação dos passos dos imigrantes]**. 2008. 1 panfleto, color.

SIMMONS, A. B. **Explaining migration**: theory at the crossroads. Louvain: Université Catholic, 1987.

SJAASTAD, L. A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Helio A. de. **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980.

SORTEIO para passeio em Anchieta. **A Tribuna**, Vitória, 16 nov. 2007. Reportagem especial, p. 4.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/index.php/edicoes-antteriores/20-volume-20-numero-1->](http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/index.php/edicoes-antteriores/20-volume-20-numero-1-). Acesso em: 13 nov. 2014.

VANGELISTA, Chiara. **Dal vecchio al nuovo continente**: L'immigrazione in América Latina. 1. ed. Torino: Paravia Scriptorium, 1997.

WITTER, José Sebastião. Imigrante, um fator de transformação da sociedade brasileira: São Paulo (1850-1914). In: CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. [Vitória, ES?]: UFES, 1998.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução a geografia da população**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

ZELINSKY, Wilbur. The hypothesis of the mobility transition. **Geographical Review**, New York, v. 61, n. 2, p. 219-249, 1971.



## **ANEXOS**

## ANEXO I

**Banco de Dados – 1875 A 1897**

Tabela 13 – Imigrantes italianos na colônia de Rio Novo – Província do Espírito Santo

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
1	<b>Agnoletti</b>	<b>Paolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1941</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>		<b>Iconha</b>	<b>Italia</b>
1	Agnoletti	Antonio	Irmão	57	1941	Veneto	Treviso		Iconha	Italia
2	<b>Ajolfi</b>	<b>Stefano</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>					
3	<b>Albani</b>	<b>Batista</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
4	<b>Albarella</b>	<b>Adamo</b>	<b>Só</b>	<b>25</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
5	<b>Alberti</b>	<b>Anselmo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
6	<b>Alocchio</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>69</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
6	Alocchio	Maria	Esposa	42	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
6	Alocchio	Francesco	Filho	24	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
6	Alocchio	Nerina	Nora	28	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
6	Alocchio	Giovanni	Agregado	31	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
7	<b>Alochio</b>									
8	<b>Alochio</b>	<b>Carlo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
9	<b>Alochio</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
10	<b>Aloigi</b>	<b>Battista</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
11	<b>Alpini</b>	<b>Stefanon</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
12	<b>Alqua</b>	<b>Gottardo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
13	<b>Altoè</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vittorio Vêneto</b>	<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Giovanna	Esposa	39	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Presidente
13	Altoè	Giovanni	Filho	15	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Presidente

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
13	Altoè	Andrea	Filho	12	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Antonio	Filho	6	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Maria	Filha	1	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Palola	Filha	1	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Giuseppe	Irmão	25	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Angela	Cunhada	18	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
13	Altoè	Augusta	Mãe	69	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
14	<b>Ambrosini</b>	<b>Agostini</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
15	<b>Andreatta</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Costasavina</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
15	Andreatta	Maria	Esposa	37	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Carlo	Filho	12	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Giuseppe	Filho	14	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Maria	Filha	8	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Angela	Filha	5	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Enrico	Filho	3	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
15	Andreatta	Silvio	Filho	1	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Costasavina	Benevente	Cervantes
16	<b>Andreatta</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Bosentino</b>		
17	<b>Andreatta</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	
17	Andreatta	Orsola	Esposa	27	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	
17	Andreatta	Antonio	Filho	19	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	
17	Andreatta	Giovanni	Filho	6	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	
17	Andreatta	Maria	Filha	11	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	
17	Andreatta	Orsola	Filha	4	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
18	Andreoli	Fermo	Só		1876					
19	Angeli	Giuseppe Loyo	Só		1875		Trento	Levico		
20	Angeli	Giuseppe	Só	23	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Ádria
21	Angeli	Magoriano	Chefe	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Teresa	Esposa	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Anna	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Luigi	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Maria	Filha	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Michele	Irmão	25	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Giuseppe	Irmão	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Giulietta	Sobrinha	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Augusta	Sobrinha	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
21	Angeli	Teresa	Cunhada	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
22	Angeli	Michele	Só		1875		Trento	Levico	Benevente	
23	Anhesi Giappe	Giuseppe	Só		1876					
24	Antonelli	Bernardo	Só		1875		Trento		Benevente	
25	Arman	Costante	Só		1875		Trento	Banco	Benevente	
26	Armelloni	Rocco	Chefe	34	1877	Lombardia	Cremona	Soresina	Benevente	Colombia
26	Armelloni	Maria	Esposa	28	1877	Lombardia	Cremona	Soresina	Benevente	Colombia
26	Armelloni	Cesare	Filho	2	1877	Lombardia	Cremona	Soresina	Benevente	Colombia
27	Arossa	Lodovico	Só		1876					
28	Astori	Giovanni	Chefe	36	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
28	Astori	Maria	Esposa	29	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
28	Astori	Pietro	Filho	8	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
28	Astori	Maria	Filha	2	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
29	Avancini	Antonio	Chefe	37	1876		Trento			Werneck
29	Avancini	Adelaide	Esposa	30	1876		Trento			Werneck
29	Avancini	Carolina	Filha	7	1876		Trento			Werneck
30	Avancini	Antonio	Chefe	54	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Lucia	Esposa	50	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Amélia	Filha	24	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Romualdo	Filho	23	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Amelia	Filha	22	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Guiseppe	Filho	21	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Giacomo	Filho	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Giambattista	Filho	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Leopoldo	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Domenica	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Luigi	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Viola	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
30	Avancini	Domenica	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
31	Bacatolli									
32	Bachiet	Fausto	Chefe	42	1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina
32	Bachiet	Teresa	Esposa	41	1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina
32	Bachiet	Angelo	Filho	13	1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
32	Bachiet	Luigia	Filha	10	1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina
32	Bachiet	Giuseppe	Filho	8	1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina
32	Bachiet	Bortolo	Filho		1878		Trento		Benevente	Isab./Clementina
33	Bagatelli									
34	Barucchi	Giuseppe	Chefe	35	1894	Lombardia	Brescia	Vobarno	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
34	Barucchi	Maria	Esposa	20	1894	Lombardia	Brescia	Vobarno	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
34	Barucchi	Giuseppe	Filho	0	1894	Lombardia	Brescia	Vobarno	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
35	Basseti	Severino	Só	28	1890				Benevente	Pará
36	Basseti	Virgilio	Só	23	1890				Benevente	Pará
37	Basso	Giacomo	Chefe	42	1878					Clementina
37	Basso	Leonora	Esposa	40	1878					Clementina
37	Basso	Emilio	Filho	13	1878					Clementina
37	Basso	Emilia	Filha	11	1878					Clementina
37	Basso	Adelaide	Filha	9	1878					Clementina
37	Basso	Giovanna	Filha	6	1878					Clementina
38	Basso	Marco	Chefe	40	1878					Clementina
38	Basso	Giovanna	Esposa	41	1878					Clementina
38	Basso	Anna	Filha	8	1878					Clementina
38	Basso	Teresa	Filha	6	1878					Clementina
39	Bazzan	Riccardo	Chefe	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
39	Bazzan	Fiore	Esposa	32	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
39	Bazzan	Oliva	Filha	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
39	Bazzan	Riccardo	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
39	Bazzan	Domenico	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
40	Bazzé	Mutusale	Só		1878					

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
41	Beglielli	Cesare	Só		1875				Piúma	Presidente
42	Bellon	Pelegrino	Chefe	39	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Emilia	Esposa	39	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Teresa	Filha	11	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Federico	Filho	10	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Antonio	Filho	8	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Paolina	Filha	6	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Romano	Filho	4	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Fioravante	Filho	3	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Anna	Filha	2	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
42	Bellon	Luigi	Filho	0	1888	Veneto	Treviso	San Zenone delli Ezzelini	Benevente	
43	Beni									
44	Bergami	Giuseppe	Chefe	49	1878					Clementina
44	Bergami	Maddalena	Esposa	47	1878					Clementina
44	Bergami	Giovanni	Filho	21	1878		Padova			Clementina
44	Bergami	Carlo	Filho	19	1878					Clementina
45	Bergamini	Giovanni	Chefe	34	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
45	Bergamini	Tognoli	Esposa	24	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
45	Bergamini	Carlo	Filho	3	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
45	Bergamini	Lucia	Filha	1	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
46	Bergano	Tomaso	Só		1877					
47	Berlanda	Emanuele (Emmanuele)	Chefe	40	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
47	Berlanda	Giuseppa	Esposa	44	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
47	Berlanda	Antonio	Filho	14	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
47	Berlanda	Teodora	Filha	12	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
47	Berlanda	Emmanuele	Filho	9	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
47	Berlanda	Eleonora	Filha	6	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
48	<b>Bernabè</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
48	Bernabè	Maria	Esposa	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
48	Bernabè	Filomena	Filha		1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
48	Bernabè	Domenico	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
48	Bernabè	Angelo	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
48	Bernabè	Cesare	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
49	<b>Bernabè</b>	<b>Orsola</b>						<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	
50	<b>Bernardi</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
51	<b>Bertol</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1878</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Mezzolombardo</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
51	Bertol	Cristina	Esposa	36	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
51	Bertol	Pietro	Filho	9	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
51	Bertol	Maria	Filha	7	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
51	Bertol	Giovanni	Filho	5	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
52	<b>Bertoldi</b>	<b>Albino</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
52	Bertoldi	Maria	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
52	Bertoldi	Carlo	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
52	Bertoldi	Genoveffa	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	<b>Bertoldi</b>	<b>Attilio</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
53	Bertoldi	Anna	Esposa	32	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	Bertoldi	Albino	Filho	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	Bertoldi	Bortolamteo	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	Bertoldi	Ottília	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	Bertoldi	Attilio	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
53	Bertoldi	Elena	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
54	<b>Bertoldi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>	<b>34</b>	<b>1876</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>		<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
55	<b>Bertoldi</b>	<b>Paolo</b>							<b>Benevente</b>	
56	<b>Bertoldi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1895</b>				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	
56	Bertoldi	Rosa	Esposa	25	1895				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	
56	Bertoldi	Angelo	Filho	2	1895				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	
56	Bertoldi	Pietro	Filho	0	1895				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	
57	<b>Bertoloti</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
58	<b>Bertoloti</b>	<b>Maria</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
59	<b>Betoni</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
60	<b>Betti</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Tenna</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
60	Betti	Maddalena	Esposa	45	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Attilio	Filho	25	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Francesca	Filha	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
60	Betti	Pietro	Filho	19	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Giuseppe	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Teresa	Filha	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Anela	Filha	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
60	Betti	Enrico	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
61	Bianchi	Antonio	Só		1876					
62	Bianchini	Gio Batta	Só		1876					
63	Biccalli	Francesco	Só		1876					
64	Bichori									
65	Bidese	Catterina	Chefe	59	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
65	Bidese	Antonio	Filho	33	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
65	Bidese	Maria	Nora	29	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
65	Bidese	Francesco	Neto	3	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
65	Bidese	Serafino	Neto	0	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
66	Binela									
67	Bissa	Stefanon	Só		1878					
68	Bissoli	Giacomo	Chefe	47	1880				Benevente	
68	Bissoli	Luigia	Esposa	41	1880				Benevente	
68	Bissoli	Angelo	Filho	16	1880				Benevente	
68	Bissoli	Massimiliano	Filho	19	1880				Benevente	
68	Bissoli	Giovani	Filho	15	1880				Benevente	
68	Bissoli	Silvio	Filho	8	1880				Benevente	
68	Bissoli	Albino	Filho	6	1880				Benevente	
68	Bissoli	Marcelino	Filho	4	1880				Benevente	
68	Bissoli	Alessandro	Filho	2	1880				Benevente	
68	Bissoli	Giacinto	Filho	21	1895	Veneto	Verona	Isola Rizza	Benevente	Maranhão
68	Bissoli	Giuseppe	Filho	16	1895	Veneto	Verona	Isola Rizza	Benevente	Maranhão

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
68	Bissoli	Giuseppina	Filha	18	1895	Veneto	Verona	Isola Rizza	Benevente	Maranhão
68	Bissoli	Elvira	Filha	11	1895	Veneto	Verona	Isola Rizza	Benevente	Maranhão
69	<b>Boas</b>	<b>Andrea</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
70	<b>Boccoli</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
71	<b>Boldrini</b>	<b>Gaetano</b>	<b>Chefe</b>	<b>24</b>	<b>1876</b>				<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
71	Boldrini	Angela	Mãe	54	1876				Benevente	Clementina
71	Boldrini	Pasqua	Irmã	14	1876				Benevente	Clementina
72	<b>Boldrini</b>	<b>Marco</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1878</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Castiglioni delle Stiviere</b>	<b>Benevente</b>	<b>Isabella</b>
72	Boldrini	Polonia	Esposa	34	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
72	Boldrini	Enricheta	Filha	12	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
72	Boldrini	Virginia	Filha	11	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
72	Boldrini	Rosa	Filha	10	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
72	Boldrini	Enrico	Filho	7	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
72	Boldrini	Luigi	Filho	3	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
73	<b>Boldrini</b>	<b>Gaetano</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
74	<b>Bombasaro</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Castelnuovo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
74	Bombasaro	Rosa	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
74	Bombasaro	Teresa	Filha	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
74	Bombasaro	Pietro	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
75	<b>Bonadiman</b>									
76	<b>Bonatti</b>	<b>Vittorio</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	<b>Rovigo</b>	<b>Castelnuovo Bariano</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Las Palmas</b>
76	Bonatti	Angelica	Esposa	29	1895	Veneto	Rovigo	Castelnuovo Bariano	Porto de Itapemirim	Las Palmas
76	Bonatti	Clorinda	Filha	11	1895	Veneto	Rovigo	Castelnuovo Bariano	Porto de Itapemirim	Las Palmas

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
76	Bonatti	Venerio	Filho	8	1895	Veneto	Rovigo	Castelnuovo Bariano	Porto de Itapemirim	Las Palmas
77	<b>Bonella</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Telve di Sopra</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
77	Bonella	Santa	Esposa	31	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Telve di Sopra	Benevente	Cervantes
77	Bonella	Maria	Filha	9	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Telve di Sopra	Benevente	Cervantes
77	Bonella	Quirino	Filho	7	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Telve di Sopra	Benevente	Cervantes
77	Bonella	Luigi	Filho	3	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Telve di Sopra	Benevente	Cervantes
77	Bonella	Beniamino	Filho	0	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Telve di Sopra	Benevente	Cervantes
78	<b>Bonella</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Telve di Sopra</b>		
79	<b>Bonfante</b>	<b>Riccardo</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
79	Bonfante	Luigia	Esposa	36	1878					<b>Clementina</b>
79	Bonfante	Albino	Filho	12	1878					<b>Clementina</b>
79	Bonfante	Santo	Filho	9	1878					<b>Clementina</b>
79	Bonfante	Pietro	Filho	6	1878					<b>Clementina</b>
79	Bonfante	Teresa	Filha	3	1878					<b>Clementina</b>
80	<b>Bonfante</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>41</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
80	Bonfante	Maria	Esposa	29	1878					<b>Clementina</b>
80	Bonfante	Regina	Filha	7	1878					<b>Clementina</b>
81	<b>Bonnini</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
82	<b>Bono</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
83	<b>Bono</b>	<b>Battista</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
84	<b>Boreschi</b>									
85	<b>Borini</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
85	Borini	Margherita	Esposa	31	1878					<b>Isab./Clementina</b>
85	Borini	Luigia	Filha	11	1878					<b>Isab./Clementina</b>
85	Borini	Maria	Filha	9	1878					<b>Isab./Clementina</b>
85	Borini	Marianna	Filha	6	1878					<b>Isab./Clementina</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
85	Borini	Francesco	Filho	2	1878					Isab./Clementina
85	Borini	Santo	Filho	1	1878					Isab./Clementina
86	<b>Borrini</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
87	<b>Borsari</b>	<b>Geminiano</b>	<b>Chefe</b>	<b>48</b>	<b>1893</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Ferrara</b>	<b>Cento</b>	<b>Benevente</b>	<b>Las Palmas</b>
87	Borsari	Domenica	Esposa	44	1893	Emilia-Romagna	Ferrara	Cento	Benevente	Las Palmas
87	Borsari	Maria	Filha	13	1893	Emilia-Romagna	Ferrara	Cento	Benevente	Las Palmas
88	<b>Bortolei</b>									
89	<b>Bortoloto</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1876</b>					<b>Werneck</b>
89	Bortoloto	Elisabetta	Esposa	35	1876					Werneck
89	Bortoloto	Maria	Filha	14	1876					Werneck
89	Bortoloto	Gaetano	Filho	11	1876					Werneck
89	Bortoloto	Matilde	Filha	9	1876					Werneck
89	Bortoloto	Luigi	Filho	7	1876					Werneck
89	Bortoloto	Battista	Filho	7	1876					Werneck
89	Bortoloto	Attilio	Filho	4	1876					Werneck
90	<b>Bottechia</b>									
91	<b>Boturi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
91	Boturi	Rosina	Esposa	45	1878					Isab./Clementina
91	Boturi	Luigia	Filha	20	1878					Isab./Clementina
92	<b>Bozi</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
92	Bozi	Adelaide	Esposa	37	1878					Isab./Clementina
92	Bozi	Giovanni	Filho	13	1878					Isab./Clementina
92	Bozi	Carlo	Filho	11	1878					Isab./Clementina
92	Bozi	Francesco	Filho	6	1878					Isab./Clementina
92	Bozi	Ida	Filha	1	1878					Isab./Clementina
93	<b>Bozi</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
93	Bozi	Teresa	Esposa	34	1878					Isab./Clementina
93	Bozi	Giuseppe	Filho	12	1878					Isab./Clementina
93	Bozi	Giovanni	Filho	6	1878					Isab./Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
93	Bozi	Daniele	Filho	4	1878					Isab./Clementina
94	<b>Bragio</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>54</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
94	Bragio	Philomena	Esposa	52	1878					Isab./Clementina
94	Bragio	Tranquillo	Filho	16	1878					Isab./Clementina
94	Bragio	Luigi	Filho	12	1878					Isab./Clementina
94	Bragio	Vincenzo	Filho	7	1878					Isab./Clementina
95	<b>Bragio</b>	<b>Anna</b>	<b>Chefe</b>	<b>56</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
95	Bragio	Luigi	Filho	18	1878					Isab./Clementina
95	Bragio	Antonio	Filho	15	1878					Isab./Clementina
95	Bragio	Victoria	Filha	13	1878					Isab./Clementina
96	<b>Bravin</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>31</b>	<b>1880</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Udine</b>		<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
96	Bravin	Anna	Esposa	29	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
96	Bravin	Luigi	Filho	5	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
96	Bravin	Angelo	Filho	3	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
96	Bravin	Teresa	Filha	0	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
97	<b>Bravin</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1886</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>		<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
97	Bravin	Lucia	Esposa	43	1886	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
98	<b>Bravin</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1881</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Rio Negro</b>
98	Bravin	Angela	Esposa	28	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro
98	Bravin	Giovanni	Filho	7	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro
98	Bravin	Maria	Filha	5	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro
98	Bravin	Anna	Filha	3	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro
98	Bravin	Valentino	Filho	6	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro
98	Bravin	Giuseppe	Filho	1	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Rio Negro

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
99	Bravin	Antonio	Chefe	40	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
99	Bravin	Santa	Esposa	32	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
99	Bravin	Giuseppe	Filho	9	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
99	Bravin	Luigia	Filha	7	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
99	Bravin	Pietro	Filho	4	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
99	Bravin	Catterina	Filha	3	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Valentino	Chefe	45	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Catterina	Esposa	45	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Vittorio	Filho	16	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Angelo	Filho	14	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Orsola	Filha	12	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Antonio	Filho	6	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Angela	Filha	3	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Fiorina	Filha	0	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Catterina	Parente	30	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
100	Bravin	Giacinta	Parente	5	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
101	Bravin	Giuseppe	Chefe	26	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
101	Bravin	Maria	Esposa	21	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
101	Bravin	Valentino	Filho	6	1880	Friuli-Venezia Giulia	Udine		Benevente	Presidente
102	Bravin	Giovanni	Chefe	46	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	Presidente

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
102	Bravin	Catterina	Esposa	41	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	Presidente
102	Bravin	Teresa	Filha	16	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	Presidente
102	Bravin	Anna	Mãe	65	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	Presidente
103	<b>Bravin</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1880</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
103	Bravin	Pasqua	Esposa	39	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Presidente
103	Bravin	Luigia	Filha	9	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Presidente
103	Bravin	Giuseppe	Filho	11	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Presidente
103	Bravin	Maria	Filha	5	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Presidente
103	Bravin	Giovanni	Filho	2	1880	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Presidente
104	<b>Bravin</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1887</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>		<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
104	Bravin	Anna	Mãe	72	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
104	Bravin	Anna	Filha	19	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
104	Bravin	Angela	Filha	12	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
104	Bravin	Luigia	Filha	10	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
104	Bravin	Luigi	Filho	5	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
105	<b>Bravin</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>27</b>	<b>1887</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
105	Bravin	Catterina	Esposa	24	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
105	Bravin	Teresa	Filha	2	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
106	<b>Bravin</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1883</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	
106	Bravin	Regina	Esposa	39	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
106	Bravin	Domenico	Filho	16	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
106	Bravin	Lorenzo	Filho	12	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
106	Bravin	Valentino	Filho	7	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
106	Bravin	Teresa	Filha	3	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
106	Bravin	Domenico	Pai	74	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
107	<b>Bravin</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>33</b>	<b>1885</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>		<b>Benevente</b>	
107	Bravin	Teresa	Esposa	24	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	
107	Bravin	Antonia	Filha	2	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	
107	Bravin	Enrico	Filho	2	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	
107	Bravin	Vittorio	Filho	1	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone		Benevente	
108	<b>Bravin</b>	<b>Oswaldo</b>	<b>Chefe</b>	<b>28</b>	<b>1885</b>				<b>Benevente</b>	
108	Bravin	Teresa	Esposa	25	1885				Benevente	
108	Bravin	Antonio	Filho	3	1885				Benevente	
108	Bravin	Maria	Filha	1	1885				Benevente	
109	<b>Bravin</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>75</b>	<b>1885</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	
109	Bravin	Antonia	Esposa	65	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
109	Bravin	Gabriele	Filho	29	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
109	Bravin	Lucia	Nora	26	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
109	Bravin	Maria	Neta	2	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
110	<b>Bravin</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>25</b>	<b>1883</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	
110	Bravin	Anna	Esposa	24	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
110	Bravin	Maria	Filha	4	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
110	Bravin	Vittoria	Filha	2	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
110	Bravin	Michele	Filho	0	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	<b>Bravin</b>	<b>Michele</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1881</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	
111	Bravin	Lucia	Esposa	35	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Santa	Filha	14	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Teresa	Filha	12	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Giovanni	Filho	9	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Pietro	Filho	5	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Anna	Filha	3	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
111	Bravin	Antonio	Filho	0	1881	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
112	<b>Brembatti</b>	<b>Battista</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Bérgamo</b>	<b>Treviglio</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
112	Brembatti	Bortolo	Agregado	24	1876				Benevente	Clementina
113	<b>Bressan</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
113	Bressan	Philomena	Esposa	47	1878					<b>Clementina</b>
113	Bressan	Giuseppe	Filho	14	1878					<b>Clementina</b>
113	Bressan	Natalia	Filha	8	1878					<b>Clementina</b>
113	Bressan	Caterina	Filha	5	1878					<b>Clementina</b>
113	Bressan	Giovanni	Filho	0	1878					<b>Clementina</b>
114	<b>Bressanelli</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
115	<b>Bressiani</b>	<b>Agostino</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
116	<b>Brigoni</b>	<b>Izidoro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
117	<b>Brocco</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
118	<b>Broilo</b>	<b>Bortolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>33</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
118	Broilo	Ottolia	Esposa	30	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
118	Broilo	Rosa	Filha	1	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
119	Broilo	Maddalena						Levico	Benevente	
120	Bronchi									
121	Brunero									
122	Bruschi	Giacomo	Só		1876					
123	Bulgarelli	Giosuè	Chefe	54	1888	Emilia-Romagna	Módena	Finale Emilia	Porto de Itapemirim	Ádria
123	Bulgarelli	Pietro	Filho	15	1888	Emilia-Romagna	Módena	Finale Emilia	Porto de Itapemirim	Ádria
123	Bulgarelli	Giuseppe	Agregado	30	1888	Emilia-Romagna	Módena	Finale Emilia	Porto de Itapemirim	Ádria
123	Bulgarelli	Cesare	Agregado	43	1888	Emilia-Romagna	Módena	Finale Emilia	Porto de Itapemirim	Ádria
124	Calanzani									
125	Caldara	Antonio	Chefe	49	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Federico	Sogro	71	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Teodora	Esposa	43	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Giovanni	Filho	16	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Vittorio	Filho	14	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Carlo	Filho	13	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Alessandro	Filho	12	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
125	Caldara	Pasqua	Filha	2	1877	Lombardia	Bérgamo	Calciate	Benevente	Ester
126	Caldonazzi	Francesco	Chefe	53	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Demetrio	Filho	28	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Amelia	Filha	25	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Polibio	Filho	24	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Leonilla	Filha	22	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Alessandro	Filho	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	
126	Caldonazzi	Riccardo	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Porto de Itapemirim	

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
127	Calenti									
128	Calenzani	Giovanni	Só		1876					
129	Calzi	Primo	Só		1876					
130	Caminoti	Marco	Só		1876					
131	Campi	Bartolomeo	Chefe	52	1877	Lombardia	Cremona	Mapazzano	Benevente	Colombia
131	Campi	Maria	Esposa	37	1877	Lombardia	Cremona	Mapazzano	Benevente	Colombia
131	Campi	Paolo	Filho	10	1877	Lombardia	Cremona	Mapazzano	Benevente	Colombia
131	Campi	Agostino	Filho	2	1877	Lombardia	Cremona	Mapazzano	Benevente	Colombia
132	Campi	Ricerio	Chefe	27	1893	Lombardia	Mântova	Serravalle a Po	Benevente	Città di Gênova
132	Campi	Adalgisa	Esposa	26	1893	Lombardia	Mântova	Serravalle a Po	Benevente	Città di Gênova
132	Campi	Stefano	Filho	4	1893	Lombardia	Mântova	Serravalle a Po	Benevente	Città di Gênova
133	Campo Dall'Orto									
134	Capellini	Gio Batta	Chefe	37	1878					Isab./Clementina
134	Capellini	Terzilla	Esposa	32	1878					Isab./Clementina
134	Capellini	Margherita	Filha	11	1878					Isab./Clementina
134	Capellini	Giovanni	Filho	9	1878					Isab./Clementina
134	Capellini	Paolo	Pai	70	1878					Isab./Clementina
135	Capra	Giuseppe	Só	26	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Borgo Valsugana	Benevente	Cervantes
136	Caprini	Giuseppe	Só		1876					
137	Caradelo									
138	Caramati	Baptista	Só		1876					
139	Carboni	Emilio	Chefe	30	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
139	Carboni	Maria	Esposa	33	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
139	Carboni	Michelina	Filha	7	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
139	Carboni	Ismene	Filha	5	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
139	Carboni	Senofonte	Filho	4	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
139	Carboni	Elena	Filha	2	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
139	Carboni	Agostino	Filho	0	1896	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
140	Caretta	Giulio	Só	38	1891					Brazil
141	Carilane	Emilio	Só		1876					
142	Carlini	Giovanni (Giuseppe)	Só	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
143	Caromati									
144	Carrera	Pietro	Só		1876					
145	Casale	Giovanni	Chefe	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
145	Casale	Sabina	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
145	Casale	Emmanuele	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
145	Casale	Francesco	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
146	Casale	Gio Batta	Só		1875		Trento	Levico		
147	Casali	Carlo	Só		1876					
148	Casalle	Luigi	Só		1878					
149	Castelari									
150	Catelon									
151	Caus									
152	Cavagnoli	Giuseppe	Só		1876					
153	Cavallini	Antonio	Só		1876					
154	Cavati	Gaetano	Só	31	1876	Lombardia	Bérgamo	Cividate al Piano	Benevente	Clementina
155	Celant	Giuseppe	Chefe	42	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
155	Celant	Giacoma	Esposa	42	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
155	Celant	Isidoro	Filho	10	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
155	Celant	Giovanni	Filho	4	1885	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
165	Ciola	Emanuele	Chefe	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
165	Ciola	Maria	Esposa	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
165	Ciola	Angela	Filho	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
165	Ciola	Mario	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
166	Ciola	Emanuele	Só		1875		Trento	Caldonazzo		
167	Cirelli	Carlo	Chefe	46	1876					Italia
167	Cirelli	Angela	Esposa	48	1876					Italia
167	Cirelli	Antonio	Filho	13	1876					Italia
168	Cocato									
169	Colman	Gustavo						Levico	Benevente	
170	Colodetti									
171	Colombi									
172	Conte	Amadeo	Só		1876					
173	Conti	Giovanni	Chefe	38	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
173	Conti	Luigi	Filho	11	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
174	Conti	Ferdinando	Chefe	26	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
174	Conti	Catterina	Esposa	21	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
174	Conti	Luigi	Pai	52	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
174	Conti	Teresa	Mãe	58	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
174	Conti	Regina	Irmã	30	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
174	Conti	Teresa	Avó	79	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
175	Conti	Marianna	Só	62	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
176	Conti	Paolo	Só	32	1893				Benevente	Rio de Janeiro
177	Conti	Francesco	Só	42	1895				Cachoeiro de Itapemirim	

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
178	Conturba	Antonio	Só		1876					
179	Coppelli	Antonio	Chefe	31	1877		Verona	Verona		CLEMENTINA
179	Coppelli	Angela	Esposa	29	1877		Verona	Verona		CLEMENTINA
179	Coppelli	Samuele	Filho	4	1877		Verona	Verona		CLEMENTINA
180	Coradello	Giacomo	Chefe	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
180	Coradello	Marcolina	Esposa	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
180	Coradello	Anna	Filha	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
180	Coradello	Giovanni	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
180	Coradello	Giacomo	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
181	Cortesini	Antonio	Chefe	37	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Laura	Esposa	39	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Maria	Filha	9	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Rosa	Filha	7	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Alessandro	Filho	4	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Rosa	Mãe	67	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
181	Cortesini	Erasmus	Cunhado	41	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Napoli
182	Cosmo	Michele	Chefe	33	1889	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
182	Cosmo	Maddalena	Esposa	28	1889	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Antonio	Chefe	59	1893	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Domenica	Esposa	62	1893	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Giovanni	Filho	15	1893	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Osvaldo	Filho	27	1893	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Maria	Nora	24	1893	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama
183	Cosmo	Marina	Neta	3	1893	Friuli-Venezia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Araruama



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Giulia				
184	Cossetti	Giacinto	Só		1876					
185	Costa	Agostino	Só		1876					
186	Costalongo	Geraldo	Chefe	37	1878					Isab./Clementina
186	Costalongo	Maddalena	Esposa	34	1878					Isab./Clementina
186	Costalongo	Maria	Filha	8	1878					Isab./Clementina
186	Costalongo	Luigia	Filha	6	1878					Isab./Clementina
186	Costalongo	Antonio	Filho	4	1878					Isab./Clementina
187	Cremonini	Luigi	Chefe	39	1878	Veneto	Verona	Vigasio	Porto de Itapemirim	Clementina
187	Cremonini	Ancilla	Esposa	44	1878	Veneto	Verona	Vigasio	Porto de Itapemirim	Clementina
187	Cremonini	Gaetano	Filho	9	1878	Veneto	Verona	Vigasio	Porto de Itapemirim	Clementina
188	Curzel	Bartolomeu	Chefe	54	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
188	Curzel	Teresa	Esposa	49	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
188	Curzel	Ester	Filha	23	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
188	Curzel	Gianna	Filha	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
188	Curzel	Lucca	Filho	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Giuseppe	Chefe	47	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Lucia	Esposa	41	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Giovanni	Filho	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Marianna	Filha	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Margherita	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Rosa	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
189	Curzel	Fortunata	Filha	3	1875	Trentino-Alto	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
190	Cypriani									
191	Da Rè	Pietro	Chefe	57	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Rosa	Esposa	40	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Francesco	Filho	24	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Maria	Filha	17	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Andrea	Filho	14	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Antonio	Filho	11	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Giovanni	Filho	6	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Carolina	Filha	6	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
191	Da Rè	Maria	Filha	2	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
192	Da Riva	Domenico	Chefe	58	1892	Veneto	Treviso	Vidor	Benevente	Mathilde
193	Da Riva	Domenico	Chefe	45	1880	Veneto	Treviso	Vidor	Benevente	Presidente
193	Da Riva	Filomena	Esposa	45	1880	Veneto	Treviso	Vidor	Benevente	Presidente
193	Da Riva	Agata	Filha	15	1880	Veneto	Treviso	Vidor	Benevente	Presidente
193	Da Riva	Filomena	Esposa	54	1892	Veneto	Treviso	Vidor	Benevente	Mathilde
194	Dada									
195	Dadalto									
196	Dalaparte	Ignazio	Só		1876					
197	Dallastra	Valentino	Chefe	53	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Luigia	Esposa	48	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Antonio	Filho	19	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Filomena	Filha	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Antonia	Filha	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Valentino	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
197	Dallastra	Emalia	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
198	Dalmaso	Pietro	Chefe	25	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
198	Dalmaso	Elisa	Esposa	24	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
199	Dalmazo	Pietro	Só		1878		Trento	Levico		
200	Danzi	Eugenio	Chefe	39	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
200	Danzi	Luigia	Esposa	41	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
200	Danzi	Giovanni	Filho	9	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
200	Danzi	Palmira	Filha	7	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
200	Danzi	Rosa	Filha	6	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
200	Danzi	Francesca	Filha	2	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
201	Davoli	Celso	Chefe	27	1894	Emilia-Romagna	Reggio Emilia	Sant'Ilario d'Enza	Benevente	Matteo Bruzzo
201	Davoli	Virginia	Esposa	25	1894	Emilia-Romagna	Reggio Emilia	Sant'Ilario d'Enza	Benevente	Matteo Bruzzo
201	Davoli	Ernesto	Filho	3	1894	Emilia-Romagna	Reggio Emilia	Sant'Ilario d'Enza	Benevente	Matteo Bruzzo
202	De Boni	Angelo	Chefe	46	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
202	De Boni	Giovanna	Esposa	39	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
202	De Boni	Maria	Filha	13	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
202	De Boni	Antonio	Filho	12	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
202	De Boni	Luigi	Filho	9	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
202	De Boni	Giuseppe	Filho	5	1879	Veneto	Belluno	Farra d'Alpago	Porto de Itapemirim	Presidente
203	De Marchi	Marina	Chefe	48	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Estrela
203	De Marchi	Luigia	Filha	13	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Estrela
203	De Marchi	Emilia	Filha	8	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Estrela
204	De Nardi	Agostino	Só	45	1892				Benevente	Pernambuco
205	De Nardi	Agostino	Só	34	1880				Benevente	Alice
206	De Nardi	Luigi	Chefe	44	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Alice
206	De Nardi	Maria	Esposa	35	1880	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Alice



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
219	Donatelli	Anacleto	Chefe	39	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
219	Donatelli	Anna	Esposa	37	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
219	Donatelli	Giuseppe	Filho	11	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
219	Donatelli	Calivio	Filho	7	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
219	Donatelli	Dorotea	Filha	3	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
219	Donatelli	Sante	Filho	0	1891	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Maranhão
220	Drago	Angelo	Chefe	36	1878		Vicenza	Magrè Vicentino		Clementina
220	Drago	Maria	Esposa	39	1878		Vicenza	Magrè Vicentino		Clementina
220	Drago	Antonio	Filho	9	1878		Vicenza	Magrè Vicentino		Clementina
220	Drago	Pietro	Filho	6	1878		Vicenza	Magrè Vicentino		Clementina
221	Eccel	Bortolo	Chefe	56	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Elisa	Esposa	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Giordano	Filho	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Giulio	Filho	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Angelo	Filho	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Speranza	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
221	Eccel	Zefferina	Nora	26	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
222	Eccel	Bortolo	Só		1878		Trento	Levico		
223	Eccher	Giovanni	Chefe	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Teresa	Esposa	35	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Gisella	Filha	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Domenica	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Giovanna	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Giusto	Filho	7	1875	Trentino-Alto	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
223	Eccher	Angelo	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
223	Eccher	Senibaldo	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
224	<b>Eccher</b>	<b>Sisto</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Caldonazzo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
224	Eccher	Giuditta	Esposa	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
224	Eccher	Sisto	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
224	Eccher	Angelo	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
225	<b>Endrizzi</b>	<b>Marianna</b>						Dercolo	<b>Benevente</b>	
226	<b>Erla</b>	<b>Domenico</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
226	Erla	Maddalena	Esposa	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Giuseppe	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Teresa	Filha	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Pietro	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Maria	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Carlota	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
226	Erla	Anna	Filha	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
227	<b>Erla</b>	<b>Domenico</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>		Trento	Levico		
228	<b>Espem</b>	<b>Ottavio (Ottaviano)</b>	<b>Só</b>	<b>28</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
229	<b>Espem</b>	<b>Ottavio</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>		Trento	Levico		
230	<b>Facchinette</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
231	<b>Facco</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
231	<b>Facco</b>	<b>Rosa</b>	<b>Esposa</b>	<b>31</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
231	Facco	Maria	Filha	9	1878					Clementina
231	Facco	Antonio	Filho	6	1878					Clementina
231	Facco	Angelo	Filho	4	1878					Clementina
231	Facco	Luigia	Filha	1	1878					Clementina
232	<b>Faes</b>	<b>Claudiano</b>							<b>Benevente</b>	
233	<b>Falchetto</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>31</b>	<b>1891</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vazzola</b>	<b>Benevente</b>	<b>Brazil</b>
233	Falchetto	Arcangela	Esposa	24	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Regina	Filha	2	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Beniamino	Filho	1	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Regina	Mãe	57	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Luigia	Irmã	20	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Giuseppe	Irmão	29	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Luigia	Cunhada	20	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
233	Falchetto	Giovanni	Sobrinho	2	1891	Veneto	Treviso	Vazzola	Benevente	Brazil
234	<b>Fasolo</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>68</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Castegnaro</b>	<b>Benevente</b>	<b>Matteo Bruzzo</b>
234	Fasolo	Regina	Esposa	66	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Giuseppe	Filho	43	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Angela	Nora	42	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Augusto	Neto	16	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Ernesto	Neto	13	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Giovanni	Neto	13	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Luigi	Neto	11	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Giulio	Neto	11	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Augusta	Neta	9	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Emilio	Neto	5	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
234	Fasolo	Elisabetta	Neta	29	1895	Veneto	Vicenza	Castegnaro	Benevente	Matteo Bruzzo
235	<b>Fassarella</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>			<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
235	Fassarella	Maria	Esposa	25	1880	Veneto			Benevente	Presidente
235	Fassarella	Tiziano	Filho	6	1880	Veneto			Benevente	Presidente

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
236	Fermo	Camillo	Chefe	34	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
236	Fermo	Maria	Esposa	31	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
236	Fermo	Teresa	Filha	6	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
236	Fermo	Luigi	Filho	1	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
237	Fermo	Agostino	Só	35	1878					Clementina
238	Ferraresi	Alberto	Chefe	32	1876				Benevente	Clementina
238	Ferraresi	Petronilla	Esposa	29	1876				Benevente	Clementina
238	Ferraresi	Zelinda	Filha	2	1876				Benevente	Clementina
239	Ferrari	Luigi	Chefe	43	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
239	Ferrari	Rosa	Esposa	42	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
239	Ferrari	Angela	Filha	19	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
239	Ferrari	Martino	Filho	17	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
239	Ferrari	Pietro	Filho	14	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
239	Ferrari	Maria	Filha	0	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
240	Ferrari	Angelo	Só		1876					
241	Ferrari	Francesco	Chefe		1876		Trento			Moheli
241	Ferrari	Lorenzo			1876		Trento			Moheli
242	Ferrari	Giuseppe	Chefe	26	1876					Italia
242	Ferrari	Agata	Esposa	29	1876					Italia
242	Ferrari	Angela	Filha	4	1876					Italia
242	Ferrari	Ernestina	Filha	2	1876					Italia
242	Ferrari	Angelo	Irmão	22	1876					Italia
243	Ferri	Angelo	Chefe	36	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
243	Ferri	Maria	Esposa	19	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
243	Ferri	Francesca	Filha	13	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
243	Ferri	Ernesto	Filho	11	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
243	Ferri	Catterina	Filha	9	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
243	Ferri	Antonio	Filho	7	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
243	Ferri	Giovanni	Filho	4	1887	Lombardia	Bérgamo	Brignano Gera d'Adda	Benevente	
244	<b>Ferri</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>25</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Milano</b>	<b>Milano</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ester</b>
244	Ferri	Maddalena	Esposa	23	1877	Lombardia	Milano	Milano	Benevente	Ester
244	Ferri	Francesco	Filho	0	1877	Lombardia	Milano	Milano	Benevente	Ester
245	<b>Ferri</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>27</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Casaletto Vaprio</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ester</b>
245	Ferri	Giulia	Esposa	30	1877	Lombardia	Cremona	Casaletto Vaprio	Benevente	Ester
245	Ferri	Abramo	Irmão	23	1877	Lombardia	Cremona	Casaletto Vaprio	Benevente	Ester
245	Ferri	Andrea	Filho	9	1877	Lombardia	Cremona	Casaletto Vaprio	Benevente	Ester
246	<b>Ferro</b>	<b>Giuvanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>48</b>	<b>1877</b>		<b>Belluno</b>	<b>Seren Del Grappa</b>		Clementina
246	Ferro	Giacoma	Esposa	46	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Angela	Filha	11	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Angelo	Filho	10	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Maria	Filha	7	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Crescensia	Filha	5	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Massimino	Filho	3	1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
246	Ferro	Giuseppina	Filha		1877		Belluno	Seren Del Grappa		Clementina
247	<b>Filippi</b>	<b>Clementino</b>							<b>Benevente</b>	
248	<b>Fiorani</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Credera Rubiano</b>	<b>Benevente</b>	Clementina
248	Fiorani	Teresa	Esposa	41	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
248	Fiorani	Biagio	Filho	15	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
248	Fiorani	Catterina	Filha	6	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
248	Fiorani	Pietro	Filho	4	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
249	<b>Fiorentini</b>	<b>Carmine</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>					
250	<b>Fiori</b>	<b>Santo</b>	<b>Só</b>	<b>22</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
251	Foches	Andrea	Chefe	35	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
251	Foches	Emilia	Esposa	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
251	Foches	Giuseppe	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
252	Foches	Andrea	Só		1878		Trento	Levico		
253	Fontana	Pietro	Só	26	1891				Benevente	Mayrink
254	Fontana	Giuseppe	Chefe	56	1893				Cachoeiro de Itapemirim	Città di Gênova
254	Fontana	Martino	Filho	20	1893				Cachoeiro de Itapemirim	Città di Gênova
254	Fontana	Matteo	Filho	17	1893				Cachoeiro de Itapemirim	Città di Gênova
255	Fontana	Sante	Só	47	1893				Cachoeiro de Itapemirim	Rio de Janeiro
256	Fontana	Salvatore	Chefe	40	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
256	Fontana	Giacoma	Esposa	26	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
256	Fontana	Francesco	Filho	0	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
256	Fontana	Giuseppe	Irmão	42	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
256	Fontana	Antonio	Cunhado	49	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
256	Fontana	Rosário	Cunhada	28	1891				Benevente	Gio Batta Lavarello
257	Fontana	Pietro	Chefe	58	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Antonio	Filho	27	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Catterina	Filha	24	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Carlo	Filho	22	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Maria	Nora	18	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Pietro	Neto	1	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
257	Fontana	Maria	Neta	0	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
258	Fontana	Giuseppe	Chefe	27	1895				Benevente	Espírito Santo



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
273	<b>Friso</b>	<b>Domenico</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
273	Friso	Maria	Esposa	22	1878					<b>Isab./Clementina</b>
274	<b>Frizetti</b>	<b>Paolo</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>					
275	<b>Froner</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
276	<b>Froner</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>40</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
276	Froner	Leonella	Esposa	32	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
276	Froner	Carlo	Filho	3	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
276	Froner	Giuseppe	Filho	2	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
277	<b>Fugassi</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
277	Fugassi	Stella	Esposa	37	1878					<b>Isab./Clementina</b>
278	<b>Furlan</b>	<b>Adriano</b>	<b>Só</b>	<b>22</b>	<b>1891</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Selva di Levico</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Pernambuco</b>
279	<b>Furlan</b>	<b>Gio Batta</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
280	<b>Furlan</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
281	<b>Furlan</b>	<b>Zeffiro</b>	<b>Chefe</b>		<b>1878</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
281	Furlan	Baptista	Filho		1878		Bolzano	Tirol		
282	<b>Furlan</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>58</b>	<b>1888</b>				<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
282	Furlan	Celeste	Filha	18	1888				Benevente	<b>Mayrink</b>
282	Furlan	Elisabetta	Cunhada	61	1888				Benevente	<b>Mayrink</b>
283	<b>Furlan</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1880</b>				<b>Benevente</b>	<b>Alice</b>
283	Furlan	Margherita	Esposa	30	1880				Benevente	Alice
283	Furlan	Giustina	Filha	13	1880				Benevente	Alice
283	Furlan	Fortunata	Filha	6	1880				Benevente	Alice
283	Furlan	Domenico	Filho	3	1880				Benevente	Alice
283	Furlan	Carolina	Filha	0	1880				Benevente	Alice
284	<b>Furlan</b>	<b>Francesco</b>	<b>Só</b>	<b>22</b>	<b>1893</b>				<b>Benevente</b>	<b>Rio de Janeiro</b>
285	<b>Furlan</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
285	Furlan	Irene	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
285	Furlan	Maria	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
285	Furlan	Alessandro	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
285	Furlan	Genovefa	Filha	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
285	Furlan	Amabile	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
285	Furlan	Oliva	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Selva	Benevente	Cervantes
286	<b>Furlan</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
286	Furlan	Catterina	Esposa	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
286	Furlan	Rachele	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
286	Furlan	Angela	Filha	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
286	Furlan	Antonio	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
286	Furlan	Luigia	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
287	<b>Furlan</b>	<b>Zeffirino (Zeferino)</b>	<b>Chefe</b>	<b>40</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
287	Furlan	Maria	Esposa	45	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
287	Furlan	Giuseppe	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
287	Furlan	Battista	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
287	Furlan	Silvia	Filha	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
287	Furlan	Fortunato	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
288	<b>Fusinarini</b>									
289	<b>Fuzar Poli</b>	<b>Luigi</b>	<b>Só</b>		<b>1893</b>					<b>RIO DE JANEIRO</b>
290	<b>Gabrielli</b>	<b>Gio Batta</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
291	Gabrielli	Massimiliano	Só		1875		Trento	Levico		
292	Gabrielli	Emilio	Só	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Pietro	Chefe	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Fedele	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Angela	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Beniamino	Filho	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Maria	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Gioseffa	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
293	Gabrielli	Riccardo	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Giovanni	Chefe	41	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Catterina	Esposa	41	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Olina	Filha	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Adriano	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Carlo	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
294	Gaigher	Anna	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
295	Gaigher	Leopoldo	Chefe	31	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Araruama
295	Gaigher	Maria	Esposa	29	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Araruama
295	Gaigher	Teresa	Filha	6	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Araruama
295	Gaigher	Fiorentina	Filha	3	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Araruama
295	Gaigher	Giovanni	Filho	0	1889	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Araruama
296	Gaigher	Pietro	Só		1875		Trento	Levico		

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
297	Gaigher	Taddeo	Só	24	1880	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes/Presidente
298	Gaigher	Tommaso	Chefe	29	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
298	Gaigher	Paschoa	Esposa	27	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
298	Gaigher	Tommaso	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
298	Gaigher	Secondo	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
299	Gallassi	Algenia	Só		1887					
300	Galuzzi	Antonio	Só		1876					
301	Gamborini	Francesco	Só		1876					
302	Garantini	Rosa	Só		1876					
303	Gargioni	Luigi	Só		1876					
304	Ghesla	Giacomo	Chefe	61	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
304	Ghesla	Domenica	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
304	Ghesla	Benedetto	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
305	Ghesla	Domenico							Benevente	
306	Ghizzo	Francesco	Chefe	49	1880	Veneto	Treviso		Benevente	Alice
306	Ghizzo	Maria	Esposa	40	1880	Veneto	Treviso		Benevente	Alice
306	Ghizzo	Giuseppe	Filho	17	1880	Veneto	Treviso		Benevente	Alice
306	Ghizzo	Eugenio	Filho	15	1880	Veneto	Treviso		Benevente	Alice
307	Giacomelli	Gabriele	Chefe	41	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
307	Giacomelli	Angelo	Filho	10	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
307	Giacomelli	Giuseppe	Filho	8	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
308	Gianeselli	Elia	Só		1875		Trento	Levico	Benevente	
309	Ginelli	Battista	Só		1876					
310	Giorgetti	Pietro	Só		1876					
311	Giorgi	Pietro	Chefe	32	1894			Sicciana	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
311	Giorgi	Maria	Esposa	29	1894			Sicciana	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
311	Giorgi	Adele	Filha	5	1894			Sicciana	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
311	Giorgi	Erminia	Filha	3	1894			Sicciana	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
311	Giorgi	Francesco	Filho	1	1894			Sicciana	Cachoeiro de Itapemirim	Matteo Bruzzo
312	Giugliatti	Antonio	Chefe	41	1878					Isab./Clementina
312	Giugliatti	Angela	Esposa	40	1878					Isab./Clementina
312	Giugliatti	Teresa	Filha	8	1878					Isab./Clementina
312	Giugliatti	Augusto	Filho	4	1878					Isab./Clementina
312	Giugliatti	Luigia	Filha	2	1878					Isab./Clementina
313	Giusti	Giovanni	Chefe	44	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Domenica	Esposa	44	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Domenico	Filho	12	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Osvaldo	Filho	7	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Luigi	Filho	5	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Pietro	Filho	3	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Matteo	Filho	0	1891				Porto de Itapemirim	
313	Giusti	Maria	Parente	60	1891				Porto de Itapemirim	
314	Giusti	Domenico	Chefe	34	1891				Porto de Itapemirim	
314	Giusti	Serafina	Esposa	34	1891				Porto de Itapemirim	
314	Giusti	Giuseppe	Filho	7	1891				Porto de Itapemirim	
314	Giusti	Umberto	Filho	6	1891				Porto de Itapemirim	
314	Giusti	Fedele	Filho	4	1891				Porto de	



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
									Itapemirim	
314	Giusti	Ernesto	Filho	2	1891				Porto de Itapemirim	
315	<b>Gobatto</b>	<b>Isacco</b>	<b>Chefe</b>	<b>33</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
315	Gobatto	Caterina	Esposa	23	1878					<b>Isab./Clementina</b>
316	<b>Gobbi</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1891</b>				<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Birmânia</b>
316	Gobbi	Vittoria	Esposa	24	1891				Porto de Itapemirim	Birmânia
316	Gobbi	Emma	Filha	0	1891				Porto de Itapemirim	Birmânia
317	<b>Gobbi</b>	<b>Quintiliano</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Medole</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
317	Gobbi	Pasqua	Esposa	37	1876	Lombardia	Mântova	Medole	Benevente	Clementina
317	Gobbi	Luigi	Filho	13	1876	Lombardia	Mântova	Medole	Benevente	Clementina
317	Gobbi	Giuseppe	Filho	7	1876	Lombardia	Mântova	Medole	Benevente	Clementina
317	Gobbi	Maria	Filha	0	1876	Lombardia	Mântova	Medole	Benevente	Clementina
318	<b>Goltara</b>	<b>Vincenzo</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Ostiglia</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
318	Goltara	Luigia	Esposa	26	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Rosalina	Filha	16	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Igino	Filho	14	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Prosperina	Filha	12	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Antonio	Filho	11	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Italina	Filha	8	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Policarpo	Filho	6	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Letizia	Filha	4	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
318	Goltara	Pietro	Filho	2	1876	Lombardia	Mântova	Ostiglia	Benevente	Clementina
319	<b>Goltara</b>	<b>Edoardo</b>	<b>Chefe</b>	<b>52</b>	<b>1879</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Villa Poma</b>	<b>Benevente</b>	
319	Goltara	Rosa	Esposa	51	1879	Lombardia	Mântova	Villa Poma	Benevente	
320	<b>Gottardi</b>	<b>Benvenuto</b>	<b>Chefe</b>	<b>28</b>	<b>1878</b>		<b>Verona</b>	<b>Mozzecane</b>		<b>Clementina</b>
320	Gottardi	Giustina	Esposa	26	1878		Verona	Mozzecane		<b>Clementina</b>
320	Gottardi	Battista	Filho	1	1878		Verona	Mozzecane		<b>Clementina</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
320	Gottardi	Clemente	Filho	0	1878		Verona	Mozzecane		Clementina
321	Gottardi	Domenico	Chefe	28	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
321	Gottardi	Anna	Esposa	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
321	Gottardi	Domenico	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
322	Grabrielli	Giovanni	Chefe	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
322	Grabrielli	Teresa	Esposa	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
322	Grabrielli	Giuseppe	Filho	19	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
322	Grabrielli	Mercede	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
323	Grabrielli	Massimiliano	Chefe	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
323	Grabrielli	Luigia	Esposa	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
323	Grabrielli	attilio	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
323	Grabrielli	Alessandro	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
324	Grasse	Giovanni	Chefe	46	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Giosepha	Esposa	40	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Mauricio	Filho	24	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Giuseppe	Filho	20	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Rachelle	Filha	16	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Eduardo	Filho	12	1878					Isab./Clementina
324	Grasse	Giovanni	Filho	6	1878					Isab./Clementina
325	Grechi	Paolo	Chefe	53	1878					Clementina
325	Grechi	Giuditta	Esposa	43	1878					Clementina
325	Grechi	Giuseppe	Filho	15	1878					Clementina
325	Grechi	Santo	Filho	12	1878					Clementina
325	Grechi	Giuseppe	Filho	7	1878		Cremona	Trigolo		Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
326	Gritti	Giacomo	Só		1876					
327	Guerini	Giovanni	Chefe	38	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
327	Guerini	Rosa	Esposa	32	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
327	Guerini	Angela	Filha	10	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
327	Guerini	Giuseppe	Filho	7	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
327	Guerini	Michele	Filho	0	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
328	Guerini	Giuseppe	Só	21	1876	Lombardia	Cremona		Benevente	Clementina
329	Guerini	Angelo	Só	34	1891	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mayrink
330	Guidini	Luigi	Só		1876					
331	Guinoni									
332	Guintin	Luigi	Só		1876					
333	Guirelle	Francesco	Chefe	41	1878					Isab./Clementina
333	Guirelle	Maria	Esposa	33	1878					Isab./Clementina
333	Guirelle	Genoveffa	Filha	10	1878					Isab./Clementina
334	Guiri									
335	Intra	Battista	Só		1876					
336	Iob	Giovanni						Dercolo	Benevente	
337	Isabeli	Lorenci	Só		1876					
338	Isoton									
339	Istori									
340	Javarini	Domenico	Só		1876					
341	Jubelini	Thelenaco	Só		1876					
342	Juriato									
343	Laferi	Angelo	Só		1876					
344	Lamera	Alessandro	Chefe	46	1891	Lombardia	Bérgamo	Cividate al Piano	Benevente	Maranhão
345	Lamera	Giovanni	Só		1876					
345	Lamera	Lucia	Esposa	42	1891	Lombardia	Bérgamo	Cividate al Piano	Benevente	Maranhão
345	Lamera	Angela	Filha	16	1891	Lombardia	Bérgamo	Cividate al Piano	Benevente	Maranhão
345	Lamera	Maria	Filha	8	1891	Lombardia	Bérgamo	Cividate al Piano	Benevente	Maranhão

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
345	Lamera	Angelo	Filho	9	1891	Lombardia	Bérgamo	Civate al Piano	Benevente	Maranhão
346	<b>Lamera</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Bérgamo</b>	<b>Romano di Lombardia</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
346	Lamera	Catterina	Esposa	28	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
346	Lamera	Antonio	Filho	4	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
346	Lamera	Maria	Filha	2	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
347	<b>Lanchin</b>	<b>Andrea</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Maria	Esposa	38	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Giovanni	Filho	18	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Ernesto	Filho	16	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Francesco	Filho	14	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Bianca	Filha	9	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Maria	Filha	7	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Rosa	Filha	5	1878					<b>Isab./Clementina</b>
347	Lanchin	Agostino	Filho	0	1878					<b>Isab./Clementina</b>
348	<b>Legera</b>									
349	<b>Lenzi</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>	<b>41</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Samone</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
350	<b>Leoni</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
351	<b>Libardi</b>	<b>Fioravante</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
351	Libardi	Domenica	Esposa	37	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
351	Libardi	Pietro	Filho	1	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
351	Libardi	Olivia	Filha	14	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
351	Libardi	Rosa	Filha	12	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
351	Libardi	Angela	Filha	7	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
352	<b>Libardi</b>	<b>Domenica</b>	<b>Só</b>				<b>Prov. do T. A. Adige</b>			

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
353	<b>Libardi</b>	<b>Fortunato</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Prov. do T. A. Adige</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
353	Libardi	Teresa	Esposa	37	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
353	Libardi	Rina	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
353	Libardi	Rosa	Filha	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
353	Libardi	Angela	Filha	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
353	Libardi	Pietro	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
353	Libardi	Francesco	Irmão	37	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
354	<b>Libardi</b>	<b>Geremia</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
354	Libardi	Carlotta	Esposa	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
354	Libardi	Luigi	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
354	Libardi	Carlo	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
354	Libardi	Giuseppe	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
355	<b>Libardi</b>	<b>Giacomo</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
355	Libardi	Erminia	Esposa	45	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
355	Libardi	Antonio	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
355	Libardi	Maria	Filha	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
355	Libardi	Teresa	Filha	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
356	<b>Libardi</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
356	Libardi	Fortunata	Esposa	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
356	Libardi	Guilherme	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
356	Libardi	Giuditta	Filha	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
357	<b>Libardi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
357	Libardi	Rachele	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
357	Libardi	Fioravante	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
357	Libardi	Carlo	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
357	Libardi	Pietro	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
357	Libardi	Domenica	Mãe	60	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	<b>Libardi</b>	<b>Gregorio</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
358	Libardi	Teresa	Esposa	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	Libardi	Carlota	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	Libardi	Luigi	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	Libardi	Illario	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	Libardi	Maria	Filha	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
358	Libardi	Rachele	Filha	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
359	<b>Libardoni</b>	<b>Alessandro</b>	<b>Só</b>	<b>26</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
360	<b>Lise</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1880</b>				<b>Benevente</b>	
360	Lise	Lucia	Esposa	44	1880				Benevente	
360	Lise	Francesco	Filho	17	1880				Benevente	
361	<b>Locatelli</b>	<b>Carlo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
362	<b>Lodi</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
363	<b>Longarini</b>	<b>Luigi</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
364	<b>Lorenzini</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
364	Lorenzini	Anna	Esposa	28	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
364	Lorenzini	Luigi	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
364	Lorenzini	Giuseppe	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
364	Lorenzini	Cesare	Filho	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	<b>Lorenzini</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
365	Lorenzini	Massenza	Esposa	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Anna	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Speranza	Filha	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Carlo	Filho	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Maria	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Esperença	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
365	Lorenzini	Antonio	Filho	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
366	<b>Lorenzini</b>	<b>Giacomo</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
366	Lorenzini	Angela	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
366	Lorenzini	Michele	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
366	Lorenzini	Antonio	Irmão	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
366	Lorenzini	Angelo	Irmão	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
366	Lorenzini	Michele	Irmão	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
367	<b>Lorenzini</b>	<b>Terenzio</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	
368	<b>Lovati</b>									
369	<b>Lunz</b>	<b>Evaristo</b>	<b>Chefe</b>	<b>48</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
369	Lunz	Marianna	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
369	Lunz	Andrea	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
369	Lunz	Giuseppe	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
369	Lunz	Antonio	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
369	Lunz	Francesco	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
369	Lunz	Girilamo	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
370	Lussana	Giacomo	Só		1876					
371	Magiole	Pietro	Só		1876					
372	Magnago	Riccardo	Chefe		1875		Trento	Levico		
372	Magnago	Cesare	Filho	6	1875		Trento	Levico		
373	Magnago	Giuseppe	Só	21	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Mayrink
374	Magnago	Carlo	Chefe	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
374	Magnago	Luigia	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
374	Magnago	Francesco	Filho	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
374	Magnago	Giordano	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
374	Magnago	Ernesto	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
375	Magnago	Ottavio	Só		1875		Trento	Levico	Benevente	
376	Magnago	Pietro	Chefe	47	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Celeste	Esposa	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Carlotta	Filha	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Giuseppe	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Pietro	Filho	4	1875	Trentino-Alto	Trento	Levico	Benevente	Cervantes



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
376	Magnago	Angelo	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Carlo	Irmão	45	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Maria	Cunhada	39	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Alessandro	Sobrinho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
376	Magnago	Maria	Sobrinha	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
377	<b>Magnago</b>	<b>Riccardo</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
377	Magnago	Paolina	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
377	Magnago	Beniamino	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
377	Magnago	Giuseppe	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
377	Magnago	Ersilia	Filha	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
378	<b>Magri</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
379	<b>Magrin</b>	<b>Bortolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
379	Magrin	Caterina		29	1878					<b>Clementina</b>
379	Magrin	Angela		25	1878					<b>Clementina</b>
379	Magrin	Santa		20	1878					<b>Clementina</b>
380	<b>Maiande</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>51</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
380	Maiande	Rachelle	Esposa	37	1878					<b>Isab./Clementina</b>
380	Maiande	Luigia	Filha	15	1878					<b>Isab./Clementina</b>
381	<b>Maina</b>	<b>Paolo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
382	<b>Malacarne</b>	<b>Domenico</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Tarzo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
382	Malacarne	Catterina	Esposa	35	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	<b>Presidente</b>
382	Malacarne	Eugenio	Filho	8	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	<b>Presidente</b>
382	Malacarne	Luigi	Filho	3	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	<b>Presidente</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
382	Malacarne	Bernardo	Filho	1	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Presidente
382	Malacarne	Maria	Filha	7	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Presidente
382	Malacarne	Bortolo	Filho	5	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Presidente
382	Malacarne	Luiz	Filho	3	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Presidente
382	Malacarne	Ernestina	Filha	2	1880	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Presidente
383	<b>Malanchine</b>	<b>Giacomo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
384	<b>Malfassi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
385	<b>Mambrini</b>	<b>Stefano</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>					
386	Manneli	Carlo	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
387	<b>Mantovanelli</b>	<b>Battista</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>		<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
387	Mantovanelli	Maria	Esposa	25	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
387	Mantovanelli	Beatrice	Filha	17	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
387	Mantovanelli	Italo	Filho	10	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
387	Mantovanelli	Maria	Filha	8	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
387	Mantovanelli	Erminia	Filha	2	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
388	<b>Mantovanelli</b>	<b>Lorenzo</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>		<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
388	Mantovanelli	Angela	Esposa	45	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
388	Mantovanelli	Anna	Filha	20	1878	Veneto	Verona		Porto de Itapemirim	Clementina
389	<b>Mantovanelli</b>	<b>Luigia</b>	<b>Chefe</b>	<b>40</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Villimpenta</b>	<b>Benevente</b>	<b>Colombia</b>
389	Mantovanelli	Eutimio	Filho	13	1877	Lombardia	Mântova	Villimpenta	Benevente	Colombia
389	Mantovanelli	Ernesto	Filho	10	1877	Lombardia	Mântova	Villimpenta	Benevente	Colombia
389	Mantovanelli	Vittorio	Filho	1	1877	Lombardia	Mântova	Villimpenta	Benevente	Colombia
390	<b>Marcarini</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>	<b>41</b>	<b>1892</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mathilde</b>
391	<b>Marcarini</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>51</b>	<b>1878</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Trigolo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
391	Marcarini	Catterina	Filha	19	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
391	Marcarini	Giacomo	Filho	16	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
391	Marcarini	Giuseppe	Filho	10	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
391	Marcarini	Maria	Filha	6	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
391	Marcarini	Amalia	Filha	2	1878	Lombardia	Cremona	Trigolo	Benevente	Clementina
392	<b>Marcarini</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1892</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mathilde</b>
392	Marcarini	Giovanna	Esposa	45	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
393	<b>Marcarini</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1892</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mathilde</b>
393	Marcarini	Marina	Esposa	27	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
393	Marcarini	Agostino	Filho	6	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
393	Marcarini	Giovanni	Filho	4	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
393	Marcarini	Vincenzo	Filho	0	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
394	<b>Marcarini</b>	<b>Fermo</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Moscuzzano</b>	<b>Benevente</b>	<b>Colombia</b>
394	Marcarini	Cristina	Esposa	45	1877	Lombardia	Cremona	Moscuzzano	Benevente	Colombia
394	Marcarini	Maria	Filha	17	1877	Lombardia	Cremona	Moscuzzano	Benevente	Colombia
394	Marcarini	Teresa	Filha	15	1877	Lombardia	Cremona	Moscuzzano	Benevente	Colombia
394	Marcarini	Lorenzo	Filho	12	1877	Lombardia	Cremona	Moscuzzano	Benevente	Colombia
394	Marcarini	Lucia	Filha	8	1877	Lombardia	Cremona	Moscuzzano	Benevente	Colombia
394	Marcarini	Maddalena	Esposa	34	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
394	Marcarini	Giovanni	Filho	13	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
394	Marcarini	Agostino	Filho	8	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
394	Marcarini	Bianca	Filha	0	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
395	<b>Marchelli</b>	<b>Battista</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
396	<b>Marchesi</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Credera Rubiano</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
396	Marchesi	Bianca	Esposa	30	1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
396	Marchesi	Maria	Filha		1876	Lombardia	Cremona	Credera Rubiano	Benevente	Clementina
397	<b>Marchesi</b>	<b>Bonifacio</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Bérgamo</b>	<b>Caravaggio</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ester</b>
397	Marchesi	Maddalena	Esposa	42	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
397	Marchesi	Firmo	Filho	14	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
398	<b>Marchiore</b>	<b>Lugia</b>	<b>Só</b>		<b>1878</b>					

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
399	Marchiori	Luigi			1875		Trento		Benevente	
400	Marchiori	Guisepe	Chefe	28	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
400	Marchiori	Catterina	Esposa	24	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
400	Marchiori	Giuseppe	Filho	0	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
401	Marcioli	Giovanni	Só		1876					
402	Marcolla	Antonio							Benevente	
403	Marconi	Angelo	Chefe	23	1876	Lombardia	Cremona	Cremonesa	Benevente	Clementina
403	Marconi	Teresa	Esposa	22	1876	Lombardia	Cremona	Cremonesa	Benevente	Clementina
403	Marconi	Erminia	Filha	3	1876	Lombardia	Cremona	Cremonesa	Benevente	Clementina
404	Marconi	Sante	Só	22	1891				Benevente	Brazil
405	Marconsim									
406	Marconzini	Santo	Chefe	40	1888	Veneto	Verona	Bovolone	Porto de Itapemirim	
406	Marconzini	Teresa	Esposa	38	1888	Veneto	Verona	Bovolone	Porto de Itapemirim	
406	Marconzini	Guisepe	Filho	9	1888	Veneto	Verona	Bovolone	Porto de Itapemirim	
406	Marconzini	Ricardo	Filho	3	1888	Veneto	Verona	Bovolone	Porto de Itapemirim	
407	Marebotte	Giuseppe	Chefe	42	1878					Isab./Clementina
407	Marebotte	Agatha	Esposa	42	1878					Isab./Clementina
407	Marebotte	Teresa	Filha	16	1878					Isab./Clementina
407	Marebotte	Anna	Filha	9	1878					Isab./Clementina
407	Marebotte	Giacomo	Filho	2	1878					Isab./Clementina
407	Marebotte	Angela	Irmão	34	1878					Isab./Clementina
408	Mariani	Gabriele	Chefe	43	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Maddalena	Esposa	37	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Eliseo	Filho	13	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Lucrezia	Filha	19	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Mariana	Filha	7	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
408	Mariani	Maria	Filha	5	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Irene	Filho	3	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
408	Mariani	Gaspero	Filho		1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
409	<b>Mariani</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
409	Mariani	Enrico	Irmão	21	1876	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Clementina
410	<b>Mariani</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>33</b>	<b>1877</b>		<b>Cremona</b>			<b>ISABELLA</b>
410	Mariani	Teresa	Esposa	33	1877		Cremona			ISABELLA
410	Mariani	Maurilio	Filho	11	1877		Cremona			ISABELLA
410	Mariani	Teresa	Filha	9	1877		Cremona			ISABELLA
410	Mariani	Pietro	Filho	6	1877		Cremona			ISABELLA
410	Mariani	Innocente	Filho	3	1877		Cremona			ISABELLA
410	Mariani	Marcello	Filho	1	1877		Cremona			ISABELLA
411	<b>Mariani</b>	<b>Gabriel</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
412	<b>Marinato</b>	<b>Enrico</b>	<b>Chefe</b>	<b>24</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>	Padova		<b>Benevente</b>	<b>Alice</b>
412	Marinato	Anna	Esposa	22	1880	Veneto	Padova		Benevente	Alice
412	Marinato	Gregorio	Pai	63	1880	Veneto	Padova		Benevente	Alice
412	Marinato	Maria	Filha	4	1880	Veneto	Padova		Benevente	Alice
413	<b>Maritizi</b>									
414	<b>Marozati</b>	<b>Luigi</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
415	<b>Marozini</b>	<b>Andrea</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
416	<b>Martelletti</b>	<b>Gaetano</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Lonigo</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Ádria</b>
416	Martelletti	Luigia	Esposa	35	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
416	Martelletti	Antonio	Filho	15	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
416	Martelletti	Eva	Filha	14	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
416	Martelletti	Marco	Filho	11	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
416	Martelletti	Giuseppe	Filho	8	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
416	Martelletti	Luigi	Filho	5	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
416	Martelletti	Pasqua	Filha	0	1888	Veneto	Vicenza	Lonigo	Porto de Itapemirim	Ádria
417	<b>Martinelli</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>41</b>	<b>1876</b>				<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
417	Martinelli	Teresa	Esposa	30	1876				Benevente	Clementina
417	Martinelli	Vicenzo	Filho	12	1876				Benevente	Clementina
417	Martinelli	Francesco	Filho	7	1876				Benevente	Clementina
417	Martinelli	Pietro	Filho	2	1876				Benevente	Clementina
417	Martinelli	Efigenia	Filha		1876				Benevente	Clementina
417	Martinelli	Maria	Filha		1876				Benevente	Clementina
418	<b>Martinelli</b>	<b>Valentino</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
418	Martinelli	Anna	Esposa	50	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
418	Martinelli	Amalia	Filha	22	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
418	Martinelli	Angela	Filha	19	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
418	Martinelli	Emilia	Filha	18	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
418	Martinelli	Ersigia	Filha	12	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
419	<b>Massolari</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>52</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
419	Massolari	Maria	Esposa	47	1878					<b>Isab./Clementina</b>
419	Massolari	Rosa		31	1878					<b>Isab./Clementina</b>
419	Massolari	Paula		22	1878					<b>Isab./Clementina</b>
420	<b>Mattei</b>	<b>Camillo</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Caldonazzo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
420	Mattei	Alvira	Esposa	39	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
420	Mattei	Alessandro	Filho	17	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
420	Mattei	Virginia	Filha	11	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
420	Mattei	Luigi	Filho	8	1875	<b>Trentino-Alto</b>	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
421	Mattei	Domenico	Só		1875		Trento	Caldonazzo	Benevente	
422	Mazzeta									
423	Mazzolari	Cesare	Só		1876					
424	Menegardo	Gaudenzio	Chefe	36	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
424	Menegardo	Stella	Esposa	26	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
424	Menegardo	Giovanni	Filho	9	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
424	Menegardo	Giulia	Filha	5	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
424	Menegardo	Rosa	Filha	3	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
424	Menegardo	Angela	Filha	1	1877	Lombardia	Pavia	Vallegio	Benevente	Ester
425	Menegazzi	Bortolo							Benevente	
426	Meneghelli	Giuseppe	Chefe	30	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
426	Meneghelli	Maria	Esposa	28	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
426	Meneghelli	Luigia	Filho	5	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
426	Meneghelli	Riccardo	Filho	4	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
426	Meneghelli	Maria	Filha	0	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
427	Meneglelli	Giuseppe	Chefe	30	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
427	Meneglelli	Maria	Esposa	28	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
427	Meneglelli	Luigi	Filho	5	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
427	Meneglelli	Riccardo	Filho	4	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
427	Meneglelli	Maria	Filha	0	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Porto de Itapemirim	Clementina
428	Meneguze	Bortolo	Chefe	40	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Maria	Esposa	39	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Teresa	Filha	16	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Oliva	Filha	14	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Angela	Filha	11	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Giuseppe	Filho	10	1878					Isab./Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
428	Meneguze	Elisabetta	Filha	7	1878					Isab./Clementina
428	Meneguze	Caterina	Filha	5	1878					Isab./Clementina
429	<b>Mercadante</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
430	<b>Mericheti</b>		<b>Só</b>		<b>1876</b>					
431	<b>Merizio</b>									
432	<b>Merlo</b>	<b>Michele</b>			1876		Trento		<b>Benevente</b>	
433	<b>Mesadri</b>									
434	<b>Micheli</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>51</b>	<b>1878</b>					Isab./Clementina
434	Micheli	Maria	Esposa	36	1878					Isab./Clementina
434	Micheli	Rosa	Filha	0	1878					Isab./Clementina
435	<b>Migliorini</b>	<b>Giacinto</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>		<b>Benevente</b>	<b>Maria Pia</b>
435	Migliorini	Maddalena	Esposa	37	1888	Veneto	Verona		Benevente	Maria Pia
435	Migliorini	Pasquale	Filho	13	1888	Veneto	Verona		Benevente	Maria Pia
435	Migliorini	Maria	Filha	7	1888	Veneto	Verona		Benevente	Maria Pia
435	Migliorini	Leonardo	Filho	5	1888	Veneto	Verona		Benevente	Maria Pia
435	Migliorini	Rosa	Mãe	72	1888	Veneto	Verona		Benevente	Maria Pia
436	<b>Milanesi</b>	<b>Paolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>
436	Milanesi	Giulia	Esposa	42	1878					<b>Clementina</b>
436	Milanesi	Angelo	Filho	11	1878					<b>Clementina</b>
436	Milanesi	Ernesto	Filho	4	1878					<b>Clementina</b>
436	Milanesi	Eva	Filha	3	1878					<b>Clementina</b>
437	<b>Minelli</b>	<b>Matteo</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Pianengo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
437	Minelli	Maria	Esposa	30	1876	Lombardia	Cremona	Pianengo	Benevente	Clementina
438	<b>Missagia</b>									
439	<b>Modolo</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>29</b>	<b>1887</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
439	Modolo	Pasqua	Esposa	28	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
439	Modolo	Noé	Filho	0	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
439	Modolo	Angelo	Irmão	25	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
440	<b>Molinari</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>	<b>36</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Borgo Valsugana</b>	<b>Benevente</b>	
441	<b>Molinari</b>	<b>Santa</b>	<b>Chefe</b>	<b>66</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>	<b>Erbè</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
441	Molinari	Antonio	Filho	36	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
441	Molinari	Maria	Nora	32	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
441	Molinari	Luigia	Neta	9	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
441	Molinari	Ettore	Neto	7	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
441	Molinari	Elvira	Neta	4	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
441	Molinari	Alice	Neta	0	1878	Veneto	Verona	Erbè	Porto de Itapemirim	Clementina
442	<b>Molinari</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>48</b>	<b>1886</b>				<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
442	Molinari	Maria	Esposa	45	1886				Benevente	Mayrink
443	<b>Molinari</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>	<b>35</b>	<b>1890</b>				<b>Benevente</b>	
444	<b>Molinari</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1889</b>				<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Mayrink</b>
444	Molinari	Anna	Esposa	42	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
444	Molinari	Antonia	Filha	12	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
444	Molinari	Giulia	Filha	4	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
444	Molinari	Aurélia	Filha	5	1889				Porto de Itapemirim	Mayrink
445	<b>Molinari</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>52</b>	<b>1896</b>				<b>Piúma</b>	<b>Muquy</b>
445	Molinari	Augusta	Esposa	39	1896				Piúma	Muquy
445	Molinari	Francesco	Filho	15	1896				Piúma	Muquy
445	Molinari	Luigi	Filho	6	1896				Piúma	Muquy
445	Molinari	Angelina	Filha	3	1896				Piúma	Muquy
446	<b>Molinari</b>	<b>Romolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>26</b>	<b>1891</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Módena</b>	<b>San Martino di</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
								<b>Mirandola</b>		
446	Molinari	Ildegonda	Esposa	23	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
446	Molinari	Lucillo	Filho	1	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
447	<b>Mollon</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
447	Mollon	Rosa	Esposa	46	1878					<b>Isab./Clementina</b>
448	<b>Molvestili</b>	<b>Achille</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
449	<b>Molzini</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
450	<b>Monfredini</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
451	<b>Monfredini</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>41</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
451	Monfredini	Annunziata	Esposa	38	1878					<b>Isab./Clementina</b>
452	<b>Monsolari</b>									
453	<b>Monte Celli</b>									
454	<b>Montrega</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
455	<b>Morbini</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
456	<b>Mordogan</b>									
457	<b>Morinato</b>									
458	<b>Moronari</b>									
459	<b>Morosini</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Bérgamo</b>	<b>Romano di Lombardia</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
459	Morosini	Giulia	Esposa	26	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
459	Morosini	Teresa	Filha	6	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
460	<b>Morosini</b>	<b>Andrea</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1876</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Bérgamo</b>	<b>Romano di Lombardia</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
460	Morosini	Maria	Esposa	46	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
460	Morosini	Bartolomeo	Filho	7	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
460	Morosini	Giovanni	Filho	10	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
460	Morosini	Federico	Filho	6	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
								Lombardia		
460	Morosini	Fendi	Filho	4	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
461	<b>Moroto</b>									
462	<b>Moschen</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
462	Moschen	Palma	Esposa	32	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
462	Moschen	Rina	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
462	Moschen	Giuseppe	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
462	Moschen	Rosa	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
462	Moschen	Giacinta	Filha	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
462	Moschen	Carlo	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	<b>Moschen</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
463	Moschen	Carolina	Esposa	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	Moschen	Giuseppe	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	Moschen	Riccardo	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	Moschen	Luigia	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	Moschen	Leonia	Filha	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
463	Moschen	Carlotta	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
464	<b>Moschen</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
464	Moschen	Anna	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
464	Moschen	Luigia	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
464	Moschen	Emmanuele	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
464	Moschen	Agela	Filha	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
465	<b>Moschen</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
466	<b>Moschen</b>	<b>Gio Batta</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
466	Moscon	Antonio	Filho	17	1880	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Alice
466	Moscon	Bernardo	Filho	12	1880	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Alice
468	<b>Moser</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
468	Moser	Anna	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
468	Moser	Giovanni	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
468	Moser	Angelo	Filho	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
468	Moser	Emma	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
468	Moser	Maria	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
469	<b>Moser</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>37</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
469	Moser	Anna	Esposa	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
469	Moser	Domenica	Filha	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
469	Moser	Giulia	Filha	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
469	Moser	Narciso	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
469	Moser	Candido	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
470	<b>Motter</b>	<b>Clemente</b>	<b>Só</b>	<b>21</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Roncegno</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
471	<b>Murari</b>	<b>Eugenio</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1889</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>		<b>Benevente</b>	<b>Manaus</b>
471	Murari	Eugenia	Esposa	55	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
471	Murari	Giulia	Filha	12	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
471	Murari	Giovanni	Filho	8	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
471	Murari	Umberto	Filho	6	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
471	Murari	Albina	Filha	2	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
471	Murari	Pietro	Filho	0	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
472	Mutti	Archinto	Só		1876					
473	Nalesco									
474	Natal									
475	Nechetti	Luigi	Só		1876					
476	Negri	Clemente	Chefe	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Cattarina	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Achille	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Albino	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Abramo	Filho	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Amalia	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
476	Negri	Adele	Filha	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
477	Neli									
478	Nicoli	Andrea	Chefe	37	1878					Clementina
478	Nicoli	Santa	Esposa	34	1878					Clementina
478	Nicoli	Gaetano	Filho	8	1878					Clementina
478	Nicoli	Caterina	Filha	4	1878					Clementina
478	Nicoli	Anna	Filha	2	1878					Clementina
479	Noelli	Antonio							Benevente	
480	Nogarol	Giovanni	Chefe	27	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
480	Nogarol	Maria	Esposa	28	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
481	Oliazi	Giuseppe	Só		1876					
482	Olios	Giuseppe	Chefe	45	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
482	Oliosi	Celeste	Esposa	37	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
482	Oliosi	Luigia	Filha	14	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
482	Oliosi	Antonio	Filho	12	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
482	Oliosi	Carlo	Filho	10	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
482	Oliosi	Angela	Filha	6	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
482	Oliosi	Giovanni	Filho	0	1876	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Clementina
483	<b>Onofrio</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
484	<b>Orlandi</b>	<b>Andrea</b>	<b>Chefe</b>	<b>56</b>	<b>1889</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>		<b>Benevente</b>	<b>Manaus</b>
484	Orlandi	Lucia	Esposa	51	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
484	Orlandi	Giovanni	Filho	17	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
484	Orlandi	Agostino	Filho	12	1889	Veneto	Verona		Benevente	Manaus
485	<b>Oss</b>	<b>Bortolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Vignola-Falesina</b>	<b>Benevente</b>	
485	Oss	Mariana	Esposa	33	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Giovanni	Filho	13	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Giuseppe	Filho	12	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Valerio	Filho	6	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Celeste	Filha	3	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Domenico	Filho	1	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Carolina	Filha	8	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
485	Oss	Giulia	Filha	0	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Vignola-Falesina	Benevente	
486	<b>Paganini</b>	<b>Bortolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>40</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>	<b>Isola della Scala</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
486	Paganini	Rosa	Esposa	41	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
486	Paganini	Teresa	Filha	9	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
486	Paganini	Enrico	Filho	5	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
486	Paganini	Emma	Filha	4	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
486	Paganini	Tulio	Filho	2	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
486	Paganini	Berenice	Filha	0	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
487	<b>Paganini</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1882</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Felonica</b>	<b>Benevente</b>	
487	Paganini	Maria	Esposa	47	1882	Lombardia	Mântova	Felonica	Benevente	
487	Paganini	Federico	Filho	22	1882	Lombardia	Mântova	Felonica	Benevente	
487	Paganini	Pacifico	Filho	20	1882	Lombardia	Mântova	Felonica	Benevente	
488	<b>Paganotto</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>			<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
488	Paganotto	Francesca	Esposa	44	1888	Veneto			Benevente	Mayrink
488	Paganotto	Francesco	Filho	20	1888	Veneto			Benevente	Mayrink
488	Paganotto	Maria	Filha	17	1888	Veneto			Benevente	Mayrink
488	Paganotto	Giuseppina	Filha	13	1888	Veneto			Benevente	Mayrink
488	Paganotto	Carmelitana	Filha	10	1888	Veneto			Benevente	Mayrink
489	<b>Pallaoro</b>	<b>Michele</b>						Levico	<b>Benevente</b>	
490	<b>Pallaoro</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
490	Pallaoro	Giuseppa	Esposa	45	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
490	Pallaoro	Anna	Filha	21	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
490	Pallaoro	Domenico	Filho	18	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
490	Pallaoro	Rosa	Filha	14	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
490	Pallaoro	Luigi	Filho	11	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
490	Pallaoro	Fortunata	Filha	8	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
491	<b>Pallaoro</b>	<b>Lazzaro</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
491	Pallaoro	Agata	Esposa	53	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
491	Pallaoro	Carlotta	Filha	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
491	Pallaoro	Rosa	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
491	Pallaoro	Lazzaro	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
491	Pallaoro	Rachele	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
491	Pallaoro	Virginia	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
492	Pallaoro	Margherita	Chefe	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
492	Pallaoro	Angelo	Filho	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
492	Pallaoro	Giuditta	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
493	Paltengue	Giovanni	Só		1876					
494	Panetto	Giuseppe	Chefe	55	1878					Clementina
494	Panetto	Rosa	Esposa	45	1878					Clementina
494	Panetto	Alessandro	Filho	12	1878					Clementina
494	Panetto	Riccardo	Filho	9	1878					Clementina
494	Panetto	Antonio	Filho	3	1878					Clementina
495	Paoli	Francesco						Levico	Benevente	
496	Parati	Benedetto	Só		1876					
497	Parezi	Domenico	Só		1877					
498	Parmagname	Francesco	Só		1876					
499	Partele	Antonio	Chefe	31	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
499	Partele	Angela	Esposa	34	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
499	Partele	Maria	Filha	8	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
499	Partele	Bortolo	Filho	7	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
499	Partele	Antonio	Filho	5	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
499	Partele	Barbara	Filha	3	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
499	Partele	Giuseppe	Filho	0	1888	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Mayrink
500	<b>Partele</b>	<b>Amadeo</b>	<b>Só</b>	<b>19</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>		<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
501	<b>Partele</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Castelnuovo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
501	Partele	Barbara	Esposa	43	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Antonio	Filho	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Fortunato	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Anna	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Leonardo	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Francesco	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
501	Partele	Teresa	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
502	<b>Partelle</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>	<b>22</b>	<b>1876</b>		<b>Trento</b>	<b>Castelnuovo</b>		
503	<b>Paschoal</b>									
504	<b>Passamani</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>50</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
504	Passamani	Marta	Esposa	43	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
504	Passamani	Antonio	Filho	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
504	Passamani	Rebecca	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
504	Passamani	Leopoldo	Filho	11	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
504	Passamani	Romano	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
504	Passamani	Giustino	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
505	<b>Passamani</b>	<b>Temistocle</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
505	Passamani	Brigida	Esposa	22	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
505	Passamani	maria	Filha	0	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
506	Passinato									
507	Pattini	Ernesto	Só		1876					
508	Pattuzi	Luigi	Chefe	55	1878					Isab./Clementina
508	Pattuzi	Luigia	Esposa	42	1878					Isab./Clementina
509	Pavesi	Domenico	Chefe	39	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
509	Pavesi	Rosa	Esposa	34	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
509	Pavesi	Giulia	Filha	10	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
509	Pavesi	Giovanni	Filho	5	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
509	Pavesi	Angelo	Filho	3	1877	Lombardia	Bérgamo	Caravaggio	Benevente	Ester
510	Pea	Luigi	Só		1876					
511	Pedrin	Giovanni	Chefe	42	1877		Vicenza	Vicenza		Clementina
511	Pedrin	Pierina	Esposa	26	1877		Vicenza	Vicenza		Clementina
511	Pedrin	Giacoma	Mãe	60	1877		Vicenza	Vicenza		Clementina
512	Pedroni	Francesco	Chefe	41	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
512	Pedroni	Catterina	Esposa	31	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
512	Pedroni	Amadio	Filho	7	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
512	Pedroni	Luigia	Filha	4	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
512	Pedroni	Maria	Filha	0	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
513	Pedroni	Gaetano	Chefe	39	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
513	Pedroni	Angela	Esposa	39	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
513	Pedroni	Attilio	Filho	11	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
513	Pedroni	Gaetano	Filho	7	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
513	Pedroni	Ardilla	Filha	4	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
513	Pedroni	Giuseppe	Filho	0	1878	Veneto	Verona	Nogarole Rocca	Porto de Itapemirim	Clementina
514	<b>Pedrusi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>29</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
514	Pedrusi	Rachele	Esposa	23	1878					<b>Isab./Clementina</b>
515	<b>Pelanchini</b>									
516	<b>Pelissari</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
517	<b>Pellegrini</b>	<b>Paolo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
518	<b>Pensin</b>									
519	<b>Peretti</b>	<b>Carlo</b>	<b>Só</b>	<b>58</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Adige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
520	<b>Perotto</b>									
521	<b>Persici</b>	<b>Salvatore</b>	<b>Chefe</b>	<b>47</b>	<b>1893</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Parma</b>	<b>Zibello</b>	<b>Benevente</b>	<b>Las Palmas</b>
521	Persici	Maria	Esposa	47	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
521	Persici	Antonio	Filho	14	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
521	Persici	Adele	Afilhada	20	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
521	Persici	Giuseppe	Filho	10	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
522	<b>Personelli</b>									
523	<b>Peruggia</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1895</b>	<b>Piemonte</b>	<b>Alessandria</b>	<b>Sarezzano</b>	<b>Benevente</b>	<b>Rosário</b>
523	Peruggia	Giuseppina	Esposa	34	1895	Piemonte	Alessandria	Sarezzano	Benevente	Rosário
523	Peruggia	Carlo	Filho	12	1895	Piemonte	Alessandria	Sarezzano	Benevente	Rosário
523	Peruggia	Ernesto	Filho	9	1895	Piemonte	Alessandria	Sarezzano	Benevente	Rosário
523	Peruggia	Pierina	Filha	5	1895	Piemonte	Alessandria	Sarezzano	Benevente	Rosário
523	Peruggia	Luigia	Sogra	52	1895	Piemonte	Alessandria	Sarezzano	Benevente	Rosário
524	<b>Pessini</b>									
525	<b>Petri</b>	<b>Carlo</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1896</b>				<b>Benevente</b>	<b>Muquy</b>
525	Petri	Luigia	Esposa	33	1896				Benevente	Muquy
525	Petri	Alfredo	Filho	12	1896				Benevente	Muquy
525	Petri	Amadeo	Filho	10	1896				Benevente	Muquy

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
525	Petri	Fiorentina	Filha	8	1896				Benevente	Muquy
525	Petri	Giovanni	Filho	4	1896				Benevente	Muquy
525	Petri	Viola	Filha	0	1896				Benevente	Muquy
525	Petri	Pietro	Agregado	22	1896				Benevente	Muquy
526	<b>Petri</b>	<b>Cesare</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
526	Petri	Carlotta	Esposa	33	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
526	Petri	Vittoria	Filha	8	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
526	Petri	Callisto	Filho	6	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
526	Petri	Angela	Filha	4	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
526	Petri	Remigio	Filho	2	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
527	<b>Petri</b>	<b>Domenico</b>	<b>Chefe</b>	<b>40</b>	<b>1889</b>				<b>Benevente</b>	<b>Araruama</b>
527	Petri	Teresa	Esposa	39	1889				Benevente	Araruama
527	Petri	Domenico	Filho	13	1889				Benevente	Araruama
527	Petri	Giacintha	Filha	11	1889				Benevente	Araruama
527	Petri	Anjelo	Filho	8	1889				Benevente	Araruama
527	Petri	Anjelica	Filha	0	1889				Benevente	Araruama
528	<b>Pezzi</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>29</b>	<b>1878</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Dercolo</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
528	Pezzi	Massenza	Esposa	23	1878	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
528	Pezzi	Pietro	Filho	5	1878	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
528	Pezzi	Cesare	Filho	3	1878	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
528	Pezzi	Albino	Filho	0	1878	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
529	<b>Pezzi</b>	<b>Gioseffa</b>	<b>Chefe</b>	<b>52</b>	<b>1878</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Dercolo</b>	<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
529	Pezzi	Colomba	Filha	25	1878	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
529	Pezzi	Francesco	Filho	32	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
529	Pezzi	Emilio	Filho	19	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
529	Pezzi	Giovanni	Filho	29	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
529	Pezzi	Teresa	Nora	25	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
529	Pezzi	Francesco	Neto	0	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Dercolo	Porto de Itapemirim	Clementina
530	<b>Pezzi</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>66</b>	<b>1878</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>		<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Clementina</b>
530	Pezzi	Catterina	Esposa	52	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Filomena	Filha	38	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Abramo	Filho	32	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Lorenzo	Filho	34	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Teresa	Nora	24	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Arcadio	Neto	8	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Placido	Neto	4	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
530	Pezzi	Mansueto	Neto	0	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
531	<b>Pezzin</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1887</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>		<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
531	Pezzin	Maria	Esposa	38	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
531	Pezzin	Augusta	Filha	5	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
531	Pezzin	Pietro	Filho	2	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
531	Pezzin	Antonio	Filho	0	1887	Veneto	Treviso		Benevente	Mayrink
532	<b>Phelippe</b>	<b>Clementina</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>			
533	<b>Piancoli</b>									
534	<b>Piazzarollo</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>48</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
534	Piazzarollo	Maria	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Cesare	Filho	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Adolfo	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Achille	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Elisabetta	Filha	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Filomena	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
534	Piazzarollo	Eugenia	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
535	Piazzzi	Angelo	Chefe	36	1878					Clementina
535	Piazzzi	Magherita	Esposa	33	1878					Clementina
535	Piazzzi	Carlo	Filho	8	1878					Clementina
535	Piazzzi	Annibale	Filho	0	1878					Clementina
536	Picchiarotto	Giuseppe	Chefe	25	1895	Veneto	Vicenza	Gambellara	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
536	Picchiarotto	Silvia	Esposa	22	1895	Veneto	Vicenza	Gambellara	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
536	Picchiarotto	Noemi	Filho	0	1895	Veneto	Vicenza	Gambellara	Cachoeiro de Itapemirim	Las Palmas
537	Piccin	Giovanni	Chefe	37	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
537	Piccin	Augusta	Esposa	32	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
537	Piccin	Stefano	Filho	11	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
537	Piccin	Pietro	Filho	4	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
537	Piccin	Antonio	Filho	2	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
537	Piccin	Francesco	Filho	1	1887	Veneto	Treviso	Tarzo	Benevente	Mayrink
538	Piccoli	Giuseppe	Chefe	68	1878	Veneto	Vicenza		Benevente	Clementina
538	Piccoli	Lucia	Esposa	53	1878	Veneto	Vicenza		Benevente	Clementina
538	Piccoli	Giulio	Filho	26	1878	Veneto	Vicenza		Benevente	Clementina
538	Piccoli	Adamo	Filho	25	1878	Veneto	Vicenza		Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
539	Pietralunga	Angelo	Chefe	31	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
539	Pietralunga	Costanza	Esposa	24	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
539	Pietralunga	Maria	Filha	5	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
539	Pietralunga	Anguela	Filha	1	1895	Lombardia	Brescia	Nozza	Benevente	Las Palmas
540	Pilatti	Gerolamo	Chefe	29	1878					Clementina
540	Pilatti	Angela	Esposa	27	1878					Clementina
541	Pilon	Antonio	Chefe	36	1877	Lombardia		Cologno	Benevente	Colombia
541	Pilon	Fortunata	Esposa	34	1877	Lombardia		Cologno	Benevente	Colombia
541	Pilon	Pietro	Filho	4	1877	Lombardia		Cologno	Benevente	Colombia
541	Pilon	Giulio	Filho	0	1877	Lombardia		Cologno	Benevente	Colombia
542	Pilon	Guisepppe	Chefe	52	1888				Benevente	
542	Pilon	Elisabetta	Esposa	48	1888				Benevente	
542	Pilon	Pietro	Filho	23	1888				Benevente	
542	Pilon	Luigia	Nora	22	1888				Benevente	
542	Pilon	Angela	Filha	21	1888				Benevente	
542	Pilon	Maria	Filha	15	1888				Benevente	
543	Pim									
544	Pimbini									
545	Pinizani									
546	Pinon									
547	Pintton	Giuseppe	Chefe	48	1878					Isab./Clementina
547	Pintton	Santa		28	1878					Isab./Clementina
547	Pintton	Antonio		4	1878					Isab./Clementina
548	Piona									
549	Piovezan									
550	Poffo	Luciano	Só	33	1875	Trentino-Alto Adige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
551	Pola	Francesco	Chefe	44	1875	Trentino-Alto Adige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Teresa	Esposa	38	1875	Trentino-Alto	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
551	Pola	Ernesto	Filho	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Amelia	Filha	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Giovanni	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Gioachino	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Damiano	Filho	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Alessandro	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
551	Pola	Giovanni	Filho	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
552	Polinetti	Luigi	Só		1875					
553	Polliot	Luigi	Só		1875		Trento		Benevente	
554	Poloni	Domenico	Chefe	48	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Giovanna	Esposa	42	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Catterina	Filha	12	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Giuseppe	Filho	8	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Angelo	Filho	5	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Pietro	Filho	2	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
554	Poloni	Maria	Filha	0	1889	Veneto	Treviso	Castelfranco Veneto	Benevente	Mayrink
555	Polonini	Angelo	Só		1876					
556	Polonini	Giacomo	Só		1876					
557	Pompermaier	Cristano	Chefe	52	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
557	Pompermaier	Anna	Esposa	35	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
557	Pompermaier	Giovanni	Filho	7	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
557	Pompermaier	Maria	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
557	Pompermaier	Emilia	Filha	3	1875	Trentino-Alto	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
557	Pompermaier	Riccardo	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
557	Pompermaier	Carlo	Filho	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
558	Porta	Luigi	Só		1876					
559	Poruzzi									
560	Possali									
561	Premoli	Giovanni	Só		1876					
562	Premoli	Luigi	Só		1876					
563	Presente	Edoardo	Chefe	30	1878					Isabella
563	Presente	Maria	Esposa	24	1878					Isabella
564	Prottini	Prosdocimo	Só		1876					
565	Pulini	Eugenio	Chefe	30	1888				Benevente	
565	Pulini	Maria	Esposa	30	1888				Benevente	
565	Pulini	Teresa	Filha	3	1888				Benevente	
565	Pulini	Giuseppe	Filho	0	1888				Benevente	
565	Pulini	Pietro	Irmão	28	1888				Benevente	
565	Pulini	Onesta	Irmão	22	1888				Benevente	
565	Pulini	Teresa	Mãe	63	1888				Benevente	
566	Puppin	Giuseppe	Chefe	46	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Maria	Esposa	43	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Fiorina	Filha	17	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Giovanni	Filho	15	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Pietro	Filho	12	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Domenico	Filho	10	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Giovanni	Filho	8	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
566	Puppin	Antonia	Filha	5	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
566	Puppin	Giovanni	Filho	3	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	<b>Puppin</b>	<b>Santo</b>	<b>Chefe</b>	<b>42</b>	<b>1883</b>	<b>Friuli-Venezia Giulia</b>	<b>Pordenone</b>	<b>Polcenigo</b>	<b>Benevente</b>	
567	Puppin	Maddalena	Esposa	32	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	Puppin	Fiorina	Filha	12	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	Puppin	Giovanni	Filho	7	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	Puppin	Luigi	Filho	5	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	Puppin	Antonio	Filho	3	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
567	Puppin	Maria	Mãe	76	1883	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	
568	<b>Puton</b>									
569	<b>Radaelli</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1876</b>					<b>Italia</b>
569	Radaelli	Maria	Esposa	30	1876					<b>Italia</b>
569	Radaelli	Lorena	Filha	0	1876					<b>Italia</b>
570	<b>Raota</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>36</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
570	Raota	Carlotta	Esposa	33	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
570	Raota	Giuseppe	Filho	9	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
570	Raota	Beniamino	Filho	6	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
570	Raota	Emilia	Filha	4	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
570	Raota	Giovanni	Filho	1	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
571	<b>Raota</b>	<b>Arcangelo</b>						<b>Levico</b>		
572	<b>Raota</b>	<b>Gennaro</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
572	Raota	Domenica	Esposa	35	1875	<b>Trentino-Alto</b>	Trento	Banco	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
572	Raota	Maria	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
572	Raota	Pepi	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
573	Rassete	Angelo	Só		1876					
574	Rauta	Archangelo	Chefe	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
574	Rauta	Angela	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
574	Rauta	Giuseppe	Filho	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
574	Rauta	Carlo	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
575	Rauta	Quirino	Só		1875		Trento	Banco		
576	Rauta	Gio Batta	Só		1875		Trento	Banco		
577	Repossi	Francesco	Só	31	1893				Benevente	Rio de Janeiro
578	Reschetti	Andrea	Chefe	49	1878					Clementina
578	Reschetti	Santa	Esposa	47	1878					Clementina
578	Reschetti	Maddalena	Filha	23	1878					Clementina
578	Reschetti	Rosa	Filha	15	1878					Clementina
578	Reschetti	Emilia	Filha	12	1878					Clementina
579	Reschetti	Giovanni	Chefe	35	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Angela	Esposa	33	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Carlo	Filho	11	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Giuseppe	Filho	9	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Rosa	Filha	7	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Francesca	Filha	4	1878					Isab./Clementina
579	Reschetti	Luigia	Filha	2	1878					Isab./Clementina
580	Resemini	Pietro								
581	Reversi									
582	Rigo	Francesco	Chefe	33	1878					Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
582	Rigo	Oliva	Esposa	33	1878					Clementina
582	Rigo	Luigi	Filho	3	1878					Clementina
582	Rigo	Giovanni	Filho	1	1878		Vicenza	Arcugnano		Clementina
583	Rigotti									
584	Rigotti	Andrea	Chefe	57	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Domenica	Esposa	45	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Emmanuele	Filho	26	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Teresa	Filha	23	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Andrea	Filho	21	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Luigi	Filho	15	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Lodovico	Filho	11	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
584	Rigotti	Emmanuele	Filho	0	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento	Mezzolombardo	Porto de Itapemirim	Clementina
585	Rigotti	Antonio	Chefe	42	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
585	Rigotti	Irene	Esposa	34	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
585	Rigotti	Maria	Filha	4	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
585	Rigotti	Celeste	Filha	2	1878	Trentino-Alto Ádige	Trento		Porto de Itapemirim	Clementina
586	Rigotti	Emanuele						Mezzolombardo		
587	Riva	Carlo	Chefe	37	1893	Lombardia	Lecco	Sirone	Benevente	Napoli
587	Riva	Ambrogio	Irmão	45	1893	Lombardia	Lecco	Sirone	Benevente	Napoli
588	Rivera	Carlo	Chefe	28	1878					Isabella
588	Rivera	Dominica	Esposa	27	1878					Isabella
589	Rizeri									
590	Rizzi	Giuseppe	Chefe	54	1888	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Ádria
590	Rizzi	Beatrice	Esposa	41	1888	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Ádria

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
590	Rizzi	Elisabetta	Filha	17	1888	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Ádria
590	Rizzi	Itália	Filha	16	1888	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Ádria
590	Rizzi	Melania	Filha	13	1888	Veneto	Verona	Nogara	Benevente	Ádria
591	<b>Roncheti</b>	<b>Germano</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1889</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>		<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>
591	Roncheti	Anna	Esposa	33	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Faustino	Filho	12	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Maria	Filha	10	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Riccardo	Filho	8	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Candido	Filho	6	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Germano	Filho	4	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
591	Roncheti	Giuseppe	Filho	3	1889	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento		Benevente	Ádria
592	<b>Roncheto</b>									
593	<b>Rosa</b>	<b>Carlo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
594	<b>Rosalem</b>									
595	<b>Rossi</b>	<b>Bernardo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
596	<b>Rossi</b>	<b>Floriano</b>	<b>Só</b>	<b>28</b>	<b>1877</b>					<b>Presidente</b>
597	<b>Rossi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
598	<b>Rossi</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1876</b>					<b>Itália</b>
598	Rossi	Giacinta	Esposa	35	1876					<b>Itália</b>
598	Rossi	Sofia	Filha	12	1876					<b>Itália</b>
598	Rossi	Giovanna	Filha	8	1876					<b>Itália</b>
598	Rossi	Giovanni	Filho	5	1876					<b>Itália</b>
598	Rossi	Maddalena	Filha	3	1876					<b>Itália</b>
598	Rossi	Agostino	Irmão	49	1876					<b>Itália</b>
599	<b>Rossini</b>	<b>Arcadio</b>	<b>Chefe</b>	<b>31</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
599	Rossini	Giuditta	Esposa	29	1878					Isab./Clementina
599	Rossini	Augusta	Filha	7	1878					Isab./Clementina
599	Rossini	Augusto	Filho	4	1878					Isab./Clementina
599	Rossini	Palma	Filha	1	1878					Isab./Clementina
599	Rossini	Paula	Mãe	68	1878					Isab./Clementina
600	<b>Rossini</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1878</b>					Clementina
600	Rossini	Ermenegilda	Esposa	38	1878					Clementina
600	Rossini	Attilio	Filho	4	1878					Clementina
601	<b>Rovetti</b>	<b>Pasquale</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
602	<b>Sabadini</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>	<b>24</b>	<b>1895</b>		<b>Verona</b>	<b>Colognola ai Colli</b>		<b>Matteo Bruzzo</b>
603	<b>Sacco</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	Padova	Sant'Elena	<b>Benevente</b>	<b>Las Palmas</b>
603	Sacco	Giovanna	Esposa	34	1895	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Las Palmas
603	Sacco	Anna	Filha	8	1895	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Las Palmas
603	Sacco	Erminia	Filha	6	1895	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Las Palmas
603	Sacco	Maria	Filha	4	1895	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Las Palmas
603	Sacco	Giuseppe	Filho	0	1895	Veneto	Padova	Sant'Elena	Benevente	Las Palmas
604	<b>Saladini</b>									
605	<b>Salarolo</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1878</b>					Clementina
605	Salarolo	Luigia	Esposa	48	1878					Clementina
605	Salarolo	Luigi	Filho	17	1878					Clementina
605	Salarolo	Giovanna	Filha	15	1878					Clementina
605	Salarolo	Rosa	Filha	13	1878					Clementina
606	<b>Salla</b>	<b>Battista</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
607	<b>Salvador</b>	<b>Felice</b>	<b>Chefe</b>	<b>30</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Saravalle</b>	<b>Benevente</b>	<b>Alice</b>
607	Salvador	Catterina	Esposa	26	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
607	Salvador	Andrea	Filho	4	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
607	Salvador	Domenico	Filho	1	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
607	Salvador	Antonio	Filho	6	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
607	Salvador	Giovanni	Filho	4	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
607	Salvador	Teresa	Filha	3	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
607	Salvador	Luigi	Filho	0	1880	Veneto	Treviso	Saravalle	Benevente	Alice
608	<b>Salvador</b>	<b>Agostino</b>	<b>Chefe</b>	<b>31</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vittorio Vêneto</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
608	Salvador	Catterina	Esposa	30	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
608	Salvador	Teresa	Filha	6	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
608	Salvador	Elisabetta	Filha	2	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
609	<b>Salvador</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1889</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vittorio Vêneto</b>	<b>Benevente</b>	<b>Araruama</b>
609	Salvador	Augusta	Esposa	27	1889	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Araruama
609	Salvador	Giovanni	Filho	15	1889	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Araruama
609	Salvador	Tissiano	Filho	10	1889	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Araruama
609	Salvador	Teresa	Filha	3	1889	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Araruama
610	<b>Salvador</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>57</b>	<b>1879</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vittorio Vêneto</b>	<b>Benevente</b>	<b>Presidente</b>
610	Salvador	Teresa	Esposa	57	1879	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	<b>Presidente</b>
611	<b>Salvador</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1878</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Vittorio Vêneto</b>	<b>Benevente</b>	<b>Clementina</b>
611	Salvador	Teresa	Esposa	33	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
611	Salvador	Giovanni	Filho	7	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
611	Salvador	Luigi	Filho	4	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
611	Salvador	Mariano	Filho	12	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
611	Salvador	Agostino	Filho	9	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
611	Salvador	Francesco	Filho	8	1878	Veneto	Treviso	Vittorio Vêneto	Benevente	Clementina
612	<b>Salvador</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>29</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Sarmede</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>
612	Salvador	Angela	Esposa	26	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
612	Salvador	Antonio	Filho	2	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
612	Salvador	Maria	Filha	1	1888	Veneto	Treviso	Sarmede	Benevente	Ádria
612	Salvador	Fiorina	Esposa	46	1894	Friuli-Venezia Giulia	Udine	Latisana	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Matteo Bruzzo
613	<b>Salvador</b>	<b>Lucenzo</b>	<b>Só</b>	<b>30</b>	<b>1890</b>				<b>Benevente</b>	
614	<b>Sandrini</b>	<b>Giacomo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
614	Sangiorgio	Teresa	Esposa	18	1893	Lombardia	Lecco	Sirone	Benevente	Napoli

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
614	Sangiorgio	Luigi	Cunhado	20	1893	Lombardia	Lecco	Sirone	Benevente	Napoli
614	Sangiorgio	Ambrogio	Cunhado	15	1893	Lombardia	Lecco	Sirone	Benevente	Napoli
615	<b>Sangivani</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
616	<b>Sartori</b>	<b>Achille</b>								
617	<b>Sartori</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
617	Sartori	Maria	Esposa	52	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Pietro	Filho	26	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Giacinta	Nora	29	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Maria	Neta	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Rosa	Filha	22	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Michele	Filho	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Albina	Filha	15	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
617	Sartori	Cesare	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
618	<b>Sartori</b>	<b>Lodovico</b>	<b>Só</b>	<b>30</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Robecco d'Oglio</b>	<b>Benevente</b>	<b>Colombia</b>
619	<b>Sartori</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Benevente</b>	<b>Matteo Bruzzo</b>
619	Sartori	Maria	Esposa	45	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Catterina	Filha	16	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Erminia	Filha	14	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Regina	Filha	12	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Emma	Filha	7	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Pasquale	Filho	6	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Abele	Filha	4	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
619	Sartori	Luigi	Filho	1	1895	Veneto	Vicenza	Vicenza	Benevente	Matteo Bruzzo
620	<b>Sartori</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>	<b>Levico</b>		
621	<b>Sartori</b>	<b>Bortolo</b>	<b>Chefe</b>	<b>44</b>	<b>1878</b>					<b>Clementina</b>



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
621	Sartori	Maria	Esposa	31	1878					Clementina
621	Sartori	Maria	Filha	2	1878					Clementina
622	Sartori	Lodovico	Só		1878		Trento			
623	Sarzi	Antonio	Só		1876					
624	Satori									
625	Savergnin									
626	Scaldaferro	Giuseppe	Chefe	50	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Angela	Esposa	45	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Giovanni	Filho	21	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Sante	Filho	16	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Maria	Filha	14	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Luigi	Filho	10	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Leonardo	Filho	7	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Lucia	Filha	4	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
626	Scaldaferro	Giovanni	Irmão	44	1891	Veneto	Vicenza	Longare	Benevente	Mayrink
627	Scalfone	Pietro	Só		1876					
628	Scandian	Antonio	Chefe	33	1878		Vicenza			Clementina
628	Scandian	Maria	Esposa	29	1878		Vicenza			Clementina
628	Scandian	Francesco	Filho	3	1878		Vicenza			Clementina
628	Scandian	Serafino	Filho	1	1878		Vicenza	Zugliano		Clementina
628	Scandian	Caterina	Mãe	59	1878		Vicenza			Clementina
629	Scandian	Bortolo	Chefe	30	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
629	Scandian	Clorinda	Esposa	29	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
629	Scandian	Catterina	Filha	6	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
629	Scandian	Antonia	Filha	4	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
629	Scandian	Francesca	Filha	2	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
629	Scandian	Santa	Filha	0	1878	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Clementina
630	Schiavani									
631	Segantini	Paolo	Chefe	33	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
631	Segantini	Filomena	Esposa	32	1878	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Clementina
631	Segantini	Maria	Orfã	7	1878	Lombardia	Mântova	San Benedetto Po	Benevente	Clementina
632	<b>Seletti</b>	<b>Andrea</b>	<b>Chefe</b>	<b>28</b>	<b>1893</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Parma</b>	<b>Zibello</b>	<b>Benevente</b>	<b>Las Palmas</b>
632	Seletti	Maria	Esposa	25	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
632	Seletti	Marinna	Filha	0	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
632	Seletti	Attilio	Sobrinho	15	1893	Emilia-Romagna	Parma	Zibello	Benevente	Las Palmas
633	<b>Serafin</b>	<b>Serafino</b>	<b>Chefe</b>	<b>26</b>	<b>1883</b>				<b>Benevente</b>	
633	Serafin	Maria	Esposa	25	1883				Benevente	
633	Serafin	Pietro	Filho	4	1883				Benevente	
633	Serafin	Secondo	Filho	2	1883				Benevente	
634	<b>Serafini</b>	<b>Ferdinando</b>	<b>Só</b>	<b>24</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Tenna</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
635	<b>Serezine</b>	<b>Alessandro</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
636	<b>Servi</b>	<b>Andrea</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
637	<b>Seschin</b>									
638	<b>Sesini</b>	<b>Angelo</b>	<b>Chefe</b>	<b>25</b>	<b>1892</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Mathilde</b>
638	Sesini	Angela	Esposa	24	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
638	Sesini	Giovanni	Filho	2	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
638	Sesini	Francesco	Irmão	21	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
638	Sesini	Lucia	Irmã	18	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
638	Sesini	Bianca	Mãe	51	1892	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Mathilde
467	<b>Moscon</b>	<b>Regina</b>	<b>Chefe</b>	<b>54</b>	<b>1880</b>	<b>Veneto</b>	Padova	Sant'Elena	<b>Benevente</b>	<b>Alice</b>
639	<b>Severginni</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
640	<b>Severgnini</b>	<b>Ignazio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
641	<b>Severgnini</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
642	<b>Sgnasabia</b>	<b>Luigi</b>	<b>Chefe</b>	<b>61</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
642	Sgnasabia	Suzana	Esposa	55	1878					<b>Isab./Clementina</b>
643	<b>Silotti</b>									
644	<b>Simoni</b>	<b>Fortunato</b>	<b>Chefe</b>	<b>41</b>	<b>1895</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Bologna</b>	<b>Sasso Marconi</b>	<b>Benevente</b>	<b>Rosário</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
644	Simoni	Carolina	Esposa	38	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
644	Simoni	Giuseppina	Filha	10	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
644	Simoni	Maria	Filha	8	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
644	Simoni	Teresa	Filha	5	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
644	Simoni	Emma	Filha	3	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
644	Simoni	Cesarina	Filha	0	1895	Emilia-Romagna	Bologna	Sasso Marconi	Benevente	Rosário
645	<b>Simoni</b>	<b>Simeone</b>	<b>Chefe</b>	<b>73</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Treviso</b>	<b>Farra di Soligo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>
645	Simoni	Rosa	Esposa	64	1888	Veneto	Treviso	Farra di Soligo	Benevente	Ádria
645	Simoni	Giovanni	Filho	39	1888	Veneto	Treviso	Farra di Soligo	Benevente	Ádria
645	Simoni	Elisabetta	Nora	33	1888	Veneto	Treviso	Farra di Soligo	Benevente	Ádria
645	Simoni	Paolo	Neto	2	1888	Veneto	Treviso	Farra di Soligo	Benevente	Ádria
645	Simoni	Luigi	Neto	0	1888	Veneto	Treviso	Farra di Soligo	Benevente	Ádria
646	<b>Simoni</b>	<b>Antonio</b>	<b>Chefe</b>	<b>45</b>	<b>1891</b>	<b>Veneto</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Zugliano</b>	<b>Benevente</b>	<b>Alagoas</b>
646	Simoni	Antonio	Filho	16	1891	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Alagoas
646	Simoni	Marco	Filho	14	1891	Veneto	Vicenza	Zugliano	Benevente	Alagoas
647	<b>Smarzaro</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Castelnuovo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
647	Smarzaro	Filomena	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Leopoldo	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Giuseppina	Filha	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Anna	Filha	9	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Severino	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Albino	Filho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
647	Smarzaro	Francesco	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Castelnuovo	Benevente	Cervantes
648	<b>Smider</b>	<b>Pietro</b>	<b>Só</b>	<b>21</b>	<b>1886</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>		<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Mayrink</b>
649	<b>Smider</b>	<b>Andrea</b>	<b>Só</b>	<b>20</b>	<b>1891</b>	<b>Trentino-Alto</b>	<b>Trento</b>	<b>Roncegno</b>	<b>Piúma</b>	<b>Pernambuco</b>

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
650	Soardi	Giuseppe	Só		1876					
651	Soffiati	Paolo	Chefe	42	1888	Veneto	Verona	Gazzo Veroneze	Benevente	Ádria
651	Soffiati	Anna	Esposa	37	1888	Veneto	Verona	Gazzo Veroneze	Benevente	Ádria
651	Soffiati	Giovanni	Filho	13	1888	Veneto	Verona	Gazzo Veroneze	Benevente	Ádria
651	Soffiati	Pasquale	Filho	3	1888	Veneto	Verona	Gazzo Veroneze	Benevente	Ádria
651	Soffiati	Giuseppina	Filha	0	1888	Veneto	Verona	Gazzo Veroneze	Benevente	Ádria
652	Sozzi	Martino	Chefe	32	1878					Isab./Clementina
652	Sozzi	Teresa	Esposa	30	1878					Isab./Clementina
652	Sozzi	Maria	Filha	7	1878					Isab./Clementina
652	Sozzi	Giovanna	Filha	5	1878					Isab./Clementina
652	Sozzi	Eugenio	Filho	1	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Vincenzo	Chefe	34	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Giovanna	Esposa	40	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Pietro	Filho	12	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Lucia	Filha	9	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Stefano	Filho	8	1878					Isab./Clementina
653	Spazine	Rosa	Filha	5	1878					Isab./Clementina
654	Spazini	Renaldo	Chefe	47	1878					Isab./Clementina
654	Spazini	Dominica	Esposa	45	1878					Isab./Clementina
654	Spazini	Erminia	Filha	15	1878					Isab./Clementina
654	Spazini	Maria	Filha	10	1878					Isab./Clementina
654	Spazini	Anselmo	Filho	7	1878					Isab./Clementina
655	Spinelli	Paolo	Só		1876					
656	Spini	Giulio	Só		1876					
657	Stefanon	Antonio	Chefe	48	1895	Trentino-Alto Ádige	Trento		Cachoeiro de Itapemirim	Rosário
657	Stefanon	Angela	Esposa	38	1895	Trentino-Alto Ádige	Trento		Cachoeiro de Itapemirim	Rosário
657	Stefanon	Giuseppe	Filho	17	1895	Trentino-Alto	Trento		Cachoeiro de	Rosário

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige			Itapemirim	
657	Stefanon	Antonio	Filho	16	1895	Trentino-Alto Ádige	Trento		Cachoeiro de Itapemirim	Rosário
657	Stefanon	Luigi	Filho	14	1895	Trentino-Alto Ádige	Trento		Cachoeiro de Itapemirim	Rosário
657	Stefanon	Maria	Filha	13	1895	Trentino-Alto Ádige	Trento		Cachoeiro de Itapemirim	Rosário
658	<b>Stefanon</b>	<b>Antonio</b>	<b>Só</b>		<b>1875</b>		<b>Trento</b>			
659	<b>Stelzer</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>31</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Roncegno</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
659	Stelzer	Orsola	Esposa	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
659	Stelzer	Domenica	Filha	5	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
659	Stelzer	Maria	Filha	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Roncegno	Benevente	Cervantes
660	<b>Strada</b>	<b>Domenico</b>	<b>Chefe</b>	<b>39</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Caldonazzo</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
660	Strada	Orsola	Esposa	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
660	Strada	Basilio	Filho	13	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
660	Strada	Stanislao	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
660	Strada	Rosina	Filha	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
660	Strada	Agnese	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
660	Strada	Pietro	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Caldonazzo	Benevente	Cervantes
661	<b>Tambaroli</b>									
662	<b>Tartarotti</b>	<b>Rosa</b>	<b>Chefe</b>	<b>46</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
662	Tartarotti	Maria	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
662	Tartarotti	Guglielmo	Filho	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
662	Tartarotti	Giacomo	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
662	Tartarotti	Ottavio	Filho	10	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
663	Tirele	Antonio	Só		1876					
664	<b>Tofanetti</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>41</b>	<b>1888</b>				<b>Benevente</b>	<b>Mario</b>
664	Tofanetti	Luigia	Esposa	42	1888				Benevente	Mario
664	Tofanetti	Carolina	Filha	12	1888				Benevente	Mario
664	Tofanetti	Giuseppe	Irmão	10	1888				Benevente	Mario
665	<b>Togneri</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Só</b>	<b>51</b>	<b>1897</b>	<b>Toscana</b>	<b>Lucca</b>	<b>Barga</b>	<b>Benevente</b>	<b>Rio de Janeiro</b>
666	<b>Togneri</b>	<b>Tomaso</b>	<b>Só</b>	<b>49</b>	<b>1886</b>				<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
667	<b>Togneri</b>	<b>Cesare</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>				<b>Benevente</b>	<b>Alice</b>
668	<b>Tom (m) asi</b>	<b>Alberto</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Banco</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
668	Tom (m) asi	Catterina	Esposa	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Angela	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Valentino	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Quirino	Irmão	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Elida	Cunhada	29	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Giuseppe	Sobrinho	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Egidio	Irmão	38	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Rosa	Cunhada	33	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Maria	Sobrinha	4	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Luigi	Sobrinho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Guglielmo	Irmão	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Agata	Cunhada	31	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
668	Tom (m) asi	Celeste	Sobrinha	2	1875	Trentino-Alto	Trento	Banco	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
						Ádige				
669	Tomaselli	Giuseppe	Chefe	42	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Rosa	Esposa	40	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Palda	Filha	17	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Giuseppe	Filho	14	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Maria	Filha	6	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Carlo	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
669	Tomaselli	Celestina	Filha	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
670	Tomasi	Luvidi	Só		1875		Trento			
671	Tomasi	Alberto	Só		1875		Trento	Banco		
672	Tomasini	Carlo	Só	37	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	Cervantes
673	Tonani	Alessio	Chefe	40	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Teresa	Esposa	38	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Paolo	Filho	17	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Luigi	Filho	15	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Enea	Filha	13	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Umberto	Filho	10	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
673	Tonani	Anna	Filha	2	1894	Lombardia	Mântova	Acqua Negra Sul Chiese	Benevente	Matteo Bruzzo
674	Toniolli	Bernardo						Banco		
675	Tosi	Giovanni	Chefe	49	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Angela	Esposa	42	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Cirillo	Filho	14	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
675	Tosi	Alessandro	Filho	11	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Giacinto	Filho	9	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Regina	Filha	6	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Albina	Filha	4	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
675	Tosi	Miliano	Filho	1	1894	Veneto	Verona	Oppeano	Benevente	Matteo Bruzzo
676	<b>Tosi</b>	<b>Lupicino</b>	<b>Chefe</b>	<b>51</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	<b>Vicenza</b>	<b>Gambellara</b>	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	<b>Las Palmas</b>
676	Tosi	Catterina	Esposa	50	1895	Veneto	Vicenza	Gambellara	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Las Palmas
676	Tosi	Assunta	Filha	8	1895	Veneto	Vicenza	Gambellara	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Las Palmas
677	<b>Tosi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>55</b>	<b>1895</b>	<b>Emilia-Romagna</b>	<b>Parma</b>	<b>Mezzani</b>	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	<b>Rosário</b>
677	Tosi	Irene	Esposa	49	1895	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Rosário
677	Tosi	Almerinda	Filha	10	1895	Emilia-Romagna	Parma	Mezzani	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Rosário
678	<b>Tosi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1878</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Mântova</b>	<b>Castiglioni delle Stiviere</b>	<b>Benevente</b>	<b>Isabella</b>
678	Tosi	Maria	Esposa	21	1878	Lombardia	Mântova	Castiglioni delle Stiviere	Benevente	Isabella
679	<b>Tosi</b>	<b>Vittoria</b>	<b>Só</b>	<b>27</b>	<b>1891</b>				<b>Benevente</b>	<b>Mayrink</b>
680	<b>Tosi</b>	<b>Lupicino</b>	<b>Chefe</b>	<b>49</b>	<b>1892</b>				<b>Porto de Itapemirim</b>	<b>Mayrink</b>
680	Tosi	Elvira	Filha	17	1892				Porto de Itapemirim	Mayrink
680	Tosi	Romano	Filho	15	1892				Porto de Itapemirim	Mayrink
681	<b>Toso</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>35</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>	<b>Isola della Scala</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>
681	Toso	Tarsilla	Esposa	56	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
681	Toso	Giacomo	Filho	9	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
681	Toso	Adolfo	Filho	5	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
681	Toso	Antonia	Filha	0	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
682	<b>Tozi</b>	<b>Giuseppe</b>	<b>Chefe</b>	<b>32</b>	<b>1878</b>					<b>Isab./Clementina</b>
682	Tozi	Maria	Esposa	21	1878					<b>Isab./Clementina</b>



Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
683	Travaglia	Bernardo	Chefe	46	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Elvira	Esposa	36	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Teresa	Filha	21	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Riccardo	Filho	14	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Benvenuta	Filha	11	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Vitto	Filho	10	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Antemiccia	Filha	7	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Vitaliana	Filha	5	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
683	Travaglia	Angela	Filha	3	1894		Padova	Sant'Elena		Manaus
685	Trés									
686	Trisotto	Giustina	Só	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Samone	Benevente	Cervantes
687	Turini	Ferdinando	Só	35	1893				Benevente	Rio de Janeiro
688	Ubertti	Giuseppe	Chefe	46	1878					Isab./Clementina
688	Ubertti	Lucia	Esposa	42	1878					Isab./Clementina
688	Ubertti	Giovanni	Filho	13	1878					Isab./Clementina
688	Ubertti	Daniele	Filho	5	1878					Isab./Clementina
688	Ubertti	Roberto	Filho	1	1878					Isab./Clementina
688	Ubertti	Davide	Irmão	37	1878					Isab./Clementina
689	Ucheli	Pietro	Só		1876					
690	Uocelli									
691	Valcarenghi	Angelo	Só		1876					
692	Valcete	Giuseppe	Só		1876					
693	Valentim	Vicenzo	Só		1875		Trento	Levico		
694	Valentim	Andrea	Só		1875		Trento	Tenna		
695	Valentini	Andrea	chefe	48	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
695	Valentini	Rosa	Esposa	51	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
695	Valentini	Giovanni	Filho	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
695	Valentini	Felice	Filho	8	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Tenna	Benevente	Cervantes
696	<b>Valentini</b>	<b>Vincenzo</b>	<b>chefe</b>	<b>56</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
696	Valentini	Demetrio	Filho	27	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
696	Valentini	Merieta	Nora	22	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
696	Valentini	Teresa	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
697	<b>Valiati</b>	<b>Giovanni</b>			1877					
698	<b>Valiati</b>	<b>Bertolo</b>								
699	<b>Valpini</b>	<b>Livio</b>	<b>Só</b>		<b>1877</b>					
700	<b>Valvason</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>43</b>	<b>1894</b>	Friuli-Venezia Giulia	<b>Udine</b>	<b>Latisana</b>	<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	<b>Matteo Bruzzo</b>
701	<b>Vanelli</b>	<b>Agostini</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
702	<b>Vantini</b>	<b>Regina</b>	<b>Chefe</b>	<b>51</b>	<b>1895</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>	<b>Isola Rizza</b>	<b>Benevente</b>	<b>Maranhão</b>
703	<b>Vanzini</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
704	<b>Vassalo</b>	<b>Serenzio</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
705	<b>Vassoler</b>									
706	<b>Veghini</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>38</b>	<b>1888</b>	<b>Veneto</b>	<b>Verona</b>	<b>Isola della Scala</b>	<b>Benevente</b>	<b>Ádria</b>
706	Veghini	Emilia	Esposa	27	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
706	Veghini	Luigi	Pai	72	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
706	Veghini	Federico	Irmão	22	1888	Veneto	Verona	Isola della Scala	Benevente	Ádria
707	<b>Venturini</b>	<b>Angelo</b>	<b>Só</b>		<b>1876</b>					
708	<b>Veronez</b>									
709	<b>Vettorazzi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>63</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
709	Vettorazzi	Marianna	Esposa	58	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
709	<b>Vettorazzi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Filho</b>	<b>28</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
709	<b>Vettorazzi</b>	<b>Carlotta</b>	<b>Nora</b>	<b>27</b>	<b>1875</b>	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
709	Vettorazzi	Luigia	Filha	18	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
710	Vettorazzi	Natale	chefe	34	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
710	Vettorazzi	Erminia	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
710	Vettorazzi	Giuseppe	Filho	3	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
710	Vettorazzi	Pietro	Filho	2	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Banco	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Antonio	chefe	51	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Catterina	Esposa	44	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Giulio	Filho	25	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Albino	Filho	19	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Maria	Filha	16	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
711	Vettorazzi	Bortolo	Filho	12	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
712	Vettorazzi	Pietro	Chefe	28	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
712	Vettorazzi	Carlotta	Nora	27	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
713	Vettorazzi	Pietro	Chefe	29	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
713	Vettorazzi	Rosa	Esposa	30	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
713	Vettorazzi	Angelo	Filho	1	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
714	Vezzoni									
715	Vigini	Angelo	Só		1876					
716	Viguesi	Fioravante	Só		1875		Trento			
717	Viotini	Abel	Só		1876					
718	Vizzoni									
719	Volponi	Luigi	Chefe	39	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di	Benevente	Ádria

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
								<b>Mirandola</b>		
719	Volponi	Felicità	Esposa	37	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
719	Volponi	Celestas	Filha	13	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
719	Volponi	Pia	Filha	11	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
719	Volponi	Flora	Filha	9	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
719	Volponi	Giuseppe	Filho	5	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
719	Volponi	Rosa	Filha	1	1891	Emilia-Romagna	Módena	San Martino di Mirandola	Benevente	Ádria
720	<b>Zambiasio</b>	<b>Giovanni</b>	<b>Chefe</b>	<b>70</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
720	Zambiasio	Zeffiro	Filho	34	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
720	Zambiasio	Carlota	Nora	22	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
720	Zambiasio	Silvio	Filho	24	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
720	Zambiasio	Carlo	Filho	26	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
720	Zambiasio	Stella	Filha	28	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
721	<b>Zambiasio</b>	<b>Zeffiro</b>	<b>Chefe</b>	<b>34</b>	<b>1875</b>	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	<b>Trento</b>	<b>Levico</b>	<b>Benevente</b>	<b>Cervantes</b>
721	Zambiasio	Carlota	Esposa	22	1875	<b>Trentino-Alto Ádige</b>	Trento	Levico	Benevente	Cervantes
722	<b>Zanchi</b>	<b>Francesco</b>	<b>Chefe</b>	<b>23</b>	<b>1877</b>	<b>Lombardia</b>	<b>Cremona</b>	<b>Montodine</b>	<b>Benevente</b>	<b>Colombia</b>
722	Zanchi	Barbara	Mãe	63	1877	Lombardia	Cremona	Montodine	Benevente	Colombia
723	<b>Zandomeneghi</b>	<b>Pietro</b>	<b>Chefe</b>	<b>64</b>	<b>1890</b>				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	<b>Estrela</b>
723	Zandomeneghi	Maria	Filha	23	1890				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Estrela
723	Zandomeneghi	Catterina	Convivente	30	1890				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Estrela
723	Zandomeneghi	Antonio	Convivente	8	1890				<b>Cachoeiro de Itapemirim</b>	Estrela

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
723	Zandomeneghi	Maria	Convivente	6	1890				Cachoeiro de Itapemirim	Estrela
723	Zandomeneghi	Giovanna	Convivente	2	1890				Cachoeiro de Itapemirim	Estrela
724	Zandona	Domenico	Só	57	1878					Isab./Clementina
725	Zanela									
726	Zanibone	Andrea	Só		1876					
727	Zanni	Victorio	Só		1877					
728	Zanoli	Giuseppe	Só		1878					
729	Zanon	Antonio	Chefe	50	1878					Clementina
729	Zanon	Lucia	Esposa	46	1878					Clementina
729	Zanon	Laura	Filha	12	1878					Clementina
729	Zanon	Gio Maria	Filho	9	1878					Clementina
730	Zanottelli	Giacomo								
731	Zanotti	Pietro	Só	24	1890	Trentino-Alto Adige			Benevente	Pará
732	Zavarini	Domenico	Chefe	31	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
732	Zavarini	Catterina	Esposa	29	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
732	Zavarini	Giuseppe	Filho	5	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
732	Zavarini	Defendente	Filho	1	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
732	Zavarini	Anna	Mãe	53	1876	Lombardia	Bérgamo	Romano di Lombardia	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Giovanni	Chefe	36	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Giovanna	Esposa	29	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Pietro	Filho	12	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Angela	Filha	8	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Enricheta	Filha	2	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
733	Zerboni	Angela	Filha	0	1876	Lombardia	Cremona	Vailate	Benevente	Clementina
734	Zerboni	Giuseppe	Só		1876					

Nº	FAMÍLIA	NOME	PARENTESCO	IDADE	ANO CHEGADA	REGIÃO	PROVÍNCIA	COMUNA	DESTINO	NAVIO
735	Ziccolotto									
736	Zonandelli									
737	Zorzetto	Pietro	Chefe	17	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
737	Zorzetto	Catterina	Esposa	22	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
737	Zorzetto	Anna	Filha	1	1887	Friuli-Venezia Giulia	Pordenone	Polcenigo	Benevente	Mayrink
738	Zucolato									
739	Zurlo	Antonio	Só	20	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento		Benevente	
740	Zurlo	Francesco	Chefe	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Ronchi	Benevente	
740	Zurlo	Anna	Esposa	36	1875	Trentino-Alto Ádige	Trento	Ronchi	Benevente	

Fonte: elaborado pelo autor (2014).

## ANEXO II

**Receitas de comidas típicas italiana****➤ Polenta**

**Ingredientes:** Fubá bem fino, água e sal.

**Modo de fazer:** Deixar ferver a água em panela de ferro e acrescentar o fubá com as mãos, polvilhando-o sempre por sobre a água fervente. Após esta etapa, mexer sempre com uma colher de pau, chamada de pá pelos imigrantes, para não deixar a polenta empelotar.

**Tempo de preparo/ cozimento:** Após colocar todo o fubá na água, o cozimento era de aproximadamente 1 hora. Para saber o ponto, uns cheiravam a pá que estava envolta pela polenta, enquanto outros diziam que quando a polenta cheirasse pela casa é que estava pronta. Sem esquecer que, além disso, toda polenta estava no ponto, quando se soltasse do fundo da panela.

**Hábitos e frequência de consumo:** Os italianos e os descendentes não comiam a polenta quente, mas sempre fria. Somente as assadas é que eram quentes. A polenta era feita frequentemente para o jantar e, quando sobrava, no dia seguinte, assavam para o café da manhã, para comer com ovos, leite, queijo e linguiça. Às vezes também era preparada no almoço.

**Observações:**

- A polenta considerada boa era aquela que se cortava na linha, após estar fria. Depois de cozida era virada em cima de uma tábua de madeira, grossa, com um buraco na extremidade, onde ficava a linha amarrada e enrolada para que, quando se cortasse a polenta, fosse utilizada.

- A polenta assada em grade de ferro era colocada dentro da chapa do fogão à lenha, onde assava rapidamente com o calor das brasas. As grandes eram altas e a polenta, depositada dentro destas.

Extraída de CELLIN (2000, p. 43).

### ➤ **Polenta com leite**

**Ingredientes:** Leite, polenta cozida ou assada.

**Modo de fazer:** Fervia-se o leite, jogava-se sobre a polenta, que costumava estar em uma tigela. Em seguida, estava pronta para comer.

**Tempo de preparo/ cozimento:** Com a polenta já pronta era só o tempo do leite ferver.

**Hábitos e frequência de consumo:** Principalmente no café da manhã, mas também no almoço.

**Observação:** Quando a polenta com leite era utilizada no café da manhã, alguns imigrantes achavam que esta os sustentaria até o horário do almoço. Por isso, tinham de chupar cada de açúcar, por volta das 8h. Os que podiam a substituíam por ovo ou queijo.

Extraída de CELLIN (2000, p. 43).

### ➤ **Carne de sol.**

**Ingredientes:** Carne de boi, as partes menos usadas para assar.

**Modo de fazer:** Pegava-se a carne de boi, retalhava, salgava bem e deixava uns 3 dias na salmoura, após isso, a secagem era feita ao sol.

**Tempo de preparo/ cozimento:** maio ou menos 3 dias na salmoura e uns 4 dias de secagem no sol bem quente, perfazendo um total de 7 dias.

**Hábitos e frequência de consumo:** Comia-se cozida juntamente com o feijão ou picadinha e frita no almoço ou jantar, antes de fritar, era deixada de molho de um dia para o outro na água.

**Observação:** Após a carne estar pronta para o consumo era guardada, em panela esmaltada ou em sacos vazios de açúcar (de pano).

Extraída de CELLIN (2000, p. 44).



### ➤ **Minestra**

**Ingredientes:** Feijão cozido, cortado e coado, arroz, toucinho, sal, alho, cebolinha verde e às vezes o torresmo.

**Modo de fazer:** Pica-se bem o toucinho e a cebolinha verde, tudo muito bem fino. Levava-se ao fogo, juntamente com o alho e fritava-se. Em seguida o feijão era acrescentado e quando este levantava fervura, o arroz era acrescentado (cru, bem lavado e escorrido) e deixava-se cozinhar. Quando o arroz estivesse cozido a minestra estava pronta.

**Tempo de preparo/ cozimento:** aproximadamente 5 minutos para fritura, 8 minutos para fervura e uns 20 minutos para o cozimento do arroz.

**Hábitos e frequência de consumo:** No jantar, sendo que alguns ainda acrescentavam à mistura uma pitada de pimenta do reino.

**Observação:** Alguns preferiam substituir o arroz pelo maçarão caseiro que tinha um cozimento mais rápido.

Extraída de CELLIN (2000, p. 44).

### ➤ **Macarrão**

**Ingredientes:** Trigo, ovos e água morna.

**Modo de fazer:** O trigo era depositado em uma tigela. Em seguida era feito um buraco no meio dele. Os ovos eram quebrados e aí colocados. Com as pontas dos dedos, começava-se a mexer a mistura. Aos poucos, ia-se acrescentando a água da caneca, que sempre estava do lado da tigela. Assim, ia-se mexendo, com as pontas dos dedos, até dar o ponto da massa de macarrão, que teria de ser bem dura. Quando desse o ponto, amassava-se com as mãos e cortava-se em pedaços, que eram passados em máquina própria ou impressados no rolo de macarrão (um rolo de madeira) e cortado em tiras. Após este processo, o maçarão era espalhado por sobre um pano, em cima de uma mesa ou peneira, onde ficava a secar, de preferência ao vento.

**Tempo de preparo/ cozimento:** se o clima estivesse bom, de sol, em questão de horas o macarrão já estaria pronto para ir à panela.

**Hábitos e frequência de consumo:** Nas refeições, puro, somente com alho e sal ou, na maioria das vezes, com molho de tomate e queijo ralado. E também poderia substituir o arroz na minestra.

Extraída de CELLIN (2000, p. 45).

### ➤ **Linguíça de Porco**

**Ingredientes:** Carne de porco moída (a carne que era menos usada para assar), pimenta-do-reino, alho, sal a gosto e as tripas. As tripas usadas para ensacar a linguíça eram limpas. Após aberto o porco, a barrigada era separada a banha, lavava-se, raspava-se com a faca para poder tirar sua sujeira e depois passava-se o limão. A faca utilizada para limpá-las era uma espécie de espátula de madeira, para que no processo da limpeza não as cortasse.

**Modo de fazer:** A carne era moída e temperada com o alho e pimenta-do-reino. Mexia-se bem e, em seguida, a mistura era colocada na máquina, com o funil para ensacar.

**Hábitos e Frequência de Consumo:** Usada no tempero do macarrão, para rechear pastéis, frita nas refeições, acompanhada de polenta.

Extraída de CELLIN (2000, p. 44-45).

### ➤ **Sopa de galinha gorada com arroz “zuppa”**

**Ingrientes:** Galinha gorda, água, sal, rosca caseira torrada e queijo ralado.

**Modo de fazer:** Primeiramente, a galinha era cozida na água, com sal. Depois do cozimento, a água era retirada e a ela era acrescentado o arroz cru, para cozinhar no caldo. Após o cozimento, a canja estava pronta. A carne que havia sido cozida e separada era servida, juntamente com o queijo ralado e a rosca caseira torrada.

**Tempo de Preparo/cozimento:** Matava-se a galinha, de manhã, no domingo, e, após o almoço, ela era colocada para cozinhar. Por isso, gastava-se praticamente a tarde inteira para o preparo.

**Hábitos de Consumo:** Aos domingos, no jantar; quando alguém se encontrava doente; e mulheres de resguardo.

Extraída de CELLIN (2000, p. 46).

### ➤ Queijo

**Ingredientes:** Leite, coalho caseiro e sal.

**Modo de Fazer:** Logo após a ordenha, com o leite ainda quente, acrescentava-se o coalho. Para uma lata de 20 l de leite, era acrescentada uma colher de sopa de coalho, ficando aí de repouso até o leite coalhar. Depois de que o leite coalhava, era bem mexido, com uma colher de pau, própria para isso, a fim de quebrar a coalhada, até a massa afundar e o soro subir. Com as mãos, a massa era empurrada para o fundo, o soro era retirado, servindo de alimento para os porcos. A massa era colocada nas formas, para que era de tarde, a forma era virada e o sal, novamente era colocado por sobre a massa, que era deixada a escorrer até o dia seguinte. No outro dia pela manhã, a massa já em forma de queijo era lavado, enxugado e raspado com uma faca, alisando-o todo. Por fim, o queijo era envolvido com uma faixa, para que não se espalhasse, até ficar firme. No 3º dia, a faixa era retirada e o queijo era deixado para madurar durante uns 4 dias, não se esquecendo de lavá-lo todos os dias.

**Tempo de Preparo/cozimento:** 1 dia na forma, 1 dia na faixa e 5 dias lavando-o, perfazendo um total de aproximadamente 7 dias.

**Hábitos de Consumo:** Nas refeições de modo geral, servindo fatiado, ralado ou frito.

**OBS:** O coalho caseiro era preparado da seguinte maneira: pegava-se o bucho de porco, limpava-se, raspando-o todo com uma faca e limão. Em seguida, era colocado para secar ao sol durante uns dois dias. Eram juntados três buchos limpos. Quando se tinha os três, eram picados em pedaços pequenos e

colocados em uma garrafa de vidro, de 5 litros, em infusão, com soro, que era retirado do queijo. Após uns 15 dias e o coalho estava pronto.

Ninguém comprava o queijo enquanto estivesse ainda branco: queriam que ele fosse bem amarelo, “maduro”.

A faixa usada era de pano branco, utilizada somente para o feitiço do queijo.

Extraída de CELLIN (2000, p. 46-47).

#### ➤ **Queijo ralado**

**Ingredientes:** Queijo, pimenta-do-reino moída, sal e óleo.

**Modo de fazer:** Pegava-se o queijo da forma, ainda branco, sem alisar ou raspar, lavava-se bem. O queijo era enxugado e em seguida, a pimenta-do-reino moída, o sal e o óleo eram passados por toda a sua superfície e ele era colocado em um prato, para que o soro escorresse. Todos os dias, o soro era retirado e o queijo virado, até parar de pingar. Quando já estivesse maduro, era raspado e estava pronto para ser ralado.

**Tempo de preparo/cozimento:** Mais ou menos uns dez dias até o queijo madurar.

**Hábitos de consumo:** Usado nas refeições, no macarrão, na sopa de galinha.

**OBS:** O tempero era passado por sobre o queijo, sem alisar, para que pudesse, penetrar nos buracos.

Extraída de CELLIN (2000, p. 47).

#### ➤ **Puína**

**Ingredientes:** Soro de queijo e sal.

**Modo de Fazer:** O soro do queijo era levado ao fogo, para esquentar. Quando se tivesse começando a aquecer, era acrescentada uma colher de sal. A puína começava a subir e, quando levantasse fervura, estava no ponto, porque a massa subia toda. Em seguida, era retirada do fogo com uma escumadeira e

colocada em uma coadeira, deixando a massa em repouso, para escorrer a água.

**Tempo de preparo/cozimento:** Por volta de 2 horas, estava pronta para o consumo.

**Hábitos de consumo:** Nas refeições, com polenta, arroz, ou pura.

Extraída de CELLIN (2000, p. 47).

#### ➤ **Chouriço**

**Ingredientes:** Cabeça e sangue de porco, cebolinha verde, alho, sal, pimenta-do-reino, torresmo moído, hortelã e tripas de porco limpas.

**Modo de fazer:** A cabeça do porco era colocada pra cozinhar, sem as orelhas e o couro. Após o cozimento, toda a carne da cabeça era retirada e moída na maquina. Em seguida, a massa era temperada muito bem. Após essa mistura, eram enchidas as tripas e levadas ao fogo em água morna para o cozimento, para irem cozinhando devagar, pois se fossem colocadas em água fervente, estivesse bem cozido, é que estava no ponto certo para ser comido.

**Tempo de preparo/cozimento:** Por volta de 3 horas e 30 minutos.

**Hábitos de consumo:** Nas refeições ou como tira-gosto.

Extraída de CELLIN (2000, p. 48).

#### ➤ **Brisolinha/ costela de porco**

**Ingredientes:** Costela de porco, sal, alho, pimenta-do-reino e banha.

**Modo de fazer:** A carne era temperada e levada ao fogo, para fritar, com bastante banha. Nunca se acrescentava água durante o cozimento, pois diziam que se ela fosse acrescentada ia “malemente”, ou seja, estragava. A carne era frita aos poucos, para que não grudasse, quando já estivesse dourada, era retirada da panela e guardada em latas de banha derretida. Toda vez que a carne era colocada na lata, uma nova remessa de carne e banha era acrescentada á panela.

**Tempo de preparo/cozimento:** De manhã á tarde (o dia inteiro).

**Hábitos de consumo:** Em todas as refeições.

**OBS:** A carne era totalmente coberta com banha, para que pudesse conservar-se um bom tempo. A lata era tampada e amarrada com um pano e ainda, por medida de proteção, era colocado um peso de madeira sobre ela.

Extraída de CELLIN (2000, p. 49).

#### ➤ **Codeguim**

**Ingredientes:** Carne de porco, pimenta-do-reino, sal e alho.

**Modo de fazer:** Cozinhavam-se as peles do porco. Em seguida, eram moídas. Depois eram acrescentados o sal, a pimenta e o alho e misturados às peles, já moídas. Após esse processo, a massa era ensacada nas tripas de porco, nunca nas de boi, pois não eram consideradas boas. Depois do ensacamento as linguças eram penduradas em uma vara de madeira, para escorrer a gordura. Em poucos dias o *scodeguin* tinha de ser consumido, porque as tripas usadas eram grossas e estragavam rapidamente.

**Tempo de preparo/cozimento:** Aproximadamente dois dias.

**Hábitos de consumo:** Cozido no feijão ou na água. Depois fatiado para ser consumido no almoço ou no jantar.

Extraída de CELLIN (2000, p. 49-50).

#### ➤ **Açúcar**

**Ingredientes:** Cana-de-açúcar.

**Modo de fazer:** A cana era cortada na roça e puxada pelo carro de boi até o engenho. Poderia ser de qualquer tipo. No engenho era espremida na moenda, que tinha logo abaixo uma espécie de peneira para coar o caldo, chamada de garapa. Em seguida, a garapa era entornada em um tacho de cobre, em fogo alto e aí ficava fervendo até o caldo engrossar, retirando-se sempre a espuma grossa que subia, até dar o ponto, que era feito á vista. Quando era retirado do

fogo, era batido constantemente com a pá até engrossar e clarear. Em seguida, era virado no gamelão, que era um tacho de madeira grande, de aproximadamente 4 a 5 m de comprimento, até enchê-lo. Aí ficava de 50 a 60 dias, escorrendo o melado, que saía em uma abertura na base do gamelão, um tipo de coador ou filtro que não deixava o açúcar sair. O açúcar ficava sequinho.

**Tempo de preparo/cozimento:** Aproximadamente uns 60 dias.

**Hábitos de consumo:** O açúcar era usado para fazer café e doces.

**OBS:** A espuma retirada quando o melado estava fervendo era usada para alimentar os porcos. O melado que escorria do gamelão, foi usado por muitos para fazer café e também cachaça, chamada de “melado de tanque”.

Extraída de CELLIN (2000, p. 50-51).

#### ➤ **Batata-doce**

**Ingredientes:** Batata-doce, água e uma pitada de sal.

**Modo de fazer:** A batata-doce era arrancada, separada dos pés, lavada e, em seguida, levava ao fogo em água fervente e sal, ficando aí até amolecer.

**Tempo de preparo/cozimento:** Aproximadamente 2 horas.

**Hábitos de consumo:** Muito usada como merenda no café da tarde.

Extraída de CELLIN (2000, p. 52).

#### ➤ **Carapito**

**Ingredientes:** Mamão ralado grosso, cal e açúcar.

**Modo de preparo/cozimento:** Pegava-se um mamão bem grande, que era descascado e, em seguida, era ralado. Depois, era colocado de molho em água e cal por uns 10 minutos. Após, era lavado muito bem para tirar toda a cal. Em seguida, era acrescentado o açúcar ao mamão e levado ao fogo até da o ponto, que era o seguinte: pegava-se um prato fundo com água e o doce era

colocado no prato. Se ele ficasse duro quando colocado na água, estava no ponto. O doce era retirado da panela para a mesa, pegando-se com a colher de pau um carrapito de cada vez, que era colocado para esfriar.

**Tempo de preparo/cozimento:** Por volta de 3 horas.

**Hábitos de consumo:** Após as refeições e na hora que sentiam vontade de comer.

**OBS:** A cal era um tipo de tintar para pintar paredes e o mamão era colocado para que ficasse durinho depois de cozido.

Extraída de CELLIN (2000, p. 53).

#### ➤ **Banha de porco**

**Ingredientes:** Toucinho de porco picado ou moído.

**Modo de fazer:** Após matar o porco, o toucinho era separado e picado bem fino. Em seguida, era levado ao fogo em um racho de cobre deixado aí para fritar até que derretesse a banha. Em seguida era tudo coado em um pano branco e limpo para separar o torresmo da banha.

**Tempo de preparo/cozimento:** Por volta de 4 horas.

**Hábitos de consumo:** Essencial para se preparar os alimentos, pois tudo era feito com esta.

Extraída de CELLIN (2000, p. 53).

#### ➤ **Vinagre de banana**

**Ingredientes:** Um cacho de bananas nanicas.

**Modo de fazer:** As bananas do cacho eram descascadas e colocadas na gamela para que ficasse em infusão. A água que soltava da banana era coada e engarrafada e o vinagre estava pronto para o consumo.

**Tempo de preparo/cozimento:** Por volta de oito dias em infusão.



**Hábitos de consumo:** Nas refeições, como tempero de saladas.

**OBS:** A gamela era tampada com um plástico.

Extraída de CELLIN (2000, p. 54).

➤ **Latuga**

**Ingredientes:** 50g de fermento fresco; 100ml de leite morno; 500g de farinha; 3 ovos inteiros; 100g de açúcar; 50g de margarina; 1 pitada de sal.

**Modo de preparo:** 1. Dissolver 50g de fermento em 100ml de leite morno; 2. Misturar a farinha, os ovos, o açúcar, a margarina, o sal e depois o leite e o fermento; 3. Descansar por aproximadamente 30 minutos para crescer; 4. Amassar e cortar em retângulos e fazer um corte no meio do retângulo para virar e descansar (por 10 minutos); 5. Fritar em óleo quente a 180º; 6. Passar no açúcar com canela.

Extraída de MEPES (2011, p. 40).

## ANEXO III

**Músicas italianas presentes no CD do Coral “Bambini di Pongal”, e músicas folclóricas que permanecem na memória do povo.**

➤ **Mèrica.**

Dalla Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arriva'.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

E alla Merica noi siamo arrivati  
no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiám dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

E la Merica l'è lunga e l'è larga,  
l'è circondata dai monti e dai piani,  
e con la industria dei nostri italiani  
abbiam formato paesi e città.

Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior. Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?

Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.

➤ **L'Italiano.**

Lasciatemi cantare  
con la chitarra in mano  
Lasciatemi cantare  
sono l'italiano

Buongiorno Italia gli spaghetti al dente  
e un partigiano come presidente  
con l'autoradio sempre nella mano destra  
e un canarino sopra la finestra  
Buongiorno Italia con i tuoi artisti  
con troppa America sui manifesti  
con le canzoni, con amore, con il cuore  
con più donne sempre meno suore  
Buongiorno Italia  
Buongiorno Maria  
Con gli occhi pieni di malinconia  
Buongiorno Dio  
lo sai che ci sono anch'io

Lasciatemi cantare  
con la chitarra in mano  
Lasciatemi cantare  
una canzone piano piano  
Lasciatemi cantare  
perché ne sono fiero  
sono l'italiano  
l'italiano vero

Buongiorno Italia che non si spaventa

e con la crema da barba alla menta  
 con un vestito gessato sul blu  
 e la moviola la domenica in TV  
 Buongiorno Italia col caffè ristretto  
 le calze nuove nel primo cassetto  
 con la bandiera in tintoria  
 e una 600 giù di carrozzeria  
 Buongiorno Italia  
 Buongiorno Maria  
 con gli occhi pieni di malinconia  
 Buongiorno Dio  
 lo sai che ci sono anch'io

Lasciatemi cantare  
 con la chitarra in mano  
 Lasciatemi cantare  
 una canzone piano piano  
 Lasciatemi cantare  
 perché ne sono fiero  
 sono l'italiano  
 l'italiano vero

➤ **L'uva Fogarina.**

Oh com'è bella l'uva fogarina,  
 oh com'è bello saperla vendemmiar  
 e far l'amor con la mia bella  
 e far l'amore in mezzo ai prà.

Diririn dindin (Diririn dindin).  
 Diririn dindin (Diririn dindin).  
 Diririn dindin,  
 din, din, din, din.

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin,

din, din, din, din.

Oh com'è bella l'uva fogarina,  
oh com'è bello saperla vendemmiar  
e far l'amor con la mia bella  
e far l'amore in mezzo ai prà.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
el sol de la campagna.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
la dis che ghe fa mal.

Teresina imbriaguna,  
poca voia de lavurar.  
La se tolta la vestaglia,  
la ghà ancora da pagar.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
el sol de la campagna.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
la dis che ghe fa mal.

Oh com'è bella l'uva fogarina,  
oh com'è bello saperla vendemmiar

e far l'amor con la mia bella  
e far l'amore in mezzo ai prà.

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin,  
din, din, din, din.

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin (Diririn dindin).

Diririn dindin,  
din, din, din, din.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
el sol de la campagna.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
la dis che ghe fa mal.

Teresina imbriaguna,  
poca voia de lavurar.  
La se tolta la vestaglia,  
la ghà ancora da pagar.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
el sol de la campagna.

Filar non vol filar,  
cusir non lo sa far,  
el sol de la campagna,  
la dis che ghe fa mal.

Oh com'è bella l'uva fogarina,  
 oh com'è bello saperla vendemmiar  
 e far l'amor con la mia bella  
 e far l'amore in mezzo ai prà.

Diririn dindin.

Diririn dindin.

Diririn dindin,

din, din, din, din.

Oh com'è bella l'uva fogarina!

➤ **Cucu.**

L'inverno se ne è andato

La neve non c'è più

È ritornato maggio

Al canto del cu-cu.

Cu-cu Cu-cu

L'inverno non c'è più

È ritornato maggio

Al canto del cu-cu.

Cu-cu Cu-cu

L'inverno non c'è più

È ritornato maggio

Al canto del cu-cu.

➤ **La Monferrina.**

Ò ciao ciao maria catlina

Domje domje na siassà!

Ò si si ch'ij la daria,

L'hai lassà le siassa cà.

Ris e còi e tajarin,

Guarda'n sí com balo bin!

Balo mei le paisanòte

Che le tòte ed turin!

Ò bom di, bom di, bom di,

'N cora na vòlta 'n cora na vòlta,

Ò bom di, bom di, bom di,

'N cora na vòlta e peuj mai pi.

'N cora na vòlta sota la pòrta

'N cora na vira sota la riva,

Ò bom di, bon di, bom di,

'N cora na vòlta e peuj mai pi!

Per dansè la monfrinota



L'è rivaje n' unfissial

L'à ciapà maria catalina

L'à portala an mès al bal

Fate 'n là brut paisan

Passo mi col guardanfan

L'è mach parej ch'i son contenta

L'è mach parej ch'i son contenta

Trallallera, trallalá.

## ANEXO IV

**Danças Italianas Folclóricas Realizadas pelo Gruppo di Ballo Nonna Adélia****➤ La Manferina.**

É uma dança de cortejamento simples e viva específica de Monferrato (Região do Piemonte), muito conhecida e dançada em vários países europeus. Sua popularidade resistiu ao longo dos tempos pelas comunidades religiosas. Uma forma de paquera entre os jovens.

**➤ Sette Salti.**

Dança originada nos Países Baixos, chegou ao Piemonte através dos trovadores, que eram viajantes que andavam cantando e contando histórias. Setti Salti é o prêmio obtido pelos rapazes no final do cortejamento de uma dama que o concede a dança.

É também uma homenagem à feminilidade a ponto de o cavalheiro ajoelhar-se diante da dama em reverência.

**➤ Manfeina Cantada.**

É uma dança originada do Vêneto, norte da Itália.

**➤ Manfrina.**

Conhecida como dança de integração.

**➤ Tarantela Napolitana.**

Sua origem como o próprio nome menciona, é de Nápoles. É o gênero mais difundido e talvez o mais antigo. Essa dança aparece fortemente na Calábria, Púglia e Sicília, dentre outras regiões, sendo que cada região mostra suas características. É considerada a dança nacional da Itália.

A Tarantela tem o seu significado tradicional, ligado ao nome do remédio usado contra picadas de tarântulas, que em tempos passados invadiram o sul da Itália. Suas picadas causavam convulsões, fazendo com que as pessoas pulassem para transpirar seu veneno.

➤ **La Raspa.**

É um gênero de dança muito conhecido e apreciado em todo mundo. Tem sua origem no norte da Itália, possui variantes diversas. Essa em especial reporta as características de Belluno no Vêneto.

➤ **Cucu.**

Um canto muito popular piemontês e uma dança que lembra com alegria, o fim do inverno e a chegada da primavera.

## ANEXO V

## Calendário de festas religiosas

Calendário de Festas Religiosas	
<b>Janeiro</b>	1 – Confraternização Universal; 6 – Dia de Reis; 20 – São Sebastião
<b>Fevereiro</b>	3 – São Braz; 14 – São Valentin;
<b>Março</b>	19 – São José; 21 – São Bento;
<b>Abril</b>	Nossa Senhora da Penha oito dias após a Páscoa.
<b>Maio</b>	Mês de Maria; 22 – Santa Rita de Cássia; Nossa Senhora Auxiliadora; Nossa Senhora do Caravaggio.
<b>Junho</b>	13 – Santo Antônio; 24 – São João Batista; 29 – São Pedro; Sagrado Coração de Jesus;
<b>Julho</b>	6 – Santa Gorete; 16 – Nossa Senhora do Carmo; 23 – Santa Brígida; 25 – São Cristovão; 26 – São Joaquim; 29 – Santa Marta; Santana
<b>Agosto</b>	16 – São Roque; 22 – Santa Augusta; 29 – Santo Agostinho;
<b>Setembro</b>	30 – São Jerônimo;

<b>Outubro</b>	<b>4 – São Francisco de Assis; 7 – Nossa Senhora do Rosário; 12 – Nossa Senhora da Aparecida; 15 – Santa Teresa;</b>
<b>Novembro</b>	<b>1 – Todos os Santos; 2 – Finados;</b>
<b>Dezembro</b>	<b>8 – Imaculada Conceição; 13 – Santa Luzia; 25 – Natal;</b>

Fonte: CELLIN, (2000, p. 83).